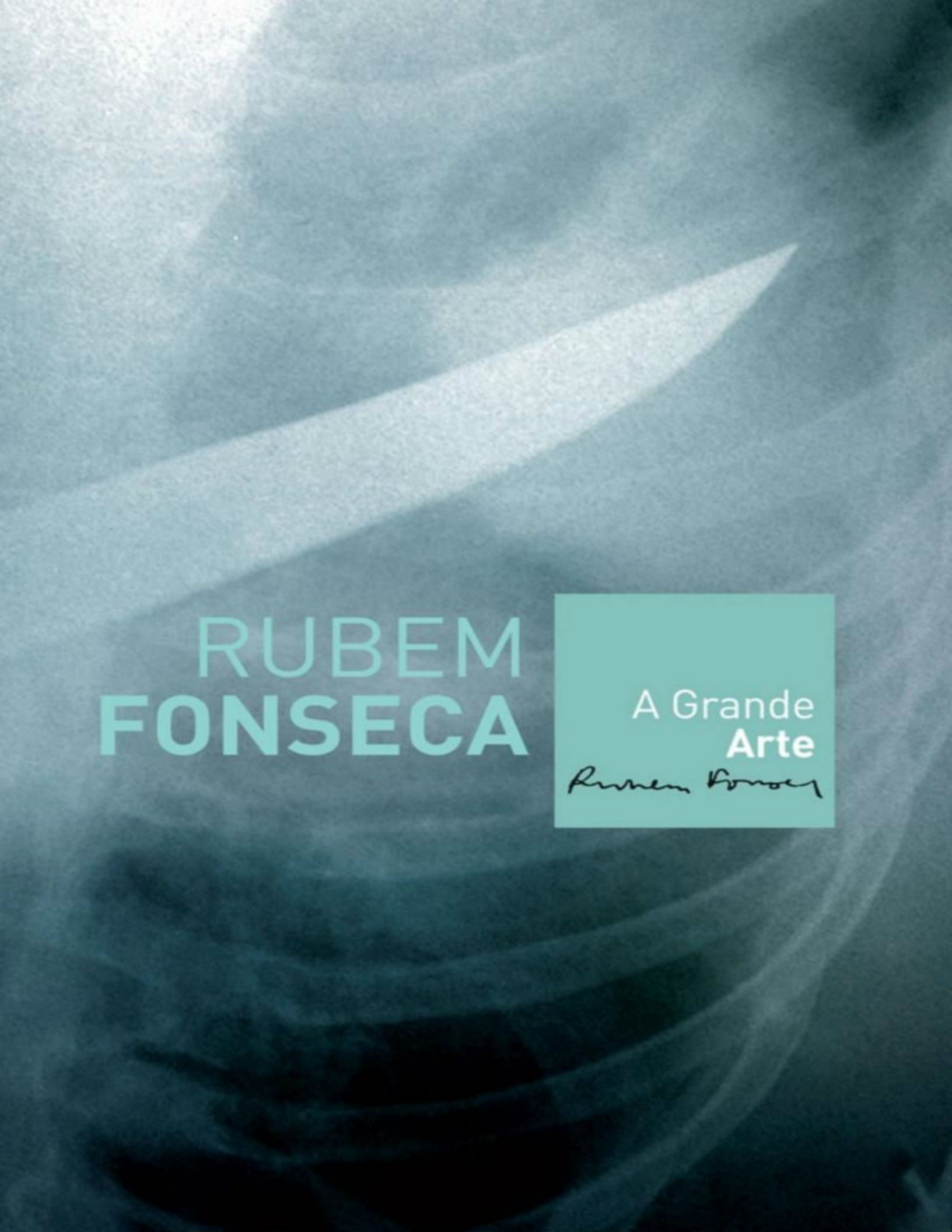

RUBEM
FONSECA
A Grande
Arte

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.us*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

Rubem Fonseca

A Grande Arte



COMPANHIA DAS LETRAS

I

PERCOR

Não era uma ferramenta como as outras. Era feita de material de qualidade superior e o aprendizado do seu ofício muito mais longo e difícil. Para não falar no uso que dela fazia seu portador. Ele conhecia todas as técnicas do utensílio, era capaz de executar as manobras mais difíceis — a in-quartata, a passata sotto — com inigualável habilidade, mas usava-o para escrever a letra P, apenas isso, escrever a letra P no rosto de algumas mulheres.

A mulher estava deitada ao seu lado falando banalidades. Ele olhou à sua volta. As paredes eram pintadas de verde, como certos hospitais. Havia um toca-discos, coberto por uma capa empoeirada de acrílico, ao lado de uma televisão portátil. Uma lata de talco ordinário estava sobre a cama e ele tocou-a com o pé descalço.

Não adiantava imaginar por que fazia aquilo. Era uma perda de tempo especular por que determinadas coisas dão prazer. O P não tinha ressonâncias literárias, nem ele se considerava um psicótico puritano querendo esconjurar a congênita corrupção feminina.

O fato de as mulheres serem prostitutas não tinha qualquer influência em sua resolução. Apenas não queria correr riscos, por isso escolhia indivíduos que a sociedade considerava descartáveis. Mas, ao olhar o rosto da mulher curvada sobre seu corpo nu, admitiu que talvez estivesse mentindo para si mesmo. Era mesmo uma mulher inexpressiva, não faria realmente falta. O prazer que podia propiciar era mínimo, fácil de achar, de imaginar.

A mulher passou a língua no seu peito, detendo-se no mamilo. Sentindo o ingurgitamento no baixo-ventre, afastou-a e levantou-se, postando-se em pé ao lado da cama. A mulher ajoelhou-se à sua frente, dúctil, funcional.

Ele agarrou-a pelo pescoço e jogou-a de costas ao chão, acrescentando à força das mãos o peso de seu corpo. A mulher abriu a boca, tentando respirar, emitiu um grunhido roufenho, os olhos arregalados fixados no rosto dele, os braços levantados, os dedos trêmulos, procurando um apoio que a salvasse de afundar e sucumbir na escuridão que rapidamente a engolfava.

Tudo durou poucos segundos.

Dentro da bainha de couro estava o objeto brilhante, que ele segurou, colocando-se en garde, os músculos do corpo tensos — uma recreação que se permitiu, naquele momento de euforia e volúpia. Mas logo mudou a empunhadura do instrumento e sentou-se ao lado da mulher no chão. Cuidadosamente traçou no rosto dela a letra P, que no alfabeto dos antigos semitas significa “boca”.

Apanhou suas roupas sobre uma cadeira e vestiu-se alerta, expedito, apesar de sua mente não ter parado de imaginar e lembrar. Quando terminou inspecionou o quarto e o banheiro. Verificou pelo visor da porta que o corredor estava vazio. Ao sair limpou com um lenço o botão da campainha fazendo-a soar, a única falha, todavia irrelevante, em seu cauteloso procedimento.

Não haveria impressões digitais, testemunhas, quaisquer indícios que o identificassem. Apenas sua caligrafia.

Não tomei conhecimento dos fatos de maneira ordenada. Os Cadernos de anotações de Lima Prado chegaram-me às mãos muito antes das minhas conversas com Míriam, que me ajudaram a entender as relações de Zakkai, o Nariz de Ferro, com Camilo Fuentes. Para reconstituir o que se passou no apartamento de Roberto Mitry, além de minhas deduções e induções, baseei-me nas informações de Monteiro (o nome verdadeiro não era esse), o vendedor de armamento bélico.

Os acontecimentos foram sabidos e compreendidos mediante minha observação pessoal, direta, ou então segundo o testemunho de alguns dos envolvidos. Às vezes interpretei episódios e comportamentos — não fosse eu um advogado acostumado, profissionalmente, ao exercício da hermenêutica.

1

As casas estavam sendo demolidas para dar espaço a um outro lugar chamado Cidade Nova. Eram casas de um pavimento, com portas e janelas de persianas de madeira pintadas de azul, abrindo diretamente na calçada. Ainda estava intacto um lado inteiro da rua, a última que restava da velha zona do meretrício. Ouvia-se o barulho das máquinas derrubando as paredes ainda de pé. O fino pó ocre dos tijolos destruídos pairava no ar quente. Não seriam mais vistas prostitutas nas janelas brincando com os clientes que passavam.

Saí da casa da cafetina Míriam e juntos caminhamos até o botequim do Saboia. Sentamos em volta de uma mesa de tampo de mármore branco, bebendo cerveja.

“Disseram-me que em cima da minha casa vai passar um viaduto. É verdade?”, perguntou Saboia.

“Talvez.”

“Para que querem mais um viaduto? A indústria automobilística não está em crise?”

Eu fora dizer ao meu cliente que ele seria despejado. Saboia não se surpreendera com a notícia. Ele não esperava ganhar uma ação judicial contra o governo.

“Não há nada mais a fazer, seu Saboia. Perdemos na última instância. A Míriam está com mais sorte. A Prefeitura está procurando um lugar para as meninas.”

Lembrei-me da primeira vez em que fora àquela rua. Parecera-me uma alegre feira, cheia de homens, andando de um lado para o outro, fumando e conversando nas esquinas; parados na frente das casas olhando as mulheres. Uma mulher de cabelos vermelhos, em pé numa porta, perguntara, “Fazendo gazeta, menino?”, uma mulher jovem de seios grandes e braços grossos, que fez uma careta maliciosa botando para fora uma língua da cor dos seus cabelos, enquanto eu a olhava indeciso.

“Eu sabia que ia acabar assim.” Saboia colocou outra garrafa na mesa.

“Tenho que ir embora.” Bati de leve na mão de Míriam. “A gente se vê.”

Caminhei pelo canal do Mangue até encontrar um táxi. A água poluída do canal exalava um odor desagradável. Da janela do táxi fiquei olhando os outdoors colocados nos espaços abertos pela demolição das casas: cigarros, televisores, automóveis.

Logo que cheguei, Wexler, meu sócio, entrou na minha sala.

“Está aqui uma dona com uma história esquisita. Cheguei a pensar que era ruim da cabeça. Vem conversar com ela.”

Sentada no sofá da sala do Wexler, olhava para as unhas. Uma mulher de pouco mais de vinte anos, com duas rodelas fortes de blush sobre os zigomas disfarçando sua cor pardacenta. Chamava-se Gisela.

“Este aqui é o meu sócio. Conta para ele o caso que você me contou.”

Ela olhou para as unhas. Esperamos.

“Eu já contei para o senhor.”

“Bem”, disse Wexler, “ela está sendo ameaçada, não é isso?, por um homem cujo nome não sabe.”

“O nome dele é Francês.”

“Você disse que não sabia o nome.”

“Foi esse o nome que Danusa deu.”

“Quem é Danusa?”

“Minha amiga, que levou ele lá em casa. Ela tem um gabinete no Santos Vahlis, na Senador Dantas.”

“E por que ele está ameaçando você?” A mulher, além de lacônica, não deixava de olhar para as unhas. Usava um esmalte vermelho. A palavra que veio na minha cabeça foi carmesim.

Esperamos. É preciso paciência para fazer as pessoas falarem.

“Eu tenho uma coisa dele.”

“Ele ameaçou você porque você tem alguma coisa dele e não devolve. É isso?”

“É.”

“E por que você não devolve?”

“Tenho medo.”

“Que coisa é essa? Um objeto, dinheiro, o quê?”

“Uma fita de videocassete.”

“Tem o que nessa fita?”

“Não sei. Eu não tenho aparelho para ver.”

“O cassete é dele. Devolve e pronto, encerra o assunto”, disse Wexler.

“Estou com medo. Quando liguei para dizer que estava com o cassete ele disse que eu era uma louca, que eu tinha visto o que não podia ver.”

“O que esse Francês foi fazer na sua casa?”

Esperamos.

“Bem...”

Esperamos.

“Bem, eu sou massagista.” Pausa. “Formada, registrada. Ele foi lá em casa com a Danusa. E esqueceu essa caixa preta. Depois ligou todo nervoso.”

Wexler olhou para mim e fez a cara de desencanto com a humanidade que só os judeus sabem fazer. “E você pediu dinheiro a ele para devolver a caixa que você abriu e viu que tinha uma fita de videocassete dentro.”

Olhando para as unhas ela balançou a cabeça afirmativamente.

“Minha senhora, nós não trabalhamos para extorsionistas”, disse Wexler. “Não há nada que possamos ou queiramos fazer pela senhora.”

Pela primeira vez ela levantou o rosto e olhou para nós. Estava com medo, sim. Não tinha inteligência suficiente para fingir tão bem.

“Quem mandou você aqui?”

“Foi a Míriam. Ela disse que vocês podiam me ajudar.”

“Não podemos.”

Da porta ela olhou para nós pela última vez. Mas não era de falar muito. Saiu calada. Sucumbida.

“Sucumbida nada. Você não consegue ter uma atitude firme quando se trata de mulher. Além do mais não podemos perder nosso tempo com coisas tão ordinárias”, disse Wexler.

Pelo nosso escritório haviam passado criminosos e inocentes de todos os tipos. Gisela era um dos mais inexpressivos, entre todos. Poucas horas depois eu já me havia esquecido de que ela existia. À tarde, d. Sônia, a secretária, me disse que um homem chamado Roberto Mitry queria falar comigo.

Devia ter uns quarenta anos e vestia-se da maneira que os ricos julgam ser refinada e negligente.

“O assunto que me traz aqui diz respeito a um objeto de minha propriedade que está em poder de uma cliente sua.”

“Cliente minha?” Eu havia realmente esquecido de Gisela.

“Receio que ela, dona Gisela, a sua cliente, por eu ser um esportista, um homem da sociedade, meu nome nas colunas, ao saber quem sou, queira...”

Esperei.

“Os pobres...”

Esperei.

“Os pobres são fascinados pelas pessoas bem situadas. São eles os consumidores das colunas sociais.”

“E os ricos.”

“Estamos numa democracia. E os ricos, vá lá. Acho justo que todos tenham a mesma oportunidade.” Mitry fingiu que bocejava. Parecia ter alguma coisa na boca. Seus maxilares moviam-se lentamente.

“Tudo tão cansativo.” Outro bocejo.

“O senhor pode esperar um momento?”

Fui falar com o Wexler.

“Está na minha sala um sujeito chamado Mitry, que creio ser o tal Francês, mencionado pela moça que esteve aqui hoje de manhã. Ela disse a ele que era nossa cliente.”

“Eu vi que era uma mulher mentirosa. Diga isso a ele.”

“Você não quer ver o cara? É uma figura. Cheio de balangandãs de ouro.”

Apresentei Wexler ao sujeito. Wexler foi direto ao assunto.

“Essa senhora não é nossa cliente. Veio aqui, dizendo que tinha um objeto seu, um videocassete, e que se sentia ameaçada pelo senhor.”

“É mentira. É mentira. Eu não a ameacei.” Dissimuladamente Mitry colocou algo na boca. Mastigou de leve. Engoliu a saliva em pequenos goles.

“Para falar a verdade, quem se sente ameaçado sou eu.”

“Por ela?”

“Não, por ela não. Tenho razões, ou melhor, certos feelings que me permitem... Acho que estou correndo riscos, que estão me seguindo.”

Eu estava acostumado com a paranoia das pessoas. “Podia explicar melhor?”

“Não. É uma intuição. Não tenho inimigos, entendam, mas me sinto ameaçado. É uma coisa subjetiva, reconheço. Gostaria que acreditassem em mim.”

Ficamos todos calados algum tempo. Acendi um Panatela. O Panatela escuro da Suerdieck faz uma cinza grafite, pode ser fumado a qualquer hora, não é como os charutos cubanos que devem ser fumados com o estômago cheio. O Pimentel número dois, outro dos meus favoritos, é ordinário e fedorento, impregna com seu odor ofensivo cortinas, sofás e os vestidos das moças. Os americanos fabricam um charuto verde que já vem com um furinho.

“Gostaria de ter os senhores como meus advogados”, disse Mitry, afinal.

“Para quê?” Wexler.

“Estou sendo vítima de uma chantagem. E sei que o senhor é um profissional muito competente, informei-me antes de vir aqui.” Mitry fez um gesto em minha direção.

“Sou uma blue chip”, eu disse. Ele me dava a impressão de ser um daqueles sujeitos que enriqueceram manobrando na Bolsa.

Mitry sorriu. “Estou disposto a me desfazer de parte das minhas para pagar o seu preço. E o dos outros, os extras envolvidos. Preço não, desculpe, como é que vocês dizem?”

“Honorários.” Wexler.

“Honorários.” Ele riu. Eu e Wexler trocamos olhares.

“Está bem. O senhor vai nos dar uma procuração. Vamos tentar resolver o caso sem interferência da polícia.”

“Não telefone nem se comunique de qualquer outra forma com essa mulher”, disse Wexler.

“É um prazer tê-lo como advogado, doutor Mandrake. Posso chamá-lo pelo sobriquet?”

“Como quiser.” O telefone tocou. Era Ada.

“Hoje faz um ano”, disse Ada.

“Eu gostaria de recuperar logo o cassete”, disse Mitry para Wexler.

“Lembra do primeiro dia?”, perguntou Ada.

“Se necessário, solicitaremos auxílio da polícia”, disse Wexler.

“Polícia não, não por enquanto”, disse Mitry.

Eu me lembrava do primeiro dia: uma noite, ia passando pela avenida Ataúlfo de Paiva e vi as janelas iluminadas de uma academia de ginástica. Desde os tempos de Eva Cavalcanti Meier eu ficara fascinado pelas mulheres que faziam ginástica. Mas essa era outra história. Na academia várias mulheres corriam em fila, ao som de música que não se ouvia da calçada. A frente, de malha preta, uma mulher alta e magra, de pernas longas e fortes, o pescoço meio curvado, movimentava-se sem esforço. Esperei a aula acabar e ela sair. Abordei-a na rua. “Estava vendo você fazer ginástica. Parecia um cavalo num quadro de Ucello”, eu disse. “Eu sei quem é Ucello”, ela disse, “da Uffizi”. Não era o da Uffizi era o do Louvre, o negro do centro, com as patas levantadas, mordendo os freios, o focinho torcido para a esquerda. Ela não falava com estranhos, mas meu rosto inspirava confiança a todas as mulheres do mundo. Além disso, era a primeira vez que alguém lhe dizia que ela parecia um cavalo.

“O que tem no cassete?”, perguntou Wexler.

“Para falar a verdade, eu não sei. Pertence a terceiros”, disse Mitry.

As reminiscências de Ada me deixavam constrangido. As mulheres gostam de recordar o passado.

“Há alguma maneira de identificar o tape?”, perguntou Wexler.

“Estou numa reunião, meu bem. Depois eu ligo.”

“Está numa caixa preta, dessas de videocassete, mas sem etiqueta”, disse Mitry.

Mitry assinou a procuração. “Preciso pagar alguma coisa? Estou indo hoje para Angra, para a ilha de um primo.”

“Depois a gente vê isso.”

“Então, adieu. Telefonarei dentro de alguns dias. Confio em vocês.”

“Não gosto dele”, disse Wexler, depois. “Conheço esse tipo que faz fortuna lesando milhões de fodidos. O fim de semana deles começa na quinta-feira.”

“A waycher mentsch diment. Não foi isso que Figenbaum disse de você?”

“Figenbaum está morto.”

Talvez estivesse mesmo.

Gisela, na verdade, chamava-se Elisa de Almeida. Quando tentamos falar com ela, no dia seguinte, era tarde demais.

“Quem quer falar com ela?”, perguntou um homem ao telefone.

“É um cliente”, eu disse.

“Ela foi aqui embaixo e pediu para eu anotar os telefonemas. Me deixa seu nome e seu telefone que ela liga depois.”

“Eu ligo mais tarde.” Desliguei. Se havia algo que eu conhecia bem era o som da voz de um tira.

Wexler ligou e ouviu a mesma arenga.

“Pode ser e pode não ser”, disse Wexler. “Vale a pena falar com o Raul?”

“Ainda não.”

“Fala com o Luizinho.”

Luizinho era repórter policial de *O Dia*.

Luizinho havia saído. Deixei recado.

Passei no foro. As causas cíveis ficavam com o Wexler; as criminais comigo. Mas, quando era preciso, um ajudava o outro. Quando voltei ao escritório, Wexler disse que Luizinho havia telefonado. Elisa de Almeida, conhecida como Gisela, fora assassinada no apartamento onde morava e exercia sua profissão de massagista, na avenida Beira Mar. O corpo havia sido encontrado pela manhã.

“Seria bom descobrirmos a tal Danusa.”

“Já pensei nisso.”

Wexler havia dado alguns telefonemas e descobrira uma Danusa na rua Senador Dantas.

“Como é que você sabe que é a mesma?”

Ele não sabia.

Peguei o telefone e disquei.

“Danusa? Eu queria fazer uma massagem. Posso ir aí?”

“Aqui não. Só faço massagem a domicílio. Ou hotel.”

“Quem me deu seu nome foi a Gisela. Sabe quem é?”

“Sei. Da avenida Beira Mar. Ela recebe clientes. Eu não. Só em casos muito especiais.”

“Eu posso ser um caso muito especial.”

“Não pode não. Eu não te conheço.”

“Então passa aqui. Praça Marechal Floriano, na Cinelândia.” Dei o endereço.

“Me dá o telefone”, disse Danusa. O mundo estava cheio de engraçadinhos e ela não queria perder a viagem.

Pouco depois, Danusa telefonou. “Estou aí dentro de meia hora.”

“É melhor eu ir embora. Com dois aqui ela talvez se assuste”, disse Wexler. D. Sônia já havia se retirado. Às seis em ponto arrumava as coisas dela e saía.

Danusa aparentava pouco mais de vinte anos. Corpulenta, cabelos castanhos escuros curtos, um dente, na frente, lascado.

“Que é isso aqui? Um escritório? Onde é que vai ser a massagem?”

“Esse sofá serve?”

Danusa encolheu os ombros.

Há pessoas que passam os dias suspirando.

Danusa tirou a roupa e ficou de calcinha e sutiã. Fiquei de cuecas.

“Quero massagem a óleo”, eu disse.

“Óleo?” Nos planos dela não havia nenhuma massagem. Que tipo de cliente era aquele?

“Óleo eu não trouxe.”

“Talco, então.”

“Talco eu não trouxe.”

“O que foi que você trouxe?”

“Nada.”

“Que azar.”

Danusa me olhou, pensativa. Seria um bobo? Ou alguém que queria passar ela para trás?

“Vamos fazer uma brincadeirinha?”

“Quero massagem.”

“Então vai ser a seco.” Danusa irritada. Era a primeira vez que um cliente queria mesmo uma massagem em lugar de coisa mais substancial. “Deita aí.”

Deitei no sofá. Danusa agarrou um dedo do meu pé e torceu. Torceu todos os dedos do meu pé.

“Vamos tirar essa cuequinha.”

Tirei a cueca.

“Você quer que eu dê um beijinho nele?”

“Você tem uma amiga chamada Elisa?”

“Claro. Eu não já disse isso? No telefone?”

Os olhos dela cruzaram com os meus. Apertou com força minha perna; suas mãos suavam. Pareceu dominada por um medo súbito. Olhou para a cortina da sala, como se houvesse alguém escondido atrás dela.

“Tenho que ir embora, me desculpe, minha mãe está sozinha em casa. Doente.”

“Acho que você está mentindo.”

“Está bem. Não é minha mãe. É meu marido.”

“Seu marido.”

“Ele trabalha num restaurante na rua Uruguaiana, perto da rua Larga. O nome dele é Gilberto. Juro por Deus.” As pessoas querem ser amadas, até pelo seu carrasco.

“Não vou te estrangular. Tenho por acaso cara de estrangulador?”

“Não, não, não.”

“Quero conversar com você.”

“Sim, sim, sim.” As mãos na boca. Começou a tremer. Sem tirar os olhos de mim, vestiu a calça comprida.

“Antes de sair eu perguntei ao porteiro do prédio como se vinha para cá. Ele me explicou e eu quase não chego aqui, pois deixei o endereço com ele.”

Não era boba. Mas por que o medo súbito? Ela ainda não sabia da morte de Gisela. Intuição feminina?

“Vamos tomar uma coisa no bar”, eu disse.

Fomos para o bar Amarelinho, na esquina da rua Alcindo Guanabara. Ao descermos pelo elevador, após me observar, Danusa ficara mais tranquila.

No Amarelinho, Danusa pediu uma caipirinha. Aquele bar não tinha vinho que fosse tragável. Pedi um chope.

“Lembra de um sujeito chamado Roberto Mitry? Você foi com ele ao apartamento de Elisa. Na ocasião Elisa disse a ele que se chamava Gisela. Lembra?”

“Roberto o quê?”

Danusa havia acabado sua caipirinha. Partindo do estômago, um calorzinho bom irradiava-se pelo seu corpo. Sorriu para mim. “Posso tomar outra?”

“Um cara cheio de pulseiras, relógio de ouro, mastiga de leve uma coisa, pode ser a própria língua. Vocês estiveram com ele juntas.”

“Uma coletiva? Deixa eu ver. Ele mastiga a própria língua?”

A segunda caipirinha durou menos que a primeira. Pediu outra.

“Como é que ele é?”

“Muito branco, delicado, lânguido, flácido, suave. Açoite, chibata, azorrague, chabuco, vergalho, muxinga, látego, vergasta.”

“O que quer dizer isso? Você é engraçado. Outra, garçom.” A voz mais confiante.

“Chicote.”

“Chicote? Ele tinha chicote, sim. É o Francês, me lembro dele. Pagou bem, mas sofremos o diabo. Ele tem chicote.”

“E depois?”

“Também tem uma máscara de couro, uma corrente de ferro. Levou tudo numa mala. Não, foi numa bolsa grande.” Outra caipirinha. “Sofremos o diabo.”

“Você já disse. E depois?”

“Depois eu disse para a Gisela. Elisa, eu disse, a Carlotinha aqui não entra mais nessa fria.”

“E depois?”

“Eu até gosto de umas mordidinhas, uns apertõezinhos, o cabelo puxado, mas chicote!”

“Ele esqueceu alguma coisa lá?”

“Não, acho que não. Colocou tudo numa bolsa e se mandou.”

O bar começou a encher com pessoas que saíam dos escritórios.

“Teve uma hora em que ele me agarrou pelo pescoço, foi apertando, silvando e espumando pela boca... Só tem homem tarado por aí.”

Apertando, silvando e espumando. Devia ser a televisão.

“Se ele te telefonar de novo você me avisa?”

Ficamos mais algum tempo no bar. Saímos cambaleando, Danusa-Carlota apoiada no meu braço, ambos rindo, divertindo-nos um com o outro.

2

“Estamos procurando uma comunhão voluptuosa.”

“Só isso?”

“Corpos e almas fruindo, sem buscar nenhum produto.”

“Só isso?”

“O esplendor, o fausto da foda.”

“Só isso?”

“O que mais você quer?”

“Eu quero ser sua amiga, também.”

“Você é minha amiga.”

Eu e Ada na cama. Olhávamos uma revista de mulheres nuas.

“Isto é uma desrepressão infantil ou síndrome patológica mais grave?”

“O orgasmo é um acidente.”

“Você não me respondeu.”

“Você não tem nada de infantil nem de doente. Nem eu.”

“Essas coisas me excitam. Imaginar eu e você e outra mulher aqui na cama. Faz uma marca no meu seio.”

Chupei a carne macia do seio de Ada com tanta força que minhas gengivas sangraram. “Você gostaria que eu fosse um xarroco-maior, um peixe que vive na escuridão do abismo oceânico; o macho morde a fêmea grudando-se no corpo dela e torna-se um parasita para o resto da vida, todos os órgãos dele degeneram, exceto os da reprodução, e ele se funde com ela totalmente, até mesmo nos seus sistemas vasculares.”

“Você está com olheiras, meu — como é mesmo?”

“Xarroco. Minha terra tem palmeiras onde canta o sabiá.”

“Você tem medo de ser romântico. Finge de cínico.”

No espelho do banheiro examinamos qual dos nossos rostos estava mais cinzento. A pele dos dois, exposta à luz matutina filtrada pelas cortinas, parecia frágil e doente. Do nariz de Ada dois pelos compridos saíam como insetos vivos.

“Lembra quando você me disse que ia me dar a chave do seu apartamento?”

“Por que você está falando nisso agora?”

“Você disse: vou te dar a chave do meu apartamento.”

“Você parece maluco.”

“Mas nunca tinha tempo de mandar fazer a cópia.”

“Não tinha mesmo.”

“Por isso, por aquilo, por aquiloutro. Nunca tinha tempo de mandar fazer a chave.”

“Você parece maluco.”

“Como amar uma mulher que não confia em mim? Amor é confiança.”

“Você está falando sério?”

“Todas as outras mulheres confiavam em mim.”

“Não acredito que você tenha chorado.”

“Não lágrimas que pingam grossas como as suas. Meus olhos são pequenos.”

“Bobão.”

“Você tem vinho?”

“Tem café com queijo de minas. Germe de trigo com iogurte.”

Fiquei ouvindo os ruídos que vinham da cozinha. A primeira vez: Ada andando pela sala do seu apartamento, apreciando-se através dos meus olhos, como se meus olhos fossem o espelho da academia no qual namorava seu próprio corpo. Fora assim que Ada caminhara para me abraçar e eu, sentido o narcisismo dela, virara meu corpo um pouco, impedindo que o abraço se tornasse mais íntimo. Ada, ao notar minha esquivança, perguntara surpresa: “O que foi?”. Eu aspirara o odor da pele dela, sentindo o calor do corpo sólido e musculoso entre meus braços. Contra a minha vontade uma enorme emoção me dominara. Depois, pouco depois, na cama, uma surpresa: virgo intacta.

Acordei com o som do telefone.

“É o Wexler. Quer falar com você”, disse Ada.

“Você leu o jornal?” Wexler, excitado.

“Que horas são?”

“Você não tem relógio?”

“Meio-dia.” Ada, da cozinha.

“Mataram Danusa. Aquela que você chamou no escritório ontem.”

Lembrei-me de que ela deixara meu endereço com o porteiro.

“O marido chegou em casa e descobriu a mulher estrangulada. A polícia desconfia dele, acham que estrangulou a mulher para despistar, para suporem que foi o mesmo tarado que matou a outra. Mas ainda não botaram a mão nele. Como sempre estão comendo mosca.”

“Mais alguma coisa?”

“O marido é garçom num restaurante do centro da cidade.”

“Carlota. Coitada.”

“É isso mesmo. Carlota Ferreira. Como é que você sabe?”

“Ela me deu o nome verdadeiro.” Contei a história do meu endereço com o porteiro.

“Não brinca.”

“Pára de ficar excitado. Você está no escritório?”

“Estou.”

“Telefona para o Mitry e vê qual a reação dele.”

Abri a geladeira. Iogurte, queijo de minas, laranjas, mamão, chuchus, ervilhas, brócolis.

“A Berta tinha sempre uma garrafinha de Faísca gelando para mim.”

“Iogurte com germe de trigo é melhor para sua saúde.”

“Berta tinha seios grandes.”

“Por que você não volta para ela? Tomar vinho e jogar xadrez o dia inteiro. Devia ser uma vida emocionante. Ainda mais com uma mulher de seios grandes.”

“Berta não era vesga.”

Ada ajoelhou-se à minha frente.

“Casa comigo e vem morar aqui.”

O restaurante onde Gilberto trabalhava era uma dessas lanchonetes com um balcão em forma de U e banquetas em volta. Alguns garçons comiam, a hora do almoço já passara. Um mulato de braços grossos, mais parecendo um mecânico do que um garçom, na porta, disse:

“Já fechou.”

“Gilberto?”

“Aquele ali.”

Branco, calvo, de nariz comprido e olhos tristes.

“Quero falar com você”, eu disse.

Gilberto comia bife de panela com arroz. Enchia a boca com grandes garfadas e mastigava com os dentes da frente. Os molares se perdem primeiro.

“Teu nome é Gilberto?”

“Exatamente.”

Gilberto segurou a faca com força. Estava amedrontado.

“Tenho um trinta-e-oito na cintura”, eu disse. Os sem dentes acreditam em todas as mentiras.

Gilberto largou a faca. Limpou a boca nas costas da mão.

“Acaba de comer.”

Gilberto esvaziou o prato e limpou o molho com um pedaço de pão.

“Não fui eu. Cheguei em casa e, quando abri a porta, vi que alguma coisa havia acontecido, os móveis da sala estavam revirados, ela estava caída no chão. Nós vivíamos brigando, quem mandou eu casar com mulher mais moça? Mas eu não queria que aquilo acontecesse com ela. Carlota me botou para fora, mas não fiquei com raiva, ela tinha direito, pagava o apartamento, tudo. Fiquei desempregado seis meses e ela aguentou as pontas. Ela era muito moça, e a outra fez a cabeça dela.”

Esfregou os olhos com as costas da mão, num gesto parecido com o que fizera antes, limpando a boca.

“Que outra?”

“O senhor vai me levar em cana?”

“Não sou da polícia. Acho melhor você sumir por alguns dias. Arranja um advogado.”

“Não tenho dinheiro para advogado.”

Tirei um cartão do bolso e dei para Gilberto. “Me procura.”

O mulato forte se aproximou. “Ô Gilberto, me ajuda a levar o lixo.”

Wexler esperava, nervoso. Meus sócios sempre foram nervosos. L. Waismann, o rei da responsabilidade civil. Figenbaum. Agora Wexler. Alguém, um dia, teria que pagar pelo que fizeram com Figenbaum.

“O lixo era restos de comida, em dois latões grandes como barris de petróleo de onde exalava um odor nauseabundo. Levaram os latões para a entrada lateral do restaurante, que dá para a rua Teófilo Otoni. Vários miseráveis estavam esperando. Os homens empurraram as mulheres com truculência, enfiaram os braços dentro dos latões e tiraram as melhores partes, os restos de galeto, as sobras de bife e outras carnes semidevoradas. Depois de encherem seus sacos plásticos foram embora. Então as mulheres e as crianças retiraram o que ficou, legumes esmigalhados, arroz, massas pastosas. Dos latões, depois de revirados pelas mãos ávidas dos rapinadores, tresandava um fedor ainda mais repugnante. Àquela hora, nos fundos dos outros restaurantes da cidade, outras matilhas de destituídos colhiam os restos dos repastos servidos aos que podem pagar.”

“E o Gilberto?”

“Fiquei olhando os caras apanhando o lixo e quando dei conta ele havia sumido. Ele falou numa ‘outra’, mas eu bobeei e deixei a coisa passar.”

Acendi um Pimentel número dois.

“Aqui dentro, não. Fuma um Panatela.”

“Restos podres do banquete alheio.”

“Assim é o mundo.”

“O mundo. Latões cheios de comida. Não se vê mais ninguém assobiando nas ruas. Enfim. E Mitry?”

“Pareceu preocupado, de uma maneira muito óbvia. Disse ‘não gosto disso, fico preocupado’, depois de ter-me feito jurar que eu não estava brincando. Disse que nunca lê o noticiário policial. Perguntei a ele a razão de sua preocupação e ele apenas disse ‘é a segunda, a segunda’. Não confio nele.”

“Mas é nosso cliente.”

“Infelizmente. Disse que vai ficar em Angra a semana toda.”

Acendi o Panatela. Eu e Wexler ficamos vendo a fumaça. Depois de algum tempo, eu: “Ada pensa que é um cavalo”.

“Ela é linda como um cavalo.” Wexler.

“Você está apaixonado por ela, seu judeu pérfido.”

“Não sei. De qualquer forma ela é boa demais para você.”

“A mãe dela também pensa assim.”

Ficamos pensando em Ada. Fui até a janela. O trânsito da avenida Rio Branco começava a ficar engarrafado.

“Uma massagista de nome Carlota, vulgo Danusa, um dia vai na casa da amiga Gisela, na verdade Elisa, fazer massagem, digamos assim, no nosso cliente.”

“Chicote, máscara preta, cordas, Alphonse/Sacher.”

“Agora estão mortas. Mitry um pé-frio?”

“Um assassino?”

“Se Mitry fosse o assassino não usaria essas máscaras todas. Bastaria a fantasia maior que seria estrangular as mulheres.”

“Símbolos. Símbolos.”

“Já imaginou o Gilles de Rais de máscara preta?”

“Ele tinha uma coisa melhor que era o uniforme de marechal da França, lutando contra o inimigo. Um patriota. Amigo de Joana d’Arc. Seu rosto era como o de Jack, o Estripador, comum, como o desses sujeitos que a gente encontra dentro do elevador, quietos, olhando para cima, esperando a porta abrir.”

“O que faz um sujeito estrangular uma pessoa quase desconhecida?”

“Elas não eram desconhecidas, as massagistas. Há entre elas e o estrangulador um rapport metafísico, como será dito na mesa-redonda da televisão.”

“Que tal uma ligada para o Raul? Ele está na Homicídios. Não se esqueça do cassete.”

“Êxtase estupefaciente é o momento em que o sádico atinge o zênite da afetividade. Ou o nadir do sentimento? O apogeu, o perigeu, os vértices invertidos da paixão. Que tal? O sadismo é uma perversão micropolítica.”

“É melhor ligar para o Raul.”

Liguei.

“Não brinca, você está metido nessa também?”, disse Raul.

“Um cliente.”

“Olha, Mandrake, eu quero falar contigo. O caso está com a gente.”

“Fala.”

“Pelo telefone não. Quero ver a tua cara.”

“Estou mais bonito do que nunca.”

“Passa um blush e vamos nos encontrar.”

“O caso está com o Raul”, eu disse para Wexler.

“Acredito nele”, disse Wexler.

“Quando era pequeno eu acreditava em Papai Noel e na Zwig Migdal. Ela trouxe as polacas que meu avô comia na rua Conde Lage.”

“Chega de lero-lero, vai ver o Raul.”

“Isso é lá maneira de um judeu falar? Lero-lero, comer mosca. Tisk. Tisk. Tisk.”

3

“Ela me disse que não podia viver sozinha. ‘O que é que você vai me dar? Não coisa material, entende, quero amor, afeto, companhia’, ela me disse. Eu estava disposto a dar a ela todo o afeto do mundo. Continuamos bebendo, sabe, e então ela deu uma derrapada e disse ‘Sou uma mulher pobre, meu pai só me deixou dívidas. Afeto coisa nenhuma’. Era mais um pedinte na minha frente.”

“Profiteroles.”

“Era isso que ela era, usando sua boca carnuda. Queria um homem disponível. Disponível era receber suas ordens, assinar cheques, desligar as luzes, pagar o imposto predial, verificar a fechadura antes de dormir, providenciar o seguro de vida e do carro, e o jazigo perpétuo no São João Batista. Já passei por isso e não ia cair noutra, eu, um velho tira.”

Eu e Raul bebíamos chope no Amarelinho, numa das mesas da calçada. A pouca distância estava um engolidor de fogo, cercado por alguns assistentes. Esse tipo de artista de rua era mais comum de se ver aos sábados e domingos. Nos dias em que os ingênuos saíam para passear. Além de engolidor de fogo, o artista, um negro forte e sem a maioria dos dentes, era também contorcionista, malabarista e palhaço. Usava calças largas presas por um suspensório, o tórax grosso e musculoso nu. No intervalo entre um número e outro contava piadas e imitava um gorila se coçando e andando na floresta. Esperava, assim, fazer os brancos miseráveis que o olhavam sentirem-se importantes: afinal, havia no mundo alguém inferior a eles — um negro sem dentes que parecia um macaco estúpido.

“Quer dizer que você voltou a ser solteiro?”

“Para falar a verdade acho que estou ficando broxa”, disse Raul.

Estávamos levemente embriagados.

“E uma boa ideia, deixar de beber, deixar de fumar, almoçar com a família aos domingos, ser enterrado com a bandeira do clube. Ver televisão.”

O artista negro trepou numa caixa, colocou as duas pernas sobre a cabeça e ficou dobrado com o queixo sobre a região púbica.

“Ela”, disse o artista negro, “também era contorcionista e estava nesta posição em que eu estou agora, só que tem que ela estava pelada e a porta estava aberta.”

“Dormir o sono dos broxas”, continuou Raul, soprando círculos de fumaça.

“Isso não é maneira de fumar um Panatela”, eu disse. “E as moças?”

“Trabalhavam juntas num shopping center em Madureira. Só a Carlota era casada. Uma delas teve a ideia de largar aquela vidinha e ganhar uma grana fácil. Antigamente você precisava de uma cafetina para arranjar os michês. Agora é só botar anúncio no jornal.”

“Aí ia passando um sujeito pelo corredor, um mineiro do interior”, o artista negro rolou os erres no palato e fez sua cara de idiota, ainda na mesma posição, com as pernas no pescoço, “viu a mulher deste jeito que eu estou e saiu gritando, ‘acudam, socorro, tem um homem caído lá no quarto, de cabelo grande e barba crespa, mataram ele com uma navalhada que abriu a garganta de cima a baixo’.”

“Acho o nome Carlota mais bonito do que Danusa”, eu disse.

“Ela deve ter achado que Danusa dava mais tesão do que Carlota. Vou te contar um segredo. Não eram só duas. Eram três.”

(A “outra” mencionada pelo Gilberto?)

“Esta história está começando a ficar interessante.”

“Interessante? Você está louco de curiosidade, confessa.”

“Confesso.”

“Chama-se Oswalda. Estou atrás dela.”

“Não deve ser difícil achar uma mulher chamada Oswalda.”

“Ela tem nome de guerra. Cila. Tenho aqui o retrato dela.”

Raul mostrou-me uma pequena fotografia.

“Três por quatro não dá pra ver muito.”

“E o que eu tenho. Arranjei no departamento de pessoal no shopping.”

O artista negro soprava fogo e fazia malabarismos com dois archotes. Passava o fogo sobre a pele fazendo sua cara de macaco.

“A Cila foi quem botou na cabeça das outras duas a ideia de se estabelecerem por conta própria. Uma moça do shopping que trabalhou com elas me disse. A Cila, pela descrição que me fez, é uma pessoa dominadora e calculista.”

“Li no jornal que vocês suspeitam do marido.”

“Jornal? Você não vive dizendo que não lê jornal?”

A suspeita do marido era apenas camouflage (“Camouflage, que palavra mais velha que você foi desencavar”) da polícia. Gilberto não poderia ter matado Carlota porque na hora do assassinato estava no restaurante, segundo depoimento de testemunhas consideradas idôneas. Gilberto havia desaparecido e

Raul arrependia-se de não ter posto logo as mãos nele, mesmo sendo inocente. Havia um outro detalhe que Raul não podia, ainda, mencionar. Os dois assassinatos estavam ligados. O comportamento humano não é lógico e o crime é humano. Logo. Para Raul a lógica era uma ciência cuja finalidade seria determinar os princípios de que dependem todos os raciocínios e que podem ser aplicados para testar a validade de toda conclusão extraída de premissas. Uma armadilha.

"E o porteiro do prédio onde ela mora?"

"O porteiro? O porteiro não sabe nada. Nem viu quando ela saiu."

O artista negro continuava seu número. "Uma mulher foi ao padre e confessou que havia feito adultério com o vizinho. 'Foi contra seu livre-arbítrio?', perguntou o padre. 'Não, foi contra o muro', disse a mulher."

Eu e Raul havíamos sido colegas na faculdade. Raul fizera os preparatórios em colégios jesuítas. Eu — eu não gosto de falar da minha vida com ninguém.

Coloquei uma nota de cem na saca de papel do artista negro.

"Um sujeito chamado Epifânio esquartejou a mulher, colocou os pedaços dentro de uma mala e saiu de casa. Não conseguiu largar a mala em lugar algum. Ele não tinha motivo lógico para matar a mulher, mas matou. E tinha todos os motivos lógicos para deixar a mala em um dos muitos lugares por onde andou, mas não deixou, foi até São Paulo, de ônibus, e voltou pelo mesmo trajeto, para casa, com a mala, e a mulher dentro da mala. Você me entende agora?", perguntou Raul.

Na faculdade havíamos namorado a mesma mulher, Lígia. Lígia pensava que eu havia desmaiado no necrotério. Raul sabia que não havia sido um desmaio, e sim uma crise de náusea, mas fingira acreditar na suposição de Lígia. Sette Neto mandara que descrevêssemos as lesões internas e externas de uma vítima de esganadura — uma garota estendida sobre a mesa de alumínio das autópsias. Sette Neto correra o dedo pelas marcas vermelhas disseminadas na face da mulher e perguntara se alguém sabia o que era aquilo. "Pontilhado escarlatiniforme de Lacassagne", respondera Raul. Sette Neto não gostava que os alunos respondessem as perguntas que fazia. Abriu o olho da mulher e perguntou "e isso?". "Exoftalmia, com congestão da conjuntiva, e midríase", respondera novamente Raul. Se fôssemos estudantes de Medicina talvez Sette Neto perdoasse a ousadia da resposta, mas alunos de Direito numa aula de Medicina Legal não deviam saber aquilo. Irritado, Sette Neto enfiara o dedo no ouvido da morta. "Otorragia resultante da ruptura da membrana do tímpano", dissera Raul, acrescentando que o cadáver talvez apresentasse fratura do osso hioide e fraturas das cartilagens tireoide, cricoide e aritenoide, tudo dependendo do aparelho laríngeo da vítima, que, aos dezoito anos de idade, talvez não tivesse

ainda alcançado o necessário grau de ossificação. Poderiam também ser encontradas equimoses epicranianas e congestão das meninges, petéquias subpleurais e subpericárdicas. Sette Neto ouvira tudo isso, cada vez mais pálido e furioso, e foi então que teve o famoso acesso de loucura que fizera de Raul um herói. (Enquanto isso eu vomitava no banheiro.) Sette Neto subitamente passara a esmurrar o peito do cadáver e a gritar e a puxar os cabelos, dele e da morta, um espetáculo inesquecível. O tirano frio que passara o ano torturando suas vítimas se transformava, na frente de todos, em um idiota descabelado, em um doido varrido gritando palavras sem nexo. Raul e Lígia foram tomar chope no botequim da Mem de Sá com Lavradio. Depois se casaram. Depois Lígia descobriu que me amava, ou continuava me amando. Oh, vida.

O artista negro vestiu uma camisa cinza desbotada. Uma mulher mulata, com cara de índia, estava a seu lado. Ele apanhou o dinheiro, colocou na saca os apetrechos de sua profissão — archotes apagados, lata de combustível, cordas. Seu rosto agora era carrancudo e ameaçador. Notou que eu o observava. Lembrou-se da nota de cem. Fez um gesto amigável, fechando a mão e levantando o polegar. Convidei-o apontando o copo de chope.

O artista negro aproximou-se da nossa mesa.

“Toma um chope com a gente. Chama sua senhora.”

Chamava-se Almir e ela Doralice. Eram de circo e estavam desempregados. Doralice trabalhava com cães ensinados, e os animais haviam morrido de cinomose. O circo Gran Maravilha havia fechado. “As pessoas ficam em casa vendo televisão.” Beberam dois chopes cada um, comeram batatas fritas e pediram licença para ir embora, pois moravam longe e tinham duas crianças em casa esperando.

“Esse tipo de prostituta que trabalha sozinha, quando desaparece não deixa traço. Muda de nome, de casa, pinta o cabelo, vai para a Bahia, os cafundós. Você conhece a história do fotógrafo e do japonês?”

“Você conhece aquela da mulher corcunda?”

“Quem é o teu cliente?”

“Não confio em você. Não confio em nenhum maldito tira, ainda por cima broxa.”

“Obstrução da Justiça.”

“Ele é apenas um michê assustado, com medo do nome dele aparecer nos jornais.”

“Você pode arreglar comigo agora, mais tarde não livrarei a cara do teu cliente.”

“O nome dele é Roberto Mitry. Está preocupado porque esqueceu uma fita cassete na casa da Elisa, a primeira que mataram.”

“Cassete? Eu estive no apartamento dela na avenida Beira Mar e não vi nenhum cassete.”

Anoitecia. O trânsito na avenida Rio Branco estava pesado e lento. Os motoristas buzinavam. As fachadas da Câmara dos Vereadores, do Teatro Municipal e da Biblioteca Nacional foram iluminadas.

“Lembra do gavião que morava na cornija da fachada da Biblioteca Nacional?”, perguntei. “Era um gavião-real, o Harpia harpyja, o grande falconídeo de penacho branco. Suas asas deviam ter mais de dois metros de envergadura. Varava os ares a duzentos e oitenta quilômetros por hora. Pegava os pombos voando. Espero que tenha pegado o pombo que um dia cagou na minha cabeça, aqui mesmo. Não sei se deu tempo, pois surgiram os columbófilos com suas almas piedosas pedindo providências. Tomaram providências, o gavião sumiu. Acho que era o último, no Brasil, no mundo. Mas os pombos, esses animais ferozes que a ignorância dos artistas escolheu como símbolo da Paz, esses não vão desaparecer nunca.”

“Acho barata mais nojento”, disse Raul.

“Seja realista”, disse Wexler quando voltei para o escritório às cinco horas, “não temos que bancar o detetive nos casos que vêm parar aqui no escritório. É uma velha mania tua. Somos advogados, nosso objetivo não é heurístico, a verdade não nos interessa, o que importa é defender o cliente. Mas não, você quer saber tudo, quem é culpado e quem é inocente, e muitas vezes se dá mal. Lembra do caso do frigorífico? Da doida, ou falsa doida, internada pela família? Até hoje não sabemos, e não adiantou nada a confusão que você fez, se era doida ou não. Lembra? Seja realista.”

“Realista?” Para mim essa palavra servia apenas para justificar o comodismo, as pequenas ações e omissões indignas que os homens cometiam diariamente.

“Lembra do rei David?”, perguntou Wexler.

“David derrotou os filisteus, os moabitas, fez de Jerusalém a capital dos judeus. Fui aluno do padre Lepinski, já se esqueceu? Ele dizia que David não passava de um assassino genocida, adúltero e imperialista.”

“Lepinski. Você mesmo disse que Lepinski era doido. Ouça: o rei David pecou e o Senhor decidiu que, como punição, o filho morreria em seu lugar. Ao saber disso David prostrou-se sobre a terra orando e suplicando ao Senhor para que salvasse a criança. Os oficiais-mores do palácio instaram muito para que David se levantasse do chão e comesse com eles, mas nada conseguiram. No sétimo dia de jejum e orações de David o menino morreu. Os servos do rei não tiveram coragem de lhe contar o que acontecera, temerosos de sua reação; se o

desespero do rei já era tão grande quando o filho ainda vivia, o que ocorreria quando soubesse de sua morte? David, porém, vendo os servos murmurando soturnamente entre si entendeu que o menino morrera. Então levantou-se do chão, lavou-se e sentou-se à mesa para comer. Ele sabia que nada mais podia ser feito além do que fizera. Entendeu?"

"Vocês, judeus, são uma gente esquisita. E o Deus de vocês também."

Nesse instante, d. Sônia entrou para anunciar uma visita.

Com a elegância de quem domina o próprio corpo, vestindo um terninho de linho bem talhado, feito sob medida, me olhando e aos móveis como alguém num leilão avaliando objetos à venda, a visitante entrou na sala e me estendeu um envelope. "A portadora", li, "é filha de um velho amigo, Vasco Japiassú. Gente boa, de tradição (descendem do barão de Aroeira, que fez história durante a Regência) e de caráter. Peço que você dê a Lilibeth toda sua atenção e paciência. Seu colega e admirador, Medeiros."

"O doutor Medeiros disse que o senhor é um homem de ação, para eu não perder tempo com rodeios." Parou.

Esperei.

"Tudo é natural para um advogado, não é?"

"Advogado, polícia, padre, médico. Pecado, doença, crime."

Lilibeth me fitou parecendo meditar sobre o que eu dissera.

"É melhor ir direto ao ponto", disse Lilibeth.

"É melhor."

"O que é preciso para eu fazer um flagrante de adultério contra meu marido?"

"Adultério é crime de ação privada. O ofendido tem o prazo decadencial de trinta dias, a partir do conhecimento do crime, para propor a ação. O flagrante terá que ser feito pela polícia." ("Seja paciente" etc.)

"Flagrante?"

"A lei considera flagrante quando há indícios de que a pessoa cometeu o crime recentemente. A palavra vem do latim, flagrans, flagrantis, significando 'ardente', 'que está ardendo'. Em matéria de simbolismo o flagrante de adultério só perde para o de incêndio doloso."

"Então os dois têm que ser apanhados, quando estiverem... hum... Isso é impossível."

"Basta estarem num quarto de dormir, trancados, é o suficiente. Mas a senhora deve pensar bem antes de promover a ação."

"Já pensei bem."

A existência do crime de adultério na lei brasileira era uma excrescência anacrônica que há muito já devia ter sido extirpada. Alguém me dissera que seria

suprimida no novo Código Penal, em elaboração. Gostaria de dizer isso à mulher à minha frente, mas a recomendação de Medeiros me inibia (“Paciente” etc.)

“Posso saber quais são suas razões? Estatisticamente o objetivo desse tipo de ação é garantir a guarda dos filhos ou fugir à pensão de alimentos.”

“Não tenho filhos.”

“O querelante, para evitar que a ação se torne perempta, extinta, além de promover o andamento do processo terá que estar presente a todos os atos do mesmo. Um verdadeiro sofrimento, uma coisa chatíssima. Faça um acordo.”

A pior coisa do mundo era explicar a lei para um cliente.

“Não quero fazer acordo. Os dois são culpados, ou apenas o meu marido?”

“O seu marido e a mulher, ambos são agentes do crime.”

“Não é outra mulher.”

Esperei.

“Não acha estranho, doutor?” Lilibeth sorriu. “Para falar a verdade, se não fosse tão grotesco encontrar o marido na cama com outro homem até que seria um caso interessante, não acha?”

“Muito”, eu disse, gravemente. “Se formos adiante nisso será o primeiro caso na jurisprudência brasileira, eu acho. Muito instigante do ponto de vista hermenêutico. Flagrante de adultério promovido pela mulher já é raro, ainda mais quando o correspondente é outro homem. Realmente insólito.”

“Mas eu ponho meu marido na cadeia?”

“Seu marido certamente não seria preso. A lei prevê a pena de detenção de quinze dias a seis meses. Ele obteria a suspensão condicional da pena caso viesse a ser condenado à prisão.”

“O mundo é dos homens. E estamos no século XX.”

“Uma mulher também teria essas mesmas vantagens.”

Um silêncio incômodo.

“Não havendo guarda de filhos ou partilha de bens, tratando-se apenas de uma retaliação de ofendido, compreensível, sugiro que esqueça seus propósitos punitivos. A represália a certos ultrajes vilipendia mais do que desagrava a vítima. Por que a senhora não se separa do seu marido, afinal já existe o divórcio, ainda que cheio de entraves, e fica livre e esquece tudo?”

“O senhor não está me ajudando muito. Eu esperava que encontrasse uma solução para o meu problema.”

“É o que estou fazendo.”

Eu entendia que a mulher quisesse se vingar. Mas como advogado tinha que aconselhar o que era melhor para o cliente. Pacientemente (ah, dr. Medeiros) procurei persuadir a mulher a desistir da ação.

“Você é casado?”, Lilibeth perguntou.

“Bem...”

“Já sei de tudo. Quando um homem responde a essa pergunta desse jeito é porque tem algum tipo de compromisso não sacramentado.”

Eu também já sabia de tudo. Depois diziam que eu era mulherengo. Ficava quieto e as mulheres me provocavam. As caras que Lilibeth fazia. Que diabo, eu tinha uma aparência tão disponível assim? Assumi um ar doutoral: “O processo penal é uma peça teatral, de vários atos encadeados, o verfahren dos processualistas alemães. É também um romance, descrevendo as relações existentes entre o juiz e as partes. Rechtsbeziehungen. Os romanos usavam o termo ‘iudicium’ — iudicium est actus trium personarum: iudicis, actoris et rei. O ato de três pessoas, seria melhor dizer personagens, o juiz, o autor e o réu. O protagonista, o antagonista e o tritagonista.”

“Esse palavreado não me impressiona, sabe?”

“Estou sabendo.”

“Você tem tempo para ouvir a história do meu casamento?”

“Claro.”

“É uma história interessante.”

“Sou todo ouvidos.”

“Vou começar com o dia do casamento. Estava todo mundo lá, quer dizer, as pessoas importantes, executivos, políticos, o society inteiro. As mulheres todas lindíssimas — eu não estava em condições de notar, mas minha mãe disse que nunca um casamento reuniu tantas mulheres elegantes. É verdade que vendo hoje as fotos eu não tenho essa impressão aquelas mulheres com as cabeças cobertas de borsalinos, canotiers, capelines, regarde-moi, bretons, pill boxes, bérets, turbans, coiffures de penas, aigrettes, me parecem ridículas, os vestidos dão a impressão de serem feitos de tecidos de cortinas ou de forração de estofados, acho que bonita mesmo estava eu, mas toda noiva é bonita, o noivo é que costuma ter cara de idiota. Mas o Val — o nome é Valdomiro, mas ele é conhecido como Val, detesta ser chamado de Valdomiro — até que não ficou feio nas fotos, mas também ele não era um noivo como os outros. O que ganhamos de presente foi uma loucura, tudo o que você pode imaginar, quase precisamos alugar espaço num guarda-móveis para guardar o que sobrou. Afinal, uma parte foi para a fazenda do papai, em Vassouras, enchemos um caminhão de transporte, e a outra, menor e mais valiosa, foi para a nossa casa, na Gávea. Todos os jornais noticiaram o casamento, e não foi só nas colunas sociais, saiu também nas outras páginas e em todos os canais de televisão. Quando li os jornais não pude reprimir um tolo sentimento de vaidade, não havia uma mulher no Brasil, naquele instante, que não me invejasse. Pra você ver. Na festa do casamento Val bebeu muito e não queria ir embora. As pessoas, os amigos,

pediam para ele parar de beber, contando aquelas piadinhas de mau gosto ligadas à noite de núpcias. Tínhamos um apartamento reservado no Copacabana Palace para aquela noite e no dia seguinte embarcaríamos para Nova York. Afinal, já bem tarde, fomos para o hotel, com as malas da viagem. Val chegou e caiu na cama e dormiu até de manhã sem que eu conseguisse acordá-lo. De manhã fomos à praia, lemos as notícias dos jornais e voltamos para o hotel. Eu queria comer no quarto, mas Val insistiu em descer para almoçarmos no restaurante. Durante o almoço Val bebeu muito e ele não era de beber muito, ao contrário, tinha sempre muita preocupação com a saúde, com o físico, evitava cometer excessos, mas lá estava ele bebendo como se fosse um empedernido alcoólatra e, quando reclamei, respondeu com um palavrão, disse, ‘estamos casados há poucas horas e você já começa a mandar em mim’, não foram bem essas palavras, foi uma coisa assim. Eu disse que não queria mandar nele e ele respondeu, ‘é melhor mesmo pois não vou deixar nenhuma mulher fedorenta mandar em mim’, ou coisa assim, parecida. Pra você ver. Eu devia ter percebido que as coisas não iam terminar bem e voltado para a casa do meu pai naquele dia mesmo, mas quem teria coragem de fazer isso? Você teria coragem de fazer isso, tendo tido um casamento badalado daqueles? E lá fui eu para Nova York. Ficamos hospedados no Regency, na Park Avenue, num apartamento com todo o conforto. E sabe quem estava hospedada lá? A Elizabeth Taylor. Um dia descemos juntas no elevador, ela tem uma papada feia, é baixa e gorduchinha, mas os olhos, os olhos são uma maravilha, um azul brilhante, parece um gato. Em Nova York, Val mal tocou em mim. Fomos a todos os shows musicais, assistimos ópera e balé no Lincoln Center, demos a volta à ilha de barco, visitamos todos, ou quase todos, os museus, comemos nos restaurantes típicos do Village, do SoHo, da Little Italy, do bairro chinês, essas coisas que os turistas fazem. Um dia, já estávamos lá havia uma semana, Val me levou para ver um desses filmes que os americanos chamam de for adults ou X-rated. Eu nunca havia visto um filme desses e aquele que vi, conquanto muito forte, não era desagradável, quer dizer, não chocava muito, até que excitava um pouco. Mas os que vimos depois eram todos com homossexuais e dois homens fazendo aquele tipo de coisa, vou te contar, não é fácil. Não me incomodo de ser chamada de boba, mas dois homens igualzinho como se fossem um homem e uma mulher, vou te contar, é difícil de aceitar. Foi depois de ver um filme desses — olha, eu não estou escondendo nada, nunca contei isso pra ninguém — que Val teve relações comigo no hotel, a única vez em toda viagem. Pra você ver. Mas eu estava cega e não desconfiei de nada, ou não quis desconfiar, os presentes ainda estavam todos dentro das caixas, ou quase todos.

“Quando voltamos ao Rio perguntei por que ele havia casado comigo e tivemos uma discussão terrível. Eu queria, quero, ter filhos. Val odiava crianças, pelo menos foi isso que me disse naquele dia, que era melhor termos um cachorro, que eu já estava me tornando a megera que são todas as esposas burguesas, veja você, um parasita que nunca trabalhou falar em burguesia. Resumindo, e não tem muito mais para contar, essa foi a minha vida com Val. Ah, me esqueci de dizer que fomos, antes de casar, uma vez para a cama. Para finalizar, o dia culminante. Eu havia saído para jogar tênis no Country, à tarde, mas começou a chover e voltei para casa e lá estava Val deitado na cama fazendo coisas com um amigo nosso. Igual no filme. Adoro o cheiro do seu charuto. Que marca é?”

“Panatela. Escuros, curtos.”

“Que tal a minha vida?”

“Existem piores.”

“Duvido que uma mulher do povo case com um homossexual.”

“Talvez.”

“Talvez o quê?”

“Talvez. Pode ser. Não ser. Às vezes. Etc.”

“Você não gosta de mim, gosta?”

“Se você realmente achasse que eu não gosto, não perguntaria.”

“Quem ficou mais chocado com o que aconteceu foi meu pai. Minha mãe também ficou, mas menos. Mas vou confessar uma coisa que vai surpreender você. O Val é uma pessoa, como direi, boa, você ia gostar dele se o conhecesse. Ele é muito engraçado, tem um senso de humor fantástico, é inteligente e culto, sabe tudo sobre arte, lê muito. Está sempre ajudando os outros sem esperar retribuição. Acho que eu fui a culpada, devíamos ter sido apenas amigos, ele seria um amigo maravilhoso, mas eu quis fazer dele um marido porque agora está na moda as pessoas casarem, está todo mundo casando, não sei se você notou. O Val não queria mas acabou concordando, se fosse uma cerimônia íntima com meia dúzia de amigos, mas meu pai acabou fazendo essa produção milionária. Para falar a verdade eu também queria aquilo, já que eu ia casar, que fosse de acordo com o figurino, igreja, vestido de noiva, enxoval, festa. Toda noiva quer casar na igreja de véu e grinalda. Estou te chateando?”

“Mais ou menos.”

“Você é a pessoa mais ambígua que conheço. Sabe por que eu quis saber qual a marca de charuto que você fumava? Para dar uma caixa para você. Agora já não tenho mais vontade. Gosto das pessoas transparentes, eu sou um livro aberto, você é um enrustido. Estou ou não te chateando?”

“Mais ou menos.”

“Sabe por que estou falando isto tudo, sobre o meu casamento? É porque precisava falar com alguém, qualquer pessoa que me ouvisse, e isso eu tenho que reconhecer, você é um bom ouvinte, pelo menos. Acho que o nosso destino é feito por nós mesmos, então não vou mais culpar o Val pelo que aconteceu, aliás você foi o primeiro a me sugerir isso quando disse para eu desistir do ridículo flagrante de adultério, não sei onde andava minha cabeça estes dias. Como é mesmo o nome do charuto?”

“Panatela.”

“Tinha mais uma coisa.”

“Escuros. Curtos.”

“Você não sabe como é a minha mãe. Está sempre infeliz e amargurada, mas se você me perguntar a razão eu não saberei dizer. Nem ela. Meu pai faz tudo que ela quer e ela só faz o que ela quer.”

“Como é o chapéu pill box?”

Conversamos meia hora, até que Lilibeth se despediu. “Panatelas, não é? Escuros, curtos.”

“Ou Pimentel número dois.”

Quando ela saiu pedi à d. Sônia que ligasse para o Raul, na Homicídios.

Enquanto a ligação não se completava: era bom não resistir à sedução de uma mulher bonita. Ada, a graça muscular; Lilibeth, o matiz da pele. Pensei também em Berta Bronstein e Eva Cavalcanti Meier.

4

Elizabeth Feijão era uma gata siamesa vesga, de olhos azuis. Nascera na casa de uma japonesa chamada Mitsuko, que a habituara a comer sardinha crua. Quando foi para minha casa aprendeu a comer ovos, carne, legumes, verduras, feijão com arroz, mouros e cristianos, à maneira cubana. À medida que envelhecia, Elizabeth, além de tornar-se rabugenta, passara a exigir, como vitualhas, apenas sardinhas frescas, recusando-se a comê-las se antes tivessem sido congeladas e protestando com insistência e veemência se fossem colocadas no seu prato. Por ter a consciência pesada (pois levara Elizabeth, ainda púbere, para ser castrada) eu, ou a empregada, diariamente percorríamos as feiras livres e peixarias da cidade à cata de sardinhas frescas. Também agora, mal o dia raiava, Elizabeth exigia ruidosamente que a areia do seu banheiro, um tabuleiro de alumínio que ficava na parte de serviço do apartamento, fosse removida e substituída por areia limpa. Quando jovem Elizabeth raramente se manifestava, o único ruído que produzia regularmente era o das unhas sendo afiadas no carpete ou nos estofados das poltronas. Era preciso que lhe pisassem o rabo, ou coisa pior, para que emitisse uma pequena miadela. Mas agora dava lancinantes gemidos sem motivo aparente, só cessando quando eu a pegava no colo e lhe dava beijos e falava com ela. Passara a detestar a solidão, um dos grandes prazeres dos gatos jovens e saudáveis. Quando eu chegava em casa, do escritório, ela me seguia pela casa, da maneira indigna dos cães, implorando carinho. E ela já fora capaz, em tempo não muito distante, de morar com um lagarto. Um dia — nessa época eu morava com Berta Bronstein — eu estava na praia, no calçadão do Leblon, quando vi um sujeito com um lagarto grande, de mais de um metro, negro de manchas amarelas brilhando ao sol, amarrado pelo pescoço por um cordão de náilon. Foi amor à primeira vista. Perguntei o que o lagarto comia. “Ovo”, respondeu o sujeito que segurava o animal, “hoje já comeu oito, antes de vir passear.” O lagarto exibiu a língua para fora, rapidamente, como se tivesse ainda um resto de gosto de ovo na boca. “E pensar que tem gente que mata um animal desse para fazer uma correinha de relógio”, eu disse. “Esse não”, respondeu o homem, com certo orgulho na voz, “esse é grande, dá um par de sapatos e mais uma carteira.

Além da correinha.” Curvei-me e acariciei o animal; sua pele era solta, como uma roupa larga, e o corpo, dentro, parecia ser feito apenas de um único duríssimo osso. “Dois mil”, disse o homem. Levei o lagarto para casa. Berta, ao ver o animal, disse apenas, “Não é possível”. Mais tarde acrescentou, “além do mais ele tem órgão copulador duplo e reversível e fenda cloacal transversal”. (Ah, as mulheres!) Mas Elizabeth, essa, parou à frente do sáurio no meio da sala, agachada, como os gatos fazem quando estão ao mesmo tempo se divertindo e descansando, mas respeitosamente. Diamante Negro, o nome que o lagarto recebeu, não era um rato, mas um fascinante e alegre mistério. Durante mais de um mês os dois, gato e lagarto, brincavam, comiam ovos juntos até que Diamante Negro (“Ou ele ou eu”, Berta) foi mandado para a fazenda de um amigo. (Ah, as mulheres!)

“Você está ficando velha”, eu disse. Elizabeth não respondeu, e para mostrar que não estava tão velha assim deu um pulo ágil, colocando-se perigosamente no parapeito da janela.

Já havia trocado a areia do tabuleiro. Cortei em pedaços três sardinhas frescas, já limpas, colocando-as no prato lavado de Elizabeth; depois procurei um livro para ler. Gostava de ficar lendo na cama, de manhã antes de ir para o escritório. Naquele dia, folheava um dos livros da minha infância, onde a coragem era a maior de todas as virtudes, a coragem de heróis individualistas, romântica, não a coragem cívica hegeliana, mas a coragem irracional, muitas vezes injusta, violenta mas nunca inescrupulosa, dos meus sonhos adolescentes. Coragem não é o mesmo que falta de medo. Tentei lembrar-me onde havia lido aquilo. Vários livros já estavam abertos no chão. Gostava de livros mas não admirava os escritores, como não admirava os viticultores ou os fabricantes de charutos. Um famoso e consagrado ficcionista havia sido meu cliente.

O telefone tocou. Wexler.

“Esteve aqui o tal Gilberto, casado com a Carlota. Queria falar com você.”

“O sujeito chegou cedo. Deixou recado?”

“Ele parece assustado. Disse que sabe onde está a Cila. Vê se não demora.”

“Logo que acabar de ler *O protocolo dos sábios de Sião.* Para ver se curo a minha ressaca.”

“Não me surpreenderia se fosse verdade.” Wexler, de mau humor.

Depois do nosso encontro, Gilberto fora para São Paulo, onde trabalhara uns dias fazendo biscates. Ficava em pé no viaduto do Chá segurando um cartaz de propaganda comercial.

“O que estava escrito no cartaz?”

“Não sei.”

“Uma boa maneira de se esconder da polícia”, disse Wexler. “O senhor limpou a minha barra?”

“Precisamos de uma procuração.”

Enquanto d. Sônia batia a procuração, Gilberto contou sua história. Ao voltar para o Rio arranjara um emprego de servente num prédio residencial de Ipanema. À noite dormia na casa de máquinas do elevador. No princípio era ruim, os ricos não têm hora para entrar e sair, e o elevador não parava a noite inteira, um barulho constante. Mas acabou se acostumando. Um dia, de folga, ao passar numa rua de Ipanema viu Cila em uma loja de roupas femininas. Ela aparecera na vitrina, para apanhar uma mercadoria. Gilberto chegara a caminhar até a porta da loja para falar com ela mas ficara com medo que Cila avisasse a polícia.

“Ela é muito ordinária.”

“Você ia falar o que com ela?”

“Atravessei a rua e fiquei do outro lado. Queria ver se era ela mesmo.” Cila não aparecera mais, Gilberto esperara algum tempo e fora embora.

Depois que Gilberto desenhou os garranchos do seu nome na procuração, eu lhe dei algum dinheiro dizendo-lhe que ficasse no trabalho e mostrasse a cara o menos possível.

A loja onde Gilberto vira Cila ficava na rua Vinícius de Moraes, num trecho cheio de butiques de luxo. Pintado na porta de vidro, em letras douradas, o nome Messina.

“Bom dia”, eu disse, entrando na loja. Procurei fazer uma cara ingênua, sorrindo obsequioso. A loja estava atulhada das mercadorias que os moradores na zona sul consideravam de “bom gosto”, roupas com etiquetas estrangeiras, objetos de cristal e bronze, bolsas e sapatos. Havia na loja duas mulheres, jovens, rigorosamente na moda. Conversavam.

“Estou procurando um vestido para minha mulher.”

“O senhor sabe o número dela?”

“Número?”

“O tamanho.”

“Ela é meio gordinha.”

As duas mulheres trocaram um olhar rápido. Gordinhas não compravam na Messina.

“O maior número que temos é quarenta e quatro.”

“Acho que é esse o número dela. Ou quarenta e quatro ou oitenta e oito.”

As duas moças riram.

“Vou apanhar uns modelos para o senhor ver.”

Fiquei só com uma das moças.

“Messina é o nome da dona da loja?”

“Messina não é nome de ninguém. Nome de nada. Assim como bleblanruge, mesbla, fanta.”

“Não é uma flor?”

“Nada.”

“Quer dizer que não existe a dona Messina.”

“A dona chama-se Laura. Laura Lins.”

A vendedora trouxe os modelos. Depois de olhar e mexer nas roupas eu disse que achava melhor voltar noutra ocasião, com minha mulher, para que ela própria escolhesse. Enquanto conversava com a moça, tinha a sensação de que havia alguma coisa importante, que não conseguia identificar, escapando da minha mente, algo despertado pela relação mitológica Cila-Messina.

Ao chegar em casa telefonei para Wexler.

“Está se escondendo e põe na loja o nome de Messina?”

“Talvez outra pessoa tivesse sugerido o nome”, disse Wexler. “Além do mais não se esqueça que ela mudou de identidade. Laura Lins, não é isso?”

“Acho que sim.”

Conversamos mais um pouco. Convidei Wexler para jantar, mas ele tinha um compromisso.

Sempre vivi cercado de mulheres. Quando conheci Berta Bronstein mantinha relações íntimas com várias mulheres. Duas (ou seriam três?) eram casadas e eu as via com menos frequência que às solteiras. Todo dia eu ia para a cama com uma delas. Mas a partir de Berta minha ginecomania começara a se reduzir, singularizando-se afinal na pessoa de Ada. Agora arrumando os livros de minha estante e tendo descoberto uma porção de livros de Berta — Millet, Friedan, Green, Dworkin, Steiner, Horter, Rich, autoras que Berta me obrigava a ler — senti saudades de uma companhia feminina permanente. Ada e eu havíamos decidido não morar juntos. Aquele era o dia em que Ada fazia a faxina do seu apartamento e ela ia cedo para a cama. Coloquei Elizabeth no colo, mas minhas preocupações etológicas, naquele momento, eram mínimas. Elizabeth emitira várias vezes um miado diferente cujo significado, em outras circunstâncias, eu procuraria descobrir. Mas coloquei-a no chão e cheguei mesmo a me irritar com Elizabeth e comigo, por ela ficar me seguindo, roçando-se em minhas pernas, dando pequenas mordidas carinhosas no meu calcanhar. Pensei nas pernas grossas e musculosas de Ada, no contorno posterior de seu corpo. Tomei banho e tentei ler. “Um dia de outono, escuro, silencioso, sombrio.

Nuvens baixas e opressoras.” Larguei o livro. Uma epígrafe: “Quem tem apenas um momento de vida não tem mais nada a dissimular”.

Telefonei para Raul.

“Está fazendo o quê?”

“Por quê?”

“Passa aqui. Deixo você contar suas piadas velhas.”

Raul chegou com uma garrafa de Periquita debaixo do braço.

“Tem lugar no Brasil em que periquita é xoxota. Por isso comprei este vinho para nós tomarmos.”

“J. M. da Fonseca. É um bom vinho português.”

“Esses galegos inventam cada nome”, disse Raul. “Você conhece aquela do português que foi ao médico e botou o pau pra fora pedindo para ser examinado?”

Abrimos o Periquita.

“Certos vinhos podem ser bebidos em grandes talagadas, fora das refeições, como um refresco inebriante. Este, porém, iria melhor com umas tripas à moda do Porto.”

Bebemos o vinho estalando a língua e emitindo outros sons não vocabulares.

“Encontrou o cassete?”, perguntei.

“Não”, disse Raul.

Apanhei na geladeira uma garrafa de Acácio, gelado. Raul me olhou com uma cara que me pareceu de carinho. Raul começava a ficar embriagado, o que o tornava alegre e generoso. Eu, quando bebia, me tornava soturno e agressivo.

“Vou te contar um segredo”, disse Raul. “O cara fez um P no rosto das mulheres. Um corte fino e limpo, uma linha contínua.”

“Fui eu que estrangulei as mulheres e fiz um P na testa delas.”

“Não foi estrangulamento, foi esganadura. No estrangulamento a constrição mecânica do pescoço se faz por um laço, na esganadura é executada pelas mãos. E o P não foi feito na testa, foi nas bochechas.”

“Nas bochechas.”

Começamos a rir da palavra “bochecha”, fortes gargalhadas que cessaram abruptamente.

“Que vinho é este que estamos tomando?”

“Já disse que é o Acácio.”

“Estou morrendo de sono.”

Quando Raul saiu acendi um Havana médio. Um videocassete. Poderia haver muitas histórias num videocassete.

Acordei com d. Josephina quebrando pratos na cozinha. Uma mulher jovem, robusta, casada com um sujeito cronicamente desempregado, um homem ciumento que ficava em casa arrumando as coisas e vendo televisão e que de vez em quando a espancava. Eu tinha vontade de mandar a empregada colocar uma dentadura às minhas custas, mas temia que isso viesse a perturbar sua felicidade conjugal.

Peguei o telefone.

“O senhor Mitry está?”

“Quem quer falar com ele?”

“O doutor Mandrake.”

“Doutor... o quê?”

“Mandrake.”

“Um momento, por favor.” Som de caixinha musical.

“O senhor Mitry não está.”

“A senhora pode anotar um recado?”

“Sim, pode dizer.”

“Informe ao senhor Mitry que a polícia tem o videocassete.”

“Como?”

“Vou ditar. A polícia tem o videocassete.”

“A polícia tem o videocassete.”

“Isso. Muito obrigado.”

No escritório, quando soube do telefonema, Wexler perguntou que resultado eu esperava daquilo.

“Não sei. Ele diz que corre perigo, mas não tem inimigos. Quero ver se ele se abre.”

“Berta Bronstein telefonou.”

“Pra mim?”

“Não, pra mim. Está disputando o campeonato brasileiro de xadrez feminino. Você sabia?”

Sabia. E havia decidido que assistiria à partida daquele dia. Além de jogar xadrez, eu e Berta, quando vivíamos juntos, gostávamos de ir ao cinema. Na última vez, antes do rompimento, havíamos ido ver um velho filme de Vincent Price, *A maldição da casa de Usher*, com esperança, talvez, de que a dupla Price-Poe salvasse nossa relação. Berta era uma mulher pálida, magra, alta, de olhos azuis e cabelos negros. Quando saímos do cinema, em casa, ela tentou fazer sua imitação de Vincent Price, modulando a voz e arregalando seus largos e expressivos olhos, mas não conseguiu, estava muito infeliz.

A partida principal, entre Berta que jogava com as pretas e sua oponente, uma mulher magra, miúda, de óculos sem aro, realizava-se num salão repleto de assistentes. Berta jogava com a concentração que havia me deixado tantas vezes exasperado, no tempo em que eu jogava um xadrez temerário e imprudente, porém sem jamais arriscar a dama. Era o que Berta estava fazendo naquele momento, perdendo a dama, aparentemente distraída, fazendo a sua adversária tremer de emoção ao mover sua peça. Mas era a cilada de Würtzberg. Assisti ao triunfo de Berta e depois aproximei-me, afastando com o corpo alguns fãs mais entusiasmados.

"Parabéns."

Berta me olhou surpresa, lutando contra a alegria que sentia ao verme. Havia sofrido muito e acreditava ser necessária uma desforra.

"Desafio você para uma partida", eu disse, "fico com as pretas, dou dois peões de vantagem e jogo com a mão direita amarrada atrás das costas."

"Você não tem graça, sabia?"

"Vamos tomar um cafezinho", eu disse.

"O que há com você? Magro e verde."

"Cansaço." Senti-me subitamente desanimado.

"Bebida", disse Berta.

"Agora estou bebendo menos. Ainda tenho o unicórnio que você me deu." Abri a camisa e mostrei o berloque de ouro. Berta fingiu desinteresse.

Tomamos o café em silêncio.

"Muitas namoradas?"

"Não, nada disso."

"Como é possível? O grande fornicador abandonado pelas mulheres?"

"É a pura verdade."

"Obrigada pelo cafezinho. Adeus."

Pedi outro café. Vou jogar fora as cartas dela, pensei. Uma tinha mais de vinte páginas e cada parágrafo começava assim: "Eu te amo". As mãos dela estavam frias quando havíamos ido para a cama, pela primeira vez. E na cama Berta começara a falar fininho, como uma criança mimada assustada. Fora criada com rigor, como uma idische meidale.

Mitry chegou ao escritório um pouco antes da hora que marcara pelo telefone. Vi logo que estava nervoso.

"Então a polícia está com o videocassete?"

"Está", eu disse.

"Preciso dele. Imediatamente."

"Estamos agindo."

“Quero já, já, está me ouvindo? Para isso estou lhe pagando.” A voz dele ficou aguda e desagradável.

“Você ainda não pagou nada.”

Mitry meteu a mão no bolso e tirou um talão de cheques. “Quanto é?, anda, diga logo. Estou perdendo a paciência.”

“Estou na dúvida.”

“Está na dúvida.” Voz em sustenido.

“Estou na dúvida se mando você à merda ou mando enfiar o talão de cheques no cu.”

Mitry me olhou surpreso. Colocou o talão de cheques no bolso.

“Por favor, procure entender a minha situação. Eu sou de uma família importante. Quando minha avó, dona Laurinda Lima Prado morreu, no princípio do ano, você precisava ver o cemitério.”

“Conta para mim.”

“O quê?”

“Como é que estava o cemitério.”

“Ah! Bem, lá estavam as pessoas mais importantes do governo, do empresariado, da intelectualidade. E os ramos destacados da família: o paulista, o carioca, o francês—”

“O hemofílico.”

“Também.” Mitry sorriu. Ele não queria brigar comigo. Ele queria o videocassete. Reassumiu sua estudada atitude de enfado. “Meu pai era um conde francês. Morreu afogado em Angra. Vovó Laurinda foi musa e patronnesse da Semana de 22. Uma mulher extraordinária.”

“O sujeito que matou as mulheres escreveu um P nas bochechas delas.”

“Escreveu um pê? Por que não um dáblio?” Outro sorriso.

“Escreveu um P. Talvez com o mesmo significado.”

“Não quero pressioná-lo, mas gostaria de ter uma previsão sua quanto ao videocassete. Com dinheiro tudo se consegue neste país, não é verdade?”

“Nem sempre.”

“Espero que este caso não seja uma dessas exceções.”

“Você não sabe mesmo o que está gravado no videocassete?”

“Não sei. Realmente não sei. Pertence a outra pessoa. Já lhe disse. Por isso é que preciso tê-lo de volta. Para devolvê-lo. E não regateie. Pague o que pedirem, seja o que for. Aliás, não deve ser muito. Os que se vendem, se vendem por pouco, é a minha experiência.”

“Nem sempre.”

Mitry me olhou desconfiado.

“Você já está com o cassete?” Essa pergunta era muito importante, como vim a saber depois, muito mais tarde.

“Não.”

“Ele não tem interesse para você.” A voz de Mitry estava tensa. Passou a mastigar mais depressa. Pequenas gotas de suor surgiram na sua fronte.

“Não está comigo. Tão logo o tenha, telefono para você.”

Depois que contei a entrevista com Mitry, meu sócio iniciou uma série de pesquisas misteriosas no foro. Afinal Wexler me disse o que descobrira.

“Vi o inventário de dona Laurinda Lima Prado. Na Segunda Vara.”

“Nós não somos detetives”, eu disse, mas Wexler não se importou com a gozação.

“A velha não tinha um tostão. Que tal? A velha nunca teve nada. O pai dela, o conselheiro Barros Lima só lhe deixou dívidas.”

“Você é um gênio. Mas, e daí?”

“Dona Laurinda casou com um milionário paulista chamado Priscilio Prado. O sujeito faliu e deu um tiro na cabeça.”

Acendi um Havana Supremo.

Wexler fez alguns quadradinhos numa folha de papel.

“Aqui temos Barros Lima, casado com dona Vicentina. Nascem-lhes duas filhas, Laurinda e Maria do Socorro. As casas de dona Laurinda eram os salões mais elegantes do Rio e de São Paulo. Não havia escritor, músico, pintor, político famoso, grande industrial ou fazendeiro que não frequentasse, ou desejasse frequentar, a casa de dona Laurinda, a grande patronnesse que financiou a montagem das óperas de Carlos Gomes, financiou revistas literárias, movimentos de vanguarda. Ajudou a trazer ao Brasil Serge Lifar, o Balé Russo, o maestro Toscanini.”

“Quem te contou tudo isso?”

“Dona Miloca. Lembra-se de dona Miloca?”

“Não.”

“Um dia a cidade de São Paulo, estarrecida, soube que Priscilio Prado havia dado um tiro na cabeça. Dizem que dona Laurinda levava os protegidos para a cama enquanto o marido jogava pôquer no Automóvel Clube. Tiveram três filhos.” Mais três quadradinhos de papel. “Este aqui é o Fernando Lima Prado, que casou-se com uma senhora cujo nome não anotei. Esta é Maria Augusta Lima Prado, que casou com um conde, ou talvez falso conde francês, chamado Bernard Mitry, que pensava que ela era rica.” Mais dois quadradinhos. “Fernando e a senhora tiveram um filho único. É o Thales Lima Prado, primo de Mitry, o nosso Mitry, filho de Maria Augusta e Bernard.”

“Fim do romance.”

“Não. A melhor parte vem agora. O pai de Roberto Mitry, o falso conde, abandonou a mulher e o filho pequeno e voltou para a França. Fernando, pai de Thales, matou-se. Ou seja, o pai e o avô fizeram a mesma coisa.”

“Onde você quer chegar com essa história toda?”

“Que Mitry não herdou o dinheiro que tem. Procura fazer crer que nasceu rico. Por quê? As pessoas preferem orgulhar-se do contrário. De repente fez-se uma luz na minha cabeça. Tenho uma teoria sobre tudo isto. Mitry estrangulou as mulheres. Cila escapou, mas sabe de tudo.”

“E por que Mitry nos procurou abrindo o jogo?”

“Quer o videocassete. Sabe que conhecemos a turma da Homicídios e será fácil comprar o material e tirar o nome dele do mapa.”

“O que será que o videocassete contém?”

“Não sei.”

“E por que estrangulou a Carlota?”

“Ele não sabe onde a Cila está. Por isso é que ainda não acabou com ela. Elas eram amigas. Há um nexo aí, que tem de ser descoberto.”

Fiquei algum tempo fumando, pensando nas palavras de Wexler. Alguma coisa não se encaixava direito, mas eu não sabia o que era. Mas não custava nada seguir o palpite do meu sócio.

“Um bom advogado”, dizia Wexler, “tem que ter boa cabeça e boas pernas.”

Pegamos um táxi na Cinelândia e descemos na Vinícius de Moraes, esquina da Visconde de Pirajá.

Só havia uma vendedora na loja. “Boa tarde. Lembra-se de mim?”

A moça fez cara de dúvida. Com um gesto, eu disse: “Este aqui é o doutor Vrosmer, meu colega da Secretaria da Fazenda. Viemos examinar os livros.”

“Livros?” A burocracia não era com ela.

“Isso mesmo. Os livros.”

“A dona não está.”

“Ela vem trabalhar a que horas?”

“Não sei. Há três dias que não aparece.”

Consegui apenas mais outra informação: d. Laura morava em algum lugar da rua General Urquiza, no Leblon.

“Como é mesmo o meu nome?”, disse Wexler, já na rua.

“Vrosmer. Grosmer, Krosmer, um nome difícil de aprender e verificar. Cila, de sua caverna no estreito de Messina, não terá condições de descobrir se somos ou não da Fazenda, doutor Prosmer.”

De casa liguei para Felipão, um detetive particular que morava no Bairro de Fátima. “O nome dela é Cila Oswalda, foi prostituta, falsa massagista, agora é dona da butique Messina na Vinicius de Moraes. Usa o nome de Laura. Oxigenou os cabelos. Mora na rua General Urquiza, no Leblon. Quero que você descubra o endereço.”

“Não tem problema”, disse Felipão.

Eu estava olhando a praça Floriano da janela do escritório quando Felipão ligou. Era cedo e os frequentadores da praça ainda não haviam saído das suas tocas, os meninos vendedores de amendoim, os engraxates, os assaltantes, o sujeito que comia caco de vidro, o acrobata negro desdentado, o velho mágico de roupa preta.

“Descobri a dona. General Urquiza, quarenta e dois. Quadríssima da praia. Cobertura. Prédio novo. Laura Lins. Mas não está em casa. O porteiro acha que está viajando, mas a empregada diz que saiu de folga no sábado à tarde e a patroa não falou em viagem nenhuma. A área de serviço fica isolada da parte social por uma porta. Esta porta está trancada e dona Laura, quando viaja, a deixa sempre aberta, para a empregada dar comida aos peixes. O aquário fica na sala. O placar é esse. Mais alguma coisa?”

“Como é o nome da empregada?”

“Maria de Fátima. Fafá. É paraibana. Disse a ela que estava trabalhando para um advogado e dei o teu nome.”

“Muito bem, Felipão. Manda a fatura.”

Peguei um táxi na Cinelândia, afrouxei o laço da gravata, acendi um Havana médio. Laura Lins — ela inventara um nome musical. Imaginei como ela seria, uma pele macia sobre uma carne dura e morna, e senti um princípio de ereção. Pior do que uma doença.

O porteiro do prédio na General Urquiza, por trás da porta de vidro inquebrável, pegou um telefone e fez sinal para eu apanhar o telefone que estava do lado de fora e perguntou com qual dos moradores queria falar. Através do vidro vi um sofá com duas poltronas, uma enorme tapeçaria colorida na parede e uma mesa com equipamento de comunicação interna.

“Dona Laura Lins.”

“Ela está viajando.”

“Queria então falar com a empregada dela. Sou advogado.”

“Um momento.” O porteiro cortou a ligação. Apertou uns botões no aparelho à sua frente e falou ao telefone. Retomou a comunicação e disse-me que fosse esperar na porta de serviço, ao lado, próximo da entrada da garagem. Na entrada da garagem havia um outro porteiro, tão mal-encarado quanto o

primeiro. “Ela já vem”, disse o sujeito. O portão da garagem abriu verticalmente, girando sobre um eixo, deixando passar uma limusine; no banco de trás um homem de meia-idade lia um jornal. Um vigia, do lado de dentro, me encarou, desconfiado, enquanto acionava um botão fechando a porta. Pouco depois Fafá apareceu, saindo por uma porta menor inserida no portão. Era baixa, morena, jovem e parecia preocupada.

“O senhor quer falar comigo?”

“Não sei se o meu auxiliar falou com você, mas os fiscais do governo multaram a loja de dona Laura e eu tenho que falar com ela para saber o que devo fazer. É multa grande, entendeu?”

Fafá, que não entendera coisa alguma, fez um sinal afirmativo com a cabeça.

“Você sabe onde ela está?”

“Não, não tenho ideia. Estou muito preocupada, os peixinhos já devem ter morrido.” Olhou para os lados, diminuiu a voz. “Esta noite eu tive um sonho.”

“Um sonho?”

“De noite dona Laura fecha sempre a porta que dá para a copa, mas logo que acorda ela me deixa entrar. Quando viaja, sempre me avisa, deixa uma lista de coisas para fazer, dar comida pros peixes, aguar as plantas, abrir as janelas para as plantas respirarem, trancar bem as portas, não falar com estranhos.” Calou-se, ao dizer isso.

“Eu não sou um estranho. Sou o advogado dela. Qual foi o sonho?”, perguntei afável.

“Sonhei que dona Laura estava morta no quarto dela. Bobagem.”

“Morta? Muito sonho é verdadeiro. Talvez fosse bom a gente falar com um amigo, ou amiga dela.”

“Ela não tem amigos. Nem parentes nem amigos, é sozinha no mundo.”

“Bem, você volta para o apartamento. Acho que tenho que ir à polícia, entendeu?”

Deixando a moça assustada liguei para Wexler de um orelhão ao lado do Marina Hotel, na rua Bartolomeu Mitre. O delegado da jurisdição do Leblon era um tal de Licurgo, que havia cursado a faculdade com Wexler.

“Localiza o Licurgo e diz que eu estou indo vê-lo agora”, pedi ao Wexler.

A delegacia ficava na rua Afrânio de Melo Franco, e fui andando até lá. Licurgo já me esperava. Wexler era muito respeitado por policiais, escrivães, promotores, juízes.

“E por que você acha que sua cliente está morta?”

“Tem peixinhos num aquário e não os deixaria morrer de fome.”

“E você acha isso motivo suficiente para arrombarmos o apartamento dela?”

“Acho.”

“Um policial é uma mistura de cientista, psicólogo e artista”, disse Licurgo, lançando sobre mim um longo olhar que significava “Não tente me enganar, eu sou isto tudo. Tudo. Tudo”.

“Acredito”, eu disse, escondendo minha irritação. O único policial com quem eu discutia era Raul. O sujeito, para ser policial, tinha que ser um pouco, se não muito, louco. Também não discutia com dentistas e funcionários públicos atrás de guichês, por outros motivos.

“Você veio aqui com uma conjectura, e o que é uma conjectura?”

“Uma presciência artística”, eu disse.

“Você não está me gozando, está?” Licurgo, depois de uma pausa. “Seria um erro.”

“Claro. Como seria um erro não arrombarmos logo aquela porta.”

Novamente Licurgo me fitou. Levantou-se inopinadamente.

“Vamos lá.”

Um detetive portando um torquês nos acompanhou, junto com um agora atencioso porteiro, até a porta da frente do apartamento de Laura Lins.

“É uma sopa.” O detetive aplicou as mandíbulas do torquês no cilindro da fechadura, arrancando-o. “Agora é só puxar a lingueta e pronto. Gastam uma fortuna nestes apartamentos e põem uma fechadura de merda. Depois levam susto quando os ladrões entram.”

“Você espera lá embaixo”, ordenou Licurgo ao porteiro.

Atravessamos a porta, entramos num vestíbulo. Um ponto de luz, no teto, iluminava um quadro em frente à porta. Senti um leve odor, como se fosse a camada superficial de uma fragrância mais espessa e envolvente. A luz do dia entrava na sala, filtrada pelos vidros esfumaçados das janelas de esquadrias de alumínio. A sala fora montada por um decorador profissional. Móveis, quadros, luminárias, tapetes criavam um ambiente de luxo moderno que logo estaria obsoleto, quando surgisse a nova moda. “Passatempo de arrivistas em país subdesenvolvido”, eu disse. “O quê?”, perguntou Licurgo, em voz baixa. “Decoração”, sussurrei de volta. Num aquário de cerca de dois metros, peixinhos coloridos boiavam mortos; um peixe negro de listras prateadas, maior do que os outros, o único vivo, nadava lépido atrás do vidro. O aquário estava próximo da janela, no salão em forma de L. Uma porta aberta mostrava uma copa de paredes cobertas de azulejos coloridos; atravessamos a outra porta para uma saleta íntima, onde havia um sofá, duas poltronas, uma enorme televisão ligada, mas

sem som, e uma mesinha com revistas — *Amiga*, *Status*, *Tio Patinhas*. A saleta dava para um banheiro, um quarto e um corredor. O quarto tinha apenas uma cama de casal e parecia não ser usado permanentemente. Licurgo e o detetive andavam pela sala com cuidado, como se houvesse no chão indícios delicados que pudessem ser destruídos pelos seus pés. Inconscientemente adotei a mesma maneira de andar. Licurgo e o detetive trocavam olhares, em silêncio. Da sala íntima entramos por um corredor com as paredes cobertas de reproduções de pintura erótica japonesa, no fim do qual havia a porta de um quarto. O odor agora estava ficando intolerável e logo vimos a causa. O corpo inchado de uma mulher estava caído sobre a cama; o rosto intumescido parecia o de uma boneca grotesca com a língua projetada entre os dentes, numa careta. Durante algum tempo ficamos contemplando o cadáver. A cama estava desarrumada. O abajur de uma das mesinhas caíra no chão. As portas de um grande armário embutido, que ocupava toda a parede, estavam abertas. Via-se uma profusão de roupas, sapatos, cintos, bolsas, lenços, arrumados em cabides e armações, numa combinação viva de cores e formas. De dentro do armário saía um suave odor de roupas finas, couros, de coisas novas e limpas contrastando com o odor nauseabundo que vinha da cama.

“Ia ter que viver muitos anos para poder usar toda essa roupa”, disse o detetive. “Minha mulher, se visse esse armário, morreria de inveja.”

Senti vontade de vomitar.

“Não mexam em nada”, disse Licurgo, “vou querer uma perícia muito caprichada.”

Licurgo me puxou pelo braço e saímos do quarto, seguidos pelo detetive, a quem o delegado mandou telefonar da portaria para a perícia, pois podia haver impressões digitais no telefone do apartamento. Na sala sentei-me, com Licurgo, num sofá.

“Você não está escondendo nada de mim, está?”, perguntou o delegado.

“Posso pegar uma panela na cozinha?”, perguntei.

“Pra que diabo você quer uma panela?”

“Para tirar os peixes mortos do aquário.”

“Não, não pode mexer em nada. Você está aqui de penetra.”

“Espera aí, Licurgo, fui eu quem descobriu o crime.”

“E daí? Só criou problemas para mim.”

“Vê este peixe negro? Resistiu um longo tempo e talvez só aguente mais alguns minutos. Quero tirar os peixes mortos e dar um pouco de comida para ele.”

“Os peixes mortos ficam. Vou mandar examiná-los.”

“Eles não foram assassinados.”

“Você está começando a me chatear.”

“Quero apenas salvar o peixinho.”

Licurgo achou na cozinha o vidro com o rótulo Hipromin — Staple Flake Food for Tropical Fish — e ele mesmo pulverizou a superfície da água do aquário com o pó levemente granulado que estava dentro do vidro. O peixe comeu dando investidas curtas e bocadas sôfregas.

“Uma mulher morta e nós preocupados com uma merda de um peixinho. Ainda por cima peixe dá azar.” Licurgo olhou a panela cheia de peixes mortos.

“Tudo dá azar”, eu disse. “Vamos sair daqui, não aguento esse cheiro.”

Na portaria Licurgo interrogou o porteiro. “Dona Laura recebia visitas?”

“Apenas duas pessoas. Uma moça e um senhor. Às vezes ficavam semanas sem aparecer.”

“Eles vinham juntos?”

“Que eu me lembre não.”

O porteiro não conseguiu descrever os visitantes. O senhor não era nem velho nem moço, estatura mediana.

“Magro?”

“Nem magro nem gordo.”

“E a moça?”

A moça era a mesma coisa. Nem isso nem aquilo.

“As pessoas não sabem observar”, disse Licurgo sem se importar com o porteiro, que ouvia o que ele dizia, “não veem o mundo em volta, são verdadeiros zumbis. Não existem duas pessoas iguais, não existem dois narizes iguais no mundo, mas você pensa que as testemunhas percebem? É duro ser polícia.”

Os homens da perícia demoraram. O porteiro subiu com eles e Licurgo. Ao sair constatei que a porta de vidro estava trancada. Minha primeira reação foi tocar com impaciência o botão do elevador. Depois examinei o lugar em que estava. Atrás da parede de mármore havia uma série de escaninhos com os números dos apartamentos. No escaninho C-01 havia uma carta que coloquei no bolso.

Quando o porteiro chegou, eu disse, “o senhor me deixou trancado aqui”.

“Desculpe”, disse o porteiro secamente, “só me lembrei disso quando cheguei lá em cima.”

Ao chegar ao escritório, tranquei-me com Wexler na sua sala e abri a carta.

5

“Laura, meu amor. Não creio que nossas relações estejam esfriando como você disse. Esta semana foi terrível, você tem que compreender. Bebel ficou doente e quando isso acontece ela se agarra a mim, não me deixa ir a lugar algum e o pai dela, você sabe que é um imprestável, só pensa em duas coisas, política e dinheiro. Eu te amo, amo como no primeiro dia, com a mesma devoção. Estou com saudade do teu corpo, quero te beijar, quero ouvir tua voz, quero saber como vai a loja, quero ficar perto de você, quero fazer para você aquele bobó de camarão que você gosta, quero deitar perto de você, bem juntinho e dizer no teu ouvido que te amo. Teu telefone está com defeito novamente. Liguei ontem e hoje o dia inteiro e ninguém atendeu. Logo que Bebel ficar boa vou aí te fazer todos os carinhos do mundo. Podemos ir dançar no L., que tal? Tua Rosinha.” Atrás, no envelope, o nome e o endereço: Rosa Leitão. Avenida Sernambetiba.

Wexler ouviu a leitura sem dizer uma palavra. Depois:

“O bissexualismo das prostitutas. A carta foi colocada no correio da Barra da Tijuca. A letra é de uma pessoa de razoável escolaridade. O estilo é o idiota açucarado dos namorados.”

Lembrei-me da minha primeira namorada, vizinha do sobrado em que eu morava na rua Evaristo da Veiga, quase esquina da Treze de Maio — da sacada eu cuspia na cabeça das pessoas que iam enfarpeladas ao Teatro Municipal —, uma menina alta, morena, de abundantes cabelos anelados que cobriam sua cabeça como uma pirâmide de fios crespos de cipó negro que desciam até os ombros fazendo-a parecer uma bela árvore frondosa. Tínhamos treze anos. Eu passava a noite acordado pensando nela. Comecei cedo a amar as mulheres.

“Quer que eu fale com o Raul sobre essa Rosa?”

“Fala. Eu vou ter que ir depor.”

Licurgo não estava. Apenas o escrivão tomou meu depoimento.

“Que o depoente fora procurado por Oswalda de Souza, que se dizia chamar Laura Lins, para patrocinar uma ação judicial ligada às atividades comerciais da vítima, que alegara ter sido multada indevidamente por fiscais da Fazenda Estadual; que o depoente, todavia, não encontrara o registro de

nenhuma ação executiva fiscal contra sua cliente; que ao ir à residência de sua cliente, com quem marcara uma entrevista, suspeitou que alguma anormalidade acontecera, comunicando-se com a polícia; que, em companhia do delegado Licurgo e de um detetive cujo nome não recorda, entrou no apartamento da vítima encontrando-a morta; que não tem conhecimento de qualquer informação que possa ajudar a elucidar o fato; e nada mais disse nem lhe foi perguntado."

No fim do dia Wexler me convidou para jantar. "Vai ter um baile aqui em frente, na praça."

"Meu carnê já está completo. E além do mais não danço com advogados carecas."

Fomos jantar no Cosmopolita, na Visconde de Maranguape com travessa do Mosqueira. Pedimos uma garrafa de Terras Altas, mesmo antes de saber o que íamos comer.

"Estou ficando sobrecarregado", disse Wexler. "Esta semana entraram quatro clientes novos e você nem quis tomar conhecimento. Você acha justo?"

"Não."

"Você parece um obcecado, um doido, só pensa no caso das massagistas. Ou em alguma mulher? Lilibeth?"

Ficamos em silêncio. O vinho começou a fazer efeito.

"Está bem. Faz o que você quiser", disse Wexler.

Um casal entrou no restaurante e a mulher sentou-se de frente para mim. Enfiou a mão na nuca e afastou os cabelos num gesto sensual, liberando o calor que irradiava de dentro do seu corpo. Era uma mulher bonita, porém logo perdi o interesse por ela.

Ainda não eram oito horas da manhã e Raul, sem a menor cerimônia — ele fora introduzido por d. Josephina —, sentou-se na beira da cama onde eu lia, deitado.

"Não confio em quem tem cachorro. Já viu como eles tratam seus animais submissos e lambões dando-lhes ordens e ensinando-lhes truques sádicos? Dá vontade de vomitar."

"E você veio à minha casa e senta na beira da minha cama para me expor esta catilinária anticanina?"

"Não. Rosa sumiu."

"Quem é Rosa?"

"A namorada de Laura Lins. Logo que o Wexler falou comigo eu me pus em campo. Ela desapareceu há vários dias. O assunto está sendo investigado sigilosamente pela polícia. Ela deixou em casa todas as joias, com exceção do Cartier de ouro sólido que nunca tira do pulso. O Mercedes esporte está na

garagem. A casa está tratando do assunto assim: o diretor geral avocou as investigações para o seu gabinete. Eles me chamaram para saber o que eu fora fazer no apartamento do doutor Leitão.”

“Você esteve lá?”

“Estive. Na avenida Sernambetiba. Ele, o marido, não me recebeu, mas telefonou para o secretário de Segurança, de quem é amigo. Eu disse no gabinete que havia a possibilidade do desaparecimento de Rosa ter ligação com o assassinato de Cila. Eles, do gabinete, disseram para eu não me meter no assunto, por enquanto, mas esse por enquanto parece ser sempre. Me chutaram para córner. Mas comigo eles se fodem. Lembra da carta que você surrupiou — vamos dançar na L.? sabe o que é L.?”

“Diga logo”, eu disse, levantando-me e indo escovar os dentes no banheiro. Raul foi atrás.

“Quando um brasileiro mija todos mijam”, disse Raul. Ele e eu urinamos simultaneamente, evitando um olhar para o pênis do outro.

“L de Lesbos, a boate dos sapatões.”

“Você checou se o Mitry era o homem que frequentava o apartamento de Cila?”

“Não era. Mostrei ao porteiro a foto e ele garante que não é. Outra coisa: Mitry está de viagem marcada para a Europa e os Estados Unidos. Temos uma informante na Mitry Participações e Empreendimentos. Mas voltando à boate Lesbos: você precisa ir lá comigo. Você pensa que ela é forrada de vermelho, com espelhos e bolas giratórias de cristal cintilando sob fachos de luz fulgurante? Nada disso. É decorada em tons suaves de bege e amarelo e as pessoas dançam abraçadas umas com as outras, como antigamente, e se beijam na boca ao som de adágios barrocos. Confesso que achei bonito.”

Lembrei-me de Ada e da principal fantasia sexual dela, beijar uma mulher na boca e nos seios.

“E na Lesbos sabem que Rosa é mulher de Gonzaga Leitão, presidente da Associação Brasileira de Comércio e Exportação, deputado federal et cetera?”

“Sabem. Mas não há problema. A Lesbos é um clube privée frequentado pela melhor sociedade do Rio.”

“Adágios clássicos.”

“Albinoni. Tam, tararam, tam, tam. Dá vontade de abraçar uma mulher daquelas e deixar o corpo balançar docemente. Dizem que as lésbicas são ótimas mulheres. Você, que já comeu cinco mil mulheres, podia me esclarecer se isso é verdade.”

“E lá na Lesbos, havia homens?”

“Poucos. Suaves, fidalgos.”

“E você com essa roupa de tira não causou alvoroço?”

“Eu estava vestido de garçom. O dono, Nariz de Ferro, me deve favores.”

Foi a primeira vez em que ouvi falar de José Zakkai, o Nariz de Ferro.

Raul fora visitar o Nariz de Ferro e este o recebera atrás de uma enorme mesa num dos andares que ocupava no centro da cidade. “Está subindo na vida, hein Nariz?”, dissera Raul. O outro respondera: “Há que saber quanta grana jogar no caldeirão. A cada segundo nasce um otário, como disse Platão, meu filósofo favorito. Pacóvios nascem em berço de ouro ou na merda, sem discriminação”.

“Ele conhece todas as tranquibérnias que ocorrem no alto e no baixo mundo”, disse Raul. Pedi a ele que levantasse a ficha de Mitry para mim. Respondeu que ia pensar, como se soubesse alguma coisa. O Nariz de Ferro.

“Duas prostitutas mortas. Uma ex-prostituta dona de butique também morta. Uma mulher desaparecida. Não é coisa para interessar o mundo por muito tempo”, eu disse, pegando no telefone. “Graham Bell não chega a ser um gênio tão importante quanto a mulher que inventou o ensopadinho de vagem, mas o telefone é — alô, dona Rosa Leitão está? Não? Quem está falando? A filha dela? Aqui é o advogado L. Wexler, sim, como o fotógrafo. Esse mesmo. *Quem tem medo de Virgínia Woolf?* Eu tenho um assunto importante a tratar com ela, muito importante, por favor diga a ela para ligar para mim.”

“Prefiro ensopadinho de repolho”, disse Raul.

“Garota esperta a filha da Rosa Leitão. *Black and white* é mais difícil. Filme mais antigo.”

Fui uma criança e um adolescente calado e introvertido, porém feliz e confiante, que gostava de ficar lendo num canto, isolado. Quando decidi que entraria para a faculdade de Direito, parentes e amigos acharam minha decisão absurda, ninguém podia me imaginar fazendo réplicas e tréplicas no tribunal do júri ou mesmo discutindo um simples acordo com um ex-adversus. Na faculdade fui excelente em algumas matérias, como Introdução à Ciência do Direito, Medicina Legal, Direito Penal e Processo Penal, terminando o curso como o segundo de minha turma. Nessa época, tomando contato pela primeira vez com os filósofos do Direito e os grandes mestres do Direito Criminal, acreditava que era aquilo que desejava estudar a vida inteira. Assim como eu, frustrando as expectativas dos outros, me tornei primeiro um bom estudante e depois um bom advogado, também ninguém esperava que me tornasse um tão ávido fornicador de mulheres. Como isso pudera acontecer com o menino que ouvia arrebatado as palavras inspiradoras do professor padre Lepinski contra o pecado da libido? O padre (que também era vegetariano, como os seguidores de Mani) pregava a

castidade, o ascetismo com todas as suas opressivas abstinências. “Bom seria a um homem não tocar mulher alguma”, citava Lepinski o são Paulo da *Epístola aos coríntios.* O casamento era aceito por ser (ainda são Paulo) “uma forma de cada um evitar a luxúria”. “Mas, mas, mas—” e essa adversativa dita com sotaque polonês, crescendo de intensidade como chicotadas em um condenado, sempre antecedia uma revelação terrível — “mas, mesmo no casamento, a relação sexual é pecaminosa.” (Santo Agostinho, quem diria?) “A mulher levava o homem ao pecado”, explicava Lepinski, “não foi assim desde Eva, a tentadora, agressiva e sensual raiz de todo o Mal?” “Toda mulher devia corar ao refletir que é uma mulher”, bradava o padre com desgosto, citando seu teólogo favorito, Clemente de Alexandria. A concupiscência havia destruído Sodoma, Gomorra, Egito, Grécia, Roma e os Estados Unidos. Mas, apesar de o mundo querer impedir que isso acontecesse, as pessoas mudavam e não mudavam mais porque eram reprimidas, os que mudavam eram amedrontados com a acusação de desleais, incoerentes, traidores, eu sabia disso e não ia deixar que os outros me dissessem o que devia ser e fazer. Agora não gostava mais do Direito (outra mudança) nem minha maior alegria era levar uma mulher para a cama. Quanto tempo isso duraria? Não me tornara, tinha certeza, uma pessoa moralmente melhor do que na época em que mantinha, alternadamente, a cópula fornicatória com oito mulheres. Continuava gostando das mulheres, talvez até mais, mas estava mudado.

Encontrei Wexler na janela do escritório. Chovera na véspera; através do ar limpo apareciam, luminosas, as árvores do parque do Flamengo, o mar azul-escuro da baía e o chafariz colocado no espaço aberto com a demolição do Palácio Monroe, onde funcionara o Senado Federal quando o Rio era a capital do país. Olhando para a esquerda contemplei a massa de edifícios dos dois lados da avenida Rio Branco, formando um longo cânion de concreto.

“Como vão as coisas?”, perguntei.

Havia muitas coisas a fazer, clientes para atender, petições e alegações a serem redigidas, defesas no tribunal do júri.

Como se lesse no rosto de Wexler o que se passava em sua mente eu disse: “Você tem sido um grande amigo, um irmão. Carrega o escritório nas costas, como um bom judeu, trabalhador e honesto”.

“Hum”, respondeu Wexler.

“Você é o meu melhor amigo.”

“Você não tem amigos. Plural. Sou o único.”

“Figenbaum era meu amigo.”

“Figenbaum morreu.”

“Uns náufragos perdidos no oceano punham água salgada nos lábios gretados com a esperança de aplacar a febre que os consumia, mas isso servia apenas para aumentar-lhes a sede de tal forma que eles eram compelidos a procurar alívio bebendo a própria urina.”

“Sim?”

Um sonho. Haviam sido sorteados quem devia matar e quem devia morrer para ser comido pelos outros.

“Entrei no sorteio. Sabe o que saiu para mim?”, continuei.

Nesse momento ouvimos um pigarro às nossas costas.

“A porta estava aberta”, disse a moça em pé, no meio da sala. Era uma jovem, de pernas grossas, baixinha, rosto redondo, parecendo um bebê grande esperto. Carregava uma bolsa larga, que mais parecia uma mala.

“A porta estava aberta”, repetiu.

“Está procurando alguém?”, perguntou Wexler.

“Meu nome é Bebel Leitão. Maria Isabel Marques da Costa Leitão.”

A moça estava nervosa e falava com voz quase inaudível.

“Sou filha de Rosa Leitão. Um doutor Wexler telefonou lá para casa deixando recado para a mamãe.”

“Sente-se, por favor”, eu disse, prevenindo o sócio com um olhar. “Ele é o doutor Wexler.”

Bebel Leitão, com os dedos trêmulos, tirou de dentro da bolsa um maço de cigarros. Vasculhou a bolsa enquanto afastava o cabelo que lhe caía repetidamente sobre o rosto. “Alguém tem fósforo?” Parecia desamparada.

Wexler acendeu o cigarro da moça, que deu uma tragada funda.

“Você se incomoda que eu fume um charuto?”

“Um charuto? Se eu me incomodo? Por que é que eu me incomodaria?”

Acendi um Panatela pequeno, escuro. Eu não encontrava mais o Pimentel número dois nos botequins, o único que gostava de fumar de estômago vazio.

Esperamos.

Bebel fungou e pigarreou, acendendo um cigarro no outro. Estava prestes a chorar. Wexler pegou-a pelo braço e levou-a até à janela.

“Você já viu dia mais bonito? Só no Rio existem dias assim. Está vendo aquele chafariz no fim da praça? Veio da França, inteirinho, no século passado.”

Bebel fungou, desinteressada.

“O homem da polícia disse que todo dia some um montão de gente que nunca mais aparece. O que é que o senhor queria com mamãe?”

“Bem, na verdade sua mãe não é nossa cliente. Uma mulher, amiga de sua mãe, foi assassinada e talvez ela saiba de alguma coisa”, eu disse.

“Minha mãe sumiu”, disse Bebel.

Esperamos.

Da janela via-se, ao longe, o bondinho subindo da Urca para o Pão de Açúcar. Começava a se formar uma fila no cinema Odeon para ver *Orgia de tarados — Um filme genuinamente pornográfico*.

"Acho que sei onde está minha mãe", disse Bebel, afinal. "Encontrei as cartas que aquela mulher escrevia para ela. Rasguei tudo e joguei no lixo."

O bondinho desapareceu no abrigo do morro da Urca.

"Aquela mulher tinha um sítio em Itaipava. Minha mãe está lá. Se escondendo. A mamãe não é a pessoa que finge ser. Se escondendo do papai, de mim."

"Que lugar de Itaipava?"

"Estrada das Arcas. Não sei o número, nunca fui lá, nem sei como é a casa. Li numa das cartas a referência ao sítio."

Eu conhecia a região. A estrada das Arcas era longa, sem saber o número seria difícil encontrar a casa. A carta que Bebel destruíra falava em banho nua na piscina, abraços ardentes ante o fogo da lareira, mas a moça teve vergonha de dizer isso, apenas mencionou a piscina e a lareira. Todas as casas, ou quase todas, daquele lugar tinham piscina, lareira e outros confortos.

"Vocês leram *Retrato de um casamento?"*

"Fazemos parte dos C. A., Celibatários Anônimos."

Bebel fez uma cara que significava que a gracinha de Wexler causara um efeito contrário ao que ele pretendia.

"Um de vocês podia me levar, ah, ir comigo lá de carro."

"Quantos anos você tem?", perguntei. Notei o olhar suspicaz de Wexler: o que será que Mandrake quer dizer com isso? O sócio sátiro. Mas eu queria apenas saber se Bebel tinha carteira de motorista.

"Tenho, tudo direitinho." Dezoito anos, dirigia desde os catorze.

"Vamos perder o dia inteiro nisso." Wexler. Sua voz passou a ter a mistura de tolice e indulgência que os adultos usam quando falam com crianças. "Nós", olhando para mim, "temos muito que fazer aqui. Muito trabalho."

"O quê?" Bebel parecia não entender o que Wexler dizia.

"Clientes", eu disse. "Quando você chegou meu sócio estava dizendo que nossos clientes precisam de mais atenção."

"Eu não sou um caso do escritório?", perguntou Bebel.

"Não. Se a sua mãe não quer ver ninguém, como você mesma disse, por que você não a deixa em paz?", disse Wexler.

"São dezenas de casas, na estrada das Arcas", eu disse. O lábio inferior de Bebel projetou-se para a frente, fungou, duas ou três vezes, mas não chorou.

"Eu pago, eu contrato vocês." Bebel, a voz baixa.

“Ela paga, Wexler.” Começamos a rir discretamente. “Ai, ai”, murmurou Wexler, balançando a cabeça, da maneira que os judeus fazem quando se conformam com alguma desgraça.

O carro de Bebel estava na garagem Menezes Cortes. Caminhamos pelo lado ímpar da avenida Rio Branco até a rua São José. Ao passarmos no MacDonalds, Bebel disse que estava com fome. Depois de comer um cheeseburger com coca-cola: “Dá para comer uma batata frita?”.

Foi comendo as batatas fritas pelo caminho. O carro, um Fiat pequeno, estava no quarto andar da garagem vazia. Parecendo sentir medo, Bebel se aproximou de mim, o braço e a ilharga roçando-me o corpo.

Bebel era uma boa motorista, admiti logo. As mulheres dirigiam melhor do que os homens. Quando chegamos à avenida Brasil ela colocou uma fita de música de discoteca no cassete do carro. “Estou sem cigarros”, disse. Paramos num botequim, saltei e comprei dois maços de Hollywood. “Estou fumando muito, você acha que vou acabar tendo um câncer?”

“Acho.”

“Mas ainda demora, não é?”

“Talvez.”

“Não me incomodo. Não quero passar dos trinta anos. Os velhos são horríveis. Quero morrer moça.”

Eu já tinha ouvido histórias como aquela, antes, muitas vezes. “Esses que dizem isso, ao chegar aos setenta anos estão agarrados à vida como sanguessugas. Como você é cuidadosa, dirigindo, e não deve morrer de um acidente, é quase certo que morrerá de um belo câncer.”

“Me mato antes.”

“Conheço a cara dos suicidas. São mais magros do que você.”

“Estou fazendo regime”, disse Bebel, séria.

“Cheeseburger com coca-cola e batatas fritas.”

“Isso foi só hoje.” Bebel, sem muita convicção.

Olhei as coxas grossas bronzeadas e os joelhos lisos da moça movimentando-se à medida que ela fazia as mudanças do carro. Senti vontade de abraçá-la e imaginei como seriam os seios e a barriga dela, em volta do umbigo. Um início de ereção, logo debelado. Pior do que uma doença.

“Você acredita em mau-olhado?”, perguntou Bebel. Todo dia 31 de dezembro ela e a mãe, Rosa, jogavam flores para Iemanjá, no mar em frente à casa dela. Duas vezes por ano iam a um macumbeiro de confiança, fechar o corpo. Bebel estava com uma figa de ouro e marfim no pescoço. “Bonitinha, não

é?” A figa se aninhava no rego dos seios médios e opulentos da moça. “O dia em que saí sem ela quebrei a perna, acredita?”

“Acredito.”

“Eu estava andando de bicicleta e parei num cruzamento, e um sujeito em pé na calçada ficou me olhando. Eu estava com as pernas de fora mas ele não olhava para as minhas pernas ou o meu bumbum, como os homens fazem, olhava nos meus olhos, querendo agarrar o meu olho. Uma coisa extremamente perturbadora que me deu medo. Fechei os olhos e pedalei, fugindo dele, eu não queria ficar ali, queria ir para longe. Um carro me pegou e quebrou minha perna.”

“Você não podia virar o rosto, evitando o olhar do sujeito? Precisava fechar os olhos?”

“Precisava.”

Bebel tinha olhos castanhos, limpos e brilhantes. Dezoito anos, meditei.

“Gostei daquela história de você associar um Wexler com o outro.”

“Cinema é o meu vício. E fotografia.”

“Quem fez o *Cidadão Kane?*”

“Essa é fácil demais.”

“Então diz.”

“Gregg Toland.”

“*The heart is a lonely hunter?*”

Bebel acendeu um cigarro no acendedor do carro. Colocou outro cassete.

“Dá uma dica.”

“*Body and soul.*”

“Dá a letra do último nome.”

“H.”

“Agá, agá...”

“Sabe tudo, não é?”

“Diz outro filme dele.”

“*Rose Tatoo.*”

“James Wong Howe. Caramba, não sei como demorei tanto a lembrar.”

Em Itaipava, antes mesmo de entrar na estrada das Arcas, começamos nosso trabalho de investigação. Primeiro o pequeno supermercado, que ficava no centro do povoado. Depois uma farmácia, um posto de gasolina, loja de bicicletas, armazém, bar, o homem que alugava cavalos. Ninguém deu uma informação que prestasse. Era muito grande o número de casas com piscinas e de mulheres de meia-idade vestidas e agindo como jovens independentes e alegres.

“Quando vim para cá havia uns três sítios na estrada das Arcas. Era difícil o carro passar na estrada, de tão ruim que era. Agora tem centenas de casas”, disse o homem da padaria.

“Mas isso deve ser bom para os negócios.”

“Só no verão. Assim mesmo não é grande coisa. Eles trazem quase tudo lá de baixo.”

“E agora?”, disse Bebel.

A primeira casa da estrada estava fechada, os proprietários no Rio, mas, até o caseiro abrir o portão, ouvir as perguntas e responder, transcorreu um tempo enorme. Na maioria das casas aconteceu o mesmo. Quando chegamos na metade prevista, a noite caíra, de repente, como se o dia fosse uma luz que se apagasse num interruptor. Estávamos no portão de uma casa grande localizada sobre uma elevação, distante uns cem metros da estrada. Não havia campainha e Bebel gritou várias vezes sem obter resposta. Uma luz acesa brilhava no interior da casa, mas isso não significava que alguém a estivesse ocupando naquele momento, era muito comum as pessoas deixarem uma luz para afastar possíveis ladrões: um surto de furtos e assaltos vinha ocorrendo ultimamente nas zonas de veraneio. Ao fundo havia uma casa menor, bastante iluminada, que deveria ser a do caseiro. Resolvemos entrar, gritando “ó de casa”, à maneira das pessoas do interior.

O cão me atacou sem um latido prévio de advertência, surgindo subitamente da escuridão — “bufando como um fantasma”, disse Bebel depois —, e só não me feriu com gravidade porque o caseiro, que acendera as luzes do jardim, ao ver que não éramos ladrões, ordenou ao cão que ficasse quieto. Era pouco mais do que um arranhão, mas mesmo assim, com medo de contrair hidrofobia (tenho um lado hipocondríaco), exigi que me mostrassem o certificado de vacinação antirrábica do cão. Quando tudo terminou — o caseiro fez um curativo no meu braço, com mertiolate — eram quase nove horas da noite e estávamos sem muito ânimo para continuar nossa busca. Bebel sugeriu que passássemos a noite num hotel em Petrópolis e continuássemos a investigação na manhã seguinte.

Considerei a ideia absurda. Disse que estávamos perto do Rio e poderíamos voltar no dia seguinte. Bebel argumentou que se voltássemos para o Rio dificilmente retornaríamos a Petrópolis. Foi uma longa conversa. Afinal Bebel confessou que saíra de casa e não pretendia voltar, e se fosse para o Rio, àquela hora, não ia ter onde ficar. Nenhum desses argumentos me convenceu, mas, nem mesmo sei por quê, acabei concordando com ela.

“Quarto de casal?” O homem do hotel farejou uma gratificação ao verificar que não tínhamos malas. Um rato gordo ardiloso, de olhinhos miúdos e velhaco; em minha profissão eu lidava com muitas pessoas como aquela. Joguei a carteira da Ordem sobre o balcão. O porteiro fez um gesto de quem não queria ver a carteira. “Dois quartos”, eu disse. O porteiro deu de ombros — “não querem um quarto só, pior para vocês” —, e me entregou duas chaves.

Os quartos ficavam próximos. Dei uma gorjeta ao garoto que levara a bolsa de Bebel, dispensando-o.

Evitávamos olhar um para o outro. Dei a bolsa a Bebel.

“Fecha a porta com o trinco”, eu disse.

“Não estou com sono”, disse Bebel, parando na entrada do quarto.

“Deita que o sono vem.”

Esperei até ouvir o barulho do trinco e só então entrei no meu quarto. A dentada do cachorro no braço latejava. Talvez devesse ir a um médico. Lavei o rosto e como não tinha escova de dentes bochechei água fria. Lembrei-me de que não havíamos jantado. Deitei. A fome não me deixou dormir. Bateram na porta.

“Quem é?”

“Sou eu.”

Abri a porta.

“O que você quer?”

“Queria falar com você.”

“Amanhã de manhã a gente conversa.”

“Estou sem sono.”

“Deita que o sono vem.”

Bebel olhava para o chão.

“Deixa eu entrar.” Bebel empurrou a porta e penetrou no meu quarto. (Lembrei-me da garota que olhava para a parede e foi internada no hospício.) Acendi a luz. Então notei que Bebel vestia uma camisola de seda nacarada que descia rente ao seu corpo, até o chão. Um suave tom de madrepérola refrangia do tecido.

“Esqueci meus cigarros no quarto.”

“Boa ideia, vai fumar no teu quarto, estou morrendo de sono.”

“Você tem namorada?” Bebel me encarou.

“Tenho. O nome dela é Ada.”

“Como é que ela é?”

“Tem olhos grandes e todas as costelas aparecendo.”

“Você gosta dela?”

(“Essa menina passa os dias olhando para a parede e se alimenta mal”, disseram os pais para o médico. Era uma família de pessoas enérgicas e

trabalhadoras. Olhando para a parede? Se fosse para a TV não teria importância, mas para a parede! “É um caso grave”, disse o médico. No dia seguinte à internação começaram os eletrochoques.)

Bebel, agora bem perto, desafiou-me: “Você acha que está certo ou errado?”.

“Bem, você já tem carteira de motorista”, brinquei. Nervoso.

“Está certo ou errado?”

Não respondi, já sabendo o que ia acontecer. Meu coração bateu mais apressado.

“Deita aqui”, disse Bebel me puxando pelo braço até a beira da cama.

“Não, estou sentindo dor.”

“Eu sei que você não está sentindo dor”, disse Bebel.

“Intimidade instantânea. Nescafé.”

“Não é instantânea. Nós já nos conhecemos há muito tempo. Pelo menos eu sinto assim.”

“Suco de laranja concentrado.”

“Você está delirando”, disse Bebel, puxando minha cabeça de encontro aos seus seios. Não era mais a menina assustada. Arrogava sua superioridade sexual, latente, mas absoluta, misturada com instinto maternal, pensei, com o nariz enfiado no tecido que cobria os seios da moça. A minha boca começou a ficar cheia d’água.

“Você tomou banho?”

“Tomei.”

“Onde estava esta camisola?”

“Na minha saca. Você gosta dela?”

“Você sabia que isso ia acontecer?”

“Isto exatamente, não.”

Os seios de Bebel eram rijos e ela beijava pondo a língua para fora, como se estivesse fazendo exame de laringe. Uma língua dura. Mas isso não diminuiu meu desejo.

“O que você gosta de fazer na cama?”

“Me ensina. Quer que eu tire a camisola?”

“Temos tempo. Eu gosto de falar.”

“Então fala.”

“Conjugar os estímulos físicos com os verbais.”

“Conjuga.”

Foi uma noite alegre e retórica. Mas pela manhã, uma manhã petropolitana típica, cheia de ruço, úmida e fria, o encanto havia diminuído. Eu queria ir embora, ficar só. É sempre besteira atender a impulsos lúbricos transitórios. Se

ao menos as mulheres conseguissem encarar a coisa com leveza. Mas eu também, estupidamente, estava levando a vida a sério e quando Bebel perguntou se eu gostava dela, respondi convencionalmente, “sim”. Então discursei um pouco sobre as maravilhas do sexo com amor. Aquela situação ocorrera outras vezes na minha vida — acordar com uma mulher a quem conhecia pouco, na cama, e iniciar com ela a rotina do dia, marcar novos encontros ou inventar justificativas para não fazer isso. Sentia-me aflito.

“Você está com vontade?” (O amor purifica o sexo.)

“Vontade de quê?”

“Você sabe.” Ainda na cama, sem termos tomado café.

“Diz.”

“Isso te excita, não é? Falar bobagem” (Ah, as mulheres!)

“É. Fala, então.”

“Você está com vontade de—”

“Sim. Elabora, com mais sentimento.”

“Você está com vontade de me foder?”

“O que mais?”

“De enfiar esse pau grande na minha boceta?”

“A pomposidade venturosa e festiva das palavras obscenas.”

“Por que pomposidade?”

“A extravagância fanfarra da ostentação gloriosa do desejo. A potência física causando a soberba.”

Lembrei-me do padre Lepinski.

“Esse padre não era bom da cabeça, era?”, perguntou Bebel, depois que ouviu a história.

Saímos para procurar Rosa. Eu levava no bolso a carta que Rosa escrevera para Cila. Foi uma manhã cansativa que se arrastou frustrante. Ao meio-dia, quando um já começava a ficar impaciente com o outro, chegamos a uma casa com um enorme gramado na frente, um pequeno lago, caramanchões antigos cobertos de trepadeiras floridas. Sob os caramanchões algumas estátuas de nariz quebrado e bancos de pedra. Uma empregada de uniforme abriu a porta da casa e atravessou lentamente o gramado, por um caminho de lajes, até chegar ao portão.

“Dona Rosa está?”

“Está sim”, disse a empregada, abrindo o portão.

A empregada foi à frente, com passos lentos, seguida por mim e Bebel, nervosos e impacientes. Afinal entramos na casa, um salão amplo, com uma escada que dava acesso ao pavimento superior.

“Bebel, o que você está fazendo aqui?” De cima da escada, uma mulher magra, queimada de sol, nos olhava.

“Vim ver você”, disse a moça, titubeante.

De perto a mulher não era tão jovem quanto parecia do alto das escadas. O tipo de mulher que faz regime deixando de comer, e realmente quem não come, emagrece. Lembrei-me de alguns clientes menos favorecidos da sorte. Rosa usava shorts e suas pernas pareciam mais novas do que seu rosto.

“Quem é o seu amigo?” (Brilho no olho?)

“É um advogado. Mamãe, está todo mundo atrás da senhora, uma confusão danada.”

“Não é verdade. Eu falei com seu pai pelo telefone. Está tudo bem.”

“Quando você falou com o papai?”

“Ontem. Ele não lhe disse?”

“Não. Também eu saí de casa e não o vi mais.”

“Saiu de casa?”

“Vou morar sozinha.”

“Você está brincando”, disse Rosa, encerrando o assunto.

“Eu gostaria de falar a sós com você”, eu disse. “Me dá licença, Bebel?”

“Eu não posso ouvir?”

“Não. Desculpe.”

“Por quê?”

“Ele já não falou que não pode, menina?”

“Que merda”, exclamou Bebel, saindo da sala.

“Essas crianças de hoje”, disse Rosa. “Olha, eu vou ter que dar uns telefonemas. É coisa rápida, isso que você quer falar comigo?”

“Mais ou menos. Eu sou, quer dizer, era, o advogado de Laura Lins.”

“Laura Lins. Laura Lins. Eu conheço?”

“Conhece.”

“Não me lembro.”

“Talvez isso ajude a sua memória.” Dei a Rosa a carta escrita para Cila. Rosa leu a carta imperturbável. “Sim. E daí?”

“Laura foi assassinada. Estou interessado no sujeito que a matou. Preciso de informações suas.”

“Você é da polícia?”

“Já disse que sou advogado. O que você me disser ficará entre nós dois.”

“Não quero conversa com você.” Rosa sacudiu a carta no meu rosto.

“Então terá que conversar com a polícia. Escolhe.”

Rosa, num gesto teatral, rasgou a carta embolando os pedaços na mão fechada. “Laura nunca me falou em nenhum advogado. Você deve ser um

impostor.”

“Isso que você rasgou é uma xerox.”

Sentei numa poltrona, tirei do bolso um Panatela. Apertei o charuto entre os dedos, próximo ao ouvido. Murmurei: “Hum, acho que ressecou um pouco”.

“Você é mesmo advogado?”

Mostrei a Rosa minha carteira da Ordem.

“Espera aí que eu volto já”, disse Rosa.

Não demorou muito.

“Liguei para um amigo advogado. Ele disse que posso confiar em você. Quer tomar alguma coisa? Um cafezinho?”

“Não, obrigado. Quero que me fale de Laura.”

“Bem, o nome dela não é Laura. Posso dar os meus telefonemas? Depois, eu não encontro as pessoas.”

“Claro.”

“Bem, o nome dela não era Laura.” Pegou um caderninho, consultou uma das páginas e discou o telefone.

“Eu sei. Cila ou Oswalda.”

“Cila nasceu e foi criada no interior do Maranhão. O pai era alfaiate, alcoólatra — e odiava a filha. Isso acontece, sabe? Alô? A madame Barki está? Rosa Leitão. Quero marcar hora para limpeza de pele. A mãe ajudava costurando, eles eram muito pobres. Cila era a menina mais bonita — sim, quinta-feira? Está bem, a que horas? Onze horas, quinta-feira, onze horas.” Rosa desligou o aparelho. “A menina mais bonita da cidade. Fazia grande sucesso nas festinhas a que comparecia, sem a autorização dos pais, que a castigavam muito por isso. Eles a puniam, aliás, por qualquer motivo, foi o que ela me disse. Pode ser mentira, para justificar o que ela fez no dia em que completou treze anos de idade.” Rosa novamente discou o telefone. “Aqui é Rosa Leitão, eu queria marcar hora para hoje, no fim da tarde. Como que não tem? Meu cabelo está horrível, hor-rí-vel! O Jambert está aí? Fala com ele para arranjar hora para mim. Onde é que eu estava mesmo? Ah, bem, ela foi ate São Luís, de carona de caminhão, e dali veio descendo até o Rio de Janeiro — cinco horas? cinco horas está bem, obrigada — com a ajuda de motoristas que se condoíam de sua história de orfãzinha cujo único parente no mundo residia no sul distante. E assim atravessou os milhares de quilômetros que a separavam da cidade dos seus sonhos. Ela nada conhecia do Rio, a não ser a reprodução de uma foto da avenida Rio Branco, tirada em mil novecentos e poucos pelo Malta, aquele fotógrafo antigo, uma foto que ela carregava sempre, junto com uma medalhinha de Nossa Senhora do Carmo.” Novamente ao telefone: “Ângela, querida, estou descendo hoje, não, não, estava na casa de um amigo... bem, tenho o Jambert às

cinco horas... então está bem, uma liga para a outra, para combinar... um beijo. Era uma foto engraçada. Homens de chapéus de palha, ternos completos escuros, bengala, ociosos na calçada e no meio da rua. Não se veem automóveis, as pessoas conversam tranquilamente, algumas crianças, vestidas como adultos, e poucas mulheres, de roupas longas e sombrinhas, o sol naquela época era temido pelas mulheres, com toda razão, eu sei, estragou minha pele. Essa rua era a avenida Rio Branco de hoje, essa loucura engarrafada. Bem, o último caminhão deixou nossa amiga em Benfica, numa rua cheia de galpões industriais, por onde ela vagou até que um guarda a interpelou perguntando se estava perdida. Isso tudo foi ela quem me contou. Nossa astuta infanta disse ao guarda que estava procurando a igreja Nossa Senhora do Carmo, onde seu tio era o pároco. Acabou sendo levada pela polícia até à porta da igreja, na rua Primeiro de Março, no centro. Estava fascinada com o pouco que vira do Rio, era muito diferente da sua Bacabal — agora me lembrei do nome da cidade onde ela nasceu —, mas ela também sentia medo e por isso deixou-se ficar dentro da igreja até que o padre, ao cair a noite, perguntou se ela não tinha para onde ir. Cila contou a novela da orfandade, mostrou a medalhinha de Nossa Senhora. O padre levou-a para uma casa de freiras, onde ela ficou fazendo trabalhos domésticos em troca de casa e comida. Ao contrário dos homens, as mulheres a detestavam. Eu mesma senti uma forte antipatia por ela logo que a conheci. É claro que depois, quando ela quis me seduzir, caí como uma pata. As freiras a abominavam, consideravam-na preguiçosa, desmazelada, incorrigível. Quando fez quinze anos, ela empreendeu nova fuga, agora da casa das freiras, indo empregar-se como babá numa casa do Méier. Sua patroa era uma mãe solteira que sabia que só existem dois tipos de homens, os cínicos egoístas e os idiotas egoístas. Nessa época Cila descobriu os prazeres da vida galante, primeiro com a patroa e depois com um jovem bancário do Méier, por quem foi levada, na garupa de uma motocicleta, para um motel ordinário da via Dutra, onde foi deflorada, se me permite usar essa palavra cafona. Quando soube que Cila havia sido desvirginada, a patroa mandou-a embora e ela foi trabalhar no comércio, como balconista. Cila conheceu um homem muito rico, que deu a ela apartamento, roupas, joias e dinheiro para montar uma loja, a butique Messina, em Ipanema. Eu a conheci na inauguração da butique, há uns seis meses, e nos tornamos amigas. Pouco depois Cila disse que havia brigado com o coronel dela. Foi isso o que ela me disse. Mas ela era mentirosa, além de mesquinha e aquisitiva. Até que ser consumista não é assim tão condenável, principalmente se você vem lá de baixo, como ela, mas a deslealdade e a falta de generosidade são horríveis.”

“Essa casa é dela?”

“Dela? Eu aluguei para ela.”

“Então Cila continuou com o homem?”

“Um dia fui ao apartamento dela e o porteiro me deixou subir, sem avisar pelo interfone, como sempre fazia. Toquei a campainha e a Fafá abriu a porta, mas logo surgiu Cila, muito nervosa, e impediu minha entrada. ‘Tem alguém aí?’, perguntei. Ela ficou pálida e disse ‘vai embora, depois eu explico, por favor’. ‘Quero saber quem está aí’, eu disse. ‘Por favor’, ela falava baixinho e de tão nervosa chegou a gaguejar, ‘depois eu explico’, ela disse de novo. ‘É ele?’, perguntei. Cila balançou a cabeça e estava sem graça e infeliz, e eu, como não sou cruel, como a maioria das pessoas, fiquei com pena dela e fui embora. Confesso que, antes de sair, eu a chamei de putinha ordinária, mas era isso que ela era, não cometi nenhuma injustiça. Putinha ordinária! Felizmente descobri isso a tempo.”

“Tempo de quê?”

Misteriosa. “A tempo.”

“Quem estava lá naquele dia era o protetor dela?”

“Só podia ser.”

“Você acha que foi ele quem a matou?”

“Sei lá. Eu nunca o vi, não tenho a menor ideia do que havia entre eles. E o original da carta? Você não vai me dar?”

“Você rasgou o original. Não existe xerox.”

Bebel entrou na sala. Continuava aborrecida e fazia questão de mostrar seu estado de espírito.

“Acabou a conversinha de vocês?”

“Acabou”, eu disse.

“Agora posso falar com minha mãe?”

Sentei num banco da varanda da casa. O sol havia dissipado a neblina da serra. As árvores e a vegetação, que cercavam a casa, brilhava intensamente. Eu ouvia as vozes, sem entender o que diziam, de mãe filha discutindo dentro da casa. O céu estava azul e limpo. A discussão continuava. Ada queria casar e ter filhos, mas eu não queria deixar nada neste mundo. Quem devia ter filhos era Elizabeth, e eu a impedira. O mundo precisava mais de gatos do que de gente.

Ao chegar ao Rio telefonei para Wexler.

“Onde você está?”

“Estou vendo uma fita de videocassete. Mas não aquela.”

“Você vem hoje ao escritório?”

“Há alguma coisa urgente?”

Wexler poderia dizer que sim, mas ele era a pessoa mais generosa que existia no mundo.

“Posso continuar?”, disse Bebel.

“Pode.”

“Todo mundo dizia que era uma loucura eu casar na minha idade e que o rapaz era um caçador de dotes. Ele trabalhava como representante de um laboratório e eu gostava muito dele. Tudo que eu gostava, ele achava ruim. O que acha você dos índios?”

“Que índios?”

“Os nossos índios. Você é contra ou a favor?”

“Como é que alguém pode ser contra os índios?”

“Ele era, o meu noivo. Me obrigou a tirar um plástico que eu tinha no meu carro, que dizia apenas ‘Pela demarcação das terras indígenas’ e me convenceu que os índios eram tão predatórios quanto o homem branco. Dizia ele que os ancestrais dos índios americanos destruíram toda a megafauna pleistocênica, bisões gigantes, antílopes, roedores gigantes, elefantes, cerca de cem milhões de animais, causando a extinção de dezenas de espécies de animais do Novo Mundo em pouco mais de duzentos anos. Fiquei horrorizada. Ele havia lido isso num livro. Até hoje não sei se é verdade ou mentira. A gente deve tomar cuidado com os livros. Felizmente percebi que o meu namorado queria apenas mandar em mim, no meu corpo e na minha cabeça, como todo homem. O que o homem quer da mulher é torná-la submissa. Uma relação mais de poder do que de prazer.”

“Já li isso num livro.”

“Resolvi que não ia casar com aquele nem com nenhum outro. Meus pais me mandaram para a Suíça estudar numa finishing school. Lá havia uma menina que se trancava no banheiro com livros pornográficos, para se masturbar. Aquilo me deixava impressionada. Outro dia encontrei com essa garota, já casada. Perguntei a ela, ‘que tal a vida de casada’, e ela respondeu ‘masturbação no banheiro suíço era melhor’. Também, quem mandou ela se casar? Todas as minhas amigas que se casaram separaram-se dentro de um período de seis a doze meses.”

“Que foi que você aprendeu na finishing school?”

“Francês, alemão, equitação. Fotografia, cerâmica. História da Arte. Uma porção de coisas.”

“E o que você fez ou faz com esse conhecimento todo?”

“Para falar a verdade já esqueci o que merecia ser esquecido. O que sobrou ajuda a viver.”

“Papaizinho compra os cavalos.”

“Tenho um só. Não custa tanto assim manter o cavalo na Hípica, não sei quanto é, mas não deve ser muito. Papai também compra os livros, as máquinas fotográficas. Me dá mesada. Eu sou uma parasita. Está satisfeito?”

“Mais ou menos.”

“Sou uma parasita fodendo num motel e vendo filmes de sacanagem com o advogado de minha mãe. No intervalo dizemos obscenidades um para o outro.”

“Não sou advogado de sua mãe.”

“Ou lá o que for. Você quer me humilhar, não é? Já conseguiu.”

“Fodendo você?”

“Também. E me chamando de parasita. Você quer o quê? Que eu cuspa no dinheiro do meu pai, cubra a cabeça de cinzas, vote nos comunistas?”

“Basta arranjar um emprego.”

“Mas que merda! Emprego de quê?”

“Cavalariço. Oleiro.”

“Não jogue pedras nos outros. O que você faz também é inútil.”

“É a pura verdade. Vou desligar essa porcaria de televisão.”

“Foi você quem quis ver isso.”

Pelo espelho do teto olhamos um para o outro.

“Meu corpo fica bonito, visto assim, não fica?”

“Fica bonito de qualquer maneira.”

“Você não acha que as minhas pernas são grossas demais?”

“Gosto assim.”

“Meu peito não é muito grande?”

“É muito bonito.”

“Pega nele.”

Olhei minha mão pegando no peito de Bebel. Bebel olhou a mão dela pegando meu pênis.

Eu amava Ada. Mas isso não impedia que me interessasse por outras mulheres. (Ah, os homens.) Acho que tive uma recaída, pensei ao chegar à casa de Lilibeth. Saciedade: exigências físicas e morais satisfeitas. Uma palavra muito usada pelos advogados velhos — está provado à saciedade... Saciar-se, não querer mais. Mas eu queria. Por isso estava ali, na casa de Lilibeth (enquanto Wexler carregava o escritório nas costas) numa noite chuvosa e estimulante.

Tomamos café e comemos biscoitos, reclinados em grandes almofadas coloridas.

“Onde é que você andava?”

“Passei a tarde num motel.”

“Justificativa prévia de um possível desempenho medíocre?”

“Talvez.”

O pé de Lilibeth era grande; a sola, escura de sujeira, brilhava como se tivesse sido lustrada por uma flanela; o dedo polegar era desproporcionalmente

maior do que os outros; unhas pintadas de esmalte branco. Um vestido largo e comprido cobria-lhe o corpo.

“Estou ficando gorda”, disse Lilibeth.

“Está todo mundo ficando gordo e preocupado com isso. A opulência engorda. Esse é um dos ônus, talvez o único, da riqueza — a enxúndia.”

“O macete para ninguém perceber que você está gorda é simples — basta usar roupas mais largas e durante algum tempo abrir a boca só para dizer bobagem. Num mês perco tudo.”

Lilibeth ajeitou o vestido com um gesto que, por instantes, deixou suas pernas magras inteiramente à mostra. Um silêncio inconfortável e expectante instalou-se entre nós. Novamente Lilibeth mexeu no vestido, com um sorriso que foi entendido por mim como recatado e encorajador ao mesmo tempo: tome a iniciativa que eu cumpro a minha parte. Uma das pernas de Lilibeth agora estava flexionada, pondo em destaque um joelho frágil, confiável, limpo, íntimo. Continuamos esperando, contingentes. Lilibeth abraçou a própria perna e pousou o rosto sobre o joelho. Inclinando-me, rocei com os lábios o joelho dela, sentindo no rosto a expiração das narinas da moça; meu olhar desceu pela sua perna até o pé detendo-se na pulsação da artéria abaixo do tornozelo, distendendo a pele em pequenas bolhas latejantes. Deitei-me de costas no almofadão, puxando o corpo obediente de Lilibeth. Mas logo sentei-me e contemplei o corpo estendido ao meu lado. Em seguida, sem pressa, toquei nos pés de Lilibeth, sentindo a aspereza dos ossos, e acariciei-lhe a panturrilha com os dedos e a palma da mão. Lilibeth separou mais as pernas. Com facilidade desnudei o púbis e a barriga. A moça ergueu o corpo e, com destreza, tirou o vestido por cima da cabeça. Como o tapete de náilon picasse nosso corpo, levantamos e fomos para o quarto, onde a cama larga, forrada de macios lençóis perfumados, já estava preparada para receber-nos. Ah, as mulheres.

Ao chegar ao escritório trabalhei arduamente, redigindo as alegações finais de um difícil caso de falsificação de papel-moeda e duas petições iniciais. Uma de crime de peculato em que o acusado, um alto funcionário público, jurava inocência mas não sabia explicar com verossimilhança a origem dos inúmeros bens que possuía. A outra referia-se à emissão irregular de warrant: não havia autorização do governo para a emissão, não existiam em depósito as mercadorias especificadas e o cliente havia emitido mais de um título sobre as mesmas mercadorias inexistentes. Tanto o peculato quanto a fraude eram casos difíceis. Passei a tarde estudando a doutrina e a jurisprudência.

Saí do escritório às oito horas da noite e fui me encontrar com Ada no restaurante Grandeza, na rua Primeiro de Março. Comemos cabrito assado com brócolis e bebemos uma garrafa de Dão Meia Encosta, tinto. Antes de começarmos a beber, peguei a caneta e escrevi no prato de Ada: Eu te amo.

Ada apagou a frase com o guardanapo. “Você parece criança.”

“Não mereço você”, eu disse.

“Esse tipo de conversa me deixa nervosa. Você anda fazendo alguma bobagem? Não me conta, não quero saber.”

Aquela mulher de rosto limpo e generoso era a mulher da minha vida Por que eu procurava outras mulheres se elas nada valiam para mim? Ou valiam?

Eu te amo — escrevi na palma da mão e mostrei para ela. “Vamos embora para casa que eu quero te abraçar.”

“Só depois de comermos o cabrito. Estou morrendo de fome.”

Quando chegamos ao apartamento vi que a porta estava arrombada.

“Não entra não”, disse Ada, amedrontada.

Ouvi o miado de Elizabeth.

Empurrei a porta. Ainda do corredor vi que a sala estava revirada. A luz de um dos abajures estava acesa. Não vi Elizabeth. Ela parara de miar.

“Não tem ninguém”, eu disse.

Entrei, seguido de Ada.

“Elizabeth!”

Fiquei imóvel, em dúvida sobre o que devia fazer. Automaticamente fui até a mesinha e tirei o telefone do gancho.

“Larga essa merda!”

Eram dois sujeitos, de blusão. Um alto, muito forte, de rosto liso. O outro, de barba ruiva, tinha uma verruga no nariz e uma Browning quarenta e cinco na mão. Foi esse quem falou.

“Quieto.”

Procurei Elizabeth.

“Onde está o filme?”

O grande amarrou minhas mãos atrás das costas, enquanto o outro me apontava a arma.

“Onde está o filme?” O barbudo colocou a pistola na cintura e uma faca apareceu na sua mão.

“Filme?”, perguntei olhando para Ada. Ela estava muito pálida, paralisada.

O grandão deu um chute na minha canela. É uma das piores dores que existe, mas passa logo.

“O videocassete”, disse ele com voz calma.

O ruivo barbudo estava irritado. “Cassete, filme, onde é que está? Diz logo.”

Senti o hálito azedo, nervoso, dele.

“Aqui não tem cassete nenhum. Vocês não revistaram a casa?”

O grandão me deu outro chute.

“Seu puto”, eu disse. Só percebi o golpe quando a mão do ruivo com a faca recuou. A dor não foi grande, a canelada fora muito pior. Senti o sangue molhando a camisa. Senti que a luz da sala escurecia. Tenho que ficar em pé, pensei, senão vão chutar minha cara, mas o sangue já estava sujando o tapete da sala. A mão do barbudo segurou meu rosto, senti um perfume de sabonete. Parecia um sonho. Tentei levantar, livrar-me daquela mão que segurava meu queixo. Parecia um sonho. A vizinha sentou-se ao piano e começou seus monótonos exercícios diários. Ada gemeu. “Chega, o homem está morto”, um estranho sotaque, o do homem grande. O cordão de ouro foi arrancado com violência do meu pescoço. O som do piano foi aumentando. Ada estava ao meu lado. “Telefonei para o Miguel Couto”, ela disse, e deitou-se junto de mim. Fechei os olhos, não ia acordar nunca mais. Como era bom dormir.

6

Dormi e acordei várias vezes. Na última, Ada estava em pé ao lado da cama. Começou a sorrir, mas colocou a mão sobre a boca. “Perdi um dente”, disse. Com as mãos no rosto começou a chorar.

“Senta aqui perto de mim”, eu disse. Ada sentou-se no lado oposto ao frasco de soro. Continuou com o rosto escondido nas mãos.

“Quem eram eles?”, perguntou Ada.

“Não sei.”

“Lembra quando a gente fingia que você estava me estuprando?”

“Não chora, meu bem. Esquece isso.”

O enfermeiro entrou e viu meu rosto. “Está sentindo dor?”

“Um pouco”, menti, limpando os olhos. O enfermeiro começou a preparar uma injeção, com os apetrechos que trazia num recipiente de metal. A injeção ficou pronta, o enfermeiro ficou com ela na mão algum tempo e depois colocou-a de volta na caixa. Minha dor não parava com analgésico. Ele sabia. Saiu do quarto.

Wexler entrou e tirou um Panatela claro do bolso.

“Acho que pode, não é?”

Dei duas baforadas, o gosto do fumo amargando minha língua.

O enfermeiro voltou. “Que é isto? Não pode.” Delicadamente tirou o charuto da minha mão.

“Tiraram um pedaço assim do teu intestino”, mostrou Wexler com os dedos.

“Não vai fazer falta”, eu disse. “Que dia é hoje?”

“Quinta-feira.”

No fim da tarde um médico apareceu no quarto. Eu estava só.

“Já está bom para outra”, disse o médico depois de me examinar.

“O que foi que fizeram com a minha namorada?”

“Bem ela foi seviciada. Uma coisa à-toa, foi tudo cosido direitinho. Alguns pontinhos.”

Também devo parecer insensível aos meus clientes, pensei, procurando vencer a aversão que sentia pelo médico.

“Eles usaram o cabo da faca, me parece. Na vagina e no ânus.” Falou naturalmente, como só os médicos sabem falar de desgraças.

Não vi quando o médico saiu do quarto. Apertei a campainha chamando o enfermeiro.

“Onde está a dona Ada?”

“Foi comprar umas frutas para o senhor.” Nesse instante Ada entrou no quarto. Ela está andando diferente, pensei.

“Você vai dormir aqui comigo hoje?”

“Ela tem dormido aqui sempre”, disse o enfermeiro. “Logo que teve alta dona Ada mudou para cá.”

“Você quer ver televisão?”, perguntou Ada.

“Detesto televisão. Preciso falar com Wexler.”

Ada pegou o telefone na cabeceira. “Deixa que eu ligo.”

Pedi a Wexler que localizasse Hermes. Uma faca. O cabo de uma faca. Eu fechava os olhos e via uma faca brilhando.

Quando era sargento do Exército brasileiro, Hermes de Almeida fora processado na Justiça Militar, por ter assassinado seu superior imediato, capitão Artur Antunes. Ambos serviam numa unidade subordinada ao Serviço Secreto denominada Nuse, Núcleo de Serviços Especiais. Eram especialistas em Percor, sigla que definia um conjunto de técnicas e táticas de manejo de armas brancas. Eu provara que meu cliente, atacado pelo capitão, fora obrigado a exercer o direito de legítima defesa. Absolvido, Hermes saíra do Exército.

“Foi difícil te encontrar”, eu disse.

“Viajo muito”, disse Hermes.

Hermes era um homem de estatura média, lacônico, de movimentos controlados. A pele do seu rosto inescrutável era polida e dura como ágata, com uma palidez homogênea de boneco. Enquanto falava comigo seu corpo permanecia imóvel, como uma estátua, apenas o dedo mínimo da sua mão direita dava sinais de vida. Um tique nervoso que Hermes não conseguia controlar. Estávamos sós. Ada havia se retirado para o quarto.

“Quero que você me ensine os segredos do Percor.”

“E uma arte difícil”, disse Hermes.

Abri a camisa e mostrei meu abdômen. Hermes, com indiferença, examinou a cicatriz.

“Quero ir à forra.”

“Compra um revólver”, disse Hermes, apático.

“Quero usar uma faca. Tornou-se uma obsessão. Há vários dias não penso noutra coisa.”

“Quem fez isso é um incompetente.” A gargalhada de Hermes era fria, cava, com a boca fechada. De quem ele ria? De mim ou da inabilidade do meu agressor?

“Quase me matou.”

“Quase. Um especialista busca as artérias.”

Hermes passou o dedo de leve na minha carótida arrepiada. A carótida, ele explicou, era sempre fácil de atingir, um corte de três centímetros de profundidade fazia o indivíduo perder a consciência em alguns segundos. A veia favorita de Hermes era a subclávia. A perfuração tinha que ser de seis centímetros, era uma artéria que não devia ser procurada numa luta com um adversário difícil, pois, para atingi-la usava-se necessariamente uma empunhadura de maneabilidade reduzida. Mas quando alcançada o sangue irrompia num jato inestancável, forte como uma mangueira de bombeiro, a consciência era perdida em dois segundos e a morte sobrevinha no terceiro.

“Yojimbo, o sangue jorrando para o alto como num poço de petróleo. Aquele foi um golpe na subclávia?”, perguntei.

Mas Hermes não ia ao cinema e continuou sua lição. O alvo ideal era o coração. A perda de consciência era instantânea e, se o aço penetrasse os oito centímetros apropriados, a morte ocorreria em dois segundos. O sujeito que me havia ferido sabia empunhar a arma corretamente, mas não devia ter conhecimentos adequados de anatomia. O intestino não era um ponto vital. “Você podia ter morrido, ou não.” Entre os alvos secundários o estômago seria melhor, conquanto a penetração tivesse que ser de doze ou treze centímetros. “Ele poderia ter cortado tua artéria braquial, aqui na parte de dentro do braço, na altura do cotovelo, ou a radial, no pulso. Você morreria em dois minutos.”

“Eu quero aprender.”

“Compra um revólver e atira no terceiro botão da camisa do sujeito. O terceiro botão. É mais seguro do que na cabeça.”

“Eu tirei você da cadeia. Você nunca me pagou. Você me deve.”

Silêncio. O rosto de Hermes opaco.

Esperei.

“Errei. Nunca se deve deixar uma dívida pendente”, disse Hermes.

7

Chegamos na porta de um prédio antigo, de dois andares, com sacadas de ferro batido e arcos de cantaria portuguesa, na avenida Gomes Freire.

Hermes tocou a campainha. A porta foi aberta. Do alto da escada de madeira alguém gritou alguma coisa. Ao lado dos degraus havia um corrimão, preso ao qual estendia-se uma corda fina atada na trava da velha fechadura da porta. Hermes e eu subimos sob os olhares do sujeito do patamar, um homem forte, de meia-idade, corado, vestido com um avental cinzento, manchado. Cumprimentou Hermes e a mim, levando-nos em seguida até a uma sala onde havia um balcão com um torno e uma mesa sobre a qual estavam espalhadas várias ferramentas. O homem afastou as ferramentas, estendeu sobre a mesa um pedaço de veludo verde onde dispôs cinco facas novas, brilhantes. Apontou as facas, uma a uma.

"Bowie. Ka-Bar. Loveless. Randall. Mark III. Joias. Preciosidades que ninguém tem. A lâmina da Bowie é Sheffield legítima, endurecida a mil setecentos e quarenta graus Fahrenheit. Duplo tempero. Afiada à mão no rebolo. Não existe coisa melhor, em nenhuma parte do mundo."

"Não gosto do punho de caixão dela."

Hermes pegou a Bowie.

"E o modelo inglês."

"A faca é americana. Fizeram dela um enfeite."

"E a Mark III? Usada pelos paraquedistas e pelos comandos ingleses?", disse o homem.

"Não me dê lições, Lemos", disse Hermes. "Os comandos usavam a F-S, a Fairbairn-Sykes." Depois, olhando para mim: "Não gosto do cabo cilíndrico da Mark. A Loveless é boa, mas para lutar, no ataque ou na defesa, a melhor é esta Randall. É o modelo catorze, com quatro reentrâncias digitiformes no cabo".

"Tenho uma Kukri, mas não é para vender", disse Lemos.

"Fico com a Randall", disse Hermes.

"Estou em negociações para comprar uma Dennehy e uma Collins. Está interessado?"

“Quando eu passar outra vez no Rio te procuro.”

Hermes estendeu a mão e pegou a faca. Eu tinha um conhecido que criava pássaros. Um dia o vi enfiar a mão numa gaiola, segurar um pássaro e transferi-lo para outra gaiola. Era assim que Hermes segurava a Randall, como se ela fosse um ser vivo que pudesse escapar de sua mão.

“Você tem uma speed-break sheath? E um special Shoulder holster? Como estes aqui?”, perguntou Hermes, abrindo o paletó e mostrando um talim com estojo onde havia uma faca com o punho virado para baixo.

Lemos trouxe um estojo de couro, uma bainha, presa num talabarte. Hermes me mandou tirar o paletó e colocou o talabarte, prendendo-o no cinto, de maneira que a bainha ficasse no lado esquerdo do peito, inclinada para a direita, com o punho para baixo. Enfiou a Randall na bainha. Vesti o paletó, deixando-o aberto. Não se notava o volume.

Da loja do vendedor de armas fomos para minha casa. Ada abriu a porta.

“Quero falar a sós com você”, disse Hermes. Sem dizer uma palavra Ada virou as costas e caminhou para o quarto. Fui atrás.

“Quem é essa figura?”, perguntou Ada.

“Um amigo.”

“Parece um—” Ada não conseguiu se expressar.

“Um Percor.”

“O que é isso?”

“Perfurar e cortar.”

“Perfurar e cortar o quê?”

“Depois eu te explico.”

“Explica agora.”

“Agora não dá.”

Ada deitou-se. Parecia menor e frágil, uma velha medrosa.

“Faz um pouco de ginástica.”

Ada não respondeu.

“Vai fazer?”

“Não.”

“Vê um pouco de televisão.”

Ada fechou os olhos. “Estou com dor de cabeça”, disse com voz débil. Parecia prestes a chorar.

“Não vou demorar com o Hermes.”

Hermes continuava no mesmo lugar. Não havia se movido um milímetro.

“Nunca morei com uma mulher”, disse Hermes. Sacou a faca da bainha num gesto de prestidigitador, puxando para baixo, fazendo-a apontar, num segundo, para meu estômago.

“Há pessoas que seguram a faca e golpeiam como se tivessem na mão um martelo. Nunca faça isso. Também não a use como se fosse um furador de gelo, a não ser que o alvo seja o coração de um sujeito deitado A faca deve ser empunhada com o polegar achatado, apoiado na parte superior do cabo, na altura da dobra da falange com a falangeta do dedo indicador. Veja esses movimentos.”

Hermes explicou, de maneira fria e didática, as técnicas consagradas. A de Fairbairn, a de Applegate, a de Styers, a dos gurkhas nepaleses, a cigana espanhola, a Kenjutsu.

“Em Serviços Especiais conhecíamos todas as técnicas, mas usávamos a Araújo. Vou te ensinar os fundamentos da Araújo. A seleção dos alvos. A empunhadura. A postura. A stoccata. O corte. A in-quartata. A passata sotto.”

O dia começava a raiar quando Hermes terminou. Eu tinha à minha frente uma pilha de papéis com anotações e desenhos. Antes de sair Hermes virou para mim sua máscara de olhos cinzentos e falou com voz mecânica:

“Fique com ela na mão o mais que puder. Habitue-se a ela como se fosse um prolongamento do seu braço. Mantenha sempre um aperto forte, o punho trancado. Não arqueie o polegar. Conserve a lâmina em linha com o antebraço.”

Já na porta Hermes disse: “Minha dívida está paga”.

“Está paga”, eu disse.

“Não me procure mais”, disse Hermes.

Fui para o quarto e deitei-me ao lado de Ada. O corpo de Ada revolvia-se na cama, o rosto contraído de angústia. Toquei de leve no seu ombro, acordando-a.

“Estava tendo um pesadelo horrível”, disse Ada.

O toque da minha mão a incomodava. Tirou o braço. Percebi isso sentindo um peso no peito.

“O médico disse que você pode levar uma vida normal.” Logo que terminei de dizer isso me arrependi.

“Não quero.”

“Você já está boa, como eu.”

“Como você, ah...”

“Nós fomos mordidos por dois cães danados—”

“E já estamos bons.” Ada começou a chorar.

Ada, os olhos fixos no talabarte com a faca sobre minha camisa molhada de suor: “Eu quero esquecer tudo que aconteceu.”

“Eu te amo”, eu disse.

“Me ajuda a esquecer. Por favor.”

“Eu não consigo esquecer.”

Ada virou-se na cama, o rosto para a parede, as costas para mim.

“Quer que eu faça um café para você?”, perguntei.

“Eu vou-me embora. Vou deixar você. Vou para a casa de minha mãe.”

“Está bem. Já tem a passagem?”

“Já, comprei ontem.” Ada continuava chorando.

Também senti vontade de chorar e teria sido bom para nós dois se tivéssemos chorado juntos naquele dia. Mas fui para a cozinha, fervi água, preparei café. O gesto de Ada afastando-se de mim, desprendendo-se da minha mão, ofendera-me tanto que eu me sentia mal, com falta de ar e dores no peito. Deixei-me ficar na cozinha um longo tempo até ter forças para voltar ao quarto.

Tomamos café juntos, em silêncio.

“Vou sair para comprar uns charutos. Você quer alguma coisa?” Ada balançou a cabeça negativamente.

Na praça Antero de Quental sentei-me num banco e fiquei fumando, olhando para as crianças acompanhadas de suas babás de uniforme branco. Quando voltei Ada já havia ido embora. Vou atrás dela, não vou perder a mulher que amo sem lutar, pensei. Mesmo assim demorei uma semana inteira até agir.

8

Na véspera de seguir para Pouso Alto, atrás de Ada, fui acordado de madrugada por lancinantes gritos de mulher. Vinham do edifício em frente ao que eu morava, um prédio de quatro andares ocupado por pessoas jovens e ruidosas, casais sem filhos, às vezes porque eram do mesmo sexo, ou dois ou três moradores solteiros dividindo as despesas.

Os gritos da mulher, gritos que no silêncio da noite — um silêncio que nunca é completo, pois há sempre uma motocicleta ou um carro correndo à distância, ou passos na calçada, ou a televisão do vizinho insone — deviam estar sendo ouvidos muito longe. Os berros duraram um longo período, eram desagradáveis e inquietantes, amedrontadores. A mulher parecia sofrer muito, e também ser forte e resistente, pois sua voz era muito potente e os gritos incessantes.

Vesti-me apressado e desci até a rua. Os gritos haviam terminado mas, mesmo assim, fui até a porta do edifício fronteiro, onde encontrei o porteiro, sentado numa cadeira, com um radinho de pilha no ouvido. Ao ser interpelado por mim, o porteiro respondeu que “aquilo”, os gritos, “devia ser briga de marido e mulher” e, portanto, ele não ia se meter. Nem ele nem ninguém, pois as pessoas dos apartamentos próximos nem se haviam dado ao trabalho de se levantar, acender as luzes e ao menos olhar pela janela para ver do que se tratava.

Durante toda a viagem fui pensando na crueldade da vida urbana, tentando me convencer de que as cidades do interior eram mais humanas.

Ao chegar em Pouso Alto, com suas casas feias e ruas de paralelepípedos de pedra por onde transitavam automóveis e ônibus misturados com charretes e cavalos de montaria, ainda pensando na noite anterior, concluí que ali, certamente, não haveria a indiferença egoísta das pessoas do Rio. Mas, por outro lado, as pessoas deviam se vigiar umas às outras, oprimindo-se reciprocamente, como se a consideração pelo seu semelhante gerasse, em contrapartida, a violação da intimidade e, afinal, da liberdade de todos.

As moças eram gordinhas e coradas pelo frio de junho, bonitas, mas detestei de imediato a cidade. Cheguei ao hotel onde Ada havia reservado um quarto para mim carregando uma mala, pesada pela quantidade de livros que continha. O Hotel Primavera era um edifício pintado de branco, no estilo quadrado dos balneários do sul de Minas. Um elevador de cabine de grades de ferro levou-me lentamente ao último andar, o sexto, onde ficava meu quarto. A janela do quarto abria para um morro escalvado pela queimada do plantio do café e que agora era pasto, ou nada pois não se via gado, apenas o verde descorado do mato ralo.

Na diária do hotel estavam incluídos o café da manhã, o almoço e o jantar. As refeições deviam ser feitas dentro do horário marcado.

Eu não havia dito a Ada a hora exata da minha chegada. Informei-me com o porteiro do hotel onde era o Colégio São José e para lá me dirigi, atravessando a pé uma boa parte da cidade. As pessoas percebiam que eu era de fora e olhavam-me com curiosidade. As moças tinham seios grandes e atraentes. Seria a dieta alimentar?, pensei, sem ironia, aquela era uma região famosa pelos seus laticínios.

Ao chegar ao Colégio São José, as aulas estavam acabando e as crianças saíam correndo, alegres e ruidosas, não havia pais nem mães esperando os alunos, a violência ainda não chegara a Pouso Alto. Perguntei a um bedel — o único, provavelmente, do colégio — pela professora Ada.

Ela estava na sala de aula, corrigindo os deveres dos alunos e eu, que nunca abria uma porta sem bater antes, ao ouvir a voz de Ada dizendo, “pode entrar, a porta está aberta”, senti o coração disparar.

Ada estava sentada atrás de uma mesa, sobre um estrado, tendo ao fundo um quadro-negro com palavras e números escritos em giz branco. Ao me ver ficou muito pálida. Caminhei pelo chão de madeira, meus passos ecoando na sala silenciosa, e segurei a mão de Ada ajudando-a a descer do estrado. Abraçamo-nos ofegantes e ficamos um longo tempo sem nada dizer. Começamos a falar ao mesmo tempo, com sofreguidão, da saudade que havíamos sentido. Ada estranhou minha barba, disse que eu parecia mais velho e não estava tão bonito quanto antes.

Da escola seguimos para a casa de Ada, os pais dela aguardavam-me. Nós nunca havíamos nos encontrado.

Residiam numa casa de dois pavimentos, em estilo normando, com janelas pintadas de vermelho e um jardim na frente. O pai, Pedro, me esperava, de paletó e gravata; um homem grande, um pouco gordo, corado, de cabelos brancos abundantes, que apertou minha mão com força dizendo, com sinceridade, do prazer que sentia em receber-me na sua casa.

Fumava cigarros de palha, por gosto e por acreditar que o fumo de rolo era o único que não fazia mal à saúde.

D. Lazinha demorou a descer do andar superior, onde ficavam os quartos da casa. Surpreendi-me ao vê-la; uma mulher conservada, parecendo mais irmã do que mãe de Ada. Cumprimentou-me friamente, quase inamistosa. Fingi não perceber e tratei-a com deferência, talvez exagerada, o que em nada mudou a disposição de d. Lazinha, que continuou dispensando-me, durante o jantar, uma estudada e ostensiva indiferença, para constrangimento do marido.

Várias vezes notei que o casal trocava olhares agastados — mais tarde Ada me disse que, após minha saída, os dois haviam tido uma discussão áspera e acabaram dormindo em quartos separados. Ada, atenta às reações da mãe, tratou-me cerimoniosamente. D. Lazinha era um tipo comum de mãe altruísta que se sacrifica pela família e, em troca, cobra de todos total submissão às regras e valores que estabelece arbitrariamente.

Voltei para o hotel, sentei-me na varanda e acendi uma Panatela. O gerente do hotel aproximou-se dizendo que sentira o cheiro do charuto. Odores e ruídos iam longe no ar limpo e silencioso da noite. Além de administrar o hotel, Abreu, o gerente, era apicultor e o mel que produzia era puríssimo, ao contrário do outro mel que se vendia na região, todo, segundo ele, adulterado. A maneira de se constatar a pureza do mel consistia em colocar-se um pouco na palma da mão e esfregar uma na outra, repetidas vezes: se o mel fosse mesmo puro desapareceria sem ficar pegajoso e se fosse falsificado ficaria grudento e criaria pequenos cristais viscosos de açúcar que adeririam à mão, saindo apenas com água e sabão.

No café da manhã Abreu colocou um pouco de mel na minha mesa. Eu não era um apreciador do néctar, ainda que me impressionasse com a quantidade de vitaminas e sais minerais nele existente e também com a maneira prosaicamente natural da sua produção. Provei o mel, que tinha o mesmo gosto da glicose de milho vendida nos supermercados do Rio, e passei-o na palma das mãos. Após esfregá-las notei que não perdiam a viscosidade, o que fiz questão de mostrar a Abreu, grudando minha mão na dele, o que me deu um certo nojo.

Enfim, não havia muita coisa a fazer em Pouso Alto. Jantava toda noite em casa de Ada. Pedro, o pai, falava das delícias do clima tropical de altitude da cidade, em que a temperatura mínima, durante o ano, raramente ia abaixo de dez graus e a máxima acima de vinte e oito. Insistia em examinar comigo a possibilidade de eu abrir um escritório na cidade.

Pedro era um cafeicultor pequeno, sem ser dos menores, mas de prestígio, com amigos importantes e influentes que poderiam me ajudar. É claro que eu teria que mudar de especialidade, crimes raramente eram cometidos na região e

quando aconteciam não eram praticados por pessoas ricas, que poderiam pagar honorários altos, e, se excepcionalmente o fossem, o caso seria abafado e não haveria processo nem julgamento e nem trabalho para um advogado.

Mas o assunto preferido de Pedro era o café. Previa para aquele ano uma produção, em sua fazenda, de mil e quinhentas sacas de café, inferior em cinquenta por cento à do ano anterior. O irmão dele, que tinha quarenta e cinco mil pés, ia colher somente duzentas e cinquenta sacas, pois sua lavoura ficara danificada com a geada do ano anterior. A contenção do crédito endividara os fazendeiros; os salários haviam sido elevados, e o saco de adubo custava duas vezes mais; o preço de garantia fixado pelo governo era irreal e dele era descontado o ICM, o Funrural, sacaria, transporte etc; os empréstimos do governo, que possibilitariam reter o produto para obter melhores preços, haviam sido suspensos, obrigando os produtores, cheios de dívidas, a vender o café no mercado livre, o que favorecia apenas aos intermediários; um amigo do Pedro, que possuía cento e dez mil cafeeiros em produção, pretendia cortar cinquenta mil pés para reduzir seus custos, desempregando a metade dos setenta assalariados que utilizava para a colheita; o confisco cambial, insistia Pedro, vermelho de indignação, estava acabando com os cafeicultores; o país cada vez exportava menos, os produtores estavam sendo empobrecidos por uma política ruinosa para o café, instituída por tecnocratas incompetentes; treze fazendas haviam sido vendidas no município recentemente, até mesmo o gado leiteiro, outro pilar econômico da região, estava sendo liquidado a preço de abate, e ainda assim não se encontravam interessados; a falência dos fazendeiros provocaria, com certeza, uma convulsão social na região, pelo desemprego em massa dos boias-frias.

Quando Pedro terminou de falar, eu, mais uma vez sem ter conseguido ficar a sós com Ada, me despedi e fui para o hotel, onde tentei ver na televisão o último informativo que trazia os temas de sempre: conflitos internacionais, corrupção, tensões sociais, exploração espacial, poluição, descobertas científicas, crimes, custo de vida, catástrofes, esportes, assuntos mundanos variados.

Em certos lugares o tempo demora muito a passar.

Eu ocupava as noites lendo os livros que levara. Quando me interessava por um assunto minha curiosidade nunca era saciada. Wexler costumava dizer que eu era um obsessivo compulsivo. Na época de Berta era o xadrez. Eu conseguira edições fac-similadas raras, como o *Libro de la invencion liberal y arte del juego del axedrez*, escrito no século XVI pelo grande Ruy Lopez de Segura, e o manual de Gioachino Greco, conhecido como II Calabrese, publicado no século XVIII; passava, então, noites em claro em frente a um tabuleiro de peças de marfim, que me havia custado uma fortuna, estudando o livro em que Nimzowitsch descreveu

seu sistema; ou analisando os manuais de Capablanca, de Lasker, de Tarash, de Pachman, de Tartakower, de Znosko-Borovski; ainda tinha todos aqueles livros e manuais, perdidos em algum lugar na minha estante. Nos livros estudara abrasivamente os torneios descritos por Alekhine, por Botivinik, por Golombec, mas, ao separar-me de Berta, desinteressara-me pelo jogo. Era um homem volúvel?, pensei com um dos novos livros nas mãos. Que importava?, a coerência não era uma virtude, era uma característica vegetal que eu não possuía, felizmente. Os livros que estavam à minha frente, e pelos quais me interessava agora, tratavam de um extraordinário instrumento, a primeira criação tecnológica do homem — a faca. Entre os livros que trouxera estavam vários clássicos. O *Trattato di scienza d'arma*, do grande teórico Camillo Agrippa, publicado pela primeira vez em 1604; o *Manual del baratero: ó arte de manejar la navaja, el cuchillo y la tijera de los jitanos*, de autor anônimo, publicado em Madri em 1849; *La coutellerie depuis l'origine jusqu'à nos jours: la fabrication ancienne & moderne*, de Camille Page. (Camillo Agrippa, Camille Page, Camilo Fuentes, era muito Camilo numa mesma história, como descobriria mais tarde, mas assim era a vida, cheia de coincidências sabatinescas.) Trouxera também os modernos: *Weapons & fighting arts of the indonesian archipelago*, do renomado especialista inglês em artes marciais asiáticas, Donn Draeger. Draeger descrevia uma lâmina indonésia de ferro meteórico com sete sinuosidades, denominada Kris, cujo cabo costumava ser ornado de figuras femininas esculpidas em estilo refinado, considerada o mais letal dos punhais. Tinha também comigo os livros dos quatro mestres modernos da luta de faca. *Coldsteel*, de John Styers; *Kill or get killed*, de Rex Applegate, que inventou a maioria das táticas sujas usadas na luta, como o backhand attack; *All-in fighting*, de W. E. Fairbairn, a técnica que mais mortes havia causado no mundo inteiro. Fairbairn, um inglês que começou a estudar sua arte e ciência em Xangai, nos anos trinta, ao iniciar-se a Segunda Guerra Mundial já havia elaborado suas eficazes técnicas de combate individual ofereci patrioticamente ao seu país. O Exército britânico adotou-as oficialmente, e os comandos ingleses, com o que aprenderam no manual de Fairbairn e usando a faca desenhada por ele, a F-S, mataram, nos anos quarenta uma quantidade de pessoas, na maioria alemães, impossível de ser calculada. (A Hasna, uma faca desenhada pelo árabe Abu Harb, também foi usada em larga escala, nos anos oitenta, nos massacres dos acampamentos de Chatila e Sabra, em Beirute.) Finalmente levara comigo para Pouso Alto o livro de Joaquim Araújo, *Vade-mécum do combate individual a faca*, cuja técnica, baseada nas manobras in-quartata e passata sotto, fora desenvolvida pelos instrutores do Exército brasileiro, quando foi criado o Núcleo de Serviços Especiais — Nuse — em 1945, com a volta da Força Expedicionária da Itália.

Joaquim Araújo havia sido um anônimo professor de esgrima do Clube Ginástico Português, no Rio de Janeiro, e seu livro, escrito em 1936, fora editado pelo próprio autor, tendo tido uma pequena tiragem de quinhentos exemplares, que Araújo distribuiu entre amigos. Com exceção de um exemplar, que foi parar na estante de um major do Exército, chamado Manoel Alberto Vilela Monteiro, que servia no Regimento Sampaio, todos os outros exemplares da primeira edição do *Vade-mécum* se perderam.

Vilela Monteiro, que foi o primeiro comandante do Nuse, adotou o manual de Joaquim Araújo, que teria morrido, sem deixar descendentes, no início dos anos quarenta. A edição em minhas mãos, segundo o prefácio, não diferia do original, apenas os desenhos eram novos. As técnicas e as táticas do *Vade-mécum*, conforme o prefácio do coronel Luiz Carlos Azevedo, eram "adaptadas à condição física e ao temperamento do homem brasileiro".

Metido num mundo de artérias cortadas e órgãos perfurados, pensando em tornar-me um herói sinistro e vingativo, eu não podia ser boa companhia, nem para Ada nem para mim próprio. Passeava pela varanda do hotel, de cara fechada, para que nenhum estranho se aproximasse, e a única pessoa com quem gostava de conversar era seu Lopes, um português de oitenta e cinco anos, que conheci por acaso na rua. Lopes andava com vigor e falava com clareza, apesar da falta de dentes em sua boca. Fazíamos longas caminhadas pelos arredores da cidade. Lopes não acreditava que fosse o exercício a causa de sua longevidade e sim o fato de nunca ter sentido inveja de ninguém. Morava numa pensão onde tinha tudo que precisava, menos mulher para a cama — e dizia isso com ar matreiro de quem não estava dizendo a verdade e queria que eu supusesse a mentira.

A segunda semana arrastou-se ainda mais lentamente. Eu descobrira — ou melhor, fora descoberto por — um cassino clandestino que, através dos porteiros dos hotéis das estações balneárias, aliciava jogadores em toda a região. Um táxi levava os jogadores, sem nada cobrar, por uma estrada de terra até uma casa-grande de fazenda, reformada, onde havia várias roletas novas e mesas de bacará, chemin-de-fer, dados e outros jogos. Em duas visitas, perdi pequenas quantias na roleta. Me interessavam apenas os rostos ansiosos das pessoas que enchiam o salão.

De volta ao hotel, lia meus sinistros livros. Uma coisa que me fascinava era o problema do sangue, a terrível quantidade que jorrava em qualquer manobra, do corte da garganta ou da subclávia, e que podia esguichar na boca ou nos olhos do matador; a necessidade de manter a boca fechada e os olhos atentos para não ter uma reação de nojo (o sangue é doce e enjoativo) ou para não ficar cego temporariamente; o som gorgolhante que podia sair da garganta do sujeito,

impossível de ser evitado. Também era provável a emissão de fezes e urina, e o matador devia arregaçar a bainha das calças e as mangas da roupa para que não ficasse manchada de sangue (era sempre mais fácil limpar os próprios braços e os sapatos). Se o ataque fosse pela frente, o pescoço podia continuar como alvo principal, mas o coração também devia ser considerado uma alternativa excelente. Neste caso a lâmina devia penetrar os oito centímetros rigorosamente na horizontal para ter acesso ao órgão, através das costelas, e ser retirada imediatamente, pois o sujeito caía logo após a penetração e podia partir a lâmina. Se a faca fosse ordinária, e de origem indemonstrável, o melhor era deixá-la enfiada, pois sua retirada, devido à contração da carne e à sucção natural, podia ser demorada. Aqueles que queriam, por prazer, fazer sua vítima sangrar — um assassino profissional, porém, nunca deve se permitir um prazer que interfira na sua técnica — ou por alguma necessidade circunstancial, deviam usar uma faca-agulha, que funciona como um funil através do qual o sangue flui sem coagular; essa faca, na verdade um tubo cortado a um ângulo que produza bordas cortantes e uma ponta fina, era ideal para o pescoço e os rins. Para atingir a medula, na base do crânio, podia ser usado um furador de gelo, um cinzel ou mesmo uma chave de parafuso.

Se pudesse ficar a sós com Ada, naquele lugar, minha vida não seria tão angustiante. Tivemos uma oportunidade ao fazer um passeio a São Lourenço. À última hora d. Lazinha, adoentada, não nos acompanhou.

Alegres, fomos de carro até a cidade vizinha, onde também nada havia para se ver, com exceção do parque das Águas e seu lago, à beira do qual sentamo-nos de mãos dadas. Pedi a Ada que voltasse comigo para o Rio onde nos casaríamos e viveríamos felizes para sempre. Ada não queria viver no Rio ou qualquer outra cidade grande. Conversamos muito mas não chegamos a qualquer decisão. Ficamos calados olhando os gansos nadarem na água do lago. No gramado à frente deles um ganso agarrou uma rã pela perna e tentou devorá-la, mas o corpo do batráquio, que coaxava fracamente, não passava pelo bico da ave. Uma mulher tentou com gritos e sacudindo um guarda-chuva — o tempo estava nublado e alguns pingos começavam a cair —, assustar o ganso fazendo-o largar sua presa, mas a ave correu pelo gramado, seguida por outra, que queria participar do banquete, e com a rã presa no bico desapareceu no lago. A chuva aumentou e procuramos abrigo num quiosque, abraçados. Os outros poucos visitantes haviam se retirado e ficamos sós, ouvindo a chuva e o grasnar dos gansos. O incidente com a rã me deixara deprimido. “A natureza também é violenta”, eu disse capciosamente, “a violência está em toda a parte.” Ada respondeu que a violência, para ocorrer, precisava de um agente consciente e o ganso não sabia o que fazia. A violência, continuou Ada, era uma característica

humana, algo, porém, institucionalizado pelos homens, que eram por ela atraídos criando mitos aos quais aderiam e que não passavam de racionalizações enobrecedoras de seus impulsos destrutivos. Com o coração pesado eu brinquei dizendo que aquilo parecia psicologia barata; ela não devia ter uma visão tão simplista de fenômeno tão complexo. “Parisienses, homens e mulheres, neste final do século XX”, argumentei, “para gozar sem restrições suas viagens de férias de verão, abandonam seus cães e gatos de estimação amarrados em árvores, no bosque de Bolonha, para que morram de fome. Abandonariam, talvez, parentes velhos ou doentes, se a polícia não fosse atrás deles. Os antepassados desses franceses civilizados praticavam o esporte de matar a cabeçadas gatos amarrados num poste, ou então competiam para ver quem conseguia matar primeiro a pauladas um porco solto num cercado.” Habitantes de cidades pequenas na França (e eu usava a França como exemplo por ser considerada por Ada o “berço da civilização”) compravam condenados à morte de outras cidades para poder também apreciar comodamente o espetáculo de esquartejamento de um criminoso. Assim era o homem, em toda parte. Ela me olhava, e eu a ela, como se não nos conhecêssemos e Ada me dava a impressão dolorosa de que supunha que eu a encarava com piedade, e talvez fosse verdade; de que estávamos nos afastando um do outro; de que existia entre nós um espaço não ultrapassável. Inesperadamente eu disse que não ia ficar sentado numa poltrona tentando esquecer, lendo jornais e pagando os impostos em dia. Eu não queria esquecer, era bom lembrar e odiar. Impressionada com o tom amargurado das minhas palavras, Ada não soube o que dizer, e seu rosto estava triste enquanto caminhávamos pelo parque, sob a chuva, até sentirmos frio.

Voltamos para Pouso Alto. No hotel havia um recado de Raul, pedindo que lhe telefonasse. O pessoal da Entorpecentes, disse Raul, havia prendido para averiguação um boliviano, de nome Camilo Fuentes. Fuentes tinha um cordão de ouro com um unicórnio. O homem não podia ficar preso por muito tempo, pois não fora preso em flagrante e já havia uma ordem de habeas corpus para soltá-lo. Para ganhar tempo Raul conseguira transferir Fuentes para a Homicídios.

Corri para a casa de Ada, a quem expliquei que tinha que ir ao Rio, um assunto urgente, e que voltaria no dia seguinte. Não havia ônibus àquela hora e pedi o carro de Ada emprestado.

Paguei o hotel, coloquei a roupa e os livros dentro da mala e saí da cidade em alta velocidade, sem dar importância à chuva que caía. No meio da viagem percebi que, se trazia a mala e os livros, era porque não pretendia voltar tão cedo.

9

Homicídios ficava num pardieiro velho na Presidente Vargas. Da janela do gabinete de Raul podiam-se ver os carros percorrendo incessantemente a larga avenida que ligava a zona norte ao centro da cidade. As paredes do prédio eram sujas e esburacadas. Pelo chão serpenteavam fios gastos de instalações de emergência que estavam ali havia anos. A porta do vestíbulo estava com os gonzos arrebentados e parecia prestes a cair. No chão, sobre uma folha de jornal, havia uma caixa de madeira com cinza, guimbas de cigarro e cuspe seco. O andar de Raul era dividido por tabiques que formavam saletas pequenas, com uma mesa e duas cadeiras, onde os escrivães tomavam depoimentos de acusados e testemunhas. Os policiais usavam roupas esporte, desbotadas e ordinárias.

"O homem está aqui?", perguntei.

"Está na sala de manjamento", disse Raul.

Na sala havia um espelho por trás do qual podia se ver, em outra sala, sem que percebessem, as pessoas que estivessem sob observação.

"É ele?"

Sentado numa cadeira, depondo para o escrivão, estava um homem grande, de rosto redondo e cabelos lisos.

"É ele." Pausa.

"E o meu cordão?" Senti que minha voz tremia.

"Deixei com ele. Deixei também uma passagem da Noroeste, de Bauru para Corumbá, marcada para amanhã às dezesseis horas."

"Você não vai deixar esse filho da puta ir embora, vai?" Ter visto Fuentes me deixara abalado. Percebendo isso, Raul levou-me para sua sala, segurando-me delicadamente pelo braço, como se eu fosse uma pessoa doente.

"Antes de Cristo", disse Raul, "vamos dizer, na época do Sófocles—"

"Que história é essa?", cortei. "Sófocles? Aquele bandido está preso ali e você vem me falar de Sófocles?"

"Na época de Sófocles", continuou Raul, imperturbável, "de Platão, se você prefere, não havia propriamente uma escola de Criminologia. O criminoso era torturado, marcado, mutilado ou morto."

“É isso mesmo que tem que ser feito com um filho da puta desses.”

“Através dos séculos, mesmo depois que o cristianismo se difundiu mundo, essa situação se manteve. Aliás, piorou, pois a partir do século XIII, com os tribunais da Inquisição, o criminoso além de morto ia para o inferno. O encarceramento como proteção e disciplina social só surgiu no século XVIII. Isto é uma teoria, digamos, clássica — reabilitação com penitência. Estás me ouvindo?”

Eu ouvia irritado e impaciente, deixava Raul falar, pois queria a ajuda do policial para fazer o que minha imaginação estava criando. Eu me via cravando a Randall na subclávia de Fuentes e o sangue esguichando como o repuxo da praça Paris, que gostava de olhar, quando criança. Raul dizia, enquanto isso, que com a ascensão da burguesia surgira a escola neoclássica, da livre escolha do mal, e depois, no século XIX, a escola italiana, a volta à ideia do pecado, da corrupção voluntária em que a pena tinha como objetivo a reforma do homem. Depois veio a escola analítica, a da múltipla causalidade, o crime gerado por fatores vários que interagiam reciprocamente. Raul, por ser tira, uma profissão de pouco prestígio, gostava de exibir cultura.

“Vai para o inferno, Raul, estou interessado no Fuentes, as tuas teorias que se fodam.”

“Quando você teoriza eu sou obrigado a ouvir.”

“Eu teorizo? Eu teorizo sobre quê?”

“Tudo. Xadrez, cinema, literatura, você é o maior cagador de regras que eu conheço.”

Ficamos em silêncio.

Acendi um Pimentel número dois. As cortinas que se fodessem. De qualquer forma não havia cortinas naquela delegacia de merda, para se impregnarem com o Pimentel.

“Fuentes foi preso no corredor de um prédio da rua Barata Ribeiro onde Entorpecentes descobriu cinquenta quilos de cocaína pura. Cinquenta quilos, dinheiro graúdo. Fuentes alega que estava procurando um apartamento para alugar. No prédio havia mesmo um apartamento para alugar. Mas Entorpecentes suspeita que Fuentes esteja ligado ao traficante que foi preso, naquele dia, no local, com o pó. A passagem para Corumbá, dizem eles, é um indício. No momento, a maior parte da coca que vem da Bolívia para consumo no Brasil, Estados Unidos e parte da Europa, principalmente Itália e França, entra por Corumbá vinda de Santa Cruz de la Sierra, passando por Puerto Suárez. É para lá que Fuentes está indo amanhã.”

“E daí?”

“Entorpecentes quer Fuentes solto. Só deixaram ele vir para cá momentaneamente, porque ajuda no despistamento. Inventamos, para Fuentes, que ele é suspeito de um homicídio e logo o soltaremos dizendo que foi um engano. A Polícia Federal já está agindo em Corumbá e não quer assustar os cabeças, o que acontecerá se Fuentes ficar em cana Fuentes é fichinha, não tem importância.”

“Para mim tem.”

“Além de tudo não temos base para segurar Fuentes; não houve flagrante e qualquer advogadinho o põe na rua. E o advogado dele é o Romeiro Galvão. Mesmo que Fuentes seja acusado agora, por você, de roubo, tentativa de homicídio e estupro, teríamos que pedir ao juiz a decretação de prisão preventiva e não acredito que se consiga isso.”

“Quer dizer que você vai soltar esse puto?”

“Entorpecentes garante que a Federal grampeia ele em Corumbá. Junto com os contatos dele. Tráfico é crime inafiançável. Então a gente joga em cima dele o processo de roubo e estupro. Põe ele em cana pro resto da vida.”

Sentia-me dominado por uma horrível sensação de impotência. Não havia nada a fazer. Ou melhor, havia.

Chegando ao escritório contei a Wexler tudo o que acontecera.

“Estou indo a São Paulo e de lá vou para Bauru pegar o trem para Corumbá. Vou seguir Fuentes. Com essa barba que estou usando ele não me reconhecerá.”

“Isso é loucura”, disse Wexler.

“Talvez.”

“Raul sabe disso?”

“Sabe. Até me deu o endereço de um tira amigo dele em Corumbá. Me faz um favor: pega o carro de Ada e leva para Pouso Alto e conta tudo para ela.”

“Você está louco, louco varrido.”

“Talvez. Raul disse a mesma coisa.”

Wexler repetiu várias vezes que eu estava louco. Estava mesmo.

“Deixe os homens da Federal trabalhar”, dissera Raul, “eles vão acampanar Fuentes e já têm um esquema montado em Corumbá. Não se meta.”

Peguei o avião da ponte aérea até São Paulo. Dormi no Hotel d’Oro no centro. Do hotel liguei para Bauru, reservando uma cabine trem de Corumbá; o agente da estação disse que segurava minha passagem até as quinze e trinta. O trem de São Paulo devia chegar a Bauru às quinze horas.

Às oito da manhã fui para a estação da Luz. A fila para o trem de Bauru começava numa das escadas que davam acesso à plataforma inferior da estação e estendia-se pela passarela até o lado oposto. Havia muitos bolivianos na fila, que

haviam ido a São Paulo fazer compras e agora começavam a longa viagem de volta. Camilo Fuentes destacava-se pela sua estatura. Tranquilo e alerta, observava os circunstantes. Eu estava longe, mas mesmo assim, temendo que um homem sozinho chamasse a atenção do boliviano, comecei a conversar com um casal brasileiro de meia-idade, donos de um pequeno sítio em Campinas. Enquanto conversávamos, tentei identificar na fila algum agente da Polícia Federal. Não havia ninguém com cara de tira.

Quando o trem chegou, a fila movimentou-se e perdi Fuentes de vista. Os vagões ficaram lotados, com pessoas em pé. Antes de chegar a Bauru o trem parou em várias cidades. Como havíamos saído com meia hora de atraso, eu olhava o relógio constantemente, receando perder a reserva que fizera. Chegamos apenas cinco minutos depois da hora marcada.

No guichê de Corumbá havia uma longa fila de pessoas aguardando uma possível desistência. Retirei a passagem e fui procurar minha cabine, número oito, e, ao entrar no vagão, notei satisfeito que Camilo Fuentes já estava na cabine quatro, deitado, com a porta aberta, aparentemente despreocupado.

Minha cabine tinha dois beliches forrados de plástico marrom, sendo que o de baixo, mais largo, estava fechado, transformado em sofá. Na parede havia um pequeno ventilador de pás azuis entre duas luminárias fluorescentes, um espelho sobre a pia de alumínio e dois porta-toalhas, cada qual com uma pequena toalha de rosto, vermelha, desbotada.

Quando o trem passou em Guarantã fui para o carro-restaurante. Era um vagão velho, de cortinas beges, sujas, com mesas de duas e quatro cadeiras cobertas por toalhas quadriculadas de plástico. Pedi um bife e o garçom, que usava um uniforme da Rede Ferroviária Federal, um homenzinho barrigudo de cabelos ondeados e cara desonesta, explicou, secamente, que só trabalhava com filé. Pacientemente pedi filé a cavalo, isto é, com dois ovos, e o garçom, fingindo não entender, perguntou se era um “filé montado”. “Montado”, eu disse. Sobre a mesa havia uma lata de cerveja quente, um pacote de biscoitos e um pacote transparente de salgadinhos amarelos, que o garçom levou.

O filé estava bom, mas os ovos tinham a clara um pouco gosmenta. Comi lentamente, ouvindo o barulho das rodas do trem, esperando Camilo Fuentes. Um homem daquele tamanho não devia demorar a sentir fome. De onde estava eu via o carro-restaurante por inteiro: quatro sujeitos ocupavam uma das mesas, um deles, mais velho, parecia ser o chefe e os outros, um deles aparentando dezesseis anos, ouviam atentamente o que ele dizia, provavelmente uma piada, pois todos riram quando terminou de falar. Pareciam contrabandistas, daqueles que têm uma agência de automóveis como fachada, ou uma loja de tecidos, pessoas cautelosas que estavam se permitindo abrir a guarda momentaneamente,

depois de haver estudado, com olhares furtivos, o homem barbudo que chegara e concluído que era inofensivo. Tomavam cerveja. Logo chegaram duas mulheres. Uma devia ter cinquenta anos e a outra tinha pouco mais de vinte, sendo que esta usava uma blusa estampada de estrelinhas coloridas, algumas joias, e suas pálpebras, pintadas de verde, estavam inchadas como se tivesse dormido demais. Seu rosto era redondo e os dentes perfeitos, exibidos constantemente num esgar que ela devia considerar bonito, mas que lhe dava um aspecto oligofrênico. A mais velha lançou um olhar hostil na direção dos contrabandistas. Se rosto magro, de lábios finos e de fundos sulcos ao lado da boca, era inteligente e inamistoso; os cabelos eram curtos e duros de laque. Um sinal sob o lobo da orelha parecia uma gota de sangue prestes a escorrer pelo pescoço. Bebia cerveja com avidez.

O trem passou sobre um rio de águas barrentas, de leito irregular cheio de pedras grandes; estávamos perto de um vilarejo chamado Piraporanga e foi aí que Camilo Fuentes entrou no vagão. Seu enorme corpo parecia não ter espaço suficiente para caminhar entre as mesas. Viu a duas mulheres, de costas para ele, e caminhou na direção delas, observando minha mesa e a dos contrabandistas, através dos seus óculos espelhados, como um autômato sem olhos. Sua dificuldade em andar entre as mesas era apenas um truque que lhe dava tempo para ver tudo por trás de seus luminosos espelhos. Apesar do seu tamanho, Fuentes era muito ágil. Ao chegar à mesa das mulheres mandou a mais velha mudar de lugar: não queria ficar de costas para os quatro homens. Com insolência passou o braço sobre o espaldar da cadeira da mulher mais jovem agarrando-a pelo ombro. A mulher, a princípio surpreendida, pareceu gostar e se divertir com Fuentes. Ambos trocaram palavras que não ouvi.

Enquanto conversava, Fuentes amassou com uma das mãos uma lata de cerveja vazia, dobrando-a em duas partes, sem esforço, casualmente, como se estivesse amassando uma bolinha de papel. A camisa de Fuentes estava aberta e o cordão, com o unicórnio, que Berta me havia dado, brilhava no seu peito largo. Ao ver o cordão, senti minhas mãos tremerem. Sabia que tinha de me controlar; não podia ficar mais tempo no carro, já havia tomado dois cafezinhos, acabaria chamando a atenção do homem, pedi a conta e saí. Ao passar pela mesa de Fuentes, sem que este notasse, sorri para a mulher mais velha. A mulher não sorriu de volta, mas seus olhos buscaram os meus.

Ao chegar à cabine abri a janela, liguei o ventilador e deitei-me no beliche com a Randall na mão. Meu pênis estava duro e tirei-o para fora das calças. Devia ser horrível ter o pau cortado, pensei passando o fio da Randall de leve na verga do pênis; um tremor frio varou meu corpo. Abri a janela e olhei toda a carroçaria do vagão, tentando localizar a janela de Fuentes. O braço grosso dele

apareceu na janela; devia estar sozinho na cabine. Voltei ao carro-restaurante. A mulher mais velha continuava na mesa tomando cerveja.

“Posso me sentar?”

“Pode. Eu sabia que você ia voltar.”

Fiz um gesto para o garçom mostrando a cerveja da mulher.

“Então?”, a mulher perguntou.

“Vamos ficar trinta horas neste trem”, eu disse, perturbado com o olhar conjecturante da mulher, irritado com isso, afinal ela não passava de uma puta, e velha.

“Isso eu já sabia”, disse a mulher.

A cerveja chegou. Enchi os dois copos. A mulher bebeu; seus braços eram robustos e bonitos.

“Você faz o que aqui, perdido neste mundão?”

“Sou de São Paulo. Comprador de gado.”

A mulher riu. Seus dentes eram escuros de nicotina. “Essa não!”

“Essa não?”

“Que boi é aquele?” A mulher apontou um boi pastando ao longe.

“Zebu. Como é o seu nome?”

“Mercedes. Fale dos bois.”

“Se for falar tudo que eu sei a viagem acaba e eu ainda estou falando. Compro boi em pé, aqui em Mato Grosso, e embarco para São Paulo, onde ele engorda uns tempos antes de ser abatido.”

“Zebu?”

“É o que mais tem no Brasil.” Estaria a mulher percebendo a impostura? “Veio da Ásia, sabia?”, acrescentei apressado, prosseguindo minha cortina de fumaça. “Em Minas compro o guzerá, o gir, em Goiás o nelore, o indubrasil.” Era tudo o que sabia sobre o assunto.

“Vocês não têm boi em São Paulo?”

“Temos. Mas o consumo é muito grande.”

“Nós criamos os bois e vocês, paulistas, comem, não é isso?”

“Mais ou menos. Você é mato-grossense?”

“Sou. Quantos bois existem no Brasil?”

“Isso ninguém sabe. De que lugar de Mato Grosso?”

“Corumbá.”

“É para lá que eu vou. Pego um avião e sigo para Nhecolândia.”

Um trem de carga, cheio de bois magros espremidos como sardinhas, passou em sentido contrário.

“Lá vão eles, ao encontro das batatas fritas”, disse Mercedes.

“E você, o que faz?”

“Adivinha.”

“Dona de casa.”

“Ou você é muito bobo ou muito esperto.”

“Sou muito esperto.” Começava a sentir uma certa atração pela mulher.

“Vamos tomar outra cerveja?”

“Vamos. Quem era aquele grandão que estava com vocês?”

“É um boliviano. Mas fala português perfeitamente. Sentou e foi logo passando a conversa na Zélia. Os homens não podem ver a Zélia. Quer dizer, esse tipo de homem, que gosta de mulher submissa. Ela está agora lá na cabine dele.”

“E o boliviano faz o que, além de conquistar señoritas indefesas?”

“Diz ele que está indo a um importante encontro em Quijarro. Ninguém pode ter um encontro importante em Quijarro. É uma bosta de cidade.” Mercedes acrescentou que lá existia apenas uma feira livre e frente à estação, sempre cheia de bolivianos carregados de mercadorias compradas em São Paulo e adolescentes brasileiras de mochilas na costas esperando o Trem da Morte, que demorava vinte horas para chegar a Santa Cruz de la Sierra, onde os mochileiros, “jovens burgueses que se sujam de merda e mijo esperando se redimirem da sua condição de parasitas, acreditam que a coca cai do céu”. Para ela o Trem da Morte não passava de um cargueiro velho cheio de bolivianos pobres levando bagulho “para as cochabambas da vida”. Mercedes fez seu discurso com voz pastosa, a cerveja porejando da pele em camadas viscosas que ela limpava com o dedo indicador e a palma da mão.

“Voltando ao boliviano...Ele faz o quê?”

“Não sei”. O rosto de Mercedes parecia uma efígie numa moeda de ouro, iluminado pela luz dourada do entardecer. Ah, as mulheres.

10

Camilo Fuentes acreditava firmemente que, para sobreviver mundo hostil em que vivia, era preciso estar preparado para matar. Seu pai fora morto na fronteira porque vacilara ao enfrentar seu assassino. Camilo tinha sete anos quando isso aconteceu, mas seu tio Miguel lhe contara tudo: o homem que matara seu pai era brasileiro, como eram brasileiros os usurpadores de larga parte do território boliviano, um território tão grande que se transformara num dos estados da República Brasil, o vizinho imperialista que, com a conivência de governantes bolivianos corruptos, há séculos roubava as riquezas naturais do seu país. Camilo, na infância e na adolescência, sofrera a arrogância dos seus vizinhos ricos do outro lado da fronteira, aos quais prestava pequeno serviços humilhantes em troca de pagamento miserável. Por esse motivo e outros mais obscuros, odiava os brasileiros.

Zélia é muito estúpida para ser perigosa, pensou Camilo enquanto mandava que ela ficasse de quatro no chão da cabine. Em segui começou a possuí-la como se faz com uma cadela, chamando-a de puta brasileira, espancando-a e fazendo-a gemer e pedir mais, em gritos abafados pelo barulho das rodas do trem.

O calor da cabine era muito forte, e Zélia permaneceu deitada no chão sentindo um torpor agradável no corpo dolorido. Deitado no beliche já desinteressado da mulher, Fuentes avaliou os riscos possíveis em sua viagem. Perigos havia em todo lugar, e estar constantemente alerta fazia parte da sua rotina. Os contrabandistas eram inofensivos, desde que ninguém se metesse com eles, e isso Fuentes não pretendia fazer. A velha Mercedes precisava ser vigiada: bebia e não ficava embriagada, com alguém se sentindo entre inimigos. Havia no trem outra pessoa suspeita, um sujeito de barba que o observara dissimuladamente no carro-restaurante e desviara os olhos como um maricón indeciso, procurando contato; mas aquele sujeito de olhar hostil e dentes sempre trincados não era um homossexual. Precisava também ser vigiado. (Felizmente Fuentes não me reconhecera.)

“Estou com sede”, disse Zélia.

“Vá comprar cerveja”, disse Fuentes, dando dinheiro à mulher. Seu português era perfeito, mas deixava perceber um levíssimo sotaque.

“Assim?” Zélia abriu as pernas mostrando seu púbis coberto por espessos pelos que se aprofundavam pela greta das nádegas até o cóccix.

“Não quero mulher minha nua para outros homens”, disse Fuentes, postou-se com as pernas abertas sobre o corpo reclinado de Zélia. Verificou embevecido que seu pênis endurecia atingindo enormes proporções. Ele era um homem, pensou com orgulho, deitando-se sobre a mulher penetrando-a com violência; ia fazer aquela cadela gozar mil vezes. Os movimentos vigorosos de Fuentes faziam o suor pingar da sua cabeça sobre a face e os olhos de Zélia, cobrindo a visão da mulher com uma lente líquida ardente que tornava disforme a figura do homem curvado sobre ela. Consciente do que fazia, Fuentes ouvia altivo o estalar dos ventres alagados juntando-se e separando-se: ele era um índio puro, capaz de foder qualquer mulher horas seguidas. Zélia, com prazer e medo, temia e desejava desfalecer de exaustão e gozo. Sempre encontrara homens que ficavam pouco tempo na cama e logo se desinteressavam dela. Sempre sonhara com alguém como Fuentes. Fingiu que gozava mais uma vez, sentindo um prazer diferente, de satisfazer e servir ao homem. “Sou sua escrava”, disse, e isso pareceu dar ainda mais forças a Fuentes. Seus braços envolveram a mulher como se fosse partir-lhe as costelas, seu corpo arrojou-se contra o dela em violentos arremessos que fizeram-lhe doer todos os ossos, principalmente os do púbis.

Quando acabaram, Fuentes saiu de cima do corpo de Zélia, deitou-se no beliche e disse, “Agora vai comprar a cerveja”.

Zélia colocou um vestido sobre o corpo nu. Antes de sair, ao ver o rosto carrancudo de Fuentes, perguntou se ele não estava feliz, se ela havia feito alguma coisa errada.

“Vai comprar a cerveja”, disse Fuentes.

Estava preocupado. Ia encontrar-se em Quijarro com Rafael, um homem a quem detestava. Rafael tinha a mania de chamá-lo de China e isso deixava-o enfurecido, ainda que não o demonstrasse. Além do mais todos os brasileiros eram indignos e covardes. Mas Mateus dera as ordens e ele tinha que obedecer — por enquanto. Estava perto o dia em que nenhum brasileiro mandaria mais nele.

Eu e Mercedes acordamos suados, quando o dia começou a amanhecer, com o corpo doendo pelo desconforto do estreito beliche onde havíamos dormido juntos. O trem passava por um lugarejo denominado Águas Claras e cruzava uma ponte sobre um rio de águas limpas e tranquilas que corria por um vale de árvores frondosas.

“Esse é o rio Verde”, disse Mercedes.

Aspiramos com prazer a frescura e o aroma que vinham das sombras densas do arvoredo que margeava o rio.

“Acho melhor ir ver como está a Zélia”, disse Mercedes. “Apura mais coisa do boliviano.”

“Não se meta com ele. Não viu o que fez com a lata de cerveja?”

Percebi um brilho irônico nos olhos de Mercedes; mas ela não mostrava surpresa com meu interesse por Fuentes. De qualquer forma faltou-me imaginação, naquele momento, para interpretar corretamente o comportamento de Mercedes.

O trem parou em Campo Grande para se abastecer de água. Da janela da cabine, vi Fuentes na plataforma, chupando laranjas; sólido calmo, atento.

Por volta do meio-dia fui para o carro-restaurante. Zélia e Mercedes chegaram logo em seguida. Os braços de Zélia estavam marcados de manchas roxas que ela olhava com vaidade e exibia como se fossem joias preciosas. Mercedes, taciturna, escolheu as cadeiras em que deviam se sentar: Fuentes estava sendo esperado, concluí, pois fora deixada uma cadeira vazia ao lado de Zélia.

Quando Fuentes surgiu, parecia menos desconfiado do que no dia anterior. Sua maneira de tratar Zélia lembrou-me o estilo tutelar dos cáftens com suas mulheres.

“O senhor me dá licença?”

Um sujeito magro, jovem, com o rosto coberto por uma barba rala aproximara-se da minha mesa, e sem esperar resposta, sentou-se e colocou os dois cotovelos sobre a mesa. Chegando o corpo para a frente me fitou por trás dos óculos de lentes grossas.

“Você é um pecador, eu sei que é um pecador, vejo no seu rosto, caminhos que parecem direitos ao homem, mas são os caminhos morte.”

“Todos os caminhos são da morte”, eu disse. A presença do pregador me permitia ficar mais tempo no vagão sem chamar a atenção Fuentes.

“Não, não, você está indo na direção errada. O caminho para o céu está aberto, e Jesus pagou o preço para levá-lo para lá, morrendo na cruz no seu lugar.” Enquanto o pregador falava, Fuentes, ante o enleio de Zélia, amassava outra lata de cerveja. Homem sem imaginação, pensei cruzando um olhar esquivo com Mercedes.

“Se confessares ao Senhor Jesus e em teu coração acreditares que Deus o ressuscitou dos mortos serás salvo. A salvação é grátis. Sabe quem pagou?”

O pregador não tinha dois dentes na frente e isso, para mim, lhe dava alguma credibilidade. As pessoas sem dentes me comoviam. Além do mais era

pálido e parecia hospedar em seu corpo todos os vermes conhecidos e desconhecidos da parasitologia tropical.

“O Justo pagou pelos injustos”, disse o rapaz dando um soco na mesa.

“Isso significa que Deus ama o pecador”, eu disse, procurando manter a conversa. O pregador mordeu os lábios descorados. “Mas não o pecado”, disse ele, arregalando os olhos, “não o pecado! Todos os pecadores carecem da Graça de Deus. Crê em Jesus Cristo e serás salvo, tu e a tua casa. Diga comigo”, ele falava sem nuances, agora, como alguém que houvesse dito aquelas palavras decoradas inúmeras vezes, os olhos fechados, contrito, “diga comigo, Senhor, eu sou um pecador, sei que mereço o inferno, mas creio que Jesus morreu por mim e agora eu o aceito como meu único e suficiente Salvador. Amém.”

“Amém”, eu disse, sem poder conter um sorriso.

“Não brinque, insensato. Estou lhe ensinando como chegar ao Céu, saindo de Mato Grosso.”

Notei um rápido olhar apreensivo de Fuentes em minha direção. Estaria o boliviano desconfiado de alguma coisa? Mas ele passou a brincar com Zélia, descontraído, não olhando mais para o meu lado. Estou vendo fantasmas, pensei. Pedi a conta ao garçom, paguei, despedi-me do pregador e saí sem olhar Fuentes e Cia. Ainda pude ouvir o pregador dizendo ameaçadoramente às minhas costas “O inferno é muito mais quente do que isto aqui!”.

O trem estava atrasado duas horas. Faltavam ainda mais dez horas de travessia por aquela infinita planície verde cortada pelo raro voo de garças brancas e salpicada por rebanhos de gado que pareciam miniaturas de brinquedo. Da janela de minha cabine tentei ver algum jacaré, o principal habitante do Pantanal. Lera em algum lugar que durante o ano haviam sido mortos, clandestinamente, segundo estimativas oficiais, mais de um milhão de jacarés na região. Sapatos, bolsas, pulseirinhas de relógio para os consumidores elegantes do mundo inteiro. Mas a morte de um jacaré ou de uma pessoa, não tinha nenhuma transcendência para mim, ali no meio do mato. Eu ia matar Fuentes e sabia, amargurado que a morte do meu inimigo me daria a mesma satisfação de esmigalhar uma barata com o pé. Nesse instante senti uma inesperada saudade do corpo de Eva, a filha mimada do senador corrupto, e logo fui invadido por saudades ainda maiores de Ada, vontade de sumir com ela naquele imenso mar vegetal, virar as costas aos amigos, culpados e inocentes, multidão das ruas, ardores urbanos. Adeus notícias dos jornais, tribunal do júri, clientes, polícia e bandidos, efemérides e alegações finais. Fechei os olhos e sonhei com Ada.

Bateram na porta. Mercedes entrou e sentou-se ao meu lado no beliche.

“É lindo o Pantanal”, eu disse.

“Por quê?”

“Acho que é por não ter fim.”

“Me deprime exatamente por isso, porque não acaba nunca. Me dá um beijo.”

Beijei-a no rosto.

“Na boca. Você tem nojo de mim?”

Beijei-a na boca, sentindo seu hálito de cerveja e nicotina.

“Você sabe como é o nome dele?”, perguntou Mercedes.

“Sei. Camilo Fuentes.”

“Ele disse que se chamava Pepe Losada.”

“Deve ter vários nomes.”

“Vai ficar hospedado no Grande Hotel. Nós também. Estamos duras e ele disse que paga, prometeu isso à Zélia. Prefiro morar com o capeta do que numa das pensões de Corumbá, trinta pessoas para um banheiro.”

Mercedes tirou a roupa, lavou as mãos e o rosto na pia e enxugou-se numa das toalhas vermelhas. “Pepe ou Camilo ou lá o que for passou o almoço contando vantagens. Disse que tem um primo general, que é amigo do governador de Mato Grosso, do chefe de polícia, não sei de que lugar, deve ser mentira, como também não é verdade que ele seja, como afirma, dono de uma firma importadora, proprietário de imóveis em São Paulo. Ele falou ainda que tinha um amigo no Hotel Santa Mônica, um hotel de Corumbá, esperando por ele. Vamos esquecer esse vagabundo um pouco? Você não está sentindo calor?”

Tirei a roupa e coloquei os travesseiros no beliche de maneira que, deitados, pudéssemos ver a paisagem.

“Você quer foder?”, perguntou Mercedes.

“Não estava pensando nisso, por enquanto.”

“Foder não é tudo”, disse Mercedes.

“Não é”, eu disse.

“Mas é bom”, disse Mercedes.

“É bom”, eu disse.

“Você é comprador de gado?”

“Não. Sou advogado no Rio de Janeiro. Criminalista.”

“No Rio não deve faltar cliente, não é? A cada minuto, ou será a cada segundo? um crime de morte.”

“Não é bem assim.”

“Eu vi logo que você não era comprador de gado. Um comprador de gado nunca está triste.”

“Não estou triste.”

“Você gosta de mim?”

“Gosto. Mas não vou te ensinar a chegar ao Céu saindo de Mato Grosso.”

11

O trem chegou a Corumbá às dez e quinze da noite. A estação consistia numa plataforma comprida ladeada por paredes de alvenaria pintadas de cinza e era iluminada por uma luz fria azulada. As famílias bolivianas, apressadas, descarregavam suas malas, sacos, fardos, caixas e embrulhos. A viagem deles não acabava ali, ficariam mais alguns dias dentro de trens desconfortáveis até chegarem à Cordilheira Real. Mas pareciam felizes por terem alcançado Corumbá; falavam alto e as crianças corriam alegres pela plataforma. Os que iriam de cargueiro teriam de se transportar até Quijarro, na Bolívia, de onde outro trem sairia no dia seguinte à uma da tarde; os que seguiriam de trem de passageiros esperariam na estação de Corumbá a manhã do dia seguinte.

De táxi, fui até ao Grande Hotel, que ficava na esquina de uma praça, um edifício dos anos quarenta, com entrada ornada de mármore preto em estilo art déco. A moça da portaria arranjou para mim um apartamento no terceiro andar.

Camilo Fuentes chegou ao Grande Hotel pouco depois de mim, acompanhado de Mercedes e Zélia. As duas mulheres ficaram num quarto e Fuentes num apartamento do segundo andar. Fuentes, antes de se instalar, examinou os cômodos cuidadosamente: a fechadura da porta de entrada; a saleta de entrada, com duas poltronas e um sofá antigos de plástico cinza; o banheiro grande, bem arejado por uma janela larga de basculantes, com banheira, pia, bidê, vaso sanitário, box com chuveiro. Nada escapou ao escrutínio de Fuentes. O quarto tinha duas camas de solteiro, debaixo das quais o chão estava limpo, uma penteadeira com espelho e banqueta, um armário e um ventilador alto de pé. Atrás da penteadeira havia uma janela; outra janela ao lado da cama; uma varanda. As portas da varanda e a janela da penteadeira davam para a praça; a outra, ao lado da cama, para uma rua. O apartamento de Fuentes ficava na esquina do prédio. Não havia possibilidade de acesso pelas janelas, fosse pela rua ou pelos apartamentos adjacentes. Os prédios vizinhos eram mais baixos e deles não se podia ver o interior do apartamento. Mas do outro lado da praça, alguém, de binóculo, poderia devassá-lo através das portas da varanda. Fuentes fechou as portas da varanda, anotando mentalmente que jamais as abriria, e

descerrou as duas janelas. Em todos os cômodos sentia-se um forte cheiro de tinta fresca. Fuentes ligou o ventilador, tirou todas as roupas, colocou o sofá da saleta bloqueando a porta de entrada do apartamento, deitou-se e dormiu, programando-se para acordar duas horas depois, o que de fato aconteceria.

Tomei banho, mudei de roupa e com a Randall com o punho para baixo na speed-break sheath sobre o peito, saí para ver a cidade.

"Onde é o Hotel Santa Mônica?", perguntei à moça da portaria.

"Na rua Antônio Maria. Descendo por esta rua aqui em frente você vai bater lá."

"É preciso passaporte para entrar na Bolívia?"

"Acho que não. Um dinheirinho resolve."

Havia apenas um restaurante aberto, prestes a fechar, mas concordaram em me servir. Pedi um churrasco de pintado com batatas cozidas.

"Tem algum vinho português?"

"Vou ver", disse o garçom.

O restaurante era um galpão, de pé-direito altíssimo. Espalhados pelo salão, dezenas de ventiladores zumbiam suavemente. O garçom voltou com um Porca de Murça. "Esse serve?"

"Serve."

"Quer que gele?"

"Claro que não. Pode abrir."

Vinho tinto com churrasco de peixe era uma experiência gastronômica nova para mim. Mas estava muito agradável ao paladar. Durante o jantar caiu uma tempestade violenta; lufadas de vento frio entraram no salão enquanto a chuva batia com estrépito no telhado. Por instantes senti-me abrigado e feliz e esqueci o ódio que curtia meu coração. Logo a chuva passou e voltei para o Grande Hotel. Mas antes passei no Santa Mônica, um prédio feio de concreto e pastilhas azuis, paredes internas de tijolo de cerâmica, vazadas e pintadas de verde-piscina, com acabamento de ladrilhos amarelos. Ao homem da portaria disse que estava Procurando o dr. Arantes, que era esperado de Bauru. Após olhar as fias o porteiro disse que não havia nenhum Arantes no hotel. Na parede um cartaz mostrava um barco com homens pescando, fazendo publicidade de uma excursão de três dias no Pantanal, que fingi contemplar interessado. Disse que passaria no dia seguinte. Saí do Santa Mônica e caminhei em direção ao Grande Hotel. Apesar da hora ainda havia gente nas ruas. A chuva passara e os comerciantes e suas famílias sentavam-se a conversar na porta das lojas em cujos fundos, ou sobrados, moravam. No Rio de Janeiro antigamente era assim, pensei, lamentando não ter conhecido a cidade naquele tempo.

Pouco depois de entrar no meu quarto, no Grande Hotel, bateram na porta. Era Mercedes.

“O boliviano está aqui embaixo, no duzentos e seis. O cara do Santa Mônica com quem ele vai se encontrar chama-se Rafael, mas o encontro deles será em Quijarro, amanhã às onze horas da manhã.”

“Você é um anjo.”

“Amor com amor se paga.”

“Como se vai a Quijarro?”

“Existem vários ônibus, que saem em frente da rodoviária, a toda hora. E táxis bolivianos. Posso dormir aqui?”

“Vou ter que acordar cedo.”

“Eu te acordo.”

“A cama é estreita.”

“Gosto de cama estreita.”

“Está bem.”

“Por que você deu esse suspiro?”

“Não sei.”

“Já está cheio de mim?”

“Não.”

“É saudade de outra mulher?”

“Talvez.”

“Vamos tomar banho.”

Tomamos banho e fomos para a cama. Mercedes passou a mão leve sobre o meu corpo. Mantive os olhos fechados.

“Você gosta?”

“Gosto.”

Agora, a boca e a língua de Mercedes.

“Muito?”

“Muito.”

Nem parecia que Mercedes tinha a cabeça tão cheia de problemas e esquemas quanto eu.

Acordei às cinco horas da manhã. Peguei a Randall e fui para o banheiro. Sentado no vaso sanitário, enquanto esvaziava os intestinos, manuseei a faca imaginando como seria a morte de Fuentes. Por ser canhoto, o que percebera ao observar o boliviano amassar as latas de cerveja no carro-restaurante, Fuentes facilitaria minha tarefa. Confiando em sua força, Fuentes estendia a mão esquerda para me golpear (também poderia ocorrer que Fuentes estivesse armado mas, de uma maneira ou de outra eu o via mover-se), levando o pé esquerdo à frente e girando e aproximando ligeiramente o corpo largo, tornando

mais vulnerável o lado mais vital do seu tórax. Eu, destro, executava uma passata sotto, adiantando o pé direito e dobrando um pouco os dois joelhos, mais o da perna esquerda, sem tocar o chão, todavia. Com esse movimento complexo, mantendo o torso dobrado, desviava-me do ataque de Fuentes e arremetia golpeando-o com violência no coração. Surpreendido, o boliviano caía morto no chão, antes porém reconhecendo quem era o seu assassino. Esse cenário, com variações, foi sonhado, acordado, várias vezes por mim até que não me deu mais prazer e levantei-me e fui tomar banho.

Quando acabava de me vestir, Mercedes acordou.

“Que horas são?”

“Seis horas.”

“Você já vai?”

“Já.”

“Sabe onde é?”

“Sei.”

“A gente se encontra mais tarde?”

“Sim.”

Apesar de cedo o sol já estava forte, mas a temperatura era agradável. Atravessei a praça parando em frente à estátua do general Antônio M. Coelho, um herói local da Guerra do Paraguai. Os altos flamboyants da praça brilhavam cobertos de flores vermelhas. Na rua da rodoviária as lojas estavam abertas. A maioria vendia farinha de trigo, papel higiênico, eletrodomésticos, brinquedos. Muitos bolivianos esperavam o ônibus, carregados de sacas e embrulhos. Quando o ônibus chegou houve um pequeno tumulto, com as pessoas colocando suas mercadorias num compartimento na carroceria do carro. A porta do ônibus foi aberta e os passageiros que entravam tinham seus embrulhos examinados pelo motorista e seu ajudante.

“Es trigo”, disse o motorista irritado, para uma mulher, “abajo.”

Uma mulher com uma enorme saca de cenouras me explicou que cada pessoa só podia sair com o máximo de dez quilos de farinha de trigo, mais do que isso seria apreendido na fronteira, pela alfândega brasileira. Ela me pediu que dissesse serem meus os dez quilos a mais que transportava, e antes mesmo que respondesse, enfiou-me na mão uma nota fiscal onde estava escrito: Casa Carioca, rua Manoel Cavassa, duzentos e doze, dez quilos de farinha de trigo, quantia ilegível. O subsídio do governo brasileiro ao consumo de trigo ainda não fora totalmente suprimido e o contrabando para a Bolívia continuava existindo.

O ônibus era um veículo velho e sujo do Serviço Público Colectivo Tigre del Chaco. Seu curto percurso era de Corumbá a Puerto Suárez, passando por

Resguardo e Quijarro. Em Arroio da Conceição, na fronteira, o motorista ordenou a todos que saíssem do ônibus. Dois funcionários brasileiros, depois de coletarem as notas fiscais, entraram e revistaram a bagagem deixada pelos passageiros. Depois examinaram o compartimento de carga do ônibus, minuciosamente.

Cem metros adiante, em Arroyo Concepción, o ônibus parou novamente. Os passageiros saltaram outra vez, ante o olhar desinteressado de soldados armados de fuzis.

"Están a procura de armas, mas saben que nel ônibus non existem", disse em portunhol a mulher para quem eu contrabandeava a farinha de trigo; estávamos no meio dos passageiros, num gaipo ao lado do ônibus, esperando que os soldados terminassem a revista.

Saltei em Quijarro, em frente à estação ferroviária, um imenso edifício de alvenaria coberto de zinco. O céu estava azul, com nuvens brancas imóveis e opacas como blocos de gesso. Muita gente esperava o Trem da Morte, que chegaria à uma da tarde, pessoas que haviam pernoitado na estação, carregando todo tipo de objeto, colchões, eletrodomésticos, fogões, pacotes e caixas com mercadorias não identificáveis. Meninos de oito anos vendiam arroz con leche, pedaços de melancia e pastéis de carne moída.

Do outro lado da rua ficava o bar e restaurante El Paso, uma casa quadrada de alvenaria, com um salão grande, mesas, um balcão com mercadorias, cigarros, fitas cassete, baterias, pacotes de macarrão e sopa. Ao lado do balcão uma porta; através de uma cortina de tecido sebento, entreaberta, via-se uma pequena sala, duas mulheres jovens sentadas em torno de uma mesa e uma criança. Uma das moças levantou-se e veio até o salão, perguntando em espanhol o que eu desejava.

Pedi uma cerveja. Sorvi com prazer a Pilsener Tropical Extra que a moça me trouxe.

Esperei.

Um frango entrou e ficou bicando um pedaço grande de pão que estava no chão, sacudindo a cabeça, tentando arrancar um naco deglutível. Lembrei-me de Ada. Na verdade lembrei-me primeiro do ganso tentando comer a rã no parque de São Lourenço. Chegaram duas moças gordas, lentas e suadas, andando com dificuldade: brasileiras arrependidas com vontade de voltar para casa. O tempo passava, esquentava e aumentava o número de moscas. Chegaram três bolivianos, dois índios e um branco. Depois um casal alemão sofrendo com o calor. Distraído com a mulher alemã, gordinha como uma leitoa de raça, mas mesmo assim atraente, não vi quando Camilo Fuentes entrou no El Paso, acompanhado de um homem menor do que ele, de lábios roxos e barba

vermelha, verruga no nariz, o Mão Perfumada, que furara o meu corpo e estuprara Ada com o cabo da faca. Sentaram-se e pediram cerveja. De costas para eles não conseguia ouvir o que diziam. Tratavam-se como se fossem adversários e, mesmo falando em surdina, percebia-se a hostilidade entre eles. Conversaram um longo tempo e afinal separaram-se. O Mão Perfumada, que agora eu sabia chamar-se Rafael, foi o primeiro a levantar-se.

"Amanhã, no Dancing Days, uma hora, vê se não atrasa", disse Rafael.

Na portaria do Grande Hotel ninguém conhecia um lugar chamado Dancing Days.

Telefonei para Arquelau, o tira amigo de Raul. Arquelau disse que era seu dia de folga e que, se eu quisesse, podia passar na casa dele.

Havia uma feira livre na rua onde Arquelau morava. Barracas de frutas, legumes, cereais, roupas, carnes, peixes dispunham-se ao longo da rua; vendedores de discos armavam no chão da calçada equipamentos de som e transmitiam em alto volume as músicas da moda. Numa das barracas um enorme peixe chamou minha atenção.

"Jaú", respondeu o feirante, "oitenta centímetros. Eu mesmo pesquei, no rio Paraguai."

Cheguei à casa de Arquelau com o enorme peixe debaixo do braço. O tira mato-grossense esperava-me na porta.

"Foi difícil encontrar o lugar?"

"Não."

Entramos: uma sala antiga, com cristaleira, mesa de jacarandá e cadeiras em estilo colonial, de couro tacheado; uma televisão; um sofá e duas poltronas.

"Para você", eu disse, passando o peixe para as mãos de Arquelau.

"Muito obrigado", Arquelau, constrangido. "Esse peixe pode ser comido salgado ou fresco. Salgado vira uma espécie de bacalhau." Ficou com o peixe nas mãos, como se não soubesse o que fazer com ele.

"É gostoso?"

"Existem aqueles que preferem uma jiripoca, uma piranha", disse Arquelau, diplomaticamente.

"Piranha?" Senti-me obrigado a fazer um ar de espanto, rato citadino ante os mitos da natureza selvagem.

"É só cozinhar trinta minutos que ela desmancha na boca da gente. Bom também é o jurupensém. Já comeu Jurupensém?" Arquelau continuava com o peixe nas mãos, nós dois em pé, no meio da sala. "Jurupensém, pintado, surubim — é um peixe com muitos nomes."

"Claro que sim. Muito bom."

“E barbado? Já comeu barbado?”

“Barbado? Comi.” Raios! O sujeito em pé com o enorme peixe nas mãos começava a me incomodar.

“Comeu a cabeça dele? A cabeça dele frita?”

“Acho que sim.”

Arquelau olhou o jaú, com uma expressão indefinida. “Há mais peixes nestes rios do que estrelas no céu.” Então pediu licença e sumiu por uma porta com o peixe. Voltou pouco depois, cheirando a água-de-colônia, pedindo-me que sentasse. Conversamos sobre Raul.

“Quando fui ao Rio morei na casa dele. Ele vivia com aquela moça. Elvira?”

“Marta. Clotilde?”

“Uma moça de coxas grossas.”

“Estão separados.”

“Também me separei da minha primeira mulher.”

Esperei.

“Mas casei de novo. Aqui em Corumbá a gente tem que casar.”

“Aqui e ali.”

Ficamos em silêncio.

Arquelau suspirou. Pegou um chapéu que estava sobre a mesa. “Palha de carandá.” Outro silêncio.

“Você quer alguma coisa?”

“Você conhece um sujeito chamado Camilo Fuentes? Um boliviano?”

“Não.”

“Rafael, um barbudo?”

“Barbudos existem muitos.”

O Dancing Days, Arquelau conhecia. Um bar e restaurante na avenida Bolívar, esquina de calle Velasco, em Puerto Suárez. A Bolívar era a rua principal de Puerto Suárez, cheia de lojas de bagulhos importados.

“Não sei o que você está querendo, mas é melhor tomar cuidado.”

Arquelau tinha um irmão chamado Arquêmico. O pai era professor de grego, no tempo em que se ensinava grego. Eu ainda encontraria outras referências helênicas no desenrolar dos acontecimentos.

No Grande Hotel, encontrei Mercedes no meu quarto.

“Lavei tua roupa suja e botei para secar no banheiro”, disse Mercedes. Cuecas, camisas e meias estavam dependuradas na barra de alumínio que segurava a cortina do box do chuveiro.

“Para encontrar a roupa tive que revistar as tuas coisas. Você sempre põe a roupa suja dentro da mala?”

“Você está muito bonita hoje.”

“Bonita? Eu?” Mercedes caminhou na direção do banheiro, para se olhar no espelho. Fui atrás. “Estou bonita nada.”

“Está linda.”

“Como foi em Quijarro?”

“Fuentes se encontrou com o outro homem que estou procurando. Rafael. Amanhã vão se encontrar novamente em Puerto Suárez.”

“Eu fico melhor com o cabelo solto ou preso?”

“Solto, sem laquê.”

“Eu já não uso mais laquê.”

“E assim que eu gosto.”

“Você gosta mesmo de mim?”

“Muitos anos antes de Cristo havia na Grécia um poeta, Arquíloco, que dizia: ‘Tenho uma grande arte: eu firo duramente aqueles que me ferem’.”

“Às vezes você parece maluco. Não sei do que você está falando.”

“Minha arte é maior ainda: eu amo aqueles que me amam.” Acendi um Panatela. Deitamos na cama.

“Numa história que li, um homem condenado à morte está no patíbulo para ser enforcado e quando o carrasco lhe coloca a corda no pescoço ele pede que lhe dê mais um minuto de vida. ‘Para que queres mais um minuto de vida?’, perguntou o carrasco. Responde o condenado ‘Quero pensar ainda um minuto na *Belle Elize*’.”

Começamos a brincar um com o corpo do outro, usando as mãos e a boca, entretendo-nos mutuamente, provocando e estimulando o desejo da carne, com a urgência das pessoas acossadas.

“Você também suplicaria por um minuto mais de vida para pensar numa mulher?”

“Ele era um marinheiro. A *Belle Elize* era uma escuna, na qual ele navegava pelos mares do mundo.”

12

Quando o sol surgiu sobre as árvores vermelhas da praça, eu já estava acordado. Levantei-me e tomei banho.

“Os advogados do Rio andam armados de faca?” Eu já estava saindo quando Mercedes acordou.

“Que faca?”, perguntei. Até então tomara cuidado para que Mercedes não visse a Randall, e a pergunta me surpreendera.

“Essa faca que você tem dentro de uma bainha de couro com uma tira.”

“É para descascar laranjas.”

“Vem cá. Deita em cima de mim.”

“Não tenho tempo.”

“Só um pouquinho.”

“Está bem assim?”

“Todo, todo. Gosto de sentir o teu peso.”

“Tenho que ir.”

“Cuidado.” Mercedes me agarrou com força. “Se você souber coisas de mim não fica com raiva não, está bem?”

“Que coisas?”

“Qualquer coisa.”

“Por exemplo?”

“Agora não posso dizer. Você vai saber.”

“Detesto mistérios. Diz de uma vez.”

“Não posso. Que inferno. A vida é complicada.”

“Se você não quer, não conta.”

“Não posso.”

“Não precisa dizer.”

Em frente ao hotel peguei um táxi boliviano. No caminho o táxi parou para entrar uma mulher, que se sentou no banco da frente. Ela e o motorista iniciaram um diálogo em quíchua. Vez por outra, porém, a mulher exclamava “Putcha bvida”. Era a fronteira.

“Esta es la calle Bolívar”, disse o motorista, pouco depois de chegarmos a Puerto Suárez. Havíamos atravessado a fronteira sem problemas tendo sofrido uma revista superficial que consistira apenas na abertura da mala do automóvel.

Todas as casas de Puerto Suárez tinham as paredes pintadas com o busto de um homem fardado e a frase “Bienvenido Mi General”, em grandes letras verdes desbotadas. Operários começavam a cobrir “Mi General” de tinta branca. Ao longo da Bolívar, uma rua de terra arenosa calcinada pelo sol, estavam localizadas lojas de artigos importados, uma ao lado da outra. Passamos pelo restaurante Dancing Days. Saltei mais adiante, numa pequena praça.

A temperatura devia estar acima de quarenta graus. As mas estavam vazias, com exceção de dois carros que passaram levantando poeira e de uma menina de vestido rosa com desenhos geométricos e um corpete preso na cintura, andando de bicicleta. Indiferente ao calor parecia deslizar acima do solo, tangida por um imaginário vento fresco e, ao cruzar comigo, pousou sobre mim seus negros olhos brandos e sorriu. Aquilo me pareceu um bom sinal e entrei no Dancing Days confiante em que tudo daria certo.

Fuentes já estava lá, acompanhado de Rafael e de outro homem, com cerca de quarenta anos, de cabelos grisalhos curtos, queimado de sol. Fuentes percebeu minha entrada e disse qualquer coisa ao homem grisalho, que olhou em minha direção. Desconfiam de mim, que burrice vir meter-me aqui dentro, pensei, percebendo que agira temerariamente indo ao Dancing Days. Pedi uma cerveja. Logo que terminei de beber saí do restaurante, procurando agir o mais naturalmente possível e sem olhar para a mesa de Fuentes. Na rua procurei um táxi e pedi ao motorista que ficasse a uns cinquenta metros do restaurante. Estava interessado no homem de cabelos grisalhos. Os outros dois eu sabia onde encontrar. Enfiei a mão dentro do blusão e acariciei o estojo da Randall.

“Alguna mujer?”, perguntou sorrindo o motorista, um jovem de cabelos compridos.

“Hombre.”

O motorista me olhou pelo espelho retrovisor, tentando entender. Não demorou muito e o homem que eu esperava saiu calmamente do restaurante, parou na porta para acender um cigarro e pegou um carro que estava à sua espera.

“O hombre é aquele. Vamos segui-lo.”

Aeropuerto, dizia a sinalização. Estávamos indo na direção do porto de Puerto Suárez. Ao chegar ao aeroporto o homem de cabelos grisalhos foi direto a um balcão, apanhou o telefone e falou durante algum tempo. Continuava despreocupado e sentou-se numa cadeira, onde cochilou aguardando seu avião,

um Lear Jet, que chegou e ficou com as turbinas esperando que ele embarcasse. O avião deslizou pela pista, alçou voo e desapareceu.

No balcão o funcionário do aeroporto disse que não sabia o nome do passageiro. Sabia apenas que o avião ia para São Paulo, no Brasil.

Só me restava voltar para Corumbá, o que fiz em outro táxi boliviano. Estava com fome e decidi ir ao restaurante em que comera ao chegar à cidade. Pedi novamente pintado com Porca de Murça. Não havia mais o vinho e o garçom trouxe um Terras Altas, que aceitei. Estava bebendo o vinho, esperando o pintado, quando o proprietário à minha mesa. Era um português robusto, que disse se chamar Alberto.

Convidei-o a sentar-se comigo. Alberto viera para o Brasil com seis anos de idade, para Belém do Pará, com o pai e a mãe. Perguntei como ele viera para Corumbá.

“O senhor já amou alguém?”, perguntou o português.

“Todo mundo já amou, uma vez pelo menos”, eu disse.

“Todos não, nem todos. E amar, só se ama uma única vez”, disse Alberto. “Vim para cá seguindo uma mulher, uma deusa, uma santa. Ela havia entrado, um dia, no nosso restaurante, em Belém do Pará . Assim que a vi apaixonei-me perdidamente, era ainda uma menina, de quinze anos. Servia-a à mesa sem que ela me olhasse um mísero instante sequer. Perguntei à senhora que a acompanhava, e que depois soube ser sua tia, de onde eram. Eram de Corumbá, respondeu-me a tia. Logo saíram. Não pude esquecê-la e não me envergonho de confessar que passava as noites a chorar de sofrimento. Emagreci e cheguei a cuspir sangue.” Alberto levantou o copo como se estivesse a brindar o fato de ter chegado a cuspir sangue pelo amor. “Eu estava tão ensandecido que abandonei a mãezinha — que Deus a tenha, junto com meu pai e vim para Corumbá atrás da moça.”

A garrafa esvaziara. Pedimos outra ao garçom.

“Quando cheguei aqui procurei-a por toda parte. Abri este restaurante, economizei, prosperei, ganhei dinheiro, mas meu coração sangrava como o de um mendigo sem uma sopa fria para tomar. Um dia, um dia inesquecível, ao passar pela porta de uma igreja, vi um casamento. A noiva, toda vestida de branco, com uma grinalda de botões de laranjeira e um longo véu de renda seguro por dois pajens, um menino e uma menina, caminhava como uma princesa pela nave da igreja. Quando vi seu rosto senti algo terrível, como se um raio tivesse se abatido sobre a minha cabeça. A noiva era ela, a mulher dos meus sonhos. Saí da igreja como um cego, um morto desesperado, cambaleando, e assim fui até rio e nele atirei-me com a esperança de me afogar ou ser devorado pelas terríveis piranhas.”

A essa altura de sua narrativa, Alberto fez uma cara tão compungida que parei no meio a primeira garfada do pintado que acabara de ser servido. Seria uma indelicadeza degustar a comida ante tanto sofrimento.

“Mas esta é uma história feliz”, disse Alberto, mudando de semblante. “Não me afoguei, pois nasci à beira do Elvas, onde aprendi a nadar, e as piranhas não quiseram comer a minha carne desventurada.”

Amor, o português sabia, era desvelo, respeito, mas também paciência. O mundo dava voltas. Seis meses depois do casamento, o marido da moça, que estava a pescar no Pantanal, caiu dentro d’água e como não sabia nadar, afogou-se. Alberto esperou um ano antes de começar a lhe fazer a corte.

“Isso merece outro Terras Altas”, eu disse.

Não havia mais Terras Altas. Foi substituído por um Granleve. Para Corumbá era até bom demais. Saí do restaurante no estado de embriaguez que me deixava feliz. Além do mais gostava de histórias de amor que terminassem bem, como a do português.

13

Rafael chegara com instruções do Rio, mas Fuentes não deu crédito ao que lhe foi dito pelo seu companheiro de missão. Depois de ter sido preso no Rio, Fuentes não queria se arriscar sem que houvesse uma razão muito forte para isso. Se o Escritório Central quisesse, se as ordens fossem de cima mesmo, ele faria a tarefa. Do contrário, preferia ficar na encolha. Os tiras o haviam liberado, mas sabiam seu nome e suspeitavam dele.

"Você vai querer que o Escritório Central fale com você diretamente?", perguntara Rafael, ironicamente. Fuentes sabia que isso seria impossível, ninguém jamais falara, ou sequer vira, aquele que dava as ordens. Às vezes chegava a suspeitar que o Escritório Central não existia.

"Mateus está em Campo Grande. Quero ouvir as ordens da boca dele", dissera Fuentes.

Essa conversa tivera lugar em Quijarro. Rafael telefonara para Mateus, em Campo Grande, sendo atendido friamente. Mateus tinha apenas um dia para contatos naquela cidade, e ter de ir até Puerto Suárez apenas para convencer um matador cabeçudo, deixara-o irritado. Aquela dupla, Fuentes e Rafael, já agira de maneira incompetente, desastrada mesmo, numa ação simples, no Rio, contra um advogado inofensivo. (Era isso o que eles achavam de mim: um advogado inofensivo.) Ele, Mateus, fora contra a indicação dos dois para o novo trabalho ordenado pelo Escritório.

No Dancing Days as coisas não correram bem. Mateus não gostou de saber que Fuentes havia sido detido no Rio. Ficou preocupado com o fato de não haverem informado o Escritório Central. Estavam precisando de mais gente na parte administrativa, os negócios haviam crescido muito. Principalmente as operações internacionais. O ânimo de Mateus azedou mais ainda quando Fuentes lhe disse que o homem de barbas, que acabara de entrar no restaurante, o estava seguindo. Fuentes não me identificara como o "advogado inofensivo", mas, naquele instante, Mateus, um executivo afeito a tomar decisões, contrariando as instruções Escritório Central, resolveu cancelar o projeto do qual ainda não começara a tratar. Explicou aos dois operadores que fatores supervenientes

haviam forçado aquela decisão. Eles receberiam o pagamento estipulado no contrato preliminar.

“Você tem outra missão”, Mateus para Fuentes, “matar aquele homem ali. Acaba com ele o mais rápido possível.”

Depois de dizer isso, Mateus não olhou mais para mim. Não interessava quem eu fosse. Fuentes, apesar da trapalhada do Rio, não entraria em outra fria em tão pouco tempo. Além do mais, o erro, sabia agora, fora de Rafael.

Mateus saiu na frente. Não contava que eu fosse segui-lo, ainda que não descartasse essa hipótese. Não tinha importância se isso ocorresse. Ele confiava em Fuentes para essa última missão. Estava tão tranquilo que chegou a dormir no aeroporto esperando seu jatinho.

Fuentes e Rafael saíram juntos do Dancing Days, logo depois de Mateus. Nas imediações não havia sinal do homem de barbas. Ou seguiu o Mateus ou foi para o hotel, pensou Fuentes.

“Precisa de ajuda, China?”, perguntou Rafael, zombeteiro.

Fuentes fechou a cara. Ele não precisava de ajuda de ninguém para matar um brasileiro de merda. Na verdade estava feliz por poder desempenhar sozinho sua tarefa. Sem se despedir, afastou-se de Rafael e pegou um táxi para Corumbá.

Ao chegar ao Grande Hotel, Fuentes foi para seu quarto e apanhou uma pequena bolsa de ferramentas. Em seguida subiu ao terceiro andar e parou na porta de meu apartamento, examinando cautelosamente a fechadura. Teve uma agradável surpresa: a porta estava fechada apenas com o trinco.

Entrou silenciosamente. Na passagem para o quarto bastou-lhe um olhar para inspecionar o banheiro, cuja porta estava aberta. No quarto teve outra surpresa. Deitada na cama estava Mercedes, a amiga de Zélia. Ela devia ter um sono muito leve, pois acordou tão logo Fuentes, sem fazer barulho algum, entrou no quarto. Fuentes notou que a mulher despertara rapidamente e, alerta, olhara para a bolsa que estava na penteadeira.

“Que tal, Pepe?”, disse ela sorrindo, mas seu corpo e seus olhos estavam tensos.

Fuentes aproximou-se da mesinha e apanhou a bolsa.

“O que você está fazendo aqui?”, perguntou Mercedes, com o mesmo sorriso.

“E você?”

“O paulista me pediu para vir aqui. Está demorando”, disse Mercedes. “Deve chegar a qualquer momento”, acrescentou.

Fuentes, sem deixar de vigiar Mercedes, abriu a bolsa e examinou seu conteúdo.

“Me dá um cigarro aí”, disse Mercedes. Ela não conseguia mais rir. Os músculos dos maxilares tornaram-se visíveis por momentos.

“Que lindo”, disse Fuentes tirando uma trinta-e-oito, cano de duas polegadas, de dentro da bolsa. Tirou também uma carteirinha plastificada cujos dizeres leu rapidamente, mas com grande interesse. “Sua grande puta”, disse Fuentes.

Mercedes correu para a porta, mas Fuentes atingiu-a com violento golpe no rosto fazendo-a cair ao chão. Em seguida sentou-se sobre a barriga de Mercedes, com os joelhos abertos apoiados no chão, e esbofeteou-a com força, seguidamente. Mercedes sabia que era impossível sair daquela posição; num gesto rápido estendeu os dois braços tentando perfurar com as unhas os olhos de Fuentes. Com os dedos da mão direita conseguiu atingir o globo ocular esquerdo do homem, mas as unhas da mão esquerda atingiram apenas o supercílio. Ao notar que fora ferido, Fuentes deixou de lado a pequena brincadeira que pretendia manter com a mulher antes de matá-la. Pegou o braço direito de Mercedes e partiu-o em dois pedaços e passou a golpear com os punhos e os cotovelos o rosto desprotegido de Mercedes até transformá-lo numa polpa de carne sangrenta. Para certificar-se de que a vaca brasileira estava morta, Fuentes torceu sua cabeça lentamente até sentir o pescoço estalar. Depois, praguejando, foi ao banheiro lavar-se. No olho esquerdo havia um pedaço de unha que Fuentes retirou com a mão trêmula. Estava cego daquele olho. Furioso, voltou para o quarto e chutou com força o corpo caído de Mercedes.

Quando pedi a chave do meu quarto na portaria do Grande Hotel a mocinha sorriu, conivente.

“A Mercedes apanhou”, disse ela.

Subi as escadas lentamente, ainda embriagado pelo vinho do almoço. A porta do quarto estava aberta. Senti a pele da minha nuca ficar arrepiada, numa premonição. Ao ver Mercedes caída no chão, a embriaguez passou imediatamente. Minha primeira reação foi tentar socorrê-la, mas logo verifiquei que estava morta.

Com a Randall na mão desci correndo as escadas e fui até o apartamento de Fuentes, cuja porta estava fechada. Depois de bater na porta várias vezes, coloquei a faca na bainha e dirigi-me à portaria, a mocinha informou que Fuentes havia se retirado do hotel havia uma hora.

“Mercedes está morta, no meu quarto. Avise a polícia.” Caminhei apressado em direção ao rio, procurando um local deserto. Verificando que ninguém me observava, tirei a faca do estojo para jogá-la na água. O sol estava se pondo e sua

fraca luz rósea bateu na lâmina, fazendo-a brilhar intensamente. Isso me fez mudar de ideia e recoloquei a faca na bainha.

A casa de Arquelau ficava perto. Não encontrei o detetive. Devia estar no Grande Hotel. O suor empapava minha camisa mas eu não podia tirar o blusão, pois o volume do estojo da Randall apareceria. Na porta do Grande Hotel havia uma ambulância e um carro da polícia, cercados por grande número de curiosos. Na portaria vários hóspedes conversavam em voz baixa. Arquelau estava no meu quarto, com mais dois homens que me olharam com muito interesse e voltaram a vasculhar minhas coisas ao verem que Arquelau me conhecia. Com um gesto convidou-me a segui-lo até o corredor.

“Não fui eu.”

“Nós sabemos. Quem matou a mulher deve estar ferido, possivelmente no rosto. A mulher tem restos de pele nas unhas. Você sabe quem foi? O que fazia ela no seu apartamento?”

“Raul disse que eu podia confiar em você.”

“Então?”

“Procura um homem chamado Camilo Fuentes.”

“Quem era a mulher?”, perguntou Mirinho, o delegado encarregado de investigações, aproximando-se de nós.

“Eu a conheci no trem, quando vinha para cá, de Bauru.”

“Você é de Bauru?”

“Não, sou do Rio. Em Bauru fiz a baldeação de trem.”

“O que você veio fazer aqui em Corumbá?” Desconfiado.

“Vim pescar. No rio Paraguai.”

“Ele é amigo de um amigo meu, um tira do Rio”, disse Arquelau.

“Tenho que voltar logo para o Rio.”

“Vai ter que ficar aqui algum tempo, um outro dia, para depoimentos.”

“Vou me mudar para o Santa Mônica.”

Rafael Marinho havia saído pela manhã do Santa Mônica. Na sua ficha constava que era representante comercial e residia na avenida Nossa Senhora de Copacabana trezentos e cinquenta e quatro, apartamento quatrocentos e um. Falso, certamente, mas mesmo assim anotei o endereço.

O quarto do Santa Mônica era refrigerado. Tranquei-me dentro do quarto e fiquei aguardando que alguma coisa acontecesse. Mas não bateram na porta, nem o telefone tocou.

Acordei às seis horas da manhã. Tomei banho e desci para tomar café, num salão com mesas de fórmica de toalhas azuis de plástico. Um homem de cabelos finos caídos na testa colocou na minha mesa um pedaço de mamão, pão, manteiga e

despejou café com leite na xícara. Várias mesas do salão estavam ocupadas por pessoas que deviam fazer parte de uma excursão. Entraram duas velhotas de bermudas e uma terceira, numa das mesas, saudou-as dizendo “bom dia, garotas deslumbradas”. Em outra mesa, dois europeus, um deles com cara de menino mimado, observavam, com indisfarçável desprezo, os demais excursionistas. Não havia uma mulher bonita no grupo. Deviam ser do interior de São Paulo, de uma dessas cidades ricas do interior, todos parecidos na vulgaridade contente e opulenta que ostentavam. Como teriam os dois europeus, enfadados e levemente efeminados, ido parar naquele grupo?

Aquela hora a temperatura da rua era agradável. A caminho da casa de Arquelau, passei pelos excursionistas, que ocupavam seus lugares barulhentamente num ônibus parado na porta do hotel. Os flamboyants pareciam, naquela manhã, ter ainda mais flores vermelhas. Pensei em Mercedes, na mancha roxa na sua pele, no cheiro de nicotina da sua boca.

Arquelau, de pijama, abriu a porta.

“Não é muito cedo, é?”

“Não. Entre.”

Na sala, sobre a mesa, havia uma porção de livros espalhados “Sou professor de português num colégio noturno”, disse Arquelau, como se estivesse se justificando pelos livros, que arrumou, tomando cuidado com um mais antigo, onde estivera pesquisando, até a minha chegada, o étimo da palavra “Brasil”. Ele gostaria de conversar com alguém sobre as teorias existentes, mas o homem perturbado que o visitava naquela manhã não era a pessoa indicada para uma conversa sobre etimologia.

“Mercedes vai ser enterrada hoje às dezessete horas”, disse Arquelau. “Este livro é do Assis Cintra, que morreu há cinquenta anos. Veja este registro interessante, de Perceval, no ano 1220: ‘comprydas meyas teintas en brasil’. Nesta época começava a existir a língua portuguesa, que nasceu no século XII. Em apenas sete séculos os poetas e o povo criaram esta língua que nós dois agora estamos falando sem lhe dar importância.”

“O cemitério é longe?”

“Você está me escondendo coisas, mas eu não estou interessado no que você esconde.”

“Obrigado.”

“Passa na delegacia e procura o escrivão Alfredo”, disse Arquelau voltando aos seus livros.

Às onze horas cheguei à delegacia. O escrivão Alfredo era um homem gordo, de origem síria ou libanesa, de nariz adunco a quem declarei, enquanto ele batia as estrepitosas teclas de uma velha máquina de escrever, que viera a

Corumbá, de férias, para pescar; que conhecera Mercedes no trem; que ela apanhara a chave do meu quarto na portaria, como fizera uma ou duas vezes anteriormente; que eu havia ido passear em Puerto Suárez e depois almoçara no restaurante Elvas; que ao chegar ao meu quarto, por volta das dezesseis horas, encontrara o cadáver de Mercedes no chão.

A mãe de Mercedes estava vestida de negro. Sob o queixo crescia-lhe uma penugem branca de pelos brancos sedosos. Seu rosto redondo era marcado de pequenas rugas ortogonais fundas, como se fosse coberto por pastilhas irregulares e gastas de matéria plástica ressequida. Seu nome era Paulina. Além dela, apenas eu e Zélia acompanhávamos o enterro de Mercedes no pequeno cemitério de Corumbá. À distância, dois homens de terno e gravata conversavam. Pareciam dois burocratas municipais.

“Eu sabia que isso ia acontecer algum dia”, disse Paulina, de maneira seca e amargurada.

“Foi Pepe?”, perguntou Zélia.

“Pepe, Pepe! Se não fosse Pepe seria outro”, disse Paulina.

“Foi. O nome dele é Camilo”, respondi.

“A polícia cortou o corpo dela todo. Como é que eles foram fazer uma coisa dessas?”, disse Paulina.

“Nesses casos a lei manda que se faça autópsia e um laudo de exame cadavérico”, eu disse.

“Foi Pepe?”

“Camilo”, eu disse.

“Ele entrou no nosso quarto, machucado no olho e começou a revirar a mala de Mercedes, gritando palavrões, aí chegou a arrumadeira e ele saiu. Foi ele?”

“Foi.”

Os coveiros desceram o caixão. Ao lado da sepultura havia uma pequena cesta com velhas pétalas de rosas, já sem aroma, restos das coroas de outros defuntos. Paulina pegou um punhado de pétalas e jogou sobre o caixão de Mercedes. Eu e Zélia fizemos o mesmo.

“Espero que ela tenha ido para o céu”, disse Zélia.

“Duvido”, disse Paulina.

Na porta do cemitério nos separamos. Depois de algum tempo notei que Zélia me seguia.

“Você está me seguindo?”

“Tenho horror àquela velha, nunca mais quero ver a cara dela”, disse Zélia.

Continuei andando. Zélia seguiu ao meu lado.

“Aonde você vai?”, perguntou Zélia.

“À agência da VASP, comprar uma passagem de volta para o Rio de Janeiro.”

Até chegar à agência não dissemos mais uma palavra. Vez por outra Zélia era obrigada a correr para me acompanhar. O dia esquentava. Suávamos.

Consegui uma passagem para o dia seguinte.

“Você não me convida para tomar alguma coisa?”

Fomos para um bar, numa das esquinas da praça onde ficava o Grande Hotel. As mesas de madeira pintadas de branco ficavam ao ar livre, cobertas por barracas de plástico colorido.

“Nunca tive sorte na minha vida”, disse Zélia, bebendo guaraná. “E você?”

“Não sei.”

“Não sabe se tem sorte ou não?”

“Não tenho azar.”

“E tudo que eu tenho, azar. Eu ia me casar com Pepe.”

“Camilo. Ele disse que ia casar com você?”

“Disse.”

Dois homens chegaram e sentaram-se a uma mesa próxima. Éramos mesmos homens que haviam estado no cemitério Os dois burocratas municipais.

“Devia ser mentira dele.”

“Fique sabendo que ele não foi o primeiro homem que quis casar comigo.”

Os dois homens estavam em silêncio e bebiam água mineral.

“Até tínhamos combinado onde iríamos morar. Em São Paulo. É lá que está o negócio dele.”

“Ele trabalha em quê?”

“Não sei.”

“Ele não falou nada do trabalho dele?”

“Disse que não podia brincar em serviço.”

“E Mercedes?”

“O quê? Mercedes o quê?”

“De onde você conhecia Mercedes?”

“Daqui. Ela é daqui. Mas viaja muito.”

Zélia explicou que Mercedes lhe havia telefonado pedindo que fosse encontrá-la em Bauru.

“Eu cheguei em Bauru e ela me disse, ‘Agora vamos para Corumbá’.”

“Você fazia tudo que ela mandava?”

“Mandava não, pedia.”

“Qual era o trabalho de Mercedes?”

“Ela não trabalhava. Acho que não.”

Separei-me de Zélia e caminhei pela praça. Sentei-me num banco. Os dois homens sentaram-se ao meu lado. Um deles tirou um lenço do bolso e enxugou o suor da fronte. Disse, “Eu sou o inspetor Viana, da Polícia Federal. Este é o inspetor Cordeiro de Melo”.

Esperei.

“Queremos informações sobre Camilo Fuentes.”

“Não sei de quem se trata.”

Cordeiro de Melo sorriu. Tinha dentes amarelos e grandes. “Nos sabemos tudo a seu respeito. Veio do Rio fazendo-se passar por comprador de gado, mas estava seguindo Camilo Fuentes. Foi ao encalço dele até Puerto Suárez.”

“E vocês? O que estavam fazendo esse tempo todo? O cara mata uma mulher e vocês deixam ele escapar.”

“Você fodeu tudo”, disse Viana, pacientemente. “Fuentes viu você no Dancing Days, foi ao hotel pegar você e encontrou Mercedes.”

Mercedes. Mercedes. Mercedes. Ah, as mulheres.

“Foi Mercedes quem deu o serviço, não foi?”, perguntei perturbado ao constatar uma verdade que já sabia.

“Ela e o pessoal do Rio. Você fez uma cagada e quem pagou foi Mercedes. Ela era uma das nossas colegas mais experientes”, disse Cordeiro de Melo.

“Sabe quantos quilômetros tem a fronteira do Brasil com a Bolívia? Mais de três mil”, disse Viana. “Conseguimos descobrir que uma partida gigantesca de coca ia entrar no Brasil via Puerto Suárez e que os chefões vinham supervisionar tudo daqui de Corumbá. O que acontece? Você vem do Rio e caga tudo. A nossa melhor agente é morta, os pássaros batem as asas, a coca já deve estar noutro ponto, procurando uma brecha.”

“Queria pegar Fuentes”, eu disse, infeliz.

“Eles mesmos vão pegá-lo para você. Eles sabem que nós o identificamos. Fuentes é um homem morto.”

14

Fuentes não sabia como se comunicar com as pessoas que costumavam contratar seus serviços. Apenas conhecia Mateus, que transmitia as ordens, e Rafael, com quem desempenhara algumas missões. Mas não conhecia o endereço de nenhum dos dois.

O boliviano não conseguira me matar, como Mateus lhe havia pedido, em Corumbá. Isso o deixara frustrado. Depois de matar Mercedes, achou melhor sumir o mais rapidamente possível. Fuentes agora não tinha dúvida de que a polícia o soltara no Rio para segui-lo até Corumbá. Ele pensou que eu devia também ser um tira, trabalhando com Mercedes, ele nos vira juntos, várias vezes, no trem e no hotel. Mercedes, para ele, morrera porque cometera o erro de se distrair, indo dormir no meu quarto, que certamente eu era seu amante. Não se dorme em serviço, era seu lema. Ele também se portara muito descuidadamente, fora desatento, não percebera que Zélia era uma isca colocada por Mercedes, e quase se dera mal. Gostaria de poder falar com Mateus, contar o que havia ocorrido, a razão de não ter executado sua incumbência; não queria que seu prestígio profissional fosse afetado. Tinha certeza de que Mateus entenderia sua explicação; Fuentes sentia que Mateus gostava dele, Mateus respeitava pessoas sérias como ele.

Fuentes morava na avenida São João, em São Paulo. Perto do prédio do seu apartamento, do outro lado da rua, ficava a banca de um jornaleiro seu amigo. Depois de perguntar o que havia acontecido com seu olho coberto por uma venda de gaze e esparadrapo, Benito, o jornaleiro, avisou-o de que tinha gente procurando por ele. Se fossem pessoas do Mateus, estavam agindo fora do normal, pois costumavam deixar uma mensagem datilografada por baixo da porta, sempre que não o encontravam em casa. Podia ser a polícia, mas como a polícia tomara conhecimento do seu endereço? Não encontrando uma resposta, Fuentes decidiu sair do apartamento por alguns tempos. Não podia ir embora de vez porque aquele era o único ponto de contato com Mateus. Podia se esconder em São Paulo mesmo, ou ir para o Rio, ambas eram cidades com áreas metropolitanas de mais de dez milhões de habitantes, onde era fácil para uma

pessoa sumir e sobreviver. Colocou roupas numa pequena maleta, deu dinheiro a Benito pedindo-lhe que pagasse as contas de gás, luz e telefone, que estavam no nome de um antigo inquilino. Benito devia recolher qualquer mensagem de Mateus e encontrar-se com ele na sala de espera do cinema Marabá, na avenida Ipiranga, às oito horas da noite, no dia quinze, duas semanas mais tarde. Na rodoviária pegou o primeiro ônibus para o Rio. Durante as sete horas de viagem Fuentes fez um balanço da sua vida. Vivia num país que odiava, no meio de pessoas que desprezava e que eram seus inimigos. Por quê? Devia haver alguma razão. Não era apenas porque tinha um emprego do qual gostava, principalmente quando eram brasileiros os que tinha de matar. (Talvez eu esteja sendo injusto com ele, na verdade as motivações de Fuentes eram mais complexas do que supus no princípio, quando comecei a tentar compreendê-lo.) Sabia que matar era uma coisa torpe. Mas não haviam matado seu pai? A vida não passava de uma luta de vida ou morte entre as pessoas. Entre os animais. Entre os povos. Entre as forças da natureza. Dois anos antes, ao envolver-se numa rixa num restaurante da boca-do-lixo frequentado por putas, cafetões, burgueses entediados, não esperava que sua vida de pequeno marginal fosse mudar tanto. Dois homens e duas mulheres, que bebiam uísque numa das mesas, escarneceram das suas roupas velhas e muito apertadas no corpo. Eram jovens e bem vestidos, as mulheres bonitas, os homens com o físico modelado de quem frequenta academia de musculação. Esse tipo de homem, Fuentes sabia, nem sempre tinha força; a força estava ligada a mais coisas do que a simples massa muscular. Os homens riram dele, “O defunto é menor?”, e um tentou jogá-lo ao chão, botando o pé na frente para que Fuentes tropeçasse ao passar. Porque ele era um índio boliviano; porque ele era pobre e estava mal vestido; porque os brasileiros eram uns cães nojentos. Fuentes parou ao lado da mesa olhando os homens. Uma das moças gargalhou um pouco divertida, um pouco assustada, sentindo que a situação não era tão confortável quanto seus amigos supunham. Os homens olharam Fuentes de volta, arrogantes, zombeteiros. Num gesto rápido Fuentes estendeu a mão, agarrou um dos homens pelos cabelos, puxou sua cabeça para a frente e desferiu-lhe um forte murro em cima do nariz. Ouviu-se o barulho de ossos partindo antes de o homem cair, arrastando na queda sua cadeira. O outro homem, surpreendido com a rapidez de Fuentes, levantou-se, de punhos cerrados à frente, em atitude de boxeur, com a guarda alta. Bastou apenas um no estômago para jogá-lo ao chão sem sentidos. Apesar da fúria que sentia, o rosto de Fuentes permaneceu impassível durante o curto combate. A polícia, que não demorou a chegar, prendeu Fuentes, mas um homem interferiu a seu favor, fazendo com que os policiais o soltassem. Era Mateus. Depois daquele dia eles se encontraram várias vezes. Tinham as mesmas ideias. Mateus sempre afirmava

que eles tinham as mesmas ideias: o mundo estava cheio de canalhas e parasitas exploradores, sibaritas, ladrões protegidos por autoridades corruptas. Um dia Mateus disse a Fuentes que um amigo estava disposto a pagar bem pela eliminação de um desses canalhas. Ele aceitaria a tarefa? Não era um trabalho difícil, o alvo era um advogado de São Paulo chamado Barreto, com escritório na rua Brigadeiro Luiz Antônio. Mateus disse que deixaria a critério de Fuentes a forma de agir, “Mas não se esqueça de que a melhor maneira é sempre aquela que permite escapar com mais facilidade”. Mateus forneceria a arma que Fuentes julgasse necessária. O boliviano sabia que estava sendo testado. Até achava melhor que isso estivesse acontecendo, pois poderia mostrar sua capacidade. Dispensou qualquer tipo de ajuda ou conselho, dizendo a Mateus que faria tudo sozinho.

Barreto chegava ao escritório às dez da manhã, num carro dirigido pela esposa; saía para almoçar por volta das treze horas e do restaurante ia para o foro, depois voltava ao escritório. Finalmente encerrava seu dia às dezenove horas e pegava o carro, dirigido pela mulher, que vinha apanhá-lo, voltava para casa, no Itaim. Era um homem franzino, de óculos e barbicha que andava com passos miudinhos; não parecia o inimigo que Fuentes havia imaginado. (“Mas a fisionomia das pessoas significa muito pouco.”) Seu escritório ficava num pequeno edifício pouco movimentado, com dois elevadores que funcionavam sem ascensorista. Fuentes concluiu que a melhor hora e o melhor lugar para matar Barreto seria no fim do dia, no hall do sexto andar do prédio, onde o advogado tinha escritório, quando ele estivesse esperando pelo elevador. A arma a ser utilizada foi descoberta por acaso. Fuentes vira um garoto jogando ioiô na praça da República. Quando era menino esse brinquedo estivera na moda e agora voltava a ser praticado. O garoto não era muito hábil, nem se interessava especialmente pelo brinquedo. Assim, não foi difícil comprá-lo por algumas moedas. Fuentes trocou o fio do ioiô por um outro mais grosso, de náilon. Com o ioiô no bolso, às dezoito e quarenta e cinco de uma segunda-feira. Fuentes subiu ao sexto andar do prédio de Barreto e ficou aguardando, no hall, que ele saísse de sua sala. Fuentes estava jogando ioiô quando Barreto apareceu. Antes de ouvir os passos do advogado, Fuentes apertara o botão de chamada do elevador. O advogado observava o desajeitado Fuentes tentar, sem concluir uma manobra correta do seu brinquedo quando o elevador chegou. Fuentes fez um gesto dando precedência ao advogado. Quando este passou à sua frente, o boliviano enlaçou seu pescoço com a corda de náilon do ioiô, cruzou as cordas, colocou suas costas contra as costas de Barreto e inclinou o corpo para a frente puxando as cordas com força. O corpo do advogado foi levantado pelo pescoço como se fosse um saco de batatas a ser colocado sobre os ombros. O advogado emitiu apenas um

pequeno grunhido rouco e baixo ao ser enforcado. Fuentes manteve o corpo de Barreto alguns segundos naquela posição (“leve como um peru gordo”), mesmo sabendo que o homem já devia estar morto. Depois colocou o corpo nas escadas, entre o sexto e o quinto andares, retirou a corda, que penetrara fundo na carne do pescoço, e enrolou-a novamente no ioiô, colocando-o no bolso. Revistou as roupas de Barreto tirando a carteira, o relógio e a aliança. Ao sair o porteiro mal olhou para ele. Na rua, Fuentes passou perto da mulher de Barreto, que esperava pelo marido dentro do carro. Pouco adiante Fuentes jogou a carteira e os documentos numa cesta de lixo; a aliança e o relógio enfiou num bueiro, e o dinheiro, oito notas de mil, deu para vários mendigos que encontrou na rua. (“País de mendigos e ladrões ricos.”) Os jornais noticiaram a morte de Barreto dizendo que a polícia suspeitava de uma quadrilha de assaltantes que agia no centro da cidade, chefiada por um assaltante chamado Perna de Siri. Mateus, alguns dias após a morte de Barreto, procurou Fuentes para lhe dizer que estavam, ele e os amigos, muito satisfeitos com sua atuação, ainda mais pelo fato de a polícia ter sido enganada, atribuindo o crime a uma das quadrilhas que agiam no centro da cidade. Fuentes disse que jogara a aliança e o relógio fora e que dera o dinheiro para alguns mendigos. Fazia questão de que não pensassem que era um ladrão. Desde então Fuentes passou a trabalhar para Mateus. Sabia que acima de Mateus havia outras pessoas que davam as ordens. Mateus falava num certo Escritório Central, mas Fuentes não fazia perguntas; pagavam bem e era isso que importava.

Em sua terceira incumbência conheceu Rafael. Os dois haviam sido contratados para matar três homens que moravam na rua dos Araújos, na Tijuca, no Rio. “O que será que esses homens fizeram para quererem acabar com eles? Hein, China?”, perguntara Rafael quando ficaram sozinhos. Fuentes dissera, “China é o caralho”. Os homens moravam sozinhos numa casa velha. Durante três dias Fuentes e Rafael vigiaram a casa. Os homens raramente saíam. Um deles fazia as compras num supermercado próximo, na praça Saenz Peña. As janelas estavam fechadas. O plano foi feito por Fuentes. O homem, vestido de jeans e camiseta vermelha, azul e branca com as palavras “Hollywood — o Sucesso”, vinha com as sacas de compras pela rua dos Araújos quando o carro fornecido por Mateus, parou ao seu lado e Rafael saltou. “Polícia”, disse Rafael. “Polícia”, repetiu alto, para alguns transeuntes que haviam parado, ao mesmo tempo em que sacava um revólver da cintura. O homem hesitou, olhando em direção à casa onde morava, que não ficava longe mas que naquele momento, como sempre, tinha as janelas completamente cerradas. “Vamos entrando”, disse Rafael, apontando para a porta do carro aberta. O homem pousou as sacas no chão. “Traga as sacas” disse Rafael. Logo que o carro saiu com seus ocupantes

as poucas testemunhas do sequestro se dispersaram. Não era um episódio extraordinário que merecesse muita atenção. Nas sacas havia macarrão, ovos óleo de soja, carne e cerveja. O homem tinha os bolsos vazios, além do troco do supermercado. “Quanto vocês querem?”, perguntou o homem, que estava sentado atrás, algemado, com Rafael. “Nada”, disse Fuentes, do banco da frente. Pelo espelho retrovisor viu Rafael cravando a faca no coração do homem. Rodavam em torno do estádio do Maracanã. Rafael cobriu o corpo com um cobertor que havia no banco traseiro. Os dois saltaram do carro, deixando a chave na ignição. Afastavam-se quando o emissário de Mateus chegou, entrou no carro e partiu. “Vai virar ração de porco”, disse Rafael. Fuentes e Rafael voltaram para a rua dos Araújos. Os dois homens que permaneciam na casa deveriam sentir falta do terceiro e um deles teria de sair para procurar informações. Duas horas mais tarde um homem baixo saiu da casa, andando lentamente, em direção a praça Saenz Peña. Logo que ele desapareceu, Fuentes bateu na porta e disse pela abertura “Um senhor foi atropelado na porta do mercado e pediu para avisar que está no hospital. Eu trabalho no mercado”. Fuentes falou depressa, de maneira que seu interlocutor tivesse dificuldade de ouvir. “O quê? Onde ele está? Que hospital?” O homem, de dentro da casa, através do postigo, não via Rafael. “No hospital”, repetiu Fuentes. O homem abriu a porta. Tinha uns quarenta anos. Na mão dele um revólver. “Que é isso, meu senhor?”, disse Fuentes olhando aparentemente amedrontado para a arma. “O gerente mandou avisar que seu amigo foi para o hospital e o senhor me recebe assim?” “Espere”, disse o homem, colocando o revólver no cinto depois de olhar o jaleco de Fuentes onde estava escrito Casas Sendas. Fuentes atacou-o imediatamente. Ele era mais resistente do que parecia e quando Rafael entrou na casa o homem lutava com Fuentes no meio da sala. Rafael apunhalou-o nos rins. Havia na casa duas carabinas Urco e cinco revólveres Taurus, calibre trinta e oito. Fuentes e Rafael aguardaram em silêncio a chegada do último homem. Ouviram o barulho da chave na fechadura. Rafael, que queria mostrar a Fuentes sua habilidade com a faca “O Professor me ensinou tudo”, havia pedido que deixasse o homem para ele, “O outro não valeu, foi pelas costas”. Ao entrar, vendo os dois estranhos, o homem levou a mão à cintura. O gesto de Rafael foi muito rápido. Não se ouviu nenhum ruído; o homem foi caindo lentamente, de olhos fechados, a faca cravada no peito. Rafael curvou-se sobre ele e retirou a faca. Uma golfada de sangue encharcou a camisa do morto. “Modéstia à parte, acho que ninguém faria melhor, nem o Professor”, disse Rafael, “direto no coração.” (Na verdade, eu havia sido a única pessoa a escapar da faca de Rafael. A afirmativa de Hermes, ao ver a cicatriz no meu abdômen, de que meu agressor

era incompetente, além dos seus aspectos irônicos fortuitos — Rafael fora seu aluno —, era injusta. Rafael era extremamente capaz em seu ofício.)

Ao chegar ao Rio, de Corumbá, Fuentes hospedou-se no Hotel Bragança, na avenida Mem de Sá. Um hotel cheio de turistas argentinos falando portunhol. A presença de Fuentes não chamava a atenção. O Bragança era um hotel modesto e como o câmbio do dinheiro argentino estava em desvantagem em relação ao brasileiro, muitos turistas argentinos procuravam hotéis daquela categoria.

Na lista telefônica Fuentes escolheu um oftalmologista de nome espanhol. Pablo Hernandez. O dr. Hernandez descendia de uruguaios e, para desapontamento de Fuentes, não falava espanhol. Em seu bem montado consultório, na avenida Graça Aranha, na Esplanada do Castelo, examinou Fuentes cuidadosamente. O cristalino, a íris, a conjuntiva, o nervo ótico, os músculos, artérias e veias do aparelho ocular estavam perfeitos. A córnea, porém, fora atingida. Didaticamente Hernandez explicou ao seu cliente que a córnea era uma camada externa transparente através da qual a luz — e com a luz, a cor, a forma, o movimento das coisas — penetrava no olho. A solução seria um transplante de córnea. Fuentes deveria procurar um dos bancos de olhos existentes.

“Olhos de um morto?”

“Sim, até no máximo três horas após a morte os olhos devem ser acondicionados num recipiente especial, em baixa temperatura, e levados para um cirurgião oftalmologista para fazer o transplante. Mas não é fácil conseguir uma córnea no banco de olhos.”

A alternativa seria uma doação, de pessoa amiga, mas isso exigia uma dose muito grande de renúncia de ambas as partes. “Uma pessoa disposta a tudo dar e outra a tudo receber.”

Havia também as pessoas que vendiam uma córnea. Mas era preciso tomar cuidado. Hernandez conhecia um caso em que o pretenso vendedor recebera o dinheiro e na hora aprazada não compareceu ao hospital para “entregar a mercadoria”.

“Onde posso comprar uma córnea?”

“Nos anúncios dos jornais, na parte dos classificados.”

Córnea — moça, 24a., vende. Tel. 185-3944.

O anúncio no *O Dia* foi lido por Fuentes. Ele ligou do seu quarto, no Hotel Bragança. Atendeu uma mulher, o assunto tinha que ser tratado pessoalmente depois das oito horas. Deu a Fuentes um endereço na Cidade de Deus, para onde ela iria à noite. Fuentes não conhecia o Rio de Janeiro muito bem e pediu

explicações à mulher sobre como ir até lá. Ela disse que ele podia pegar um ônibus no largo de São Francisco.

“Onde é o largo São Francisco?”

“O senhor pergunta a alguém. Agora não posso mais falar, minha patroa está me chamando.”

Não foi difícil achar o largo de São Francisco. Havia uma enorme fila e Fuentes teve que esperar pelo terceiro ônibus. As pessoas, principalmente as mulheres, mas também muitos homens, portavam sacas usadas de plástico com nomes de lojas, onde levavam, do trabalho para casa, marmitas com comida, agora vazias.

Um edifício novo, de um conjunto habitacional, mas já em mau estado, o reboco das paredes caindo, o capim crescendo em volta. Uma mulata magra e pálida, com ar cansado, abriu a porta do apartamento.

“É para você?”, perguntou a mulher quando Fuentes lhe falou que era a pessoa que havia telefonado. Um índio, para aquela cadela, não tinha condições de comprar um olho, pensou Fuentes. (Eu já disse que ele era um homem ressentido e rancoroso, com tendência a atribuir aos outros uma hostilidade em relação a ele que nem sempre existia.)

“Sim, é para mim.” A mulher não ter percebido a cicatriz no seu olho esquerdo deixou Fuentes satisfeito. Ele supunha que a cicatriz, na verdade uma pequena mancha, era uma marca desfigurante que chamava a atenção de todos.

“Dez milhas”, disse a mulher impaciente. “E não é caro. O preço de carro pequeno. Minha filha é muito moça, nunca teve doença, dentes ouvidos ótimos. Olhos maravilhosos.”

Uma rachadura cortava a parede da sala de alto a baixo, o teto exibia manchas e bolhas de infiltração de água.

“Vou pensar”, disse Fuentes. “Ligo amanhã.” (Não era o dinheiro, isso ele tinha, era a sujeira, a ruína. Olhos maravilhosos, ali?)

“Aquele telefone é da casa onde eu trabalho. Amanhã é meu dia de folga. Aqui não temos telefone.”

“Posso ver a moça?”

“Marluce”, gritou a mulher.

Marluce entrou na sala. Pálida, de olhos grandes redondos, bermuda de brim e uma camisa desbotada onde estava escrito Coca-Cola — A Pausa que Refresca.

“Esse moço veio por causa do anúncio”, disse a mulher.

Fuentes e a moça ficaram frente a frente.

“Por que você quer vender um olho?”

“Tenho minhas razões”, disse a moça.

“Ela tem suas razões”, disse a mãe, agressiva.

Não posso comprar o olho dessa menina, pensou Fuentes, a garota tinha os mesmos cabelos negros lisos dele, seria índia?, mas os brasileiros haviam matado todos os índios. Pálida, ligeiramente verde. Olho a gente tirava de um inimigo, arrancava e colocava numa caixinha com gelo e levava para o médico fazer o transplante. Numa caixinha de isopor como se fosse um sorvete. O preço de um carro por um olho?

“Então?”, perguntou a mãe, cortando as elucubrações de Fuentes.

“Vou pensar.”

“Não se preocupe, minha filha”, disse a mulher dando as costas para Fuentes, “vai aparecer outro.”

No mundo, pensou Fuentes, tudo se comprava e vendia, a mulher sabia disso.

Na rua, Fuentes ficou olhando os olhos das pessoas que passavam por ele. Nunca estivera tão indeciso em toda sua vida. Com o olho direito, que sempre fora melhor do que o esquerdo, que sofria de uma pequena miopia, estava enxergando melhor do que nunca. Havia um lado que ele não podia ver sem virar a cabeça. Levantou a mão esquerda e a colocou ao lado da cabeça, uma continência com a mão errada: mas ele não via a mão, só via o perfil do seu próprio nariz. Isso era perigoso.

Fuentes encontrou Míriam (a tal coincidência que mencionei) no supermercado da rua Riachuelo, não muito distante do hotel onde se hospedara. Fuentes gostava de andar no interior de supermercados olhar as mercadorias das prateleiras, ver as mulheres fazendo compras Os supermercados eram frequentados por todos os tipos de mulheres; jovens casadas, mocinhas, empregadas domésticas — e também mulheres horrendas. Era fácil ficar olhando-as impressentido, mesmo para um homem de um olho só. Mulheres desfilando e mercadorias coloridas dispostas em prateleiras, ao alcance da mão, eram para Fuentes um espetáculo fascinante. Uma mulher vestida com short cavado que modelava suas pequenas nádegas redondas e sólidas, alta, de cabelos oxigenados, chamou sua atenção. Mas logo Fuentes percebeu que se tratava de um dos muitos travestis que residiam naquela parte da cidade. Os homossexuais dos dois sexos não o atraíam nem o repugnavam, eram-lhe indiferentes, pessoas neutras pelas quais não se interessava e com quem podia manter um relacionamento social impremeditado.

Fuentes agora olhava uma mulher clara, de sardas no rosto, sapatos de salto baixo, que lia os dizeres dos rótulos e embalagens das mercadorias. Fuentes também gostava de ler o que estava escrito em caixas, pacotes e recipientes expostos nas prateleiras. Naquele dia havia pensado em comprar uma lata de

pêssegos em calda, mas depois de ler os dizeres das latas de cada marca à venda Fuentes se desinteressara dos pêssegos, desistindo de comprá-los. A mulher, a quem Fuentes seguia a curta distância, parecia fazer o mesmo. Agora ela lia os frascos de detergente depois de ter manuseado atentamente latas de ervilhas, aspargos, cogumelos e palmitos. Quando ia de uma prateleira para outra, empurrando um carrinho de compras vazio, a mulher tirava os óculos; pela maneira de caminhar percebia-se que se acreditava bonita e atraente. Seu corpo maduro era agradável e o rosto, com ou sem óculos, exibia uma sensualidade satisfeita e digna. Não demorou a perceber que estava sendo observada por um homem jovem que examinava as mercadorias e as pessoas, virando o rosto de maneira extravagante, como se só enxergasse de uma das vistas. Ela não tinha mais ilusões românticas, já tivera sua cota de homens daquele tipo e seu coração não mais batia alvissareiro, como quando era menina. Mas era sempre deleitável e animador sentir o interesse de um homem, ainda mais tendo ele a graça bruta das pessoas robustas e ingênuas. Inconscientemente passou a posicionar seu corpo com mais cuidado; elevou os ombros, retraiu a barriga ressaltando o busto, o queixo foi salientado para fazer desaparecer a pequena papada, mal de família, que corrompia seu perfil. Os olhares do homem e da mulher se encontraram. Ele se aproximou e ela pôde ver de perto os olhos escuros do homem circundados de um branco brilhante. Inesperadamente sentiu-se perturbada e inibida, sem saber o que dizer.

“Você vive aqui perto?” Um ritmo diferente na voz.

“Sim. E você?”

“Num hotel na Mem de Sá. Meu nome é Camilo.”

“O meu é Míriam.”

Sentiram a euforia que ocorre no início de um relacionamento com presunções eróticas identificadas reciprocamente. Míriam agora andava pisando cuidadosamente com a planta do pé. Fuentes colocara-se de maneira que ela ficasse à sua direita. Os olhares de ambos para as prateleiras passaram a ser menos intensos — estavam interessados principalmente um no outro, Fuentes concentrando seu olho singular em Míriam, principalmente no corpo dela. O rosto da mulher podia ser feio, os rostos feios eram sempre, ou quase sempre, expressivos, mas o corpo tinha que ser como ele gostava, coxas grossas e duras, bunda pequena e arrebitada, barriga lisa, seios pouco maiores do que a palma da sua mão.

“O que você vai fazer hoje à tarde?”

“Ainda não sei.”

“Não quer sair comigo?”

“Aonde é que nós vamos?”

“Você podia passar no meu hotel e de lá a gente resolve aonde ir.”

“Qual é o seu hotel?”

“O Bragança, na Mem de Sá.”

“Ih, esse hotel é seboso. Eles não gostam que as mulheres subam para os quartos, criam caso, são uns nojentos.”

“Não se preocupe. Quatro horas está bom?”

Menos ansiosos, agora que haviam estabelecido seu pacto, Míriam e Fuentes voltaram a olhar as prateleiras.

“Maravilha, não é? Já foi ao Porcão, da avenida Brasil? Ao Freeway, na Barra? Ao Carrefour?”, perguntou Míriam.

Quando se separaram Fuentes voltou apressadamente ao Hotel Bragança.

“Você vai estar aqui às quatro horas?”, perguntou Fuentes ao emprego, atrás do balcão da portaria.

“Vou”, disse o porteiro.

“Às quatro horas vem uma amiga me visitar. Quero que ela suba sem anotações.”

“Cavalheiro, o hotel tem regulamentos, infelizmente isso—”

“Olha aqui”, o corpo de Fuentes pareceu ocupar todo o balcão, seus olhos arregalados fixos no rosto do porteiro e sua voz baixa e rouca assustaram o homem, que deu um passo para trás. “Esse regulamento é ilegal. Ela vai subir sem ser incomodada. Entendeu o que eu disse?”

“Sim, senhor. Eu não sabia que era pessoa de sua família.”

Fuentes nada mais disse. Até poderia mais tarde dar uma gorjeta àquele crápula, porém naquele instante não queria deixar quaisquer dúvidas de que se a mulher fosse incomodada aquele merda de bigodinho ia pagar muito caro por isso.

“Não se preocupe, não há problema, não há problema”, repetiu o porteiro como se tivesse lido o pensamento de Fuentes.

Às quatro horas e cinco minutos Míriam chegou ao Bragança e subiu ao quarto de Fuentes. Usava um vestido vermelho, que não era muito novo mas a fazia sentir-se bem, e sapatos de salto alto. Seu rosto estava pintado. Agora parece uma puta, pensou Fuentes com desgosto.

“Quer sentar?”

Míriam sentou-se na única cadeira que havia no quarto. Fuentes sentou-se na cama.

“Você já esteve aqui antes?”, perguntou Fuentes.

“Não.”

“Então, como é que você sabia que os caras encrencavam com visita de mulher?”

“É uma longa história.”

“Não quer dizer, não diz.”

“Eu tinha uma casa de moças, sabe como é?”

“Na zona?”

“Demoliram. Mas eu não atendia os michês, não. Eu era a dona. Demoliram a casa. Botei advogado, mas não adiantou. Demoliram a rua, demoliram tudo.”

Fuentes não fazia objeções a se relacionar com uma prostituta, apenas tinha medo de pegar uma doença. Acreditava que a maioria das prostitutas eram pessoas responsáveis, incapazes, ao contrário de outras mulheres, de transmitir deliberadamente uma doença venérea a um freguês; podia acontecer, porém, que ela estivesse na fase inicial da contaminação, antes de sentir os sintomas que a alertassem.

“Tenho medo de doença”, disse Fuentes.

“Eu estou boa. Fui ao ginecologista na semana passada.”

“As vezes a mulher não sabe.”

“Eu não sou prostituta. Não tenho relação nenhuma há mais de dois meses. Não tenha medo, não.”

Míriam segurou o braço de Fuentes. “Teu braço parece feito de pedra. Você tem mais coisas duras assim?” O sorriso dela não tinha malícia.

“É mais duro ainda.”

“O porteiro fingiu que não me viu. Você disse alguma coisa a ele?”

“Não. Acho que mudaram o regulamento do hotel.”

15

No dia catorze Fuentes disse a Míriam que teria que ir a São Paulo no dia seguinte. Estavam morando juntos num apartamento da rua do Riachuelo. Evitavam falar sobre a "vida pregressa" de cada um. Míriam não queria saber qual a origem do dinheiro de Fuentes, que pagava todas as despesas que o casal fazia. Passavam a maior parte do tempo na cama dormindo e fodendo. Nas folgas passeavam pelo centro da cidade, principalmente no campo de Santana, frequentavam os restaurantes das redondezas, quase sempre o Lisboeta, iam ao cinema, viam televisão. Viviam como pessoas em férias longe de casa e Míriam sabia que isso não poderia durar muito. Talvez a ida de Fuentes a São Paulo fosse um pretexto para ele terminar a ligação sem maiores explicações. Na manhã do dia quinze Fuentes saiu de casa dizendo que voltaria no dia seguinte, porém Míriam havia conhecido homens demais para acreditar nas promessas que faziam.

Fuentes chegou a São Paulo na hora do almoço. Pegou um táxi até o centro da cidade. Comeu um sanduíche numa lanchonete. Depois, sentado num banco da praça da República, deliberou cautelosamente se deveria ir até seu apartamento ou então se aguardaria a hora marcada para encontrar Benito e saber as novidades. Optou por uma solução intermediária: passaria perto da banca de Benito e, se visse que não havia risco, conversaria com o jornaleiro. Assim, não teria que esperar até à noite. Queria voltar o mais rápido possível para perto de Míriam.

A banca de jornais estava fechada. Fuentes passou pela banca sem olhar e entrou numa farmácia que ficava um pouco adiante.

"Aspirina", disse Fuentes, "dois envelopes."

Da farmácia Fuentes podia observar a entrada do edifício onde ficava seu apartamento. Enquanto debatia intimamente, uma mulher saiu do edifício e Fuentes a reconheceu. Era uma vizinha, com quem se encontrara uma vez no hall do prédio e puxara conversa com ele. Fuentes saiu da farmácia, atravessou a rua e caminhou pela calçada ao encontro da mulher.

"Como está a senhora?", disse Fuentes postando-se em frente da vizinha.

A mulher parou e reconheceu Fuentes. “Não tenho visto o senhor. Estava viajando novamente?”

“Estou chegando neste momento. Espero que meu apartamento não tenha sido assaltado.”

“Cruzes”, disse a mulher, olhando para as mãos de Fuentes como se estranhasse vê-las vazias, “no nosso edifício nunca aconteceu isso, espero que não vá acontecer logo com o senhor.”

“Então está tudo em paz?”

“Está tudo em paz”, disse a mulher lentamente, mudando de tom.

“Bem, já vou. Um bom dia para a senhora.”

“Bom dia.”

A mulher deu alguns passos, olhou para trás e continuou seu caminho. Fuentes voltou à farmácia.

“O senhor esqueceu a aspirina”, disse o balconista.

“Me dá também uma vitamina.”

“Que vitamina?”

A conversa com a vizinha deixara Fuentes apreensivo.

“Que vitamina?”

Fora uma perda de tempo interpelar a mulher na rua. Se o edifício estivesse sendo vigiado ela não perceberia. Mas a banca fechada de Benito expressava um enigma que precisava ser solucionado.

“Que vitamina? A, B ou C?”

“B.”

“O senhor tem preferência por algum laboratório?”

Fuentes pagou os remédios e saiu da farmácia. Havia decidido passar a tarde no cinema Ipiranga, que ficava em frente ao Marabá, local do encontro. Mas em vez disso atravessou a rua em direção ao seu edifício. Não havia ninguém na portaria. Fuentes subiu no velho elevador marcado de inscrições (“viado”, “Coríntiãs”) até o oitavo andar, onde ficava seu apartamento. Ao sair do elevador ficou de pé no corredor ouvindo os sons do andar. Um bebê chorava, o que normalmente irritaria Fuentes, mas naquele momento era apenas um som a ser avaliado e identificado, junto com a música, as vozes de crianças, os pratos sendo lavados, a novela da televisão. Encostou o ouvido na porta do seu apartamento numa cuidadosa auscultação. Quando se deu por satisfeito abriu a porta silenciosamente e entrou.

Ficou imóvel na sala em penumbra, procurando detectar ruídos e imagens suspeitas. Notou no ar cheiro de cigarro. A sala estava em ordem, arrumada como ele a deixara. Apenas o cheiro de cigarro não combinava com a

normalidade das coisas. Por essa razão caminhou com cuidado para o local de onde vinha o cheiro.

Benito estava dentro da banheira, sem camisa e sem sapatos, o tórax magro todo marcado de queimaduras. Dentro da banheira havia um chumaço de algodão, restos de uma camisa rasgada em tiras, cigarros apagados e uma caixa de fósforos. Na boca de Benito, pedaços de algodão Benito não devia ter resistido e contara o que seus torturadores queriam saber.

Fuentes revistou meticulosamente o resto do apartamento. A televisão ainda estava quente. De volta, tirou Benito da banheira, calçou-lhe os sapatos. Foi à cômoda, apanhou uma camisa, vestiu-a no corpo franzino do jornaleiro. Benito, dentro da camisa larga, parecia um boneco de sábado de aleluia.

Deixando o cadáver de Benito deitado na cama, Fuentes saiu do apartamento. O porteiro, agora, estava no seu posto e cumprimentou-o.

Ficou no cinema Ipiranga vendo, impaciente, o mesmo filme duas vezes e meia. Quando saiu, às quinze para as oito, chovia muito e o trânsito estava engarrafado na avenida Ipiranga. Atravessou a rua e entrou no Marabá. Havia pouca gente esperando terminar a sessão das seis. Circulou pela sala, como se estivesse à procura de alguém que ainda não havia chegado. Teve o cuidado de olhar distraidamente para as pessoas. Benito devia ter falado do encontro e os matadores deviam estar ali, mas ele não tinha como se certificar sem causar desconfianças. Era bom que pensassem que caíra numa armadilha.

A sessão acabou e as portas da sala de exibição se abriram. A sala de espera foi se esvaziando e, afinal, restaram um casal e dois homens. Os homens compraram balas e depois sentaram-se em bancos separados na sala de espera. O casal entrou na sala de projeção.

“O banheiro dos homens é para lá?”, perguntou Fuentes em voz alta para a vendedora de balas.

“É sim”, disse a moça.

Sem olhar para trás Fuentes caminhou em direção à porta onde estava escrito Homens. Um sujeito acabara de urinar e estava lavando as mãos quando Fuentes entrou no banheiro. Fuentes postou-se na pia ao seu lado e, enquanto lavava as mãos, observava pelo espelho a porta de entrada do banheiro. Um dos homens da sala de espera entrou e foi até dos mictórios. Fuentes podia vê-lo bem, parecia um burguês, de terno cinza e gravata. O sujeito que lavava as mãos abriu a porta do banheiro e saiu. A porta ainda não fechara quando Fuentes agarrou o homem de roupa cinza, pelas lapelas do paletó, e puxou-o para trás batendo sua cabeça de encontro à parede. Enquanto o homem desfalecia em seus braços. Fuentes o arrastou para uma das divisões onde estavam as latrinas. Entrou, fechou a porta e colocou o homem apoiado contra a parede com os dois

pés dentro do vaso sanitário. Ele sangrava na cabeça e respirava com dificuldade. Fuentes agarrou-o pelo pescoço com as duas mãos e esganou-o durante dois minutos. Revistou seus bolsos: IFP: Lupicínio Costa; vinte notas de mil; revólver Taurus, calibre trinta e oito. Tudo transferido para os bolsos de Fuentes.

Fuentes saiu da privada deixando o corpo do homem cair para a frente com os pés presos no vaso, de maneira que sua cabeça fechasse a porta apoiando-se contra ela. Com o Taurus na mão Fuentes esperou pelo outro homem.

Este também usava paletó e gravata. Ao ver Fuentes com o revólver apontado para sua barriga, disse suavemente, levantando um pouco as mãos para cima: “Calma, calma”.

“Aperta o cinto”, disse Fuentes.

“O quê?”

“Aperta o cinto”, disse Fuentes dando um soco na barriga do homem.

O homem apertou o cinto.

“Mais”, disse Fuentes.

“Está no último buraco.”

“Agora enfia as mãos por dentro do cinto. Primeiro uma, depois outra.”

O homem fez como lhe foi mandado, tendo dificuldades para enfiar a segunda mão.

Fuentes empurrou-o para uma das cabines: “Entra aí”. Fuentes fechou a porta. “Entra dentro da latrina”, disse Fuentes. “Vou estragar os meus sapatos”, disse o homem. Fuentes, segurando o revólver com a mão aberta, bateu no rosto do sujeito, sem muita força. O homem entrou dentro da latrina, escorregou e curvou-se, apoiando-se precariamente com os joelhos na borda do vaso para não cair.

“Onde está o Lupicínio?”

“Virou merda e entrou pelo cano.”

Os dois falavam baixinho, como se estivessem praticando um ato libidinoso na privada e não quisessem ser descobertos.

“Eu tenho uma proposta”, sussurrou o homem.

“Qual é?”, Fuentes, no mesmo tom.

“Posso sair daqui? Está doendo o meu pé.”

“Não. Fala.”

O homem, para não cair, apoiava-se, agora, no ombro de Fuentes. Seu hálito recendia às balas de hortelã que chupara na sala de espera.

“Dou o serviço e ficamos numa boa.”

“Fala.”

“Quem nos contratou foi o Mateus.”

“Benito estava no contrato?”

“Não. Só você. Estávamos esperando você no apartamento quando o garoto chegou. Perguntamos por você e ele disse que não sabia quem você era, que tinha ido lá para fazer a limpeza do apartamento e mostrou o material de limpeza que estava carregando. Demos um arrocho nele e ele contou que ia encontrar você aqui no cinema.”

“Só isso?”

“É isso aí. Serviço completo. Teu negócio é o Mateus ou mais em cima, sou apenas um técnico, como você. Tudo bem? Numa boa?”

“Por que vocês fizeram aquilo com o rapaz? Ele era medroso, bastava dar um grito com ele.”

“Nada disso. Precisou ser muito trabalhado para abrir o bico.”

“Vou levar a tua gravata”, disse Fuentes afrouxando o laço da gravata do homem.

“Leva o que quiser. Não diz pro Mateus que eu dedurei ele.”

“Pode deixar. É de seda esta gravata?”

“Seda pura. Só gosto de vestir coisa fina. Compro tudo na—” Não terminou a frase. Sua língua tremulou por instantes inutilmente entre os lábios abertos. A forte constrição aplicada com o laço da gravata no seu pescoço impediu que qualquer som lhe saísse da garganta.

Fuentes revistou os bolsos do homem: Dirceu Guimarães, outro Taurus, cinco notas de mil, Elo, Diners, Credicard. Fuentes apanhou o dinheiro e os cartões de crédito deixando o Taurus. Ao sair tentou repetir o que fizera com o corpo de Lupicínio, mas embora os pés de Dirceu permanecessem no vaso, seu tórax caiu ao chão e a cabeça apareceu por baixo da porta, como se estivesse espiando em direção às pias.

Fuentes pegou um táxi na porta do Marabá e seguiu para a rodoviária. Enquanto esperava o ônibus comprou um saco de biscoitos de polvilho, que comeu encostado num canto, observando o movimento da estação. Ele gostaria de passear um pouco, mas andar devagar chama a atenção e quem anda depressa tem que chegar a um destino. O melhor seria sentar-se num banco lendo o jornal ou fingir que dormia — mas ele não fecharia os olhos nem numa igreja, se um dia fosse à igreja. Tinha que esperar duas horas pelo ônibus do Rio, no qual conseguira passagem. Não gostava de andar de ônibus devido aos assaltos que eram comuns na via Dutra, mas não queria gastar dinheiro numa passagem de avião. Na verdade, tinha medo de viajar de avião. Mas isso ele não sabia.

16

Um homem estava falando com Wexler quando entrei na sala dele. Gesticulava muito e Wexler parecia bastante interessado no que ele dizia.

“Este é o Mandrake”, disse Wexler.

“Eu sou José Zakkai.”

“Veio procurar você e, enquanto esperava, ficamos conversando. Contou-me uma história” — pequena pausa — “estranha.”

Levantando uma sobrancelha José Zakkai sondou meu rosto.

“O senhor quer falar comigo?”, perguntei.

“Em particular, se possível.”

Levei o visitante para minha sala.

“O nome Zakkai não significa nada para o senhor?”

“Nada.”

“E Nariz de Ferro?”

Estou colocando os acontecimentos em ordem cronológica, mas às vezes esqueço um determinado episódio que algum dos personagens me contou, ou então um do qual eu mesmo participei. Esse diálogo com Zakkai, como o que ele teve com Lima Prado, na única vez em que estiveram juntos, é muito difícil de ser contado. O que ele e Lima Prado conversaram foi praticamente tirado de um dos Cadernos do financista.

“Sou eu, o Nariz de Ferro”, disse o homem aboletando-se na poltrona como se fosse fazer uma longa viagem. “Percebo que o senhor esta querendo me catalogar, mas não adianta, nem eu mesmo sei se sou branco ou preto, mouro ou judeu, o que aliás não tem a menor importância de uma forma ou de outra. Sou um homem que sabe das coisas, passo os dias no telefone para me informar. Os jornais não dizem nada e a televisão, bah, a televisão é o ópio do povo, como disse Lenin. Conheço a alma humana e sei o que motiva banqueiros, parlamentares, generais, jornalistas, ministros, tiras como Raul, ladies que fuçam no interespaço ocluso, como disse Balzac. Ligo para um lado e outro da cortina e no fim do dia já sei para onde o vento vai soprar; aí abro minha vela, estás me

entendendo, e vou vendendo minhas especiarias para os ofuscados, e o produto converto em diamantes e selos, uma fortuna que posso transportar na boceta de uma virgem, se precisar fugir de alguma conjuntura; mas esse momento ainda não chegou, a época é de plantar a grana e colhê-la dourada e sumarenta nas vísceras dos ambiciosos, como disse o Mahatma Gandhi. Não cheiro mais, nem vendo o que você está pensando, tem muita gente levando e o vício legal dá mais, que o diga a Souza Cruz. Conheço todos os bacanas do mundo e sei que a bunda deles é mole. Quando era menino via as mulheres passarem desdenhosas nos seus carros, as mãos coruscando de joias, e almejava ardentemente tê-las segurando o meu pau. Também queria, na mesma época, conhecer o Carlitos, mas ele morreu antes. Morreu, fodeu-se. Nunca tive um ídolo. Pensei numa época em Jesus Cristo, mas ele foi um fracassado, como disse o cardeal arcebispo. Estás me entendendo, trafiquei amendoim, graxa de sapato, chicletes, cano de chumbo, erva, pó, limão roubado da feira, não nessa ordem. Fui dentista da meia-noite. Morei nos bueiros, com os ratos. Já cuspiram, mijaram e cagaram em mim. Ou eu morria ou virava essa maravilha que sou."

Eu deixara o visitante falar, sem interrompê-lo. Nariz de Ferro, que era um anão, mas tinha a postura de um gigante presunçoso, levantou-se e, virando sua enorme cabeça de cabelos encarapinhados, exibiu o perfil para mim. Seu nariz imenso, de linhas perfeitas, era um pouco mais negro do que o rosto.

"Eu me preparei para enfrentar a adversidade. Estou acabando de escrever o *Manual dos frustrados, fodidos e oprimidos.* Nele descrevo, minuciosa e sistematicamente, os métodos mais sujos e destruidores para se ir à forra de qualquer inimigo, seja ele quem for, forças armadas, imposto de renda, companhias de serviços públicos, companhias de cartões de crédito, bancos, a polícia, o proprietário senhorio, a loja comercial, qualquer pessoa ou instituição que tem força e sacaneia os outros. Ensino a técnica adequada para devassar, desmoralizar, arruinar, aniquilar, exterminar indivíduos e organizações odiosas, mostro como atacar saindo das sombras, como atormentar e destruir sem misericórdia. Pela sua cara vejo que não gosta de mim." (Esse livro, na verdade, nunca foi escrito. Nariz de Ferro gostava de jactar-se não apenas das coisas que havia feito, mas também das que ainda pretendia fazer.)

"Está enganado. Gosto das pessoas que não sabem qual é a verdadeira altura delas", eu disse.

Nariz de Ferro ponderou por um breve momento a minha frase. "Sou um anão, mas não estou marcado para morrer."

Esperei.

Tirei um Panatela escuro, curto, da gaveta e acendi. "Isso é um criptograma?"

Nariz de Ferro riu, mostrando gengivas violáceas e dentes pontudos como os de um cão. “Quando Raul me procurou prometi que ia assuntar. Devo favores ao Raul, dos tempos de minha fase podre. Descobri que abriram concorrência para fumigar um causídico da praça, tudo sub-infraempreitado, para esconder o mandante. Grana roxa rolando. Não gosto de abrir o gogó, mas devo favores ao Raul e eis-me aqui, como disse Desdêmona, dando nome aos bois.”

“Fumigar, como?”

“Pés juntos no revertere ad locum tuum.”

“Quem são eles?”

“Tóxico e pornografia. Mulheres, cadelas submissas, sendo esporradas por cacetes gigantescos, as bocetas, plantas carnívoras arreganhadas, e cus negros sinistros atraentes como poços de petróleo latejantes, como disse Euclides da Cunha. Isto dá muito dinheiro neste país esfuziante. Pó e putaria, esse é o negócio deles, uma cooperativa que chamam Escritório Central, integrada por operadores autônomos que não se conhecem uns aos outros e papeloteiros bissextos que só manjam o consumidor no fim da linha e que se forem apanhados não saberão de nada, pois não sabem mesmo.”

“Acho você muito metafórico, como diria Mao Tsé-Tung”, eu disse tentando imitar a voz rouca de Nariz de Ferro. “Por que querem me matar?”

“Você deve saber.”

“Você sabe?”

“Já falei tudo que tinha de falar.”

“Que tal uma última chance? O jogo do sim ou não?”, perguntei. Eu havia percebido alguma coisa sobre a maneira como a mente dele funcionava.

“Quatro perguntas. Começa.”

“O Escritório Central é uma associação criminosa que utiliza empresas legítimas como cobertura, por um lado, e como diversificação de investimentos, por outro?”

“Sim.”

“A principal figura dessa organização clandestina é um sujeito chamado Roberto Mitry?”

“Prejudicada.”

“Roberto Mitry está envolvido?”

“Sim.”

“Como?”

“Sim ou não.”

“Desculpe. Roberto Mitry é membro dessa sociedade de criminosos?”

“Sim.”

“Ele matou as mulheres?”

“Prejudicada.”

“Falta uma”, eu disse, pensando alto. “Você não jogou direito.” Lentamente reacendi o charuto que se apagara. Sabia que o homem estava dizendo a verdade. O prazer que o anão demonstrava não era de quem rouba no jogo, mas o de quem arrisca tudo, seguindo as regras. Por que viera ao meu escritório? Não havia sido, certamente, para pagar os favores devidos a Raul. Que tipo de associação manteria com o Escritório Central? Autônomo era pouco para um homem daqueles e papeloteiro ainda menos. Mas descobrir o que fazia dentro da organização era, naquela estuante circunstância, menos relevante do que encontrar as razões da sua visita.

“Vou deixar essa última pergunta para outra oportunidade”, eu disse.

“Está fugindo?”

“Nunca fui muito bom nesse jogo.”

“Foi você quem propôs.”

“Você está brigando com a Organização?”

“Sim.”

“Quer ser meu aliado?”

“Não.”

Nariz de Ferro levantou-se, com os dedos em cruz sobre os lábios, e saiu, me deixando pensativo.

17

Ao visitar pela primeira vez meu apartamento Ada ficara impressionada com as fotografias de mulheres espalhadas pela casa. Quatro grandes posters enfeitavam as paredes da sala, e no banheiro um poster ainda maior mostrava uma mulher pálida de cabelos negros, atrás de um tabuleiro de xadrez. Ela achara melhor não tomar conhecimento das fotos, mas afinal perguntara, no sofá, onde sentados conversamos coisas vagas, como desconhecidos num dentista: “Troféus de caça?”. Não se incomodava, nem tinha razões para isso, com o meu passado, pelo contrário, até gostava que eu fosse experiente pela razão muito simples de que estava decidida a se livrar de sua (incômoda? anacrônica?) condição de virgem e para isso era melhor um homem versado nas coisas da vida. O certo seria esperar pelo casamento, como as mulheres da sua família sempre haviam feito, mas ela não queria casar, ou não queria esperar, ou lá o que fosse e assim eu parecera ser a pessoa certa para ajudá-la no seu propósito. Eu parecia-lhe atraente, e estava apaixonado, ou, no mínimo entusiasmado por ela. Minha abordagem, na saída da ginástica, havia sido um bom augúrio. Antes, durante a ginástica, numa espécie de pródromo (vocábulo do seu tio médico) do que viria depois, ela ficara olhando, sem parar, o próprio corpo refletido no grande espelho que ocupava toda a parede do salão da academia e havia decidido que chegara o momento de se “entregar a um homem”. Fora assim que a decisão se verbalizara em sua mente, a ideia da virgindade “ser entregue” ao outro como dádiva de um bem muito especial e valioso, sem dúvida um resquício romântico de sua origem provinciana, do qual ela estava consciente e talvez orgulhosa. Esperara algum tempo, para se certificar de que eu era o homem certo para receber sua oferenda. Jamais se “entregaria” a um homem mesquinho, a generosidade era a maior de todas as virtudes. Os arrogantes e os tolos também lhe eram desagradáveis. Mas eu era, sem dúvida, bondoso e inteligente, e meu rosto, aparentemente marcado por um sofrimento secreto, lhe inspirara confiança, apesar de todos os retratos na parede. “São amigas minhas. Meus melhores amigos são mulheres”, eu dissera. Ela nunca soubera o nome de todas, com exceção da jogadora de xadrez do banheiro, Berta Bronstein uma judia,

como judeu era meu sócio L. Wexler. Naquela primeira noite o coração dela batia como se fosse saltar da boca. Pensara em ir embora, mas isso seria um gesto pusilânime cuja recordação a perseguiria pelo resto da vida — era melhor acabar logo com aquilo e ir para casa dormir. Eu segurara sua mão, implacável como sua mãe levando-a ao colégio pela primeira vez — vestida com um casaco azul, um azul que nunca mais tornaria a ver, macio como feltro, e a mãe segurava sua mão com força, assim como eu naquele instante, naquela casa estranha, olhando-a com uma feia expressão obstinada. Ela não conseguia se lembrar como tirara a roupa, não devia ter sido uma coisa simples, ela se vestira além do necessário, isso recordava bem, estava de sutiã, uma peça que há muito abandonara, e vestia um suéter sem que fizesse frio para tanto, e calças compridas e um cinto de couro que deixara uma marca na sua barriga. Como num passe de mágica estávamos deitados na cama e eu passara a mão nos seus cabelos e no seu joelho, o que fizera seu corpo nu ficar todo arrepiado.

O ônibus entrou na avenida Brasil e a proximidade do seu destino fez Ada abandonar as reminiscências. Estava ansiosa por voltar a me ver. Não conseguira me avisar da sua chegada, pois o telefone de minha casa não atendia e como era sábado não havia ninguém no escritório.

Ao chegar ao meu apartamento, quem abriu a porta foi uma moça baixinha com um rosto redondo de criança abobalhada.

“O doutor está?”

“Não. Não quer deixar recado?”

“Ele está no Rio?”

“Está. Saiu para comprar cerveja. Não quer entrar e esperar por ele?”

“Não”, disse Ada pegando sua mala e virando as costas para a moça.

Meu apartamento ficava no último andar de um pequeno edifício de quatro pavimentos e não tinha elevador. Ada desceu as escadas sentindo vontade de chorar. “Meus melhores amigos são mulheres!” Farsante. Sentou-se na escada e chorou, mesmo sabendo que seu nariz ia ficar vermelho e os olhos inchados. Os homens não valiam um caracol, eram todos iguais.

Pegou sua mala e novamente subiu os degraus que levavam ao quarto andar. Tocou a campainha com força.

“Ele ainda não chegou”, disse a moça.

“Vou esperar.” Ada levantou o queixo e entrou.

“Você quer sentar?”, perguntou a moça.

“Não.” Ada ainda segurava a mala, em pé, no meio da sala.

“Larga a mala, assim você fica cansada.”

“Fala direito comigo, sua pivete”, disse Ada.

“Já sei”, disse a moça ignorando o tom agressivo da Ada, “você é a namorada dele, a que tem olhos grandes e costelas aparecendo, não é? Meu nome é Bebel.”

Bebel estendeu a mão. Ada pousou a mala no chão, manteve os braços presos ao longo do corpo, sem saber o que dizer.

Num botequim da praça Antero de Quental, enquanto isso, eu tomava cerveja.

O botequim estava cheio. As pessoas, em pé, bebiam cerveja ou chope e comiam tira-gostos — ovos cozidos de casca amarelada por corante, linguiça, torresmo, moela de galinha, sardinha frita, mortadela, queijo de minas. Três sujeitos discutiam acaloradamente se o ministro do Planejamento era principalmente burro ou principalmente filho da puta. Houve um momento, porém, que o importante foi escolher um pedaço de torresmo sob o vidro do balcão. Havia algumas mulheres. Discutiam a cor da pele. “Quando alguém diz que você está ótima é porque você está uma merda.” Falavam também em celulite e pílula. O dono do botequim era uma figura pertinaz que ganhava seu dinheiro em pé atrás da caixa registradora, dezoito horas por dia, controlando cada níquel do seu negócio. (O filho frequentava a PUC etc.) Chegou um maluquinho querendo comprar uma moela, sem dinheiro, junto com um bêbado também arruinado. Mandei servirem uma moela para o maluco e um chope para o bêbado. Antes de comer, o maluquinho — devia ter uns vinte anos, mulato — ficou olhando a moela, avermelhada pelo suco de tomate, enfiada num palito. O bêbado, branco, barba grande mas rala, alourada, sorveu o chope num trago único. Suspirou. Pediu outro.

“As pessoas perguntam, é para comer? pra comer eu dou. Mas eu não quero comer, quero beber e digo, não, senhora, é para beber, aí elas não dão nem um tostão. Será que não sabem que para um bêbado como eu beber é mais importante do que comer?”

“Não sabem. Ninguém sabe nada sobre os outros”, eu disse, tomando o último gole do meu copo. Não gostava muito de cerveja, mas o vinho havia acabado e num sábado só se podia comprar vinho numa das padarias do bairro, e vinho em padaria eu me recusava a comprar, por vários motivos nebulosos. Cerveja não repugnava ao meu paladar, conquanto exigisse a ingestão de pesadas e soporíferas quantidades para causar uma embriaguez apenas razoável.

Ao ver que quem me abria a porta era Ada e não Bebel, como esperava, senti-me embaraçado. Estava alegre em ver Ada, apesar do seu semblante turvo, mas também irritado, pois não gostava de surpresas, ainda mais daquele tipo. Detestava fazer os outros sofrerem, e quando o fazia, mesmo involuntariamente,

sentia-me culpado um longo tempo. Coloquei a saca com latas de cervejas no chão e sentei-me no sofá, ao lado de Ada. Estávamos tensos; Ada hostil.

“Sua amiguinha foi embora”, disse Ada.

“Ah, a Bebel. É filha de uma cliente”, eu disse, aliviado por Bebel não mais estar presente.

“Uma cliente. Você agora bebe cerveja?”

“Sempre bebi cerveja.”

“Não me lembro.”

Apanhei uma lata na saca, abri e sorvi um gole. “O vinho acabou. Que bom que você voltou.”

“Não sei.”

“Não faz essa cara por favor.”

“Não sei. O que foi que essa moça veio fazer aqui?”

“Eu já disse.”

“Não disse coisa nenhuma.”

“Veio falar sobre a mãe dela. A mãe dela desapareceu. Mas já apareceu. É uma trama ligada com o caso das massagistas.”

“Ela foi para a cama com você?”

“Não, que absurdo. Você parece maluca, pensar numa coisa dessas. Ela é filha dessa cliente. Você vai ficar aqui comigo?”

“Vou. E não quero mais ver filha de cliente nenhum aqui, está bem?”

“Claro.”

Ficamos em silêncio. Beijei Ada no rosto.

“Vou tomar um banho, estou toda suja da viagem de ônibus.”

Enquanto Ada tomava banho examinei as implicações da sua volta. Não estava preocupado com Bebel, mas com as revelações que Nariz de Ferro fizera. Se realmente minha vida corria risco, como o anão dissera, meu apartamento não era um lugar seguro para Ada ficar. Mas não podia dizer a verdade a ela, sob o risco de assustá-la. Por outro lado, se não desse uma explicação razoável Ada poderia supor que eu queria afastá-la por causa de Bebel.

Ada saiu do banheiro. Parecia ter esquecido seus aborrecimentos.

“Engordei demais, você não acha? Também fiquei parada esse tempo todo, sem fazer ginástica.”

“Você está linda.”

“Você acha? Você sentiu saudades de mim?”

“Muitas. E você?”

“Não aguentava mais. Aí decidi, de repente, vir embora. A mamãe tentou me convencer a ficar, mas não adiantou. Arranjei uma moça para me substituir na escola e pronto. Pouso Alto é muito chato. Os amigos do papai, aqueles

velhinhos, só conversam sobre política e café, você viu quando esteve lá, e os jovens são capazes de falar dias sem parar sobre carros novos que compraram ou vão comprar. Mas mesmo que Pouso Alto fosse uma maravilha eu teria vindo embora. Estava morrendo de saudades."

Não parou de falar durante muito tempo.

Estávamos abraçados quando o telefone tocou. Atendi.

"Seu patife, não vou desistir de você. Fiquei com pena da moça. Amanhã ligo para o teu escritório."

"Quem era?", perguntou Ada, quando desliguei.

"Não sei. Não disseram nada. Acontece muito com esse telefone."

Há pessoas que quando ficam tensas buscam alívio na comida. Eu encontrava na atividade sexual meu ponto de equilíbrio. Ir para a cama com Ada e só parar depois de muito tempo me deixou feliz. Depois vesti um calção de banho e fui à praia. Naquele dia Raul ia almoçar lá em casa.

Raul chegou ao apartamento antes de eu voltar da praia. Pelo visor Ada notou que era o policial e abriu a porta. Gostava de Raul e sentia-se feliz ao vê-lo.

Raul carregava sob o braço, embrulhadas, duas garrafas do vinho Periquita. Ada carregava no colo a gata Elizabeth, que ronronava. Beijaram-se no rosto.

"Isso é vinho?"

"É."

"Ele agora bebe cerveja."

"Não acredito", sorriu Raul. Seu sorriso estava torto.

"É só abrir a geladeira. Cerveja em lata. Você quer um cafezinho?"

Enquanto bebiam café, Ada disse:

"Vou casar com Mandrake."

"Que bom. Pra ele."

"Pra mim também. Eu o amo, não posso viver sem ele. Não fica rindo não, que eu me aborreço com você."

"Estou rindo de nervoso."

"Ele vai mudar de vida. Vai ficar bom. É por causa daquilo que aconteceu. O casamento vai fazer ele ficar bom." Ela também só pensava naquilo que havia acontecido, mas um dia, lá em Pouso Alto, estava vendo uma vaca pastar e disse para si mesma: cada obstáculo que a gente supera em nossa existência, principalmente os piores e mais horríveis, devem apenas nos fazer sentir mais ainda o prazer de viver. "Percebi, olhando aquela vaca, como é bom estar viva! O resto, todo o resto não tem a menor importância se você *sabe que* está vivo, se você sabe *o que é* estar vivo. Naquele instante deixei de me lamuriar, deixei de sofrer por medo, paixão, anseios. Isso tudo faz parte de estar vivo. Não adianta

me dizer que pensar assim é imoral, um individualismo impudente ou lá o que for, porque não é nada disso, é apenas amor pela vida.”

“Penso na vaca, logo, existo feliz.”

“Raul, você ainda é mais bobo do que o Mandrake.”

Quando cheguei, ainda úmido e com os pés sujos de areia, abri uma das garrafas de vinho. Ada disse que também queria beber.

“Acabou o iogurte?”, brinquei.

“Além disso quero ouvir a conversa de vocês.”

Contei a Raul a conversa que tivera com Nariz de Ferro. Quando falei sobre a advertência de Zakkai (“Estão querendo me fumigar”) percebi que a fisionomia dele se transtornara.

“Pode ser uma besteira isso tudo, você não acha?”

Raul não respondeu.

“Você confia nele?”

“Estou com medo”, disse Ada.

Raul andou pela sala. Alguma coisa parecia preocupá-lo profundamente. Disse, num tom de voz irritado e lamuriento: “Já livrei a cara dele uma vez, você sabe, se não fosse eu, Nariz ficaria atrás das grades até a metade do próximo século. Ele está metido em negócios de motéis, jogo, droga, publicação de livros e revistas eróticas e produção de filmes pornográficos. Ainda: boates, restaurantes, uma cadeia de lanchonetes e fliperamas. Como funciona tudo isto? As boates, restaurantes e motéis são propriedade de uma sociedade por cotas, chamada Gooddtaste. A cadeia de lanchonetes é de uma empresa chamada Fastfood. A editora e a companhia cinematográfica são de uma sociedade, também limitada, denominada Pleasure. Os fliperamas são de uma empresa denominada Fun. Bom gosto, comida rápida, prazer e brincadeira. A Goodtaste tem como sócios” — Raul tirou um papel do bolso e leu — “José Zakkai, o Nariz de Ferro, Pedro Paulo dos Santos, Joaquim Silva, Nadir Alves Castro, João Gambacorta, Elísio Pinto Braga. Você conhece algum deles?”

“Não.”

“A Fastfood tem exatamente os mesmos sócios. A Pleasure e a Fun idem. Nadir é coronel reformado do Exército. Gambacorta era dentista. Elísio Pinto Braga trabalhava no Ministério da Indústria e Comércio onde, até pedir demissão, era um obscuro economista. Nenhum deles tinha recursos suficientes para investir nesses negócios. Nariz de Ferro, antes de entrar para a firma, era dono de uma pequena boate falida de homossexuais, em Copacabana. Dos outros dois, o Silva e o Santos — os nomes mais comuns na nomenclatura patronímica brasileira —, nada se sabe ainda. De onde veio a massa de dinheiro exigida para construir, por exemplo, os motéis e a cadeia de lanchonetes? Supomos que seja

do tráfico de drogas. Os empregados do segundo escalão dizem que houve um problema na Fastfood, a cadeia de lanchonetes parece que está mudando de mãos. Informações colhidas na Goodtaste indicam que o mesmo está para ocorrer com os motéis, que provavelmente são os negócios legítimos mais rentáveis do grupo. Dos ilegítimos sabemos muito pouco, ou nada. Goodtaste, Fastfood, Pleasure e Fun devem ter, acima deles, controlando-as, uma espécie de holding secreta que, na verdade, funciona como um superbanco que financia os banqueiros conhecidos do jogo do bicho e os grandes traficantes com ramificações internacionais e aplica parte dos seus ganhos nas firmas, que são fachadas, mas nem por isso pouco lucrativas."

Ficamos, todos, bebendo vinho, pensativos. Raul, nervoso, não conseguia ficar imóvel. A todo instante levantava-se e andava pela sala.

"Você está preocupado com a história de fumigamento?" Ada. "Estou começando a ficar apavorada."

"Provavelmente apenas uma metáfora sem graça", eu disse.

"Estamos investigando os nomes das fachadas. Todos, os que já conhecemos têm a mesma característica: são homens discretos, sem amigos e sem vida social. Gambacorta mora em Ipanema, na rua Maria Quitéria, é casado, sem filhos, e só sai de casa, de manhã, para passear com a mulher na praça Nossa Senhora da Paz. O resto do dia fica em casa. O coronel Nadir mora num sítio em Teresópolis. Às segundas, quartas e sextas-feiras nada cerca de uma hora na piscina do clube local. Às terças-feiras, ainda no clube, pratica tiro ao alvo, pistola. Nos outros dias não sai de casa a não ser para cuidar do seu jardim. Tem mulher e dois filhos, e não gosta de conversa. Elísio mora no morro da Viúva, no Flamengo, num apartamento grande, cercado de minicomputadores e outros aparelhos eletrônicos. É solteiro. Uma empregada velha, que foi sua babá, toma conta da casa. Ele só sai para ir ao cinema. A Polícia Federal não conseguiu ainda colocar uma escuta nos telefones deles, dizem que estão enfrentando entraves e problemas burocráticos. O que pode ser mentira.

II

RETRATO DE FAMÍLIA

1

Quando José Joaquim de Barros Lima nasceu, no Rio de Janeiro, em 1845, filho de emigrantes portugueses, a população do Brasil era estimada em cerca de oito milhões de habitantes, três milhões e meio dos quais seriam escravos. Teve uma infância de menino pobre, ajudando o pai a entregar carvão na residência dos fregueses. À custa de muito trabalho e de uma poupança feroz que os privava praticamente de tudo e que possivelmente teria sido a causa da tuberculose que matou a mulher com menos de quarenta anos, o casal conseguiu sua própria carvoaria e afinal satisfazer sua grande ambição, que era enviar o filho para estudar em Coimbra. Pouco mais se sabe a respeito dos pais de Barros Lima. Não ficaram retratos, nem cartas ou outros documentos que registrassem a passagem dos dois pelo mundo. Cinco anos após ter embarcado, José Joaquim voltou de Portugal, formado em Direito e com um ligeiro sotaque que manteria pelo resto da vida. No Rio de Janeiro o jovem advogado fez amizade com um colega da mesma idade, José Maria da Silva Paranhos Júnior, que iniciara seus estudos de Direito em São Paulo, terminando-os em 1866, no mesmo ano em que José Joaquim completara seu curso na Universidade de Coimbra. Essa amizade foi aumentando com o correr do tempo. José Maria ausentou-se do Brasil, como diplomata, mas os dois amigos correspondiam-se frequentemente.

Barros Lima já era um advogado de grande prestígio quando se casou aos quarenta e dois anos com Vicentina Cintra, filha do senador fluminense Abelardo Cintra, ardoroso defensor da Abolição e da República. No ano do seu casamento ocorreu a libertação dos escravos e logo em seguida, em 89, Deodoro da Fonseca e o Exército acabavam com a Monarquia no Brasil. Com a proclamação da República e o fortalecimento da posição política do sogro, a banca de advogado de Barros Lima tornou-se a maior da capital do país. Seu amigo José Maria também adquirira grande renome como diplomata e estadista após defender com êxito, como principal negociador brasileiro, os interesses do Brasil na disputa com a Argentina, referente ao território das Missões e questão dos limites do Amapá com a Guiana Francesa. Quando José Maria, já então conhecido como barão do Rio Branco, assumiu o Ministério das Relações

Exteriores, convidou o amigo para ajudá-lo no ministério, como consultor jurídico. Barros Lima foi um dos principais auxiliares de Rio Branco nos entendimentos diplomáticos que permitiram ao Brasil ocupar a área de cento e cinquenta e dois mil quilômetros quadrados pertencente à Bolívia e que passou a se chamar, depois de anexada ao Estado Brasileiro, Território Federal do Acre.

O menino carvoeiro, filho de emigrantes, era aparentemente um homem realizado. Em Coimbra participara das turbulentas polêmicas intelectuais envolvendo Antero de Quental, que iniciara a luta contra romantismo em Portugal e introduzira na universidade o estudo de Proudhon, Michelet e Hegel. Nunca mais esqueceria o rosto do poeta, seu semblante pálido coberto por uma barba crespa revolta, discursando num debate entre formalistas e realistas que quase transformara a velha universidade num campo de batalha. Ainda em Coimbra, Barros Lima escreveu os seus primeiros versos, inspirados nas *Odes modernas,* de Antero. Ao chegar ao Rio de Janeiro, em plena campanha do Paraguai, passou a frequentar saraus, onde a guerra era apenas um tema para arroubos literários patrióticos. Tornou-se, mais tarde, amigo de escritor importantes como Machado de Assis e Fagundes Varela. Mas a poesia acabou sendo uma fonte de grandes desgostos e frustrações. Apesar do generoso prefácio de Machado de Assis, a recepção ao seu primeiro livro *Poemas modernos,* foi restrita e fria, seus versos eram medíocres e as atenções estavam voltadas para um jovem poeta baiano que acabara de surgir, chamado Castro Alves. Mesmo assim, quando foi fundada a Academia Brasileira de Letras, pertencer àquele ilustre cenáculo literário passou a ser um dos sonhos de Barros Lima. Ao se candidatar tinha certo de que seria eleito. Além de amigo do presidente da Academia, Machado de Assis, e das promessas recebidas de muitos acadêmicos, Barros Lima conseguira que a Academia, que não tinha sede nem lugar certo para se reunir, se instalasse no prédio do Silogeu Brasileiro. Apesar de todos esses créditos, foi derrotado. Amargurado, sentindo-se traído deixou de escrever versos e de frequentar, como fazia assiduamente livrarias e saraus literários. Sua nova aspiração passou a ser uma investidura de ministro do Supremo Tribunal Federal, que coroaria sua brilhante carreira de advogado e jurista. A nomeação chegou a ser assinada pelo presidente Venceslau Brás, mas Barros Lima morreu na véspera de tomar posse. Nesse mesmo ano, 1918, morria também, coberto de glórias, seu amigo o barão do Rio Branco. Ambos tinham setenta e três anos de idade. “A Terrível Inimiga”, disse, de Barros Lima, um orador na beira do túmulo “ceifou a vida de um forte e todos nós sofremos de dor e compunção. Mas a Morte foi iludida em seu perverso desígnio, em sua incontinente sanha devoradora ao abater com seu gládio inclemente esse espírito superior pois o seu nome ficará para sempre inscrito na História da Pátria e, mais

do que isso, o grande Barros Lima morreu feliz, com a consciência do dever cumprido, deixando um exemplo para as gerações futuras.”

Mas Barros Lima não morreu feliz. A frustração de não ter tido, tal qual outros maus poetas como ele, o consolo de entrar para a Academia e a difícil e tardia nomeação para o Supremo não haviam sido as únicas causas dos seus sofrimentos. Sua família lhe dera mais desgostos do que alegrias, como todas as famílias, dos grandes homens e dos pequenos. Vicentina, a esposa, era uma mulher apática que o chamava de dr. Lima nas poucas vezes em que lhe dirigia a palavra. Era uma mulher bonita, com uma figura opulenta, porém elegante, principalmente quando apertada num dos coletes Devant Droit, da costureira francesa mme. Tourchebeuf, em seda Pompadour, sempre pretos, com bouquets bordados, comprados por cento e dez mil réis no Grande Estabelecimento das Fazendas Pretas, na rua Uruguaiana. Barros Lima sempre desejara ter uma aventura galante com uma soubrette do Teatro Trianon, o que acabou resultando em mais uma frustração. Foi dessa pequena atriz que se lembrou no dia em que faleceu, pronunciando o seu nome — Penha —, a última palavra que saiu da sua boca, deixando intrigados todos os que estavam à sua volta e que, na falta de melhor explicação, optaram por supor que se tratava da Nossa Senhora do mesmo nome.

As duas filhas, Laurinda e Maria do Socorro, não o amavam. Laurinda era dócil e, como todas as meninas da época, aprendera francês, pintura e bordado, e a tocar valsas e polcas num Bechstein alemão, mas tinha com o pai uma relação cerimoniosa e fria. Aos dezesseis anos casou-se com José Priscilio Prado, um rapaz de dezessete anos, de uma rica família de São Paulo. Um casamento que tivera de ser apressado devido à gravidez extemporânea de Laurinda. Haviam se conhecido numa festa, quando o rapaz passava férias no Rio, e se encontrado apenas três vezes. José Priscilio já estava de volta, em São Paulo, quando as condições delicadas de Laurinda se revelaram. Mas a família Prado — os tios, pois o rapaz era órfão —, ao tomar conhecimento da desagradável notícia, concordou em cumprir a reparação moral exigida pela família ofendida. O casamento foi marcado diligentemente para o dia catorze de junho o que dava muito pouco tempo para preparar o enxoval, dentro dos padrões da moda ditada por Paris: as saias, longas ou curtas, podiam ser lisas de pregas batidas, ligeiramente apertadas sobre os quadris; a jaqueta dos tailleurs usava-se longa e fechada por uma só linha de botões e com abertura atrás ou dos lados; a guarnição mais em moda era o soutache de algodão; para os vestidos de passeio a batiste e os linons eram os preferidos, enquanto começavam a perder a voga os modelos Império e Diretório. O sapato começava a desbancar a botina, em especial os sapatos Molière, de verniz fino, ornado com fivela quadrada lisa de

ouro. Mauve era a cor predileta, em todos os tons, do violeta ao heliotrópio. Os chapéus cloches, de palha grossa e crespa, usavam-se cobrindo inteiramente a nuca e as orelhas, guarnecidos com uma coroa de flores e um laço de faille rósea sobre a copa. A pedra mais querida era a esmeralda. O casamento da baronesa Mauricio de Rothschild pô-la em voga em Paris e todas as noivas queriam um anel com uma esmeralda cercada de brilhantes ou armada em cabochon solitário. As parisienses, todos sabiam, traziam sempre consigo uma pequena bolsa de malha de ouro fino, e tal artefato foi procurado e encontrado para Laurinda. Ela apareceu na igreja de São Francisco com um deslumbrante vestido de seda Liberty, nacarado, e sobre ele um manto bordado em ponto de Veneza, deixando a frente livre mas prolongando-se atrás como um manto real. As flores de laranjeira estavam em pequenos tufos de um lado e de outro da cabeça, gênero Princesse Lointaine. O véu, de rendas antigas, caído para trás, deixava aparecer o lindo rosto da noiva. Ela usava luvas de pele da Suécia e sapatinhos chevreau sobre meias de seda; a roupa interior era imaculadamente branca, como toda a roupa íntima do enxoval, feita com linons finíssimos, ornada com valenciennes luxuosas. O noivo, já que a casaca em Paris estava banida para casamentos que se realizassem durante o dia, usava sobrecasaca cinzenta, com gravata clara e botinas de verniz. Infelizmente o comparecimento não foi como Barros Lima esperava. A igreja, apesar de muito ampla, estava cheia, sem um único espaço para as pessoas se movimentarem. Mas naquele dia, por uma dessas desafortunadas coincidências, faleceu o presidente da República, Afonso Pena — cujo comparecimento, aliás, era aguardado —, tendo sido empossado, ainda no mesmo dia, o vice Nilo Peçanha. Tudo isso impediu que as principais autoridades fossem ao casamento, enviando representantes.

A outra filha, Maria do Socorro, rebelde e de comportamento excêntrico, sempre dera muitos desgostos ao pai. Aos sete anos teve uma convulsão de etiologia desconhecida e a mãe insistiu em que ela usasse o Cinturão Elétrico Hércules, do dr. C. A. Standen, de Nova York, que, conforme folheto que acompanhava o aparelho, curava todas as moléstias nervosas, rheumatismos, dyspepsia, lumbago, sciatica, paralysia, nevralgia e neurasthenia aguda. Usar o cinto de nada adiantou, até que um médico, o dr. Pinto da Rocha, que se intitulava crenoterapeuta, receitou um tratamento com virtuosas águas de Lambary e, depois de um mês naquela estação hidromineral, a menina ficou aparentemente boa. Quando adolescente, porém, teve uma recaída. Fumava, escondida, cigarros La Reine, vestia-se de homem e padecia de euforia. Seu comportamento insólito levou os pais a colocarem-na sob os cuidados do dr. Pedro Barbalho, que estudara em Viena. Barbalho, que conseguira a confiança da menina, ao tomar conhecimento do que ela fazia no colégio com uma sua

coleguinha, aconselhou o pai a mantê-la em casa sob severa vigilância. Conforme as palavras que Barbalho colocou em sua anamnese, Maria do Socorro e sua amiguinha, chamada Sílvia, dedicavam-se à masturbatio feminae dilectae, ao cunnilingus e ao tritus mutuus genitalium appositorium. Tudo foi dito ao pai em latim, para chocar menos. Falou-se também em tribadismo, uranismo, manustupração recíproca e outras palavras raras mas plenas de sugestões medonhas. Para todos os efeitos externos Maria do Socorro recebeu um dos rótulos em moda no vocabulário médico da época — neuropatia —, que justificava, erga omnes, as medidas de segregação tomadas. Retida em casa, Maria do Socorro passava os dias lendo. Os livros que entravam em seu quarto eram examinados antes, para impedir-lhe o acesso à literatura que atentasse contra a moral e os bons costumes. Um dia Socorro escreveu na parede do seu quarto, com carvão, em letras grandes “Ne cherchez plus mon coeur, les bêtes l’ont mangé”. Nesse mesmo dia ela confessou ao dr. Barbalho que se masturbava todos os dias e o médico encarou isso como um sinal de hipersexualidade que poderia levá-la à neurastenia. Barbalho temia que se configurasse em Maria do Socorro um dos casos de ginandria referidos por Krafft-Ebing, uma situação extrema de homossexualidade degenerativa em que as mulheres chegavam a pensar como homens e se interessavam por assuntos masculinos como política, esporte e comércio. Barbalho releu Goltz, Eckard, Schleiermacher, Kraussold, mas seus mestres entendiam mais das perversões masculinas do que das femininas. Maria do Socorro devia estar, conforme diagnóstico de Barbalho, num estágio de transição para a metamorphosis sexualis paranoica, em que a doente supunha que estava mudando de sexo. Os seios de Maria do Socorro estavam, de fato, menores e a sua pélvis parecia ter ficado mais estreita; sua voz adquirira um tom grave e rouco, e um aroma diferente parecia emanar do seu corpo. Isso foi confirmado pela lavadeira, que disse as roupas da menina tinham um cheiro mais forte, de homem.

O mau passo e o subsequente casamento de Laurinda tiraram Maria do Socorro do centro das preocupações da família. A casa inteira ficou tumultuada com os preparativos do casamento. Barros Lima gastou suas economias para pagar as despesas do himeneu, principalmente do dote e do enxoval. A vigilância sobre a leitura de Socorro passou a ser menor. Sem saberem que eram livros perversos, em que as personagens principais eram lésbicas, foram comprados para ela *La religieuse*, *La Fille aux yeux d’or* e *Mademoiselle Maupin.* A pobre heroína de Diderot fê-la sofrer e molhar de lágrimas seu travesseiro. O sofrimento confirmou su crença de que não se deve mostrar a ninguém o lado secreto da própria vida.

Poucos dias após o casamento, como Vicentina não quisesse ir, o pai convidou Socorro para acompanhá-lo à inauguração do Teatro Municipal do Rio. Ia ser mostrada a última novidade teatral de Paris, a peça *Le refuge*, de Dario Nicodemus. Socorro, trajando um vestido de mousseline de seda suave, assistiu à peça no camarote ao lado do pai, portando-se com a elegância recatada das jeunes filles patrícias. No mês seguinte foi com o pai, novamente, ao Teatro Municipal assistir a uma conferência do escritor Anatole France. Na mesma ocasião pediu para ler o poeta Luís Delfino, de quem tanto se falava. Quinhentos sonetos de Delfino, que iam ser editados pela Casa Laemmert, haviam sido destruídos no incêndio da Companhia Typographica sem que deles houvesse cópia. O vate não se importara, alegando que quinhentos sonetos não valia muita coisa e que tinha mais cinco mil em sua casa na rua Jockey Club. Como Barros Lima fosse amigo do ilustre poeta, solicitou alguns soneto inéditos para leitura de sua filha e Delfino mandou para a menina, de presente, uma resma de sonetos do próprio punho. Tendo em vista tudo isso, chegou-se à conclusão de que Maria do Socorro estaria curada e os serviços de Barbalho foram dispensados.

Além da casa em que moravam na rua São Clemente, Barros Lima ao morrer não possuía bens, calando a boca dos seus inimigos políticos que o acusavam de ter enriquecido em negociatas com Rio Branco. Laurinda, quando o pai morreu, vivia em São Paulo, tinha três filhos, um menino de dez anos chamado Fernando e duas meninas, Maria Augusta e Maria Clara, com nove e sete anos, respectivamente. Uma governanta inglesa tomava conta das crianças. Durante a Guerra Mundial os negócios da família Prado haviam prosperado ainda mais. Laurinda passou a ter duas casas pois comprara um palacete na rua São Clemente, no Rio, próximo da mãe a quem visitava no mínimo uma vez por mês, quando lhe entregava uma generosa quantia em dinheiro para que ela e a irmã pudessem manter a vida confortável que levavam quando o pai ainda era vivo. Uma funda mudança ocorrera com Laurinda. Excluída a gravidez pré-nupcial, ela sempre fora tímida e conformada, mas agora se transformara numa dinâmica e independente patronnesse das artes, e os seus salões, tanto o da avenida Paulista quanto o de São Clemente, tornaram-se o centro da sociedade e da intelligentsia da época. O marido. José Priscilio, era um jogador compulsivo e perdia enormes quantias no pôquer, mas dizia-se que ele tinha tanto dinheiro que nem o jogo nem os caprichos de sua mulher podiam dilapidar a fortuna da família.

Maria do Socorro podia agora levar a vida dupla dos seus sonhos. Vestia-se de homem e frequentava os bordéis de luxo da rua Taylor. As prostitutas com quem estabelecia um intenso, ainda que restrito, intercâmbio sexual jamais desconfiaram que ela fosse uma mulher. Os seios muito pequenos, o corpo

esguio e o cabelo cortado à la garçonne, comum então, facilitavam a Maria do Socorro o seu travestismo. As mulheres apaixonavam-se por aquele rapaz diferente, de boca sempre perfumada com Odol — “Das Beste für die Zähne” —, de hábitos sexuais exóticos, que nunca tirava seus trajes formais e mesmo assim era capaz de criar as mais alucinantes experiências libidinosas. Eram aqueles os salões de Maria do Socorro, onde também se falava de poetas, de Baudelaire, Rimbaud, Schiller, que Socorro lia no original e depois traduzia. Algumas das mulheres eram francesas e outras polacas, que sabiam alemão. A favorita de Socorro, uma jovem polonesa chamada Wanda, também escrevia versos melancólicos recordando sua infância em Cracóvia. Nessas ocasiões, quase sempre no fim da noite, quando os clientes da casa, senadores, comerciantes, altos funcionários, figurões da província, já se haviam retirado, as mulheres vestidas ainda nos belos trajes de gala com que recebiam os visitantes, longos vestidos décolletés de cetim de seda, tomavam champagne e ouviam atentas o jovem Mário recitar os poemas.

Quando desempenhava publicamente seu papel feminino Maria do Socorro procurava se comportar como uma jovem mulher da sociedade da época, mas, apesar dos seus cuidados, ainda assim era vista com reservas. Fumava em público cigarros turcos comprados na Tabacaria Londres, dirigia em alta velocidade pelas ruas da cidade um Pierce-Arrow conversível e montava no Club Hípico do Rio de Janeiro. As duas irmãs se davam muito bem, mas começaram a se afastar uma da outra quando da visita ao Brasil do rei Alberto e da rainha Elizabeth, da Bélgica. A visita era considerada de altíssima importância política e dizia-se que marcava em definitivo a entrada do Brasil para o rol das grandes potências. A sociedade estava alvoroçada com a visita do rei, que se portara tão heroicamente durante a Grande Guerra, cujo fim ocorrera havia pouco mais de dois anos. O Teatro Municipal e o Monroe foram cravejados com milhares de lâmpadas. Um calendário de visitas e recepções foi organizado para os monarcas belgas. Laurinda usou todo seu prestígio a fim de que sua casa fosse escolhida para local de um dos banquetes oferecidos aos visitantes, que estavam hospedados no Palácio Guanabara, nas Laranjeiras. Ir ao banquete na casa de Laurinda passou a ser uma honraria disputada por toda a sociedade carioca. Convidada pela irmã, Maria do Socorro disse que não iria, pois não estava interessada em conhecer o rei, nem mesmo a rainha. Esse foi o início do estremecimento das duas. Já antes, ao ser chamada para apreciar a nova decoração do palacete da São Clemente, Maria do Socorro provocara a ira da irmã. Laurinda orgulhava-se do seu novo mobiliário. Para Maria do Socorro, móveis antigos eram coisa de nouveau riche e ela fez questão de dizer isso para a irmã. “O contato com esses paulistas carcamanos não anda fazendo bem a você,

querida.” O desdém demonstrado pelo convite para a recepção aos reis belgas azedou de vez o relacionamento das duas. Laurinda, magoada, chegou a pensar em cortar parte da mesada que dava para sustentar a mãe e a irmã. Quando, alguns anos mais tarde, ocorreu a torpe tragédia, as duas irmãs não se falavam.

Manter um salão no Rio e outro em São Paulo era uma grande proeza, não apenas do ponto de vista dos recursos financeiros e da energia necessários, mas também quanto à inteligência e sensibilidade requeridas. A rivalidade entre as duas cidades era muito grande — de um lado a metrópole, capital política e cultural da nação, do outro a Cidade que Não Podia Parar, onde surgia um novo tipo de burguesia, com dinheiro e ócio suficientes para estimular ou participar da Aventura de Criação. Laurinda sabia como enfrentar o problema: mantinha-se neutra nos salões do Rio, quando mofavam do provincianismo paulista; em São Paulo também não se manifestava quando falavam na indolência decadente dos cariocas. Ao começar a segunda década do século, a vida social de Laurinda chegou ao apogeu. Rui Barbosa abandonara a vida política, começava o desmonte do morro do Castelo e com ele a demolição da parte mais antiga da cidade (“Queremos avenidas largas e geométricas”); grandes escultores Kanto, Bernardelli, Correia Lima, Grazianni, Tadey produziam destacados exemplares da arte funerária, exibidos nos cemitérios de São Francisco Xavier e São João Batista. Tudo era discutido nos salões de Laurinda. A frase de Alceu Amoroso Lima, publicada na *Revista do Brasil*, “o século XX é de São Paulo”, causava júbilo de um lado escárnio de outro. A literatura era um dos temas principais. Falava-se de parnasianismo (mal), imagismo, vorticismo, acmeísmo, expressionismo, surrealismo, dadaísmo, simbolismo, romantismo, suprematismo, modernismo, futurismo (“Vasto mundo, o da literatura!”). Os jovens poetas iam à casa de Laurinda recitar seus versos — Manuel Bandeira (“Que pena que ele vá morrer tão cedo, o pobrezinho é tuberculoso, sabia?”), Menotti del Picchia, Guilherme de Almeida, Mário de Andrade — e muitos anos mais tarde, quando a Semana de Arte Moderna de 22, que não despertara muito interesse, passou a ser encarada como um importante acontecimento cultural, Laurinda gostava de afirmar que a Semana nascera nos salões de sua mansão na avenida Paulista. (“Anita, Oswald, Pagu eram habitués.”) A biblioteca da patronnesse na São Clemente ostentava milhares de livros encadernados, todos com o ex-libris feito pelo jovem pintor Di Cavalcanti, um desenho que Laurinda depois descobriu ser muito parecido com o ex-libris que o artista fizera para Ronald de Carvalho. (“Inspirado descaradamente no Beardsley.”)

Então a primeira desgraça. Laurinda entretinha seus convidados com um concerto da pianista Maria Carreras, num sarau noturno em São Clemente, no dia do terrível acontecimento. Uma jovem prostituta da rua Taylor assassinara o

amante num dos quartos do lupanar. Quando a polícia chegou ao local (dos jornais: “A hetaira em prantos abraçava o rapaz que estava deitado na cama, morto por um disparo de arma de fogo”) verificou que o jovem assassinado por ciúmes pela tresloucada meretriz polaca era, na verdade, uma moça. E essa moça era — que horror! A imprensa colaborou, os donos dos jornais eram amigos, mas a notícia circulou à sorrelfa, de boca em boca, como os boatos e as verdades vergonhosas, para hipócrita consternação e secreta alegria de todos.

A casa da rua São Clemente foi fechada e durante muito tempo Laurinda manteve-se afastada do Rio. Vicentina, a contragosto, mudou-se para a casa da filha em São Paulo. Com a idade, a matriarca engordara muito e no seu rosto branco leitoso surgiram finas veias azuis que lhe cortavam a pele em todas as direções, linhas sinuosas como rios num mapa colorido. Vicentina era capaz de ficar horas nas festas, sentada num canto, toda paramentada e coruscante de bagues, boucles, colliers e pendentifs, imóvel sem dizer uma palavra, como se fosse uma boneca gigante. Quando falava, era de maneira sonolenta e desconexa. A presença da mãe era, para Laurinda, um martírio que suportava com resignação.

Os anos trinta, com a revolução constitucionalista em São Paulo a ascensão dos gaúchos de Vargas e o Estado Novo, não foram propícios para os negócios dos Prado. Ao vício do jogo, Priscilio acrescentou o da cocaína. Laurinda, avó duas vezes, não mais era cortejada pelos frequentadores de sua casa. Tinha saudades das paixões fulminantes que sentira e vivera, e relia com prazer as cartas dos seus antigos amantes, guardadas cuidadosamente num cofre que mantinha sempre fechado a chave, em seu quarto.

No dia 14 de junho de 1940 aconteceu a segunda tragédia na família Priscilio, após passar a noite jogando pôquer, chegou em casa de madrugada, deitou-se na cama ao lado de Laurinda, que dormia, e deu um tiro na cabeça. Naquele dia eles faziam trinta e um anos de casados. Também naquele dia Paris rendia-se ao Exército alemão. As figuras da sociedade brasileira, abaladas com a queda da cidade que representava os ideais de cultura e civilização e para onde, sazonalmente, iam em busca de alimento para o espírito e para o corpo, não tiveram ânimo nem mesmo para comentar assunto tão sedutor, como a morte escandalosa de um dos seus membros notórios.

José Priscilio Prado estava arruinado e deixou muitas dívidas pessoais que um dos tios pagou imediatamente. Mas os tios de Priscilio ignoraram os apelos da mulher perdulária do sobrinho gastador e Laurinda teve que vender sua mansão na avenida Paulista e mudar-se para o Rio para a casa da rua São Clemente. Seu filho Fernando, que se casara em 1931 com Luíza Montilio, filha de um conhecido médico homeopata mudou-se também para o Rio de Janeiro,

onde arranjara emprego modesto na Prefeitura. Maria Augusta Lima Prado, que estava casada com um francês, Bernard Mitry, que se dizia conde, foi abandonada pelo marido quando se patenteou a bancarrota da família. Bernard voltou para França, sem avisar a mulher. Assim, na casa da rua São Clemente ficaram Laurinda e Maria Augusta com o filho, Roberto. Também ficou morando na casa a filha mais moça de Laurinda, que, como se dizia eufemisticamente, "tinha problemas". Sofria de acessos de agressividade, atacando as pessoas à sua volta. Era também comum ela uivar como se fosse um lobo. Vivia encarcerada no porão no palacete da avenida Paulista e acompanhou a mãe na mudança para a casa da rua São Clemente, onde também havia um porão, tão discreto e isolado quanto o outro.

Todos esses fatos e ocorrências foram ampla e minuciosamente desenvolvidos no livro (quinhentas páginas) *Retrato de família*, de Basílio Peralta, publicado em 1949. O livro foi um fracasso de vendagem e de crítica, não tendo tido sequer uma breve recensão crítica na imprensa. A família Lima Prado deixara de ser importante. A nova burguesia industrial criara outros clãs mais poderosos e atraentes. Como houvesse, na época, uma crise de papel, os milhares de exemplares encalhados de *Retrato de família* foram vendidos a peso para serem reprocessados. Basílio Peralta morreu de câncer em 1951. O livro poderia ser considerado uma raridade, se alguém se interessasse por ele. O que estava catalogado na Biblioteca Nacional havia desaparecido, não se sabe quando nem como. Um exemplar, pelo menos, ainda existia, em poder de Thales Lima Prado, neto de Priscilio e d. Laurinda Lima Prado, primo irmão de Roberto Mitry. O livro e os Cadernos chegaram às minhas mãos na mesma ocasião. Sem eles eu não conseguiria saber tanto sobre o banqueiro — suas relações amorosas, suas transações financeiras —, incluindo aí, é claro, o Escritório Central. Usei suas próprias palavras, muitas vezes, retiradas diretamente dos Cadernos, procurando preservar os efeitos literários que ele buscava, afinal Lima Prado se julgava um homem de letras. A esquisita conversa dele com Zakkai, onde Nariz de Ferro menciona o episódio da vagina dentata, e o primeiro encontro de Lima Prado com Mônica, em que se revela, para ele, o fundamento escatófilo do seu desejo, foram mantidos exatamente como se encontram nos Cadernos.

2

Thales Lima Prado acreditava — e eu partilho desse ponto de vista — que, se quisesse, poderia escrever uma história muito mais completa do que a de Basílio Peralta. Ele havia conseguido inúmeras cartas, certidões, papéis vários, bilhetes de sua avó ainda antes de ela morrer, documentos que jamais passariam pelas mãos de Peralta. Além do mais acontecimentos posteriores a 1949 foram muito importantes. Thales Mitry não aparecem no *Retrato de família.* Maria Clara é apenas mencionada. De Fernando, pai de Thales, sabe-se apenas que veio para o Ri de Janeiro e arranjou um emprego na Prefeitura. Os filhos empobrecidos das boas famílias, assim como os incompetentes das famílias ricas, arranjavam sempre um bom emprego público, onde nada faziam. Os esboços existentes nos Cadernos indicam que, se Thales Lima Prado tivesse um dia decidido escrever sua saga familiar, teria produzido um livro interessante, ainda que um pouco pedante. Ele gostava muito de mitologia e de poesia de língua inglesa, principalmente Yeats e Eliot. Várias frases desses poetas podem ser lidas nas páginas dos Cadernos. “Man created death” é a que mais aparece. Essa frase me fez pensar muito. Creio que ela explica, um pouco, o Lima Prado. O homem criou a morte. Porque sabe que a morte existe, o homem criou a arte, um pensamento nietzschiano. O nome do pensador alemão também aparece na balbúrdia de anotações. “Birth, copulation and death” é a segunda frase que mais aparece, e esta, como a outra, também me fez refletir demoradamente. Nascimento, cópula e morte. Afinal, isto talvez fosse, também, a história da minha vida. De todas as vidas.

A casa da São Clemente ficara com Lima Prado, mas ele ainda não tivera tempo de ir explorar seus sótãos e porões. (Se seu avô não tivesse esbanjado a fortuna da família, ele não teria passado a juventude em academias militares, não teria ido parar naquele reduto da classe média baixa, o Exército brasileiro, e já teria assumido sua “verdadeira vocação de pensador, de homem de letras”.) Peralta terminara seu livro com os conhecimentos de 1949 — na verdade nada acontecera em 1949 —, um ano antes do suicídio de Fernando Lima Prado.

Thales tinha dezenove anos e já sabia, então, que não era filho do seu pai e sim do seu tio, o vigarista francês Bernard Mitry. Seu primo Roberto, quer dizer, seu irmão, também sabia, todo mundo sabia e todo mundo fingia ignorar os fatos. Todo mundo, incluindo Laurinda. Fora Laurinda quem lhe dissera a verdade, que ele não era neto dela. Mas Laurinda amava Thales e detestava o neto verdadeiro, Roberto. Lamentável, o inofensivo Fernando. Diziam que, além de estéril, era impotente e tivera a má sorte de casar com uma adúltera. Mas essa era uma palavra inexata, muito jurídica e bíblica, para caracterizar sua mãe. Luíza Montilio Prado não era má pessoa. Pelo menos não largara a família, como Bernard fizera ao saber que o dinheiro acabara. Mas é raro uma mulher fazer isso. Luíza, como todas as mulheres, fora condicionada a ficar com suas crias. Continuar com o filho em vez de seguir o amante não significava, para Thales, nenhum sinal de abnegação e sacrifício, apenas um cacoete biológico. De qualquer forma, se ambos, Bernard e Luíza, não tivessem sido desleais com os respectivos cônjuges, ele, Thales, não teria nascido. E que diferença faz ser filho de *a* ou *b*? Ele considerava-se apenas o resultado da combinação de defeitos e virtudes e outras características transmitidas por muitas gerações através de cópulas provocadas pelo instinto de preservação da espécie.

Uma vida feita de muitas más lembranças. Mas havia algumas boas. Estranhamente, sentia saudades do seu tempo de militar nas várias unidades de cavalaria onde servira. Saudade da excitação de cavalgar um bom cavalo. Entrar num picadeiro para saltar, sentir o coração bater apressado, saber que seu rosto estava pálido, sentir, apesar do calor do esforço, o corpo coberto de um suor frio. A inquietação ante o desafio e o risco, a comunhão amorosa obscura, inexplicável entre os dois animais, homem e besta, o instinto prevalecendo sobre a razão. O odor agridoce da massa muscular do cavalo coberta de suor fumegante branco espumoso no cross-country. O suor dele, Thales, sempre frio, ele, homem, mantendo o equilíbrio térmico não importava o esforço que fizesse. Por isso, ele, homem, era um animal resistente. Um dia, depois de longa cavalgada, o homem e o animal levaram suas respectivas resistências ao último limite e Thales assistiu à morte do cavalo, sentiu com as mãos o corpo do quadrúpede ardendo de exaustão, enquanto o rosto dele, Thales, estava frio. A tia Maria Clara uivava nos porões em que estivera enfocada durante cinquenta e nove anos: às vezes batia com cabeça na parede até desmaiar, quando pensava que estava copulando com Jesus Cristo; às vezes ficava dias e dias sem comer nem beber; às vezes comia as próprias fezes. Que outro animal aguentaria tanto sofrimento por período tão longo? Se o ridículo dr. Barbalho ainda estivesse por perto, falaria em coprolagnia e diria que Maria Clara queria a mortificação mística, como a religiosa Antoinette Bouvignon de la Porte, descrita pelo

professor Zimmermann, em *Die Wonne des Leids,* Leipzig 1885. Para poder ouvir a voz dos anjos comia fezes misturadas à comida.

Aprendera coisas com aquelas mulheres. O gosto pelo segredo. Quando sua mãe morrera, aos setenta e um anos, descobriram um baú de joias com bolas de gude, a tampa velha de um relógio, uma esmeralda enorme, o retrato de um homem, que não era nem seu marido nem o cunhado amante, e duas cartas de amor, numa caligrafia quase indecifrável, possivelmente do sujeito do retrato. As cartas eram assinadas com a inicial J. As mulheres da família!

Sua avó Laurinda era uma mulher mais interessante do que sua mãe. Laurinda morrera aos noventa anos de idade, de um acidente, caíra dentro de casa, ao descer as escadas, mas sua saúde na ocasião era tão boa que se esperava que ela realizasse o prodígio de nascer no século XIX e morrer no século XXI.

Poucos dias antes de morrer Laurinda chamara Thales à sua casa da rua São Clemente. A casa estava em péssimo estado, os jardins quase destruídos, arbustos e capim cresciam onde antes existiam rosas, gerânios e rododendros; apenas as árvores grandes, mangueiras, figueiras e ipês, mais velhas do que a dona da casa, nada haviam sofrido, ao contrário, pareciam ter ficado ainda mais viçosas e produziam enormes e acolhedoras sombras frescas no desolado jardim da casa. Dentro, o tempo e a falta de cuidado haviam feito uma devastação ainda maior. Os papéis de parede, importados da França, haviam se descolado em diversos cômodos e dependuravam-se cobertos de pó; cadeiras de jacarandá da sala de visita, do século XIX, estavam quebradas; o tapete persa que ocupava quase todo o amplo assoalho da sala estava manchado e rasgado. Os livros da enorme biblioteca tinham as lombadas devoradas por traças. Na chamada galeria-gabinete havia uma mesa e uma cadeira de jacarandá com assentos e respaldos de couro repuxado, ostentando o brasão da Capitania da Bahia de São Salvador, furados de cupim e cobertos de poeira. Em mau estado de conservação estavam os móveis de pau-santo da sala de jantar; os balaústres da escada que levavam ao andar superior, que haviam sido do coro da igreja de São Pedro, o Velho, estavam grosseiramente emendados por um carpinteiro descuidado. Um banco do século XVII, que fora da igreja de São Francisco, de Alagoas, servia agora de base para um enorme vaso de plantas secas mortas. “Não dou mais importância a essas coisas”, dissera Laurinda, “a casa está cheia de objetos sacros raríssimos, grande parte roubada das igrejas, só oratórios são mais de dez, mas nada disso me interessa. A coisa mais importante são as lembranças e elas estão dentro deste baú aqui, está vendo?”, e batera na cabeça com a mão aberta. Nesse dia da visita de Thales a seu chamado, Laurinda abriu o velho cofre e tirou de dentro dele vários retratos. “Este aqui foi o homem que mais amei, Albert. Fui levá-lo ao cais da praça Mauá quando embarcou de volta para a Bélgica.

Ainda me lembro dele como se o tivesse visto ontem, em uniforme de gala, no convés do dreadnought *São Paulo,* acenando para mim. Até morrer, escalando uma montanha, Albert e eu mantivemos uma correspondência secreta. As cartas dele estão aqui no cofre. Um dia você vai poder ver tudo isso. Vai levar anos", ela sorrira, "além do cofre existem gavetas, caixas, baús, armários, estantes, uma imensidão de papéis, livros, retratos... Sabe quem é este aqui?" O retrato de um homem gordo, de chapéu na cabeça — "Para Laurinda, a homenagem de Paulo Barreto". Outra foto: homens e mulheres vestidos a rigor, os cavalheiros de smoking e as damas de longo, sentados em cadeiras dobráveis onde estava escrita a palavra Brahma, em volta de mesas que tinham baldes de gelo com garrafas de champagne. "Aos sábados, no Palace Hotel, a nova burguesia dos anos vinte tomando champagne sentada em cadeiras de cervejaria. Um horror." A foto de inauguração do Hotel Balneário da Urca, nas costas escrito: "Apartamento para hóspedes. Fisioterapia, direção do prof. dr. Gustavo Armbrust, sito à avenida Portugal, pitoresco bairro construído pela empresa". Uma porção de gente fantasiada: travessia do Equador no navio *Arlanza.* Uma mulher pequena, de cabelos curtos, vestido preto e chapéu branco: "Saludos, Berta Singerman." "Este aqui é o general Pershing, estou dançando com ele no deck do navio de guerra americano *Utah,* durante uma matinée oferecida à sociedade carioca. Esta outra, do Pershing, de botas e talabarte, veja como a elegância dele sobressai no meio dos generais gordinhos brasileiros. Erté já era o desenhista de moda mais famoso, este é um dos modelos que expôs, no Hotel Madison em Nova York. Ele ainda está vivo, em algum lugar do mundo, mais velho do que eu. Esta mulher seminua é a atriz do filme *Abaixo o divórcio.* Veja o nosso grupo na praia, em 1925, os homens de paletó, gravata e chapéu de palha, o doutor Lameiro é este rapaz magro de chapéu de feltro. Veja os vestidos das mulheres, não apareciam nem os tornozelos, só uma está de maio de banho. Hoje as mulheres vão à praia com os seios de fora, não é verdade?" "Estamos nos anos oitenta vovó." Havia uma foto de sete pessoas, sentadas a uma mesa, olhando para o fotógrafo, uma delas tendo o rosto escondido por um arranjo de flores. Os dois do centro eram um casal de noivos. A noiva usava um véu que cobria seus cabelos e a testa e descia enrolando-se no pescoço, deixando que se visse um colar de pérolas, uma mulher clara que de ter boca pequena e lábios finos, mas que davam a impressão de serem maiores devido ao batom que usava. O noivo estava de branco, co colarinho curto, redondo e gravata preta comprida com um alfinete de pérola, um homem bonito de cabelos ondeados e que parecia ter sido magro quando mais jovem e engordara com a idade. Ao lado da noiva estava um homem moreno, parecendo italiano, também de branco, de colete e colarinho de ponta virada e gravata-borboleta preta; à sua direita uma mulher de

vestido escuro e grande chapéu negro de abas largas. Ao lado do noivo outra mulher com um chapéu parecido e, em seguida, um homem robusto também de branco e gravata-borboleta preta; finalmente a mulher cujo rosto não se via; os chapéus das três mulheres, além da noiva, pareciam inconfortavelmente iguais. Numa folha colada atrás do retrato estava escrito: “Casamento da senhorinha Gabriela Besanzoni Lage, a notável contralto de fama mundial, com o dr. Henrique Lage, chefe da Casa Lage Irmãos, presidente da Companhia Nacional de Navegação Costeira. O ato religioso, realizado na bela residência da família Lage, na ilha de Santa Cruz, foi celebrado às onze e meia pelo reverendo monsenhor Rosalvo Costa Rego, vigário-geral da Arquidiocese do Rio de Janeiro”. Laurinda acrescentara “Gabriela está usando o colar de pérolas que Henrique lhe deu e no alfinete da gravata dele está uma pérola oriental cor-de-rosa, presente da noiva”. “Como é que a senhora se lembra disso tudo aos — quantos anos mesmo?” “Oitenta e nove, você sabe muito bem. Lembro muito mais coisa. O maestro Salvador Ruperte tocando ao órgão uma Meditazione, acompanhado pelo maestro Fittipaldi. Após o casamento houve um banquete de trezentos e quarenta talheres. D’Annunzio enviou um telegrama tão bonito que até pedi uma cópia. Está aqui. ‘Invidio Orfeo d’oltremare che inghirlanda un’Euridice assai piu melodiosa e deliziosa dell’antica. Vi mando una Stella della norte di Brescia e una rosa del Vittoriale.’ Hoje ninguém mais fala assim, os poetas passaram a ser pessoas grosseiras e desbocadas, quanto mais modernas mais escabrosos. As pessoas agora só falam inglês e palavrões. Este aqui conversando comigo é o presidente Alessandri, do Chile, quando visitou o Brasil. Esse aqui, segurando o cálice, você sabe quem é, não sabe?” “Meu avô.” Um homem pálido, de cabelos escuros lisos, olhos grandes sonhadores. “Seu falso avô. Sabe o que é isso que ele tem na mão? Um cálice de genebra. Era assim que ele ingeria sua cocaína, misturada com genebra, a moda da época. A Divina Poeira, como era chamada.” “Havia muita gente que usava a Divina Poeira?” “Pouca gente, eu conhecia dois ou três. Álvaro Moreira escreveu um livro chamado *Cocaína*, em 1925, mas não fez muito sucesso. Olha esta festa do Hotel Glória. Estou vestida de princesa do Egito.” “E a Maria Clara? Lembro-me quando era garotinho e vinha aqui e a senhora me dava balas e eu ouvia os gritos dela no porão. Como era ela?” “Toda família tem um louco, a nossa teve mais do que um, mas eu não gosto de falar nisso. Além do mais você não é da família. Você é Mitry e Montilio, está livre das nossas maldições.”

As anotações de Lima Prado eram feitas a tinta, em três cores, azul, vermelho e verde. Em letra verde (uma ironia, sem dúvida) estavam as observações do seu tempo de exército; em vermelho suas atividades secretas; em azul os assuntos da

família. Não havia uma ordem cronológica ou mesmo lógica. Tive dificuldades em colocar tudo em ordem, para entender o que seria autobiográfico e o que seria ficção. Ele teria sido um escritor muito interessante, repito, se tivesse tido tempo, afinal, de dedicar-se a esse penoso ofício. Gostava de falar de retratos antigos. “Fiquei horas olhando o retrato de uma moça pálida de lábios grossos, a boca está fechada, mas entre os lábios, bem no meio, há um pequeno, minúsculo orifício, que dá a impressão de ela ser uma mulher delicada que não trinca os dentes, a não ser quando necessário, e seu estilo de vida é pacífico, e seus maxilares estão abertos para sua língua.”

3

Thales Lima Prado chegou às nove horas da manhã, como costumava, ao prédio da praça Pio X, no centro da cidade, ocupado pela Aquiles Financeira.

O Sistema Financeiro Aquiles era integrado pelas seguintes empresas: Banco Aquiles S. A., Banco Aquiles de Investimentos S. A., Aquiles Crédito, Financiamento e Investimentos, Aquiles Crédito Imobiliário S. A., Aquiles Corretora de Câmbio e Valores Mobiliários S. A., Aquiles Distribuidora de Títulos e Valores Mobiliários S. A., Companhia de Seguros Gerais S. A., Aquiles Participações e Administração S. A., Aquiles Administração de Imóveis S. A., Aquiles Agroflorestal S. A., Aquiles Turismo S. A. Aquiles Hotéis S. A., Aquiles Processamento de Dados S. A., Aquiles Mineração S. A. Várias empresas do grupo participavam, minoritariamente, do capital de dezenas de outras companhias comerciais e industriais.

Portando uma pasta marrom-escura, de couro, Lima Prado subiu até o oitavo andar, onde ficava a presidência da Aquiles. Como sempre, cumprimentou cortesmente o ascensorista, fazendo o mesmo com a recepcionista e com sua secretária. Em sua mesa encontrou o Boletim de Notícias, preparado pela Assessoria de Comunicações, com um resumo dos principais assuntos veiculados pela mídia na noite anterior e naquela manhã, sobre o qual passou os olhos superficialmente. Se houvesse algum assunto que merecesse maior atenção o chefe da assessoria prepararia um memo especial, vazado de maneira concisa e objetiva, conforme norma da Aquiles. Lima Prado ainda tinha uma hora até a primeira entrevista daquele dia. O contínuo, de calça preta e dólmã branco imaculadamente limpo, entrou e serviu café sem açúcar em uma pequena xícara de porcelana. Além do cozinheiro, apenas esse contínuo tinha acesso à copa-cozinha, contígua ao gabinete do presidente, onde o cozinheiro preparava o almoço de Lima Prado, invariavelmente um bife grelhado ou pedaço de carne assada, com legumes cozidos e uma pera ou maçã, de sobremesa.

Após tomar o café, Lima Prado entrou no banheiro do escritório. Sobre a banca da pia estava o livro *Collectionneurs d'armes de poing.* O livro nunca saía dali e Lima Prado lhe atribuía misteriosos poderes laxativos. "Bien que les

pistolets européens les plus anciens remontent aux toutes premières années du XVI siècle, il fallut attendre 1537 pour trouver la première arme de poing susceptible d'être considerée avec suffisamment de garanties comme étant française. Il s'agit d'un pistolet de style germanique, portant l'inscription 'Vive Bourgogne 1537, sur la poignée' e Lima Prado começou a defecar com prazer. Era sempre nessa parte — "Vive Bourgogne" — que ele desonerava os intestinos. Depois sentou-se no bidê de louça inglesa que mandara instalar no banheiro e lavou o ânus com sabão medicinal, laboriosamente. Ele nunca usava papel higiênico, por mais macio que fosse.

A secretária avisou que chegara o primeiro visitante marcado na agenda. Um homem bem vestido, uma pasta na mão entrou no escritório. Como de hábito, a entrevista não seria interrompida, fosse quem fosse a pessoa que quisesse falar com o presidente da Aquiles.

"Então?"

"Todas as pesquisas indicam um equilíbrio muito grande. É impossível saber-se agora, na conjuntura atual, quem ganhará. Pode ser que o quadro se defina daqui a uns dois meses, mas a hora certa de", hesitou, "fazer as doações é agora."

"Muito bem. São cinco partidos?"

"Cinco."

"Dá para todos. Mas manobra de maneira que eles tomem a iniciativa de pedir."

"Isso não é difícil. O seu nome é neutro e todos precisam de dinheiro, até o partido do governo."

"Além da doação institucional, que você me garante que não será contabilizada pelos partidos, vamos dar dinheiro também para alguns candidatos, individualmente. Não deixe os radicais de lado. Eles também aceitam, não aceitam?"

"A corrupção não tem bandeiras."

"Isso não é corrupção, Gontijo."

"Tem razão. Desculpe."

"Depois você me dá os nomes sugeridos. Não quero mais ninguém nesta operação. Você reporta direto a mim, está entendido?"

"Sem dúvida. Já fiz os primeiros contatos e lhe farei um relatório preliminar."

"Verbal. Não quero nada escrito sobre o assunto."

Quando Gontijo saiu, a secretária avisou pelo interfone que o sr. Romualdo aguardava na sala de espera. Lima Prado mandou que ele entrasse.

Romualdo era um jovem robusto que não parecia à vontade na sua vestimenta, o colarinho apertava-lhe o pescoço e a todo instante ele tocava o nó da gravata com os dedos. Sentou-se na cadeira ao lado da mesa do presidente da Aquiles, atendendo ao gesto que este lhe fez.

“Essa nossa conversa é secreta, entendeu?”

Romualdo meneou a cabeça afirmativamente.

“Não quero que ninguém, mas ninguém mesmo, saiba que estou contratando seus serviços.”

“Não se preocupe. Ninguém saberá.”

“O senhor tem uma piscina discreta?”

“Se me permite uma pergunta, a da sua casa não serve?”

“A da minha casa não serve. Não confio em meus empregados.”

“Numa piscina de clube chamaria mais atenção, se me permite esta observação.”

“Está bem. Na minha casa. Espero que o senhor tenha sucesso onde outros fracassaram.”

“Se me permite eu gostaria de lhe fazer uma pergunta. Qual a principal dificuldade que o senhor sente?”

“Eu afundo. Não consigo flutuar. Como se meus ossos fossem feito de chumbo maciço.”

(Às vezes tive dúvidas se este episódio teria alguma importância. Mas a dificuldade de Lima Prado em aprender a nadar — ele que fora um cavaleiro excelente — devia ter algum significado.)

“Isso é psicológico.”

“Não me interessa se é psicológico ou lá o que for”, disse Lima Prado irritado. “Estou disposto a lhe pagar uma fortuna, uma fortuna que lhe dará independência financeira para o resto da vida, se o senhor me ensinar a nadar. Se lhe interessa saber, já fiz análise, durante muitos anos, e tive alta do meu psicanalista. Esse assunto foi exaustivamente discutido durante muitas sessões. Chega.”

“Quando o senhor quer começar?”

“Hoje à tarde.”

“Hoje à tarde? Eu—”

“Hoje à tarde.”

“Está bem. Deixa eu tomar nota do seu endereço.”

“Peça à minha secretária”, disse Lima Prado, dispensando Romualdo.

Afinal entrou a última pessoa que tinha entrevista marcada para aquela manhã, um homem alto, magro, porém de rosto redondo e carnudo, de cabelos grisalhos nas têmporas e óculos de tartaruga. Carregava uma maleta quadrada preta e parecia-se com todos os outros executivos importantes que frequentavam o escritório do presidente da Aquiles.

“Quem pode, pode”, disse Lima Prado.

“Eu sei.”

“Às vezes uma bobagem põe a perder uma grande empresa, um grande negócio.”

“Nós não estamos fazendo bobagem. Eu não estou fazendo bobagem.”

“Fique tranquilo, Mateus. Não estou culpando você de nada. Trabalhamos juntos há muito tempo, confio em você, sempre confiei. Somos amigos, além dos interesses comuns que temos na Organização. Eu dedico minha vida à Organização, quando a minha vontade era ser um homem de letras, como se dizia antigamente, ou um daqueles monges eruditos que passavam a vida lendo muito e comendo pouco. Mas aqui estou eu, preocupado com problemas administrativos. O que quero dizer é que tem havido pequenas coisas, sem importância, reconheço, mas que são indicativas da necessidade de darmos maior atenção a certos detalhes do nosso negócio. Nosso grande êxito, nestes anos, talvez nos tenha tornado negligentes, descuidados, e isso não é bom, Mateus, não é bom. Como foi que Zakkai ficou nessa posição de vantagem? Sei que você não tem nada com isso, não é da sua área, mas estava todo mundo enganado com Zakkai, você também, e quando eu disse que não confiava nele só faltou chamarem-me de racista, de nanófobo — e você já me viu chamar o sujeito de anão, como vocês fazem, ou de negro sujo, já viu? Anda, diz.”

“Não.”

“Hermes foi uma descoberta minha, e ele nos deu problemas? Elísio eu nem conhecia, mas só de olhar a cara dele vi que era confiável. E ele nos deu problemas? Gambacorta nos deu problemas? E aí estão todos o outros, fazendo seu trabalho com extrema competência, sem querer mais do que já têm, e que é muito. Não é muito? Estão todos ricos. Mas o Zakkai, um outsider, quer mais, tem conseguido cada vez mais e acabou nos deixando com os pés e as mãos atados. Isso me deixa nervoso Mateus, não gosto que me apertem, desde garotinho que sou assim, fico louco quando me acossam, e o Zakkai não está fazendo outra coisa.”

“Podemos dar um fim nisso.”

“Sim, mas é uma jogada complexa. Podem chegar a mim, através de Zakkai. Não digo eu-eu, mas ao cerne da Organização. A Aquiles. Você me entende, não?”

“Zakkai não sabe nada das nossas ligações com você e a Aquiles.”

“Hermes é de confiança. Você é de confiança. O Hermes pode ser submetido à maior de todas as torturas, aquela ajustada ao seu mais secreto e irresistível medo. E todos temos um medo só nosso, como o Big Brother sabia, e mesmo assim Hermes preferiria morrer sofrendo atrozmente a me entregar.”

“Eu também.”

“Você também, você também, eu sei. Eu sei. Mas as pessoas fazem bobagem. Você não, não me refiro a você. Aquela bobagem que mencionei antes.”

“Não sei a que bobagem você se refere. Se é o contrato do advogado—”

“Não, não é isso. Essa foi uma falha, uma inépcia operacional na linha de montagem. Não era preciso fazer aquela confusão para recuperar o videocassete. Que acabamos não recuperando. Provocamos o advogado sem necessidade. Como é mesmo o nome dele?”

“É conhecido como Mandrake.”

“Parece um homem obcecado. Andou fazendo investigações desagradáveis. Eu conheço muito bem esse tipo de pessoa, é bom não tê-las em nosso caminho. E vocês foram estupidamente atacá-lo, baseados numa pressuposição falsa. Mas não é a isso que me refiro. Não, não. Minha preocupação é Roberto. O Roberto Mitry.”

“Mas ele não é da Organização, nem sabe de nada. Só conhece os negócios da Aquiles.”

“Talvez saiba, sem saber que sabe. E diga, fale, sem saber o que está dizendo. E o pior é que talvez esteja com o videocassete, que só tem valor para mim e assim mesmo sentimental.”

“Mas ele é seu primo. É seu amigo.”

“Mais amiga é a Organização. Infelizmente Roberto é um risco que tem de ser eliminado. É uma pena. É lamentável.”

“Hermes pode ser encarregado do assunto.”

“Não é preciso tanto. É um trabalho mais fácil do que andar na praia. Não vamos gastar o Professor nisso.”

“Nossa equipe está desfalcada”, disse Mateus. “Perdemos o Fuentes, como você sabe. A Polícia Federal estava atrás dele e achamos melhor eliminá-lo. Essa tem sido nossa maneira de trabalhar. Pusemos o Dirceu e o Lupicínio, que Fuentes não conhecia, para acertar as coisas, mas o boliviano acabou com os dois. Em São Paulo. Ainda não tenho detalhes. Assim, dos cinco operadores do quadro fixo sobraram apenas dois — o Rafael e o Sílvio. Não sei se uso um deles ou um novo contratado. Hermes está recrutando mais dois especialistas.”

“Essa área é tua.”

“Você sabe que essa fase de recrutamento toma tempo.”

“A área é tua.”

“Já temos no backlog o advogado, o boliviano, e agora Zakkai e o Roberto Mitry, e estou pensando em—”

“Mateus, Mateus, a área é tua. Você estabelece o método e as prioridades, apenas peço que Roberto seja o primeiro da lista. De resto você faz como julgar melhor. Estamos entendidos? Outra coisa: a situação na Bolívia complicou com a ascensão de Zuazo. Nenhum dos nossos fez contatos não autorizados com os nazistas, fez?”

“Altman e Fiebelkorn? Septuagenários caquéticos que estão morrendo de velhice. Nem com eles — nem sei mesmo se prestavam para alguma coisa — nem com os italianos. Estive com Pagliai, em Cáceres, e com Delle Chiaie, em Santa Cruz de la Sierra. Dois fanáticos dementes, o Caccola e o Cherubino! A polícia boliviana deixou que a polícia italiana, junto com a americana, levasse o Cherubino para a Itália. Mas ele já estava em coma e morreu. Falta o Caccola.”

“Os outros que tomem conta dele. Vocês agiram bem, não se envolvendo com eles. Meza e Gomez fugiram para a Argentina. A operação na Bolívia será reestruturada. Nosso novo contato é este aqui.” Lima Prado entregou um papel para Mateus. “Decora os nomes e as instruções e destrói o papel. Por enquanto não faz nada. Fernandez vai chefiar. Ele tem bons amigos na nova situação, mas disse para esperar. Ele dará a luz verde. Vamos trabalhar com a Colômbia enquanto isso. Avisa Buschetta que garantimos o suprimento italiano. E que os sicilianos parem de criar problemas. Esses italianos são excessivamente dramáticos. O mundo para eles é uma ópera. Você gosta de carne assada fria, com couve-flor. É o que tenho.”

“Eu como qualquer coisa. Aliás, estou pensando em começar um regime para diminuir um pouco a barriga.”

4

Evilásio, como sempre, recebera ordens para retirar-se logo que acabasse o jantar, sua presença solene costumava constranger os convivas. Ele retirara da adega várias garrafas de vinho Rausan-Ségla (seu patrão apreciava os tintos de bouquet suave), Château d'Yquen e de champagne Krug, este para as mulheres que preferiam os borbulhantes vin de joie, a coisa mais próxima dos refrigerantes carbonatados que estavam acostumadas a tomar. Quem dizia isso era seu patrão, mas Evilásio estava cansado de ver homens beberem champagne com a mesma sofreguidão das mulheres.

Na tarde daquele dia Mitry recebera a visita do barbeiro, um cavalheiro com uma maleta de executivo onde carregava os apetrechos do seu ofício. O barbeiro sabia que o caprichoso cliente exigia que seu cabelo, depois de cortado, parecesse não ter sido sequer tocado por uma tesoura. A todo instante pedia que um espelho lhe fosse colocado atrás da cabeça para verificar o progresso do corte. Em dado momento, que o barbeiro nunca sabia quando seria, Mitry costumava levantar-se abruptamente da cadeira dizendo que o corte havia acabado. O barbeiro sempre protestava, gentilmente, pois um barbeiro, como qualquer profissional, gosta de finalizar o seu trabalho de maneira que todos o percebam; e, naquele caso, o barbeiro temia parecer não fazer jus ao alto preço que cobrava. O cabelo do cliente estava rareando, uma rodela tonsurada começava a aparecer no cocuruto da sua cabeça, mas o barbeiro preferia manter silêncio sobre isso, a ciência ainda não havia descoberto uma maneira de evitar a queda dos cabelos e não seria ele quem iria provocar, com notícias desesperadoras, o homem de instável temperamento sentado à sua frente.

Depois da saída do barbeiro, Mitry metera-se na banheira. Evilásio preparara seu banho com sais aromáticos, colocando numa banqueta ao lado o livro *Le mobilier chinois*, um gravador de pilha e uma fita cassete com o *Rolando*, de Lully. Mitry cochilara modorrentamente na perfumada água morna, ouvindo a trombeta encantada amedrontar os sarracenos, e quando os dedos da sua mão começaram a ficar engelhados do banho, enxugou-se e foi para a cama dormir.

Agora estava ele espiando seus convidados, pelos quais não tinha a menor estima. Eram todos iguais, sentados à mesa de comer, os bem e os malnascidos, os ricos e os sem dinheiro, os cultos e os ignorantes, os pretos e os brancos, estavam ali para se empanturrarem de iguarias grátis. Mas Mitry era um ser gregário, ainda que sem ilusões, e não gostava de comer ou beber, fumar ou aspirar pó sozinho. Sentia um certo carinho complacente apenas pelas duas putinhas que, sentadas no sofá da sala principal olhavam com simulada altivez e indiferença os objetos de arte à sua volta. Eram jovens da baixa classe média numa conjuntura monetária ascendente, bem vestidas e bronzeadas de sol. Chamavam-se Titi e Tatá. Na poltrona em frente, tomando uísque, conforme o hábito dos executivos, Álvaro Monteiro fitava as moças cobiçosamente. Diziam que Monteiro vendia armas para países do Oriente Médio. Um casal, que acabara de chegar de Nova York, ambos bonitos e de inteligência curta, perguntava, intempestivamente, pelo white stuff. Um conviva, já embriagado, dizia que Xantipa, apelido que acabara de atribuir jocosamente à sua esposa, não viera por estar adoentada e ele esperava que ao chegar em casa estivesse morta. O principal executivo de um conglomerado de empreiteiras que trabalhava para o governo dizia que se não desse dez por cento jamais conseguiria contrato algum, “sempre foi assim desde 1500”. De trás de um biombo chinês do século XVIII, Mitry, vestido com uma camisa de seda aberta, mostrando o peito flácido e cabeludo e um grosso cordão de ouro, contemplava e ouvia seus convidados com indisfarçável desdém. Afinal, entrou na sala.

“Titi, Tatá, fiz vocês esperarem um tempão, queridas. Monteiro, vejo que você já conhece Titi e Tatá. Meninas, Monteiro é o maior vendedor de aviões, tanques de guerra e canhões do mundo. Ganha todas as guerras, não é, Monteiro?”

“Nem todas. Você tem belas pinturas”, disse Monteiro, querendo mudar de assunto.

Postando-se no meio da sala, para que todos ouvissem, Mitry apontou, enquanto Evilásio servia champagne em flútes de cristal: “Scliar, Visconti, raríssimo, Da Costa, Tarsila, Millôr, Cícero Dias, Krajcberg, Anita, Di, Volpi. Possuo, perdoem-me este pequeno surto de imodéstia, o que há de melhor na arte brasileira”. Para Monteiro: “Tenho uma sala só para os Guignards, quer ver?”

“Depois”, disse Monteiro sorvendo o uísque, sem conseguir tirar os olhos da boca de Titi. “Como é o teu nome? Titi ou Tatá?”

“Titi.”

“Tuas gengivas parecem feitas de coral puro iridescente. Nunca vi dentes tão bonitos.”

“Que bom, não é?”

“Titi é um animalzinho perfeito, só não tem pedigree, não é, querida?”

Titi esvaziou sua flúte sem responder.

“Você está mastigando alguma coisa?”, perguntou Monteiro.

“Você gosta de olhar a boca das pessoas, não é? Raiz de ginseng”. Mitry botou a língua para fora, mostrando em sua ponta algo que parecia um fragmento escuro de cortiça.

“É bom com champagne?”

“Não estou bebendo champagne. Reservo-me para os vinhos do jantar.”

Durante o jantar o velho empregado serviu inicialmente pâté truffé francês regado a Château d’Yquen, várias carnes e queijos acompanhados pelo Rausan-Ségla, frutas e licores. “Nós sempre bebíamos vinho às refeições”, disse Mitry, “meu pai recebia os vinhos diretamente da França. Meu pai era um homem elegante, talvez um pouco — um pouco”, parou procurando a palavra certa, “um pouco arcaico. Havia sempre à mesa um Château d’Yquen. Ah, os desregramentos cometidos na juventude! Como era bom ficar bêbado.” Mitry levantou o pequeno copo, colocando-o contra a luz. “Une précieuse liqueur d’or liquide. Meu pai, meu pai—”

Não terminou a frase.

Evilásio serviu o café, verificou que era chegada a hora de desaparecer e retirou-se para o pequeno quarto nos fundos do apartamento.

As pessoas se espalharam pelo salão, olhando o anfitrião rogativamente. Ainda faltava alguma coisa, para completar a festa.

“Happy dust! Goofball! Green dragon! Bernice!”, exclamava o casal que chegara de Nova York, para mostrar que ambos dominavam a gíria americana referente aos itens da festa que estavam faltando.

“Qual das duas você prefere, Titi ou Tatá?”, perguntou Mitry ignorando os gritos dos convidados.

“Titi”, respondeu Monteiro.

“À esquerda, no fim do corredor há uma suíte. Espelhos, videocassetes quentíssimos. Você pode ir lá quando quiser.” Titi levantou-se, pronta.

“Depois”, disse Mitry, “esperem pela pièce de résistance. Volto já”

Mitry voltou carregando uma bandeja de prata, na qual havia vários espelhos pequenos com finas fileiras de pó branco, e um vaso de cristal cheio de pílulas coloridas.

“Você não quer?”, perguntou Mitry ao ver que Monteiro não se servia. “A combinação é uma invenção minha. Tente. Ou prefere o pico? Quer uma speedball? Eu tenho o Big D.”

“Não”, disse Monteiro.

“Está com medo? De ficar viciado? Enlouquecer, ficar broxa, morrer? Falácias, meu amigo.”

“Talvez”, disse Monteiro.

“Ou é medo de abrir a cabeça e descobrir coisas?”

“Talvez.”

“É a única forma de conhecer a liberdade total”, disse Mitry, aspirando o pó e engolindo uma bolinha. “Pessoas como você almejam o prestígio, a boa reputação e aceitam docilmente a falta de autonomia que vem com isso.”

“Talvez”, repetiu pela terceira vez o vendedor de armas.

“Que diabo de conversa é essa?”, disse Tatá com inesperada agressividade, “põe uma música aí para a gente.”

“Você não sabe o que está perdendo. Transcender, ultrapassar. Experimenta, vai combinar com a tua profissão de intermediário da destruição.” O olhar de Mitry havia adquirido uma luminosidade avermelhada que reverberava quando ele movia a cabeça. Tatá começou a dançar. “Quero mostrar para você a minha principal peça, uma obra-prima que ninguém tem no Brasil. Venha você também, minha cadelinha poodle.” Mitry pegou os braços de Titi e Monteiro, conduzindo-os a um quarto grande em cuja parede havia um único quadro.

“Vê? Um dos *Três estudos de Lucian Freud.* Bacon é um gênio. Lucian é um porco, uma pasta amorfa que se projeta para fora desse cubo transparente que bifurca seu corpo e nos permite antever todas as partes da sua integridade decomposta. Não diga”, Mitry agarrou o braço de Monteiro com força, “que minhas palavras são apenas retórica alcaloide; antes, preste atenção ao pé dele, ao nariz, às mãos, Jesus Cristo, as mãos, ele não tem mãos!” Mitry acendeu outro spot no teto, fazendo brilhar o amarelo e o marrom da tela. “Olha o nariz, imagine o que Lucian faz, sentado nessa cadeira de palha, de meias e luvas pretas e mãos derretidas. Olha os sapatos de camurça, olha o rosto vermelho, alvaiade e cinza, os leves tons verdes e azuis do câncer que combinam tão bem com as coisas podres.”

“Lindo”, disse Monteiro. “Olha, eu e Titi vamos — você sabe.” No quarto, Monteiro e Titi sentaram-se na cama. “Você quer mesmo?”, perguntou Monteiro.

“Por que não? Pode ser que dê o clique hoje, quem sabe? Só chego a um certo ponto e fico ali boiando. Quero ouvir os trompetes, os sinos.”

Monteiro sentiu seu pênis ficar rijo. Não havia tempo a perder; algumas vezes, anteriormente, ele não aproveitara o momento certo e o seu membro voltara a uma inibidora flacidez. Apressadamente, suando muito, Monteiro fruiu a passiva Titi. Quando gozou, saiu rapidamente de cima da garota, sentindo o alívio de quem acaba de cumprir uma obrigação. Deitado de costas, já dominado

pelo tédio, Monteiro disse: “Amanhã vou acordar cedíssimo”. Olhou seus sapatos no chão. “Ouviu os trompetes?”

“Mais ou menos. Mas você foi uma maravilha, eu é que sou uma porcaria. Você não vai me dar uma lembrança?”

“Mas sem dúvida. Vou anotar o teu telefone e te ligo para combinarmos tudo.”

Monteiro, nu, de sapatos, levantou-se da cama e começou a se vestir.

“Você tem caneta?”, perguntou Monteiro.

“Não. Sabe de uma coisa? Deixa para lá, esquece.”

No salão estavam apenas Mitry e Tatá. Não se viam os outros convidados. Tatá, nua, cantava e dançava.

“Tenho de ir embora”, disse Monteiro, “amanhã vou acordar cedíssimo.”

“Você nem chegou”, disse Mitry, de maneira exaltada. “Eu sou um pansexual promíscuo assumido! Olho em torno e o que vejo em todos os cantos da minha cidade solar? Apenas pessoas correndo hipocritamente atrás da pecúnia e do sucesso, buscando a juventude eterna.” Mitry agarrou e espremeu a bunda de Tatá que, sorridente, mexia-se como um robô desengonçado. “É o novo sonho dos poderosos: que a carne tenha a dureza da borracha sintética! A nova mentira! A nova corrupção!” Levantando os braços, Mitry gritou, amedrontando Monteiro: “Grassa no mundo um novo tipo de loucura!”

“Tenho que acordar cedíssimo amanhã”, desculpou-se Monteiro.

“Comeu, bebeu, fodeu e agora volta para os seus mísseis”, disse Mitry.

“Os homens são uns pobres-diabos”, disse Titi.

Próximo ao apartamento de Mitry, de dentro de um carro estacionado na calçada, Rafael observava a portaria do prédio. Chegara cedo e vira os convidados de Mitry entrarem. Eram quatro da manhã, a melhor hora para se invadir uma casa — as pessoas que deitam tarde já foram para a cama e as que acordam cedo ainda estão dormindo. Viu quando Monteiro e os demais saíram, e pelos seus cálculos apenas as duas garotas ainda estavam no apartamento com Mitry.

Ajeitou a gravata, fechou o paletó escuro do terno novo que usava e apanhou um grande embrulho colorido no banco traseiro do carro. Sob o embrulho, preso por uma fita adesiva, estava uma faca. Caminhou segurando o embrulho à frente do peito, em direção à portaria do prédio, cujas portas de vidro estavam fechadas. Dentro, sentado numa cadeira, atrás de uma mesa, o porteiro ouvia rádio. Bateu no vidro. Com um gesto o porteiro mostrou o telefone que ficava do lado de fora.

“Encomenda para o doutor Mitry”, disse Rafael pelo telefone.

“Pode deixar aí fora”, disse o porteiro.

“Aqui fora? Você está maluco? É um objeto muito valioso para deixar aqui fora.”

“Isso não é hora de entregar uma encomenda.”

“Estou indo agora para o aeroporto pegar um avião. Não tenho tempo para perder com brincadeiras. E um vaso de ouro e prata, vale uma fortuna. Tenho que entregar ainda hoje, senão o Mitry vai ficar furioso comigo. E o senhor vai ter que assinar o recibo.”

Através do vidro, viu o porteiro botar o fone no gancho, abrir a gaveta, apanhar um revólver e colocá-lo no cinto.

O porteiro abriu a porta.

“Tome cuidado com isto, por favor.” Rafael encostou o embrulho no peito do porteiro. O porteiro segurou o embrulho com as duas mãos. Ao mesmo tempo Rafael arrancou a faca que estava presa no fundo do embrulho e encostou a ponta na garganta do porteiro.

“Quieto senão eu te mato”, disse Rafael.

O porteiro ficou imóvel, segurando o embrulho, as mãos tremendo. Rafael tirou o revólver que estava na sua cintura.

“Para trás. Devagar. Apaga as luzes. Nem um pio.”

No hall escuro Rafael agarrou o porteiro pela camisa. “Preste atenção: se você colaborar não vai sofrer nada. Quero entrar na cobertura. Você vai subir comigo, tocar a campainha e conseguir que abram a porta. Se desconfiarem de alguma coisa você morre como um porco.” Rafael passou lentamente o lado da lâmina no nariz do porteiro.

Enquanto subiam pelo elevador Rafael perguntou se havia mais alguém na cobertura, além das duas moças.

“Tem Evilásio, o empregado. É um velho.”

“Ele é muito desconfiado?”

“Não sei.”

“Vamos entrar pelos fundos. Se ele não abrir a porta você já sabe o que vai acontecer. Você mora aqui no prédio?”

“Moro.”

“Mora com a família?”

O porteiro não respondeu.

“Responda.” Rafael picou o pescoço do porteiro com a faca.

“Moro com minha mulher. Num quarto no térreo, nos fundos.”

“Se você fizer sacanagem comigo ela também se fode.”

O elevador parou. Os dois saltaram.

“Você tem telefone no seu quarto?”

“Não.”

“O da portaria fala para fora?”

“Fala.”

“Diga ao velho que sua mulher está passando mal e que o telefone da portaria não funciona e que você precisa telefonar pedindo uma ambulância. Quando ele abrir a porta não entra logo, dá um tempo pra mim.”

Rafael escondeu-se num vão que dava acesso às escadas. O porteiro tocou a campainha.

“Ele deve estar dormindo”, disse o porteiro.

“Toca de novo”, ordenou Rafael, do seu esconderijo.

O porteiro fez a campainha soar novamente, uma cigarra estridente que parecia capaz de acordar o prédio inteiro.

“Quem é?”, perguntou Evilásio, sem abrir a porta.

“Sou eu, o João, minha mulher está passando mal e eu preciso telefonar. O telefone da portaria está estragado.”

Evilásio abriu a porta. Com quatro passos Rafael saiu do lugar onde se ocultava, segurou Evilásio pela gola do pijama listrado.

“Silêncio”, disse Rafael.

Pálido, Evilásio começou a tremer e deixou-se arrastar, junto com João, para o interior do apartamento. Estavam numa copa de paredes forradas de fórmica branca que refletiam a luz fria de uma luminária embutida no teto. Numa das paredes havia dois telefones, cujos fios Rafael cortou. Depois levou os dois homens até o pequeno quarto sem janelas de Evilásio. Mandou que deitassem no chão e amarrou-os.

Rafael trancou a porta do quarto e passou para a sala de jantar. Caminhava calmamente e se alguém o surpreendesse pensaria que era um dos convidados. As salas estavam iluminadas, ainda com os sinais de sua ocupação recente — copos, garrafas, cinzeiros com pontas de cigarros espalhados sobre as mesas, almofadas no chão.

Mitry ressonava suavemente com a boca aberta na cama larga do se quarto. Ao seu lado Titi e Tatá dormiam abraçadas. O Professor havia ensinado Rafael a usar corretamente a faca que tinha na mão. Ele ia trazer uma Cassidy com lâmina de catorze centímetros e cabo negro de micarta, mas decidira trazer uma faca ordinária, feita em série, que comprara numa cutelaria da praça Tiradentes. A faca seria largada no local depois de feito o serviço. Mitry dormia sem camisa, de barriga para cima e pessoas deitadas tornavam recomendável a empunhadura furador de gelo, de resto contraindicada em qualquer outra situação.

Rafael curvou-se sobre o corpo de Mitry, afastando cuidadosamente os adereços metálicos que cobriam seu mamilo esquerdo. Empunhou a faca firmemente, a cerca de cinquenta centímetros do pequeno alvo que havia

escolhido, os músculos do antebraço tensos e os bíceps relaxados. Nunca tivera uma oportunidade como aquela de poder executar um golpe tão limpo e fulminante. Baixou a faca com força e velocidade, fazendo a lâmina penetrar até o cabo no peito de Mitry.

O ruído da faca rompendo a carne e a curta e branda expiração de Mitry ficaram no ar alguns segundos. Apoiando a mão esquerda no peito do homem, Rafael retirou a faca, com dificuldade, devido à sucção torácica.

Foi ao banheiro, lavou a lâmina. Tirou a roupa e os sapatos.

Inteiramente nu, voltou ao quarto. Lembrando-se das instruções do Professor, Rafael agora empunhava a faca com a palma da mão virada para baixo, o polegar e o indicador pressionando o cabo, o pulso ligeiramente torcido para trás. Ia cortar a garganta das duas moças. Mas antes contemplou-as a dormir. A garota da esquerda passara uma perna e um braço sobre o corpo da outra, em decúbito dorsal, e os rostos das duas estavam próximos, quase encostados. Uma delas tinha no pescoço um colar de pérolas, o que não chegava a dificultar a operação.

Rafael subiu na cama e, sentando-se sobre as pernas das moças, começou a cortar-lhes os pescoços em rápidos golpes horizontais. As garotas tremeram convulsivamente e gorgolejaram por alguns instantes, enquanto o sangue jorrava dos cortes fundos das suas gargantas sobre os travesseiros e os lençóis de cetim rosa.

Os braços, o peito e o rosto de Rafael estavam molhados de sangue, ele não podia demorar muito. A escuridão da noite diluía-se, o cinzento da madrugada era visível através da janela. Voltou ao banheiro e lavou-se sob o chuveiro. Vestido, retornou ao quarto. Os cadáveres sobre a cama começavam a esfriar. Revistou a casa à procura do videocassete. Numa estante de uma das salas havia várias centenas, colocados lado a lado, como se fossem livros.

5

A morte de Roberto Mitry teve ampla cobertura dos jornais. Editoriais condenaram com energia a escalada da violência e a falta de segurança dos cidadãos. Os outros cento e cinquenta homicídios ocorridos naquele mês no Grande Rio, a maioria das vítimas, negros e mulatos pobres, havia recebido apenas a atenção parca e rotineira da imprensa mas o assassinato de Mitry era uma novidade atraente — um homem rico da sociedade morto na cama com duas ninfetas. Os jornais publicaram glamourosas fotos das duas irmãs, Titi e Tatá, de topless em Ipanema; de Mitry a bordo do seu iate em Angra dos Reis; do edifício na Vieira Souto onde o milionário residia; do interior do apartamento, destacando as valiosas obras de arte nele existentes. Havia entrevistas com o porteiro João, com o mordomo Evilásio, com a mãe das duas moças, com Raul, o encarregado das investigações. Expunha-se a orgia de sexo e droga que teria ocorrido naquela noite antes do triplo homicídio — alguns jornais falavam em massacre, outros em carnificina. Especulava-se sobre os misteriosos convidados que teriam participado da festa, sugerindo-se que seriam pessoas importantes. É agradável ler sobre pessoas ricas e famosas envolvidas em episódios sórdidos.

Encontrei-me com Raul no necrotério do Médico Legal. A morte de Mitry deixara-nos perplexos. Raul fora ao apartamento da Vieira Souto logo que tomara conhecimento dos assassinatos.

“Mitry foi morto enquanto dormia. A expressão de horror no rosto das meninas indica que tiveram consciência de que estavam sendo mortas. Acreditamos que houve apenas um assassino, usando a mão direita. Não há dúvida, pela natureza e disposição dos ferimentos, de que ele e destro, e muito, muito hábil. Havia sangue no box do chuveiro, provavelmente das vítimas. Estamos aguardando o resultado do exame do material colhido no local, para confirmação. Colhemos também esperma da vagina das moças. A faca usada, apreendida no local, não tem impressões digitais.”

Um homem de avental aproximou-se. “O doutor Sette Neto está esperando.”

“Sette Neto?”

“Ele.”

“Pensei que tinha morrido.”

Atravessamos um largo e comprido salão de paredes de ladrilho branco, passando por mesas de aço sobre as quais cadáveres nus aguardavam autópsia.

“Alguém me disse que ele havia morrido.”

“Esse tipo de gente não morre nunca.”

“Lembra do nosso tempo?”

“Como eu poderia esquecer reminiscências tão agradáveis?”, respondi.

O dr. Sette Neto recebeu-nos em seu pequeno gabinete de paredes forradas de diplomas e certificados. Estava mais velho mas não perdera os cabelos, agora grisalhos, mas penteados da mesma maneira, para trás e grudados com goma no couro cabeludo, como se fossem um capacete. Usava óculos e engordara, uma adiposidade flácida que lhe dava um ar doentio. Suas olheiras estavam mais escuras, ou talvez ele estivesse mais pálido. Olhou Raul com um ar de mofa e disse: “Pontilhado escarlatiniforme de Lacassagene... Continua com a mesma memória prodigiosa?”.

“Nada, doutor, esqueço tudo...”

Para mim: “Você também era da mesma turma... mas não era bom aluno — não leve a mal. Também está na polícia? Andei esses anos todos afastado do Médico Legal, atrás de uma mesa burocrática, e já não sei o que as pessoas fazem...”

“Ele é um grande advogado.”

“Assim é a vida”, disse Sette Neto. “Bem, tenho aqui as informações que você pediu.” Consultou as notas manuscritas à sua frente, sobre a mesa.

“O homem levou apenas um golpe, que lhe perfurou o coração e o pulmão. O instrumento usado foi uma lâmina de gume duplo de cerca de quinze centímetros de comprimento e três e pouco de largura. Nos pescoços das mulheres foram produzidas lesões múltiplas, de esgorjamento e degolamento, entre a laringe e o osso hioide, e na nuca. Numa das mulheres tem-se a impressão de que falta um pedaço do pescoço, o que é natural nesse tipo de lesão. Verificou-se secção da carótida, secção dos nervos frênico e pneumogástrico, e, num dos exames, secção da medula. Há um interessante contraste na maneira de agir do assassino — não há dúvidas de que foi apenas um — em relação às suas vítimas. A vítima masculina recebeu um único golpe letal. Mas o assassino, depois de infligir lesões mortais nas mulheres, continuou ferindo-as furiosamente. Muito interessante. Isso talvez ajude as investigações de vocês. Parece-me que permite presumir a existência de motivos passionais. E também facilita o desenho do perfil psicológico do autor.”

“Você acha que o sujeito é um psicótico?” Raul.

“Psicóticos somos todos nós”, o dr. Sette Neto tirou os óculos. “Não, não é bem isso. Há um certo tipo de homem que é capaz de cortar o pescoço de mulheres sem ser psicótico, entre aspas, e outro tipo que sendo, aspas, psicótico, aspas, não é capaz de cortar o pescoço de uma galinha. Não, não, nada de categorias rígidas. O que quero dizer é que não é muito difícil saber quem, tendo a oportunidade — a faca na mão e o pescoço à disposição —, corta e quem não corta. E, ao cortar, a paixão que põe no gesto também nos diz muita coisa sobre ele, ou ela, sua visão do mundo e do Outro, sua ideologia cósmica, sua interpretação da realidade. O tema tem fascinado os artistas desde que o homem desenvolveu uma linguagem mais complexa para expressar as intrincâncias da sua essência. Todos os grandes personagens da literatura, vejam bem, são assassinos. Começando com Caim — a Bíblia é um livro de histórias de homicidas — e seguindo com Ulisses, Édipo, Electra, Otelo, Macbeth, Raskolnikov, Sorel e por aí afora.”

Sette Neto colocou os óculos contra a luz e examinou as lentes. “Quando prende um assassino, Raul, você não fica curioso em saber o que o faz diferente dos outros? O etos, o patos... São diferentes, não são?”

“Precisamos falar mais sobre isso, doutor, mas temos gente esperando na delegacia”, eu disse. Eu não aguentava mais um minuto naquele lugar.

“É uma pena”, disse Sette Neto. O legista levou-nos até a porta, claramente desapontado. “O laudo estará pronto amanhã.”

Do necrotério fomos até o bar Amarelinho, na Cinelândia. Ocupamos uma mesa na calçada.

“O Sette Neto é cheio de teorias, demais para o meu gosto. Médicos quando dão para falar, não param mais. E cheiro de cadáver, por mais ozônio que espalhem no ar, me deixa enjoado. Ali naquela cornija havia um gavião—”

“Você já me contou essa história, umas dez vezes. Havia também por aqui um pombo que fez cocô na tua cabeça. Enquanto isso a sinistra associação Columbófila... Sei tudo de cor.”

“Já que você sabe tudo, me traça o perfil cósmico ideológico do assassino, epistemologicamente falando, é claro.”

Ficamos bebendo cerveja até anoitecer.

6

Lima Prado fazia questão de assinalar que não era nazista, mas Hitler poderia ter sido o maior homem do século XX. Isso estava começando a ser reconhecido pela humanidade, lentamente, apesar do esforço que os “judeus e seus aliados dos dois lados, plutocratas e comunistas faziam para que a memória do grande alemão continuasse a ser execrada através de campanhas permanentes de difamação e calúnia”.

Lima Prado encarou o homem à sua frente e continuou: “Você sabe como os judeus manipulam, com seus sócios de circunstância, as informações, controlam os veículos de divulgação, dominam as artes, o ensino, além, é claro, da finança internacional. E teria sido o Holocausto, a Solução Final, tão monstruosamente insólito, considerando as atrocidades que os judeus cometeram, depois, na Palestina? O bombardeio de Beirute foi pior que o de Hiroshima, em matéria de terror continuado. E o massacre de Chatila e Sabra? Eichmann também não matou ninguém com as próprias mãos, apenas virou o rosto, como Sharon. Hiroshima durou um minuto, Beirute durou semanas e semanas, a população civil sendo morta por bombas de fósforo e fragmentação, nas ruas, nas garagens, nas escolas, nos hospitais, debaixo da cama, no cemitério”.

O homem que estava com Lima Prado, um respeitado senador da República, pensou em retrucar, aquilo era um absurdo, um amontoado astuto de meias verdades, mas achou mais político ficar calado e mostrar sua desaprovação apenas mantendo o queixo imóvel.

“Apesar dessa manipulação gigantesca”, continuou Lima Prado, “que mobiliza uma quantidade fabulosa de dinheiro em todo o mundo, a verdade começa a surgir.” A indústria cinematográfica, uma área controlada pelos judeus americanos, já produzia filmes em que Hitler aparecia não mais como um assassino louco; livros eram escritos com maior isenção, mostrando como Hitler contribuiu para fortalecer a cultura germânica; a cruz suástica, aos poucos, se tornava um símbolo para a juventude em todo o mundo, e Hitler, o grande líder militar que enfrentou o poder bélico do Oriente e do Ocidente, o fantástico orador capaz de siderar as multidões com a sinceridade de sua poderosa

eloquência, o escritor que analisou como ninguém as frustrações e aspirações de uma grande nação cruelmente humilhada e levada a retaliar para livrar-se da opressão selvagem das chamadas nações democráticas, começava a ser entendido e amado pelos jovens de todo o mundo.

O senador e Lima Prado estavam sentados na varanda do Iate Clube do Rio de Janeiro. Havia chovido durante toda a noite anterior e o dia amanhecera claro e ensolarado, permitindo que a vista alcançasse longe no ar limpo. Divisavam-se com extrema nitidez a vegetação verde das montanhas e as velas brancas das embarcações distantes navegando nas águas azuis poluídas da baía de Guanabara. O senador bebia cerveja e Lima Prado, gim com água tônica. Como sempre, Lima Prado levara seu próprio gim num frasco especial portátil, pois não confiava nas bebidas que lhe serviam em locais públicos e privados. Nas poucas vezes em que comparecia a reuniões sociais, sempre chamava a atenção dos demais convivas ao servir-se do seu frasco de bolso. Na verdade, tinha medo de ser envenenado. Mas para que não suspeitassem disso, inventava uma justificativa que repetiu ao senador: “Só posso beber gim Hogarth, feito de bagas especiais de junípero, alcaravia, coentro e casca de cássia, conforme a fórmula original do holandês Franciscus de la Boe, que inventou a bebida. Essa marca eu não encontro no Brasil.”

“Como é o nome?”

“Hogarth.”

“Já ouvi falar.”

Lima Prado sorriu, sem procurar disfarçar a mordacidade em seu rosto. Tratava o senador com a pouca consideração que habitualmente dispensava àqueles a quem dava dinheiro. (Hogarth, William: pintor inglês do século XVIII, reformista e moralista, autor de algumas gravuras “literárias” denunciando os malefícios do gim. O gim que Lima Prado bebia era um Bols, fácil de encontrar.) Lima Prado ridicularizara o senador, ainda que secretamente, porque, além de tudo, o encontro o obrigara a fazer a barba dois dias seguidos, irritando a pele sensível do seu rosto. Lima Prado, como sempre, não importando onde estivesse, vestia um terno preto, camisa branca e gravata preta, sapatos pretos e meias pretas. Tinha vinte e dois ternos pretos.

Pensando que a formalidade do traje naquele ambiente esportivo denotasse luto, o senador, que usava uma camisa estampada do padrão meia-idade e que lhe caía mal, como acontece com os parlamentares executivos quando se vestem informalmente, sentiu-se na obrigação de mencionar a morte de Roberto Mitry, o que evitara fazer até então.

“Horrível, a morte do seu primo. Fiz, há tempos, um discurso no Senado, não sei se você tomou conhecimento, a imprensa noticiou com destaque, sobre a

violência urbana em nosso país. Tenho estudado com grande empenho o assunto e concluí que a explosão demográfica, em primeiro lugar, e a má distribuição de renda, logo a seguir, são as causas principais da escalada da violência nas cidades. Existem outros fatores como a ineficiência dos organismos policiais e a decadência moral da sociedade. Quando era garoto, a pior ofensa que se podia fazer a uma pessoa era chamá-la de ladrão; a violência era circunscrita a algumas áreas menos favorecidas. Hoje é isso que vemos em todo o país. Soa fora de moda dizer isso, mas não há mais vergonha, dignidade, pudor. Freios que atuavam dentro dos indivíduos, que impediam que atos antissociais e imorais, imorais, sim", olhou Lima Prado, e pareceu-lhe ver uma expressão, leve, de mofa, constrangedora, que fê-lo mudar o rumo da sua oração, "veja o caso do seu primo."

"Meu primo?"

"O cidadão não está seguro nem no recesso do lar. Ele tinha filhos?"

"Não. Era solteiro. Sou o parente mais próximo."

"Horrível. Horrível."

O senador parecia haver esquecido, pensou Lima Prado, que passara dez anos no Senado legislando, direta ou indiretamente, em causa própria.

"Enquanto o exemplo negativo for dado pelas nossas elites, será muito difícil melhorar o tecido social em nosso país." A voz do senador assumiu a cadência entoada, denunciadora, que adotava na tribuna parlamentar. "Faltam líderes, duas ditaduras, em menos de cinquenta anos, destruíram os valores tradicionais e impediram a emergência de novos. As elites — refiro-me aos empresários, profissionais liberais, militares, intelectuais, religiosos — não são capazes, nem estão dispostas a assumir com coragem e desprendimento a responsabilidade de conduzir o país para uma verdadeira democracia com liberdade e justiça social. Continuamos a correr o risco de sair de uma ditadura de direita para cair numa ditadura de esquerda, ainda pior." Outra pausa. Não convinha a um senador parecer niilista. Criticar e denunciar, mas com esperança. "Devemos confiar no Brasil. Somos um grande país em crescimento enquanto as velhas nações europeias agonizam e as superpotências Imperialistas estão no platô do apogeu que precede a irremediável decadência."

Lima Prado, fingindo prestar atenção ao que o senador dizia, enfiou a mão no bolso do paletó onde estavam dois recortes de jornal: "Não se arrisque. Eu tenho o local discretíssimo e luxuoso que um homem da sua importância merece. O prazer sem limite num ambiente de sonho. Telefone marcando hora". O outro: "Um cliente apenas por dia. O que tenho a oferecer não existe nas melhores casas de Paris e Bangcoc, inesquecível".

“Tenho que dar um telefonema.” Lima Prado interrompeu o discurso do senador.

Da cabine podia ver o senador bebendo uísque e comendo castanhas de caju compulsivamente. Havia coisas mais interessantes a fazer do que ouvir aquele paspalhão que lhe lembrava um boneco de ventríloquo, os olhos negros imóveis por trás das lentes grossas dos óculos e a boca de dentes grandes e lábios cinzentos abrindo e fechando em esgares mecânicos. Havia uma pessoa na cabine ao lado, separada apenas por uma divisória, e Lima Prado, com o telefone no ouvido, esperou que o vizinho terminasse antes de fazer sua ligação.

“Li o seu anúncio.”

“Quer marcar hora?”

“O prazer não tem limites. O que quer dizer isso?”

“Por que você não vem aqui para saber?” A mulher disfarçava a impaciência, devia atender muitos telefonemas inúteis.

“Sou muito tímido. Fico sem jeito em salas de espera.”

“Aqui não é dentista.”

“Serei atendido logo?”

“Atendo só com hora marcada. Marcou, chegou, entrou.”

“Quero ficar um período longo. Não marca outro cliente muito em cima. Pago dobrado.”

“Não aceito cheques, ouviu?”

“Posso ligar para confirmar daqui a pouco? Tenho que acertar umas coisas antes.”

O senador continuava sua faina degustativa com um prato novo de salgadinhos sortidos que o garçom colocara à sua frente. Mesmo à distância, Lima Prado tinha a impressão de que ouvia o barulho dos seus maxilares.

“Li o seu anúncio”, depois de o telefone tocar muitas vezes.

“Espera aí que eu vou desligar o som. “Jovem e alegre. “Pronto sou louca por música.”

“Por que Bangcoc?”

“É um lugar misterioso. Nem sei onde é, não foi lá que teve *As mil e uma noites”* A moça riu. Jovem e inocente.

“Você está livre?”

“Por enquanto. Você quer marcar?”

“Eu queria algumas informações.”

“O apartamento fica em Copacabana, no posto cinco. Sou lourinha gosto de música. O que mais? E você?”

“Eu?”

“Você, sim.”

“O que quer saber?”

“Não vou marcar nada, sem saber como você é. Só gosto de homens delicados, que gostem de música.”

“Sou delicado.”

“Mas gosta de música?”

“Gosto.”

“Jura?”

“Juro.”

“Quantos anos você tem?”

“Nos quarenta.”

“Você é bem velhinho, não é?”

“E você, quantos anos tem?”

“Ah... dezoito. Qual é o seu nome?”

“Ajax.” Que idiotice, mas já era tarde. Por quê? Palas Atena de Olhos Glaucos. Pártenos. (Demorei a identificar a palavra, apesar de já saber que a Grécia antiga era um dos interesses de Lima Prado.)

“Ajax? Parece nome de detergente. O meu é Mônica.”

O prato de salgadinhos vazio, a garrafa de uísque pela metade.

“Enquanto você telefonava lembrei-me de uma frase de Cromwell: ‘A democracia é forte na Inglaterra porque neste país os homens de bem têm a mesma audácia dos canalhas’. Não é o que, infelizmente, acontece no Brasil. Aqui os homens de bem são covardes. As pessoas mais qualificadas querem apenas, e de qualquer maneira, fazer grandes fortunas — e não me refiro a você, que é rico de nascença e tem demonstrado grande espírito público —, mas no país inteiro, mesmo nos estados mais pobres, grandes patrimônios individuais foram construídos, nem sempre de maneira honesta, milionários saídos do nada, homens inescrupulosos se aproveitaram da situação que o país atravessa para se encher de dinheiro. A história atual do Brasil pode ser resumida nestas palavras — poder desenfreado, medo, estupidez e corrupção. Pitt, o Velho, em 1770 disse pela primeira vez” (novamente eloquência parlamentar) “que o poder corrompia, e depois Acton, outro inglês, criou a frase ‘Power corrupts and absolute power corrupts absolutely’, um jogo de palavras que fica melhor na língua deles. Mas, na verdade, como já foi dito, o Poder não corrompe os homens; os tolos, se conseguem uma posição de Poder, corrompem o Poder. O medo, sim, corrompe, como afirmou alguém que não me lembro” (muito uísque? anotou Lima Prado) “o medo de perder o Poder, o medo que está sentindo este governo, é que torna as pessoas mais corruptas. Se me permite um circunlóquio, no Brasil o Poder cria corruptos e a corrupção cria poderosos.”

“O governo, a igreja, a imprensa, o empresariado, militares, intelectuais — não se salva ninguém, meu caro senador. Com licença, tenho de dar outro telefonema.”

Dadá não estava em casa, havia ido ao cabeleireiro. Lima Prado perguntou à governanta se as crianças estavam bem — o mais novo, Rogério, de seis anos, estava resfriado. A menina havia ido à aula de balé com uma das empregadas. O médico estivera em casa para examinar o menino e receitara um xarope que o motorista fora comprar numa farmácia do Leblon. Enquanto ouvia, apalpava o volume que tinha sob a camisa. Dentro do estojo sobre o peito, encoberto pela roupa, havia uma faca feita à mão, sob medida, desenhada por Roderick Caribou Chappel, um presente de Hermes, seu antigo sargento em Serviços Especiais.

Voltou à mesa. O senador gostava de falar. “O tempo cria novas perspectivas, atualiza o símbolo, fortalece a verdade. Não vê a imagem do Getúlio no Brasil, hoje?”

A perspectiva excitante do encontro deixara Lima Prado confiante. Antegozando o que poderia suceder quando estivesse a sós com Mônica e querendo encerrar a entrevista, fez a pergunta para a qual convocara o senador.

“E a licença, quando sai?”

O senador bebeu um gole de uísque: “Nós vamos conseguir. Mas está muito difícil. Você viu a última resolução do Banco Central, não viu? Isso criou para nós um certo problema”.

Como seria Mônica? “Vi, sim, mas acho que a resolução não impede que o ministro decida, logo, em nosso favor. Ele tem feito concessões nepotistas e outras mais arriscadas e nada aconteceu a não ser um ou outro comentário frouxo na imprensa. A Aquiles é sólida. Para crescer precisamos dessa licença. Você é amigo do ministro. Fale com ele.”

“Já falei. Mais de uma vez. Está resistindo.”

“Desculpe a rudeza”, Mônica esperava, ele não conseguia sopitar mais sua impaciência, “mas ouvi dizer que o ministro é sensível a certos estímulos pecuniários. Se é assim—”

“Fala-se muito neste país”, cortou o senador, “nós mesmos acabamos de falar.”

“Ele leva ou não leva dinheiro?”, cortou Lima Prado. Como seria corpo dela? E o hálito? “Sejamos francos, somos velhos amigos, confiamos um no outro. Leva ou não?”

“Não sei. Mas se o faz deve ser de maneira muito indireta. Ele é muito inteligente. Não gosto dele, mas reconheço sua genialidade.”

“Estou disposto a seguir as regras do jogo. Deposito o dinheiro onde quiserem, na moeda que quiserem, uma parte antes e outra depois que a licença

for concedida. Ele saberá como fazer isso. Estamos entendidos?”

Depois que se despediu do senador, Lima Prado foi ao encontro de Mônica, acompanhado apenas de um segurança, o Capitão Virgulino que não era capitão, nem mesmo servira nas Forças Armadas, apenas era magro, moreno, usava óculos e lembrava o cangaceiro Lampião; um jovem silencioso, que fora trabalhar na casa de Lima Prado logo que saíra, aos dezoito anos, da Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor, onde fora internado aos oito anos, como delinquente.

Capitão Virgulino entrou, com Lima Prado, no edifício, atento como sempre disposto a matar e morrer para proteger a vida do homem que considerava seu benfeitor. Subiram juntos pelo elevador.

“Você vê a cara da moça e me espera lá embaixo. Checa daqui a duas horas.”

Quem abriu a porta foi uma menina de jeans, tênis e blusa de malha onde estava escrito “I New York” com um coração vermelho impresso entre o pronome pessoal e o topônimo. Lima Prado surpreendeu-se ao ver a moça.

“A senhorita Mônica está?”

Capitão Virgulino viu a cara da moça e, sem dizer uma palavra, virou-se.

“Sou eu. Você é o — como e mesmo?”

“Ajax.” Novamente uma leve sensação de ridículo.

“Isso mesmo”, ela rindo. “Entra, entra.”

Não esperava encontrar uma mulher tão jovem, parecia ter a idade de sua filha, dezesseis anos. Mas o que o deixara surpreso fora a semelhança entre Mônica e Cila. Os olhos eram os mesmos, largos e verdes luminosos, e a boca exatamente igual, o lábio superior ligeiramente saliente no centro, as linhas nítidas dando à boca um contorno definido que a tornava sensual e ingênua. O coração dele vibrava de ansiedade, mas controlou-se.

“Quem era o moço de óculos?”

“Meu secretário. Ele vai entrar comigo e sai logo.”

Entraram.

Virgulino examinou os três cômodos do apartamento e saiu.

“Quantos anos você tem?”

“Quinze. Mas que importância tem a idade? Mozart escreveu uma sinfonia com oito anos de idade, uma sinfonia, já imaginou? O mundo está cheio de meninos e meninas prodígio. Eu sou uma delas. Você gosta de música?”

“Gosto.”

“Se não gostasse eu mandava você embora. Quem não gosta de música não pode ser gente boa e não tem vez comigo.”

“Gosto muito.”

“Que roupa feia essa sua. Você fica muito pálido de roupa preta. Tenho aqui um quimono japonês que vai ficar muito bonito em você. Vamos brincar de *Casa de chá do luar de agosto*, você viu o filme na TV?”

Trancado no banheiro, Lima Prado mudou de roupa e vestiu o quimono vermelho que Mônica lhe dera, tendo o cuidado de esconder o estojo com a Roderick Caribou Chappel entre suas roupas, que deixou dobradas em um banco ao lado do bidê.

Mônica também vestira um quimono.

“Senta aí nessa esteira enquanto eu faço chá.”

Tomaram chá com biscoito cream cracker.

“Japonês come cream cracker com pauzinho?”, perguntou Mônica, rindo. “Agora vou dançar para você.”

Mônica tirou o quimono e começou a dançar como se tivesse um leque nas mãos. O corpo de Mônica era tão perfeito e seus movimentos tão naturais que ele, deslumbrado, não conseguia tirar os olhos dela. As nádegas de Cila! Nádegas, nates, nática, natura. Vendo em que pane do seu corpo os olhos de Lima Prado se fixavam mais tempo, Mônica parou aproximou-se e, virando de costas, perguntou: “Você quer passar a mão?”

Os músculos dorsais se delineavam formando uma reentrância vertical por onde corria a coluna vertebral, terminando na cissura que separava os firmes glúteos. Aquela parte do corpo podia, como nenhuma outra, representar a decadência, a fragilidade, a feiura do corpo, ou então a beleza, a energia, a fartura.

Com exceção de Cila, ele sempre encontrara, em maior ou menor quantidade, espinhas, caroços, asperezas nos traseiros que contemplara e acariciara. Delicadamente passou a polpa dos dedos na pele morna e acetinada. Separou ternamente os dois rijos hemisférios musculares e admirou o rego claro, a penugem dourada iluminando o esfíncter rosado. Lembrou-se do imenso campo de girassóis a desaparecer no horizonte, que vira em sua primeira viagem à Espanha, quando ainda era adolescente. Logo, povoaram sua mente imagens coloridas de Goya, em Toledo.

“Põe devagar”, a moça virou o pescoço olhando-o nos olhos. Estavam agora na cama. A incisura. A cripta. Lentamente penetrou o corpo de Mônica até sentir a massa dura dos grandes glúteos pressionar seu púbis. “Tudo”, Mônica. Um dos seios aninhou-se na palma de sua mão enquanto ele beijava e lambia o pescoço fino e diáfano da moca, balançando o corpo para trás e para a frente, sentindo a recendência de flor e resina de árvore dos cabelos roçando seu nariz. Uma vez, muitos anos antes, ao assistir a uma parada militar no dia sete de

setembro, uma colegial, vestindo a saia azul e a blusa branca das escolas públicas, colocara-se à sua frente exalando um cheiro bom que agora sentia na nuca de Mônica. Lembranças, como relâmpagos. Mônica disse, então, uma frase que fez seu corpo tremer como num choque. Ele sempre tivera nojo dos dejetos humanos. Agora, um mistério revelado criava um novo mistério e um novo assombro. Desejou e teve medo que Mônica repetisse a frase. Humanum nil a me alienum puto? Ele, o homem de letras, sempre julgara o axioma uma ingênua apologia dos vícios e fraquezas humanas, e agora, na tumultuosa exaltação em que a frase de Mônica o envolvera, o aforismo era visto sob uma nova luz. (Sempre um segredo atrás de cada descoberta!) Antoinette Bouvignon de la Porte. A furna. Pediu ansioso que ela dissesse de novo. “Ai, vou encher o teu pau de merda”, repetiu Mônica. O corpo dele tremeu de paixão e gozou com um prazer que nunca sentira antes. Ficou algum tempo agarrado em Mônica, como alguém que acorda no meio de um sonho. Depois, apesar de ela pedir para ele não sair, recuou, desengajou seu corpo, levantou-se da cama. No banheiro sentou-se no bidê, sentindo expandir-se do seu pênis um cheiro de terra subterrânea úmida que nunca recebeu a luz do sol, e fechou os olhos. Lavou-se cuidadosamente, de olhos cerrados, ainda sem coragem de olhar, parecendo que o odor cavernoso nunca se dissiparia, como se brotasse de uma inesgotável fonte do vaso onde estava sentado. Afinal, após se lavar com sabão por longos minutos, saiu do bidê. Havia uma toalha dobrada sobre a borda da banheira e ele levou-a ao nariz verificando que ainda não fora usada, notando o agradável cheiro de ferro quente que o tecido ainda mantinha.

Mônica continuava deitada, de barriga para baixo.

“*As mil e uma noites* foram em Bagdá”, ele disse.

A campainha tocou. Mônica pulou da cama.

“É o seu secretário”, disse a moça, depois de olhar pelo visor da porta.

Quando chegou em casa encontrou Romualdo esperando por ele.

“Sua piscina tem aquecimento”, disse Romualdo com admiração. O professor de natação ficara impressionado, também, com o tamanho da casa, a extensão dos jardins, os vários automóveis importados no pátio e a quantidade de seguranças munidos de poderosos walkie-talkies vigiando a casa de pontos estratégicos.

Lima Prado, acompanhado do seu secretário, Capitão Virgulino, entrou na casa e voltou pouco depois vestindo um calção preto que fazia seu corpo ficar ainda mais lívido. Lima Prado ordenara ao chefe dos seguranças que não queria ninguém assistindo à aula. Mesmo assim, duas camareiras, disfarçadamente, de um dos quartos do andar superior, observaram, rindo, o patrão entrar na parte

rasa da piscina, seguindo as instruções de Romualdo, segurar na borda e começar a bater as pernas. Lima Prado não se incomodou com as camareiras. Ele não queria sua mulher assistindo.

“Agora enfia o rosto na água e tira, respirando como eu lhe disse.”

“Não consigo.”

“Qualquer criança faz isso”, disse Romualdo procurando esconder seu nervosismo.

“Não consigo”, disse Lima Prado ficando em pé. “Não há uma maneira de se aprender a nadar sem enfiar a cara dentro d’água?”

“Há, sim”, Romualdo riu, sem graça, antecipando que ia dizer uma piada, “o senhor não está aprendendo para ser campeão e campeão é que tem de enfiar a cara na água.”

Romualdo considerava-se uma pessoa esperta. As nadadoras de balé aquático que nadavam com a cabeça fora d’água deviam aprender a nadar corretamente e depois passavam a espevitar a cabeça; já vira, também, muitas vezes, pessoas nadando com o rosto fora d’água, na praia virando a cabeça para um lado e para o outro, em sincronia com o movimento dos braços. Eram pessoas que haviam aprendido a nadar sozinhas, sem a assistência de ninguém. Provavelmente começavam aprendendo a boiar em pé, depois a nadar no estilo cachorrinho e finalmente a tirar os braços para fora numa braçada circular. Era horrível de feio, mas era isso que ele ia ensinar ao seu aluno. Mas se aquele sujeito fosse doido igual ao seu primo, que nunca conseguira aprender a andar de bicicleta? Teve vontade de pular na piscina e enfiar a cara do aluno dentro d’água, para dar um susto nele como faziam com os gagos, talvez isso o curasse daquela inibição.

“O senhor vai ter que aprender a flutuar em pé. Faz de conta que está pedalando uma bicicleta e ao mesmo tempo mexe com os braços de um lado para o outro.”

Lima Prado tentou fazer o que Romualdo lhe pedira, mas a todo momento punha o pé no fundo da piscina e impulsionava o corpo para cima.

“O senhor está boiando, está boiando!”, exclamou Romualdo, que não via, ou fingia não ver, que Lima Prado apoiava-se no fundo.

Nesse instante Dadá apareceu à beira da piscina.

Lima Prado ficou em pé, imóvel. A água cobria seu corpo até o pescoço.

“Alguma coisa?”

“Queria falar com você.”

A voz de Lima Prado era fria, controlada, mas percebia-se sua irritação. O tom de voz de Dadá era levemente desatento e aloprado.

“Você não vai aprender mesmo, pra que perder tempo?”

Lima Prado saiu da piscina. À distância o chefe da segurança fez um gesto discreto com a mão, exonerando-se da culpa, mostrando a madame. As camareiras haviam sumido da janela.

Sem dizer uma palavra a Romualdo, Lima Prado caminhou para a casa seguido pela mulher. Entrou pela porta principal, marcando o assoalho da sala e os tapetes com os pés molhados, subiu para seu quarto. Na porta virou-se para Dadá e disse: “Quando acabar, mando chamar você.”

“Chama mesmo”, disse Dadá de mau humor. Ela era de uma família aristocrática, que considerava as boas maneiras um importante atributo a ser cultivado.

Entre as boas maneiras incluía-se não se tornar uma matrona repulsivamente gorda como sua mãe. Dadá não tinha mais o mesmo corpo de quando era jovem, mas sentia que continuava atraente e elegante. Seu rosto, depois da operação plástica, ficara como o de uma menina de dezoito anos e se não fosse a celulite naquela parte perigosa da coxa, poderia dizer que estava vencendo a marcha do tempo. Ainda era capaz de virar a cabeça de muitos homens, apenas não tinha oportunidade de provar isso — suspirou — cercada de guarda-costas; o professor de tênis era um que a olhava com olhos enamorados e gaguejava nos fugazes momentos em que ficavam a sós; o outro era o professor de História da Arte, que duas vezes por semana ia à sua casa dar-lhe aulas e a um grupo de amigas: não tirava os olhos do decote do seu vestido e, quando ela cruzava as pernas, chegava a parar de falar.

O telefone tocou. Era Lima Prado chamando a mulher.

Lima Prado estava esperando por Dadá, fazendo exercícios isométricos em frente ao espelho. A musculatura do seu corpo era extremamente definida. Mesmo em repouso podiam ser vistos, sob a pele, os músculos do abdômen, que a estudante de Arte Dadá via como “semilúnulas cinzeladas num bloco de mármore”.

Ela sempre gostara do corpo do marido, mas já há algum tempo...

“Perdeu muito?” Lima Prado tensionava os bíceps variando os ângulos do braço e antebraço.

“Não é isso. Sabe o que aconteceu? Passei a vergonha de dar um cheque sem fundos e logo para quem, a Amelinha Calamandrei.”

“Você precisa controlar sua conta bancária.”

“Acho que preciso de uma mesada maior.”

“Você pode comprar o que quiser com os cartões de crédito.”

“Cartão de crédito não é dinheiro.”

“Pôquer não é jogo para mulher.”

“Qual é o jogo para mulher?”

“Biriba. Bilboquet.”

“Eu não gosto de biriba. Qual é o outro?”

“Mais alguma coisa, além do dinheiro?”

“Não.” Dadá, furiosa, saiu batendo a porta.

Como é que ele, Lima Prado, fora casar com alguém que não sabia o que era bilboquet? De que adiantava ser de boa família? Pegou um livro.

“Birth, and copulation, and death. That is all”, é tudo, é tudo. É tudo. Era tudo. Sentiu sono depois de ler algumas páginas. A leitura dos seus poetas favoritos lhe dava uma sonolência tranquila, uma preguiça serena e ao mesmo tempo agudamente sensível, perceptível. O sentimento de tranquilidade para algumas pessoas, era não sentir intranquilidade assim como para outras sentir-se bem era apenas não sentir-se mal. Qual seria a palavra correta para significar o oposto de dor? Da mesma forma como não existiam sinônimos perfeitos, também, e com mais razão, não existiam antônimos perfeitos, não existiam coisas perfeitamente iguais nem perfeitamente opostas. Assim era a vida, numa ilha de crocodilos ou na cidade do Rio de Janeiro. Dormiu.

7

A conversa de Lima Prado com Zakkai e com seus sócios do Escritório Central foi registrada nos Cadernos de maneira clara e linear. A maneira de Nariz de Ferro falar foi muito bem captada por Lima Prado. Eu conversei várias vezes com Zakkai e era assim mesmo que ele falava — um palrador empolado.

“Eu estava deitado, vendo uma partida de vôlei pela televisão, esse é o único esporte que gosto de assistir, o futebol me irrita, ainda que seja um jogo de homens pequenos. Mas, na verdade, eu não via o jogo. Estava nu, gosto muito de ficar nu, e naquele dia olhava preocupado para o meu pau, para aquela coisa, *aquela marca*. Eu a havia deixado, a essa mulher monumental, não mais do que há meia hora, e ali estava o meu pau, como se tivesse sido enforcado, uma coisa esquisita, parecia uma linguiça industrial separada por um nó, uma linguiça dessas de pele vermelha de plástico, mas era o meu pau. Eu disse ‘meu Deus’ acho que disse meu Deus, gosto de trazer para o mundo real pessoas inventadas, seres do mundo da fantasia, ‘meu Deus’, eu repeti contemplando paralisado a linguiça viva enforcada. Nessa época eu tinha vários vícios, um deles comer miúdos de galinha — coração, fígado, moela, patas, patas, não, patas não são miúdos — e o outro vício era pensar, mas naquele momento eu não pensava no meu pau escalavrado nem em nada, apenas olhava, aparvalhado... Sei que não temos intimidade para eu lhe contar o que vou contar, conhecemo-nos apenas superficialmente, mas você disse, logo que cheguei aqui, que ouvira falar da minha fama e depois afirmou que todas as mulheres são iguais, e para provar que todas as mulheres *não* são iguais estou lhe contando esta história, que pelo menos servirá, se não servir para outra coisa, para aliviar a tensão, porque existe tensão, não existe, entre nós dois?”

(No dia anterior Mateus procurara Lima Prado para dizer que Nariz de Ferro queria ter uma entrevista com ele. Mateus havia dito a Zakkai que era apenas um assessor do presidente da Aquiles, que não sabia se podia ou não marcar a entrevista. Os Cadernos não esclarecem o que levou Lima Prado a marcar o encontro. Uma menção do videocassete? Zakkai, apesar de ser um dos

sócios das firmas controladas pelo Escritório Central, não sabia do envolvimento da Aquiles e do seu presidente. Havia uma anotação em vermelho “Z-videocassete”.)

“Chovia quando me encontrei com ela novamente. Fomos pela avenida Atlântica, no Volkswagen azul dela, ouvindo música. Ela dançava pulando para cima e para baixo enquanto dirigia e cantava a música que ia ouvindo pela primeira vez, tão inteligente que a repetia imediatamente, no mesmo tom, a letra correta, quase exatamente sincronizada. Num fusca azul. Afinal chegamos ao motel. Logo na entrada tropecei num cabide laqueado, com vários braços para botar chapéus. Ninguém mais usa chapéu hoje, mas lá estava o cabide, e a cama larga, redonda, espaçosa, e os espelhos, e a TV, e os botões do equipamento estereofônico e do ar refrigerado numa placa de aço na parede. Ela me deu uma pastilha de hortelã e deitou-se, vestida em sua apertada calça jeans que parecia uma armadura de ferro. Eu disse ‘tira a calça’ e acrescentei quando vi que ela permanecia imóvel ‘tira a calça, meu amor’. Ela olhou para o espelho do teto e, lentamente, com gestos estudados, foi tirando a calça pelos pés e não pela cintura, como faria uma mulher menos atlética. Então surgiram, refletidas no espelho do teto, as coxas fenomenais, chocantes, se é que eu, um anão velho, posso falar assim, como um surfista. Passei a mão de leve sobre aquela inacabável pele, morna, suave. Ela abriu as pernas, supina e imperativa, e disse ‘vem’, segurando meu pau com força e introduzindo-o na sua vagina. Então foi novamente aquela combinação de êxtase e horror. Apesar disso, ou por isso, demorei muito a gozar. Mas mesmo assim ela continuava querendo mais. Porém, retirei meu pobre esfolado pau, enorme como o de todo anão, modéstia à parte, daquela gruta e meti meu dedo médio, que não é médio, é grande.” Nariz de Ferro mostrou a mão espalmada para Lima Prado. “As descobertas são por acaso? Nunca são por acaso, Cabral sabia muito bem aonde ia. A gente sempre quer descobrir alguma coisa e afinal descobri, depois de muitos dias, naquele dia, quando enfiei o dedo naquele canal viscoso e ardente, que mais parecia uma máquina rudimentar de moer carne, naquele dia descobri algo espantoso. Era a vagina dentata, dos antigos, que sempre pensei ser uma ficção literária ou uma invenção dos arquitetos da repressão sexual, mas que estava ali, à minha mão, roendo meu dedo depois de ter devorado meu pau. A vagina dentata! Céus! Minha alma se encheu de terror. Sendo um anão, e ainda por cima preto, e ainda por cima velho, ainda que não pareça, por todos esses motivos eu não podia dizer a ela ‘sua vagina está me assustando’, isso um homem, ainda mais um homem de peculiaridades, como eu, nunca confessa. Aliás, medo, nessa circunstância, ou em qualquer outra, para ser exato, eu só havia tido uma vez,

antes, na minha vida, mas aí foi por causa do cheiro. Essa é outra história interessante, que eu, se puder, se der tempo, conto ainda hoje; era um cheiro de inferno, de deixar qualquer um arrepiado, e olha que eu já andei onde nem rato anda — mas isso fica para depois. Então eu disse a ela que sentia fome, peguei o telefone e disse para me mandarem um filé com fritas. Antes perguntei se ela queria alguma coisa, ela disse que não, que não, e ficou se revirando na cama, de um lado para outro, gemendo e me chamando, como um tigre no cio. Esperei o bife, na saleta ao lado do quarto, de calça e camisa, descalço, dizendo, através da porta, que não podia receber nu o garçom, que ela tivesse um pouco de paciência. Quem trouxe a comida foi uma garçonete, que fez uma cara engraçada quando me viu, meio envergonhada, como se um anão não fodesse como todas as outras pessoas — e é sabido, repito, que nosso pau e nosso tesão são maiores do que o dos outros —, ela ficou olhando para o chão, botou as travessas, os talheres, os pratos sobre a mesa da saleta, sempre olhando para o chão, uma mulher gorda e feia, que talvez achasse que eu, além de não ter o direito de estar ali, devia dar azar. Quando ela saiu ouvia-a distintamente isolar, afastar o mau agouro, batendo na madeira da porta de baixo que dava para a garagem. Nesse instante veio de dentro do quarto um gemido mais alto, cruciante, um barulho estridente, meio máquina, meio bicho. Contra a minha vontade, como se as minhas pernas fossem comandadas por outra pessoa, voltei para o quarto. Ela estava deitada em decúbito dorsal, com as pernas desmesuradamente abertas, dura, como se estivesse sofrendo de uma violenta cãibra, ou uma convulsão, parecia uma boneca de ferro, os dentes cerrados, os olhos fechados, o rosto torcido de dor. Por entre os dentes ela dizia qualquer coisa, sons difíceis de entender, mas que afinal compreendi. Pedia que eu não a deixasse morrer. Como foi que eu soube o que fazer? Mas soube, foi uma intuição divina, como disse Lutero. Só havia uma coisa capaz de salvá-la! Peguei o bife e enfiei-o lentamente, carinhosamente na vagina pulsante, alimentando-a com meticuloso cuidado. Logo senti, à medida que a carne de vaca era devorada pela frincha creófaga, que a respiração de normalizava-se, os músculos perdiam a contratura, o rosto voltava a ficar bonito. Ela era muito bonita, com olhos de ágata. Afinal caiu em sono profundo. Fiquei ao seu lado, sentado na cama, sem nem me mexer para não perturbá-la. Quando acordou, muito mais tarde, levantou se e foi tomar banho no chuveiro. Depois, quando saímos do motel, paramos naquele morrinho no começo da Niemeyer e ficamos olhado o mar. Era um dia de ressaca e o mar batia com violência nas pedra e miríades de ínfimas gotículas invisíveis de espuma molhavam o nosso rosto. Não existem duas mulheres parecidas. Sacou?”

“É uma história interessante e bem contada”, disse Lima Prado, “se considerarmos que você não é um especialista. Qual é mesmo a sua

especialidade, Zakkai?”

“Sobreviver. Quando nasci, minha mãe olhou as minhas mãos e desmaiou. Eu era um asquistodátilo. Já imaginou? A mãe espera seu filho bonitinho, perfeito e então... Eu tinha também um defeito na coluna e fui falar a primeira palavra aos oito anos de idade. Mas estou aqui”, Nariz de Ferro estendeu a mão espalmada separando bem os dedos, “falando pelos cotovelos, ainda que não tenha crescido muito. E a sua?”

“A minha o quê?”

“A sua especialidade.”

“Costumo dizer que gostaria de ser um homem de letras, uma espécie em extinção, mas infelizmente sou um homem do comércio, o que não deixa de ser uma coisa muito civilizada. Por falar em comércio gostaria de esclarecer, retomando o início da nossa conversa, o assunto que examinávamos, antes do seu interessante relato sobre a singularidade da mulher, que a empresa que presido, a Aquiles, tem apenas uma pequena participação na Pleasure, assim mesmo indireta. Quando Mateus me disse que você queria falar comigo eu aquiesci, mas não creio que deva, ou possa, opinar sobre negociações referentes à passagem do controle da Pleasure para o seu grupo.”

“Não tenho grupo. Estou sozinho nisso.”

“Como você vê, de uma forma ou de outra, nada há que eu possa fazer para ajudá-lo. Mas gostei da sua história sobre a vagina dentata, esse arquétipo tão significativo. Você tem outras histórias como essa, de mulheres que vencem barreiras?... Você me entende...”

“Mulheres que gostam de anões negros? E a morte de seu primo Mitry? A polícia descobriu alguma coisa?”

“Não sei. A nossa polícia não é muito eficiente. Existem milhares de homicídios cujos autores não foram descobertos. Deve ter sido um assaltante.”

Os dois ficaram algum tempo em silêncio, um aguardando que o outro tomasse a iniciativa de falar. A loquacidade do Nariz de Ferro terminara.

Lima Prado levantou-se e fez um gesto de despedida, com a cabeça.

O encontro com Zakkai fora pela manhã, numa suíte do Intercontinental, em São Conrado, alugada especialmente para aquele fim. À tarde, depois do almoço (um bife grelhado de cerca de cinquenta gramas e uma maçã que ele descascou depois de verificar cuidadosamente que a casca não tinha nenhum furo ou ruptura), Lima Prado recebeu os participantes da segunda entrevista. Primeiro chegou Gambacorta. Como ex-dentista, prezava a pontualidade. Depois, Nadir, o ex-coronel do Exército. Quase ao mesmo tempo chegaram Elísio e Pedro Paulo dos Santos. Mateus foi o último a chegar.

“Alguém quer beber alguma coisa?”, perguntou Lima Prado.

Ninguém quis.

“Este ano”, começou Lima Prado, “foi o melhor de todos e tenho que dar meus parabéns a vocês. Há negócios que prosperam nas crises — e o nosso é um deles. Mas sem a dedicada e competente colaboração de vocês, nosso êxito não teria a mesma magnitude.”

“O ano que vem deverá ser melhor ainda. A economia mundial enfrentará sérias dificuldades. Inflação, desemprego, recessão”, disse Elísio.

“Os que estão aqui representam o cerne da nossa Organização. Por isso tenho que levar ao conhecimento de vocês alguns problemas. Primeiro os da área internacional. A prisão de Delibes e Wolfe, esses nincompoops, para usar uma palavra da própria língua desses dois idiotas, pode nos criar problemas. Delibes, vocês sabem quem é, executivo da indústria automobilística; Wolfe, o grande produtor de Hollywood. O FBI agora vai ficar interessado em investigar pessoas com as quais nunca sonhou. Pegaram Delibes por acaso, devem ter levado um susto. Como isso pode nos atingir? Nosso contato principal nos States é J. C. Abercrombie. Na Alemanha, Otto Hermans. Na França, Jean Bianchon. Todos presidentes de bancos médios, mas de prestígio na comunidade financeira. Pessoas eficientes, confiáveis, intocáveis — como Delibes, entenderam? Mas o pior ainda não é isso. Tenho um encontro com Abercrombie em Nova York, no próximo mês, estou preocupado, pois ele está querendo controlar o varejo. Da última vez em que estivemos juntos eu o adverti dos riscos que iria correr. Eu disse ‘Jack, o varejo dá mais lucro, mas torna a pessoa mais vulnerável, como um exército penetrando fundo demais no território inimigo’. Mas ele não me ouviu. Separou-se da mulher, pintou o cabelo, passou a vestir-se como um frequentador de boates, casou-se recentemente com uma arrivista ambiciosa e disse que está pensando em passar as férias no Rio, para fazer uma plástica com o Pitanguy. Pode estar perdendo o controle, o mais importante controle que existe, o controle de si mesmo. Agora vem o pior. Delibes foi preso com Bill Hendrick e eu sei que Abercrombie financiou Hendrick em duas entradas. Hendrick pode tentar uma composição com a promotoria, como se faz nos Estados Unidos, admitindo a culpa e denunciando outras pessoas, para obter uma pena mais leve. Abercrombie é um trunfo que Hendrick tem na manga. Irá jogá-lo? Ou Hendrick usará a mesma alegação de entrapment com a qual os advogados de Delibes pretendem anular o caso? Esperar para ver. Agora, a Bolívia. A situação não evoluiu. Fernandez está fazendo o que pode. Confio na corruptibilidade humana, em especial na boliviana, para uma reversão de expectativas, e acredito que dentro de alguns meses os negócios voltem a correr normalmente.”

“Se a Bolívia complicar muito podemos retirá-la do nosso mapa”, disse Pedro Paulo.

“Ainda é cedo para pensar assim. De qualquer forma não seria uma perda irreparável”, disse Nadir. “Vai chegar um dia em que maconha e cocaína serão legalizadas. As pessoas que fumavam tabaco já foram, em cena época, excomungadas pelo papa. E o álcool cria dependência física, tolerância crescente, síndrome de abstinência, causa absenteísmo, incapacita para o trabalho e assim mesmo é legalizado no mundo inteiro.”

Pensar dessa forma apaziguava a consciência de Nadir.

“Como os senhores sabem, além da Máfia, que já está há tempos no negócio, outras instituições internacionais como organizações terroristas, grupos religiosos, agremiações políticas etc, estão entrando também no comércio da droga. Ainda não sei de que maneira isso pode nos afetar, a nós e a nossos associados. Sei, garanto para vocês todos, que a nossa Organização resistirá a essa concorrência, a qualquer tipo de concorrência. Somos sólidos. Eficientes. E por falar nisso, numa organização, em qualquer organização existem problemas de comunicação, de tomada de decisões. A ordem das coisas é sempre baseada em alguma forma de poder; onde não há o poder estabelece-se o caos. Foi assim que se fez o Universo. Eu podia decidir sozinho, mas sempre consulto vocês, consulto o nosso grupo, we few, we happy few, we band of brothers.” Olhou em volta para ver se entendiam a citação, mas o rosto dos outros mostrava apenas uma atenção reverente. “Posso dizer que somos felizes, não posso? Que somos irmãos. E isso porque nosso trabalho é bem organizado. Sempre foi. Aí reside nossa força. E agora aparece um problema e eu venho consultar os meus irmãos. Zakkai. Zakkai. Zakkai sempre foi um estranho, e nem mesmo sei por que foi aceito na sociedade, não participando da nossa confiança. Mas o momento para discutir isso não é agora. Todos vocês conhecem o lamentável episódio do videocassete que meu primo deixou na casa de uma prostituta assassinada. O cassete desapareceu e Mitry andou fazendo umas bobagens. Porém, Mitry não é mais problema. Mas Zakkai ter me procurado não foi, não foi uma coisa boa. A Aquiles sempre foi preservada.”

“Mitry falou?”

“Mitry apenas participava da transferência de fundos para o exterior. Ele pode ter dito isso a Zakkai, se era, como agora supomos, seu amigo e confidente. Mas isso seria pouco para levar Zakkai a me procurar. Creio que Zakkai teve apenas uma intuição. Pode estar com o videocassete, ou saber do videocassete, mas isso não tem a menor importância. O cassete não vale nada. Você garante que não estava na casa do Mitry?”

“Nosso operador examinou um por um todos os que havia na casa. Eram cassetes rotulados, o que você queria não estava lá”, respondeu Mateus.

“Mas, seja lá o que for que Zakkai sabe, só nos resta um caminho. Estão de acordo?”

Todos menearam a cabeça concordando.

Quando os visitantes se retiraram, Lima Prado telefonou para a portaria e mandou chamar seu motorista. “Capitão Virgulino, vai apanhar dona Mônica.”

Enquanto esperava a chegada de Mônica, Lima Prado retirou a carta que levava no bolso. O papel estava manchado pelo tempo, mas as palavras, escritas com as maiúsculas rebuscadas de um esmerado aluno de caligrafia, mantinham sua forte cor azul. “Deve ter sido escrito com penas de aço belga e tinta alemã importada”, anotou Lima Prado. No dia anterior ele chegara à casa da rua São Clemente para inspecionar as obras e prosseguir no exame dos papéis de d. Laurinda. Após muito trabalho, com a ajuda de um serralheiro, conseguira abrir o belo cofre Chatwood (devia ter no mínimo cem anos) que estava no quarto da velha, mas ainda não tivera tempo de examinar os inúmeros papéis que encontrara lá dentro, junto com joias antigas, notas de mil réis, moedas de vários países, principalmente bonds da Rio de Janeiro, Tramway, Light and Power, títulos da Port of Pará, da Equitativa e outras empresas. Havia muitas cartas e ele pegara uma delas, cuja leitura o deixara perturbado. Estava apressado, pois tinha um compromisso importante, e não tivera tempo de encontrar outra, com a mesma caligrafia no envelope, entre as várias pilhas de cartas. Agora, releu a carta.

> Prezada d. Laurinda.
>
> Lamento que a senhora tenha descoberto tudo. Se me acumpliciei escondendo esse vergonhoso e triste acontecimento não foi para defender a honra dos Lima Prado, protegê-la do escândalo, pois nem as pessoas que me cercam, nem a dignidade dúbia da família mereceriam a minha conivência. O que fiz foi pela pobre criança, que seria uma desgraçada se viesse a saber a verdade terrível da sua origem. Criei-a como se fosse a sua verdadeira mãe. Maria Augusta teria feito isso? Não acha uma ironia que eu, que sempre fui considerada uma intrusa, tenha feito pelos Lima Prado, sem que ninguém soubesse, um gesto tão protetor, depois de sofrer tantas afrontas?
>
> Sua Luíza Montilio Lima Prado.

Então ele não era filho de Luíza! Quando lhe haviam dito que não era filho de Fernando, mas sim de Bernard Mitry, Lima Prado não se incomodara. O francês era um homem engraçado, que sempre o tratara, quando menino, com carinho. Fernando, porém, era um homem taciturno, que nunca lhe dirigira a palavra. Não se lembrava de jamais terem estado juntos a sós; não tinha lembranças dele, Fernando, durante sua infância. Sua infância. Uma vez, que idade tinha?, vira sua mãe beijando Bernard na boca, com força, dentro do quarto. Bernard passara a mão sobre sua cabeça, o pusera no colo — o resto fora esquecido. Bernard descera as escadas com ele no colo. Não, a babá descera as escadas com ele no colo.

Capitão Virgulino chegou à casa de Mônica. Ela abriu a porta, vestindo apenas uma calcinha.

“O chefe mandou buscar você.”

“Entra.”

“Espero aqui fora.”

“Vou tomar banho.”

“Agora.”

“Você não me mete medo.”

Capitão Virgulino entrou, fechou a porta.

“Vai vestir uma roupa.”

Mônica, em seus poucos anos de vida, aprendera a conhecer os olhares dos homens. Aquele não era um homem. Seu olhar nem mesmo era o de um macaco.

Foi ao quarto e vestiu-se.

“Chefe. Chefe. Ele não tem nome?”

Capitão Virgulino abriu a porta.

“João? José? Manoel?”

Capitão Virgulino saiu para o corredor.

“Alfredo. Antônio. Otávio. Gabriel.” Mônica foi dizendo nomes durante todo o percurso até chegarem ao hotel. O Capitão Virgulino não tomou conhecimento do que ela dizia. Conduziu-a à suíte onde estava o chefe e voltou para a portaria.

“Alguma coisa está preocupando você, queridinho?”, disse Mônica.

Mônica havia colocado um vestido de seda, de saia muito curta, que comprara numa butique de luxo. O vestido parecia uma parte natural do seu corpo, da sua beleza e força (“atributos da alma”, anotara Lima Prado). Beleza e força que se desprendiam de Mônica como ondas de calor e luz.

“O que você está sentindo, mister X?”

Era como se a cara estivesse enfiada dentro d’água sem poder respirar.

A babá descera com ele as escadas. Ou fora o próprio Bernard. Bernard cheirava à água-de-colônia e fumo de cachimbo. Sua mãe tinha a roupa aberta, os seios apareciam. Mas ela não era sua mãe. Os seios de Luíza Montilio. Um arrepio correu pelo seu corpo.

“Não estou sentindo nada. Que história é essa de mister X?”

“Eu não sei teu nome verdadeiro. Não gosto de Ajax.”

Mônica tentara descobrir o nome de Thales. Anotara o número da placa do seu automóvel e conseguira saber no Detran, depois de muito trabalho, dando gorjetas e flertando, em nome de quem estava registrado o veículo. Heitor — Representações. Esse nome não aparecia na lista telefônica.

Não conseguira ir além disso, o que a deixara irritada. Se ele não dizia o verdadeiro nome, teria de ser porque era um homem muito importante. Ela passara a prestar atenção nos retratos que saíam nos jornais e nas personalidades que apareciam na televisão. Inutilmente.

“Você não confia em mim?”

“Eu não sei nem o nome do meu pai...”

“Ah, ah...”

“Nem o da minha mãe. Assunto encerrado.”

“Estou com vontade de ir hoje à noite ao Hippopotamus, estrear o vestido de lamé que comprei.”

Ele havia proibido que ela saísse à noite. Mônica passava os dias em casa esperando que Lima Prado telefonasse. Seu único amigo agora era o cabeleireiro do salão que frequentava uma vez por semana. Amigo e confidente. “O que adianta esse homem te dar tudo se te mantém presa em casa? É melhor voltar pra vida de michê”, dissera Joãozinho. À noite Joãozinho se chamava Jane. Tinha seios grandes de silicone — “lindos, você não acha?”, mostrara ele um dia — e só não cortara o pênis “porque na hora tive medo. Meu homem também é muito ciumento. Casado, com dois filhos, e também quis me prender e eu disse pra ele, se quiser me prender larga a sua mulher de araque e vem morar comigo, que sou a sua mulher verdadeira”.

A voz de Lima Prado saiu baixa. “Nós já combinamos que você não vai mais ao Hippopotamus, não combinamos? Além de tudo você é menor e legalmente não pode frequentar boates.”

“Se você quer me manter como prisioneira, larga a sua mulher de araque e vem morar comigo, que sou a sua mulher verdadeira.”

“Eu não mandei buscar você para discutirmos isso.”

“Pra que foi mister X?”

Lima Prado segurou de leve o pescoço de Mônica, com um ar sonhador.

“Você sabe.”

Pensou em dizer “não sei não, mister X”, mas no rosto de Lima Prado intuiu um desgosto sombrio que a fez calar-se e tirar o vestido silenciosamente.

8

Camilo Fuentes, nas mãos uma lata de ervilhas e uma de palmito virava a cabeça para ler, com o olho bom, o que estava escrito nos rótulos. Em São Paulo não tivera dificuldade para ver bem e matar os dois assassinos de Benito, o jornaleiro, mas aqueles rótulos, com suas letras miudinhas, estavam dando trabalho.

"Você acha que pode existir, como eles dizem aqui, ervilha fresca em conserva?" Pausa. A letra pequena. "Você acha que eu devo comprar uma córnea?"

"São uns vigaristas. Ingredientes: ervilha e sal. É mentira, não é?", disse Míriam. "Tem mais um monte de porcarias que eles escondem."

"Este outro é pelo menos mais decente." A lata de palmito. Fuentes leu: "Contém acidulante H II. Essas conservas têm uma porção de conservantes químicos, mas a indústria de alimentos não diz isso". Fuentes virou a cabeça. "As ervilhas Swift são as únicas do tipo coração com manteiga. Enlatadas fresquinhas no local da colheita, conservam todo o sabor alimentício das ervilhas frescas. Estão sempre saborosas, suculentas, tenrinhas como se tivessem sido debulhadas e preparadas em sua própria casa. São uns canalhas. Debulhadas em sua própria casa. E a córnea? Devo ou não devo comprar uma?"

Fuentes e Míriam estavam no supermercado Freeway, na Barra da Tijuca. De manhã, bem cedo, haviam saído do apartamento, descido a pé pela rua do Riachuelo até aonde a rua se encontra com a avenida Mem de Sá, na altura do largo dos Pracinhas. Dali haviam chegado à igreja do Carmo da Lapa, pois Míriam queria rezar. Depois pegaram um ônibus para a Barra, na avenida Augusto Severo. Fora uma longa viagem até o Freeway, mas ambos gostavam de ver a cidade da janela dos ônibus. Era assim que costumavam ir aos supermercados distantes, da Barra, pegando às vezes três ônibus.

"Devo ou não?", perguntou Fuentes.

"Está tudo escrito em inglês", disse Míriam mostrando a lata de palmito.

"É para dizer que o palmito é tão bom que até os americanos comem ele. Você não respondeu."

“Não sei.”

“Não sabe? Você quer que eu fique cego para o resto da vida?”

“Você tem o dinheiro?”

“Tenho.”

“Então compra.”

“Eu fico pensando na moça.”

“Que moça? Que moça?”

“A moça que está vendendo a córnea. Não sei se é justo ela ficar cega de um olho para um sujeito com dinheiro ficar com dois.”

“Não é ela que quer vender?”

“Forçada. Pela miséria.”

“Por que não vai dar a bocetinha, como todo mundo?”

“Nem todo mundo.”

“E para que ela quer tanto dinheiro? Ela não é nenhuma coitadinha, não. Sem essa.”

“Você está zangada?”

“Ninguém percebe que você é cego de um olho.”

“Eu percebo. Isso é que importa. E não é para ficar bonitinho. Quero que os outros se fodam.”

“Eu também?”

“Não é uma sensação boa ver só de um lado.”

“Eu também?”

“Você também o quê?”

“Eu também que me foda?”

“Você é diferente.” Fuentes até então desprezara todas as mulheres brasileiras com quem se envolvera. Agora respeitava uma, que era prostituta.

“Ex”, corrigiu Míriam, “desde que te conheci não fiz mais michê nem cafetinei. Aliás, preciso falar com meu advogado sobre isso. Ele nunca gostou da vida que eu levava e vai ficar feliz.”

“Vai ficar feliz porque você deixou a vida?”

“Isso mesmo.”

“E você tem advogado para quê?”

“Não te contei? A Prefeitura demoliu a nossa casa na zona e eu contratei um para discutir com eles. Se você não tiver um advogado para te defender o governo te enraba.”

“Adiantou alguma coisa?”

“Não.”

“Bom advogado.”

“Mas a culpa não foi dele. O doutor Mandrake é uma maravilha.”

Durante todo o percurso da longa prateleira de conservas Míriam falou sobre mim. Fuentes ouviu calado. Ele logo percebeu que se tratava do mesmo advogado cuja casa havia invadido em companhia de Rafael. Pensou em contar o episódio para Míriam, mas ela falava em mim com tanto afeto que Fuentes achou melhor nada dizer. Voltaram para a cidade de ônibus.

“Quando eu nasci”, disse Míriam, “foi uma alegria na família, porque eu era branca e todas as minhas irmãs e o meu irmão eram escurinhos.”

Fuentes olhava a paisagem.

“Éramos seis, cinco mulheres e um homem. Eu, a única branca de cabelos lisos, claros. Mas ser branca e bonita só me ajudou a ser puta. Quer dizer, nem sei se uma puta branca é melhor que uma puta mulata comercialmente falando. Já me disseram que eu fui ser puta porque quis. Eu tinha doze anos.”

Fuentes olhava a paisagem.

“Não gostei, mas continuei. Faz de conta que voltei a ter doze anos: eu ia conseguir fazer outra vida para mim? Ou existe um destino do qual não se pode fugir? Uma nasce para ser madame, outra para puta, outra para freira, outra para artista de televisão, outra para enfermeira. É isso? É assim a telenovela?”

“Esse negócio de destino é besteira”, disse Fuentes, deixando de olhar pela janela.

“Não sei. Acho que quando uma pessoa nasce já está tudo decidido, até mesmo quantas vezes o coração dela vai bater. Então chega a hora da pessoa morrer, numa boa ou numa ruim, e pronto.”

“Essa hora é sempre ruim.”

“A pessoa morre.”

“E quem decide?” Fuentes encarou Míriam.

“Deus.”

“Deus não existe.”

“E quem foi que fez tudo isso que está aí, as flores, as estrelas, os peixes?”

Fuentes voltou a olhar pela janela.

“Um dia eu quis abandonar tudo e fui ser empregada doméstica. A patroa era legal, quando comprou uma televisão a cores me deu a preto e branco dela. Eu era bem tratada e trabalhava pouco. Podia ter ficado lá, não podia?”

“Lavando a latrina da madame?”

“É melhor do que vender o olho.”

Os dois ficaram calados até chegarem ao apartamento da rua do Riachuelo.

Um homem esperava por Fuentes na portaria do prédio e subiu com eles. Um mulato forte, de cabelos grisalhos, chamado Arlindo.

“Os tiras estão te procurando em São Paulo e na fronteira da Bolívia. Tem também gente esquisita procurando por você. Um tal Nariz de Ferro.”

“Quem é?”

“Anão, crioulo, cheio da grana. Quem me procurou foi um emissário. Outro que perguntou por você foi o Rafael. ‘Tem visto o China?’, ele perguntou. Você tem o apelido de China?”

“Só para esse filho da puta.”

“Bem, eu disse para o Rafael que não sabia onde você andava, não falei nada da nossa conversa no telefone. Pro emissário do anão eu disse que ia ver se conseguia encontrar você.”

Míriam trouxe três latas de cerveja gelada.

“E você, o que anda fazendo?” Fuentes estendeu a mão e tocou no braço de Arlindo.

“Vendendo maconha prensada com esterco. Estou numa ruim.”

“Isso é sujeira.”

“Eu sei. Também acho chato entregar a mercadoria adulterada. Mas a garotada nem nota.”

“Deixa eles fumarem a merda deles”, disse Míriam, “o barato é o mesmo.”

“Quem é o cara que trabalha para o anão e fez contato contigo?”

“Não conheço. Perguntei a ele ‘como é que você sabe que eu conheço o Camilo?’ Ele não respondeu. Também não conheço o anão. Só de fama.”

“Mataram um cara em São Paulo por isso.”

“Por isso o quê?”

“Porque era meu amigo.”

“Comigo o buraco é mais embaixo. Eu sou o Arlindo, de Santo Cristo.”

“Não gosto disso.”

“De quê?”

“Tudo isso. Aqui no Rio ninguém me conhece. Como é que sabem que estou aqui? Esse anão?”

“O anão quer encontrar você no Circo Garcia. O circo está ali na praça Onze, perto da Benedito Hipólito. Sabe onde é?”

“Eu sei”, disse Míriam.

“Um circo”, Fuentes riu, “um bom lugar para encontrar um anão”

“Ele disse para te dar esse camarote, para quinta-feira. Às nove horas da noite. Para você ir lá sozinho, sentar e esperar por ele.”

“Como é esse Nariz de Ferro?”

“Já disse que nunca vi, mas todo anão é igual, só que tem que esse é preto. Não tem como se enganar.”

“Não gosto de ir no escuro.”

“Agora vai no preto. Gostou do trocadilho?”

Fuentes não respondeu.

“Já ia me esquecendo”, disse Arlindo, enfiando a mão no bolso e retirando uma carteira de identidade. “Agora você nasceu em Mato Grosso achei melhor porque é um lugar que você conhece e está cheio de índio.”

“Eu tenho cara de índio? Hein, Míriam?”

“Mais ou menos. Um índio bonitão.”

“Teu nome é Carlos Fagundes.”

“O dinheiro deu?”

“Faltaram dez milhas.”

Fuentes preencheu um cheque e deu para Arlindo.

Fuentes estava lá um longo tempo sentado, com a carteira na mão, o semblante tenso. Arlindo fora embora. Míriam sabia que nessas ocasiões Fuentes não gostava de ser interrompido.

“Acho que a gente devia mudar daqui.”

Míriam esperou.

“Um lugar perto do centro.”

“Lembra daquela garota que nós encontramos nas Sendas?”

“Não.”

“Lembra, sim. Uma com um bebê num carrinho, chamada Regina, o nome de guerra dela era Xuxa, antes dela conhecer esse homem e ter um filho dele. Naquele dia, você não prestou atenção, ela disse que ia se mudar da casa dela na Gamboa. Eles estão indo para Goiás, onde Elomar tem uma fazenda. A vizinhança é pobre, mas a casa é uma gracinha.”

“Gosto de viver no meio de gente pobre”, disse Fuentes.

Chegaram à Gamboa saltando do ônibus na esquina da rua Marechal Floriano com Camerino, seguindo a pé até a praça dos Estivadores, cruzando a São Félix até a ladeira Madre de Deus, onde ficava a casa de Regina.

Um homem abriu a porta.

“Vocês estão procurando alguém?” Sotaque caipira.

“É aqui que mora a Xu, Regina?” Míriam sabia que Elomar não gostava que chamassem sua mulher de Xuxa.

“É, sim senhora. Regina, tem uma moça aqui procurando você.”

As duas mulheres se abraçaram, trocaram beijinhos e saudações enquanto os homens se observavam dissimuladamente. A casa ainda não havia sido alugada. Elomar, o caipira, não queria alugar a casa, mas Regina achava um desperdício deixar o imóvel fechado sem render nada.

“Adoro este lugar, esta ladeira. Não tem disso em Goiás, não”, disse Elomar.

“Quando vocês vierem ao Rio, vocês ficam com a gente. Aqui não tem dois quartos? A gente deixa um arrumadinho para vocês”, disse Míriam. Elomar trouxe uma garrafa de cachaça especial, feita na fazenda.

Fuentes chegou ao Circo Garcia às oito horas e cinquenta minutos da noite de quinta-feira. Todos os lugares estavam ocupados, apenas um camarote, à beira do picadeiro, estava vazio. As luzes se apagaram. A orquestra iniciou uma estridente abertura musical.

“Boa noite.”

Nariz de Ferro entrara, sem ser pressentido, e sentara-se numa cadeira ao lado de Fuentes.

“Adoro circo”, disse Nariz de Ferro. “As pessoas, na vida, nascem com uma vocação e uma aptidão, e quando não satisfazem nem uma nem outra ficam muito infelizes, como disse Sigmund Freud. A minha vocação era ser palhaço, ofício para o qual, diga-se de passagem, estou mais do que apto.”

Fuentes virara o rosto, levemente, para o lado de Nariz de Ferro e escutava-o, sem contudo olhar para ele.

“Pode ser muito bom ou uma desgraça quando a vocação e a aptidão são uma só, como no meu caso. Eu devia ser um homem triste e sofrer e morrer de inveja, vendo essas duas figuras maravilhosas serem aplaudidas”, continuou Nariz de Ferro, apontando para os dois palhaços que acabavam de entrar no picadeiro, “mas não sofro nem jamais sofrerei, e sabe por quê? Porque, além da vocação e da aptidão, os homens, alguns homens, nem todos, nascem com uma força indestrutível. Sabe quem disse isso?”

Fuentes não respondeu. Mas para mostrar que ouvia, moveu o rosto um milímetro.

“*Eu* disse isso.” As palavras de Nariz de Ferro foram abafadas pela orquestra e ele parou, aproximou a boca do ouvido de Fuentes e disse: “Eu tenho essa força, como ninguém no mundo”.

Fuentes afastou o rosto e fixou os olhos num equilibrista que caminhava sobre um arame.

“Você, que é um homem inteligente, eu sei, deve estar perguntando a si mesmo — esse cara me chamou aqui para ouvir a sua filosofia? Além de anão e preto e palhaço frustrado é louco? Não, meu amigo, eu chamei você aqui para avisar que a guerra começou e convidar você para ser meu aliado.”

“Eu faço as minhas guerras sozinho”, disse Fuentes, ainda sem olhar para Nariz de Ferro.

“A guerra é mais antiga do que o homem.” Novamente o anão esperou o som da orquestra diminuir. “Esse é um assunto que eu estudei. Aqueles que

tentaram lutar sozinhos se foderam. Estudei a guerra entre os animais e entre os homens, entre os selvagens, entre os gregos, entre os pagãos, entre os religiosos. Quando chega a hora da guerra, quem não tem aliados é destruído. Sempre."

Fuentes continuou olhando para a frente.

"Você é um homem sozinho. Eles vão acabar te pegando" (pausa) "Carlos Fagundes."

Fuentes olhou surpreso para Nariz de Ferro. Como podia ele saber o nome falso que estava na carteira, que recebera havia menos de dois dias?

"Coloquei gente minha seguindo o mulato pernóstico Arlindo. O objetivo era chegar a você."

"E então?", perguntou Fuentes encarando Nariz de Ferro.

Os olhos dos dois se encontraram e brilharam, desafiadoramente, refletindo a luz do picadeiro.

"Agora eu faço uma proposta e você decide. Vamos nos unir para destruir os nossos inimigos."

Nariz de Ferro tivera informações de que Mateus estava recrutando dois matadores, para fazer uma "limpeza"; sabia, pelo mesmo informante, que Fuentes estava na lista vermelha; e mais, que também estavam marcados: um "advogado chamado Mandrake" ("não, não conheço", respondeu Fuentes); um traficante, Carlinhos Gordo ("também não"), ele, Zakkai.

"Pago três vezes mais. Vê o que você acha do meu plano."

Nariz de Ferro e Fuentes ficaram conversando até pouco antes de terminar a primeira parte do espetáculo. Nariz de Ferro saiu antes que as luzes da plateia acendessem. Cinco minutos depois Fuentes foi ao bar, tomar cerveja.

Quando os outros espectadores voltaram para seus lugares, Fuentes dirigiu-se à saída. Chovia e a avenida Presidente Vargas estava vazia. Fuentes examinou bem a rua deserta. Um táxi vinha passando e ele fez um sinal de parada. Foi de táxi até o restaurante Praia Bar, na praia do Flamengo esquina da Buarque de Macedo. Entrou no bar e verificou se estava sendo seguido. Pegou um táxi e voltou para o centro da cidade, pela rua do Catete. Saltou na rua do Passeio e pegou outro táxi até a rua do Riachuelo.

No dia seguinte, pela manhã, Fuentes e Míriam se mudaram para a casa da ladeira Madre de Deus. Como tinham apenas duas malas pequenas, não lhes foi difícil tomar vários táxis, em sua cuidadosa ação diversionária.

9

Às cinco horas da manhã, no portão do Jockey Club Brasileiro, ao lado do Hospital Miguel Couto, na Gávea, um homem postou-se imóvel como uma estátua. Um observador atento notaria, todavia, o tremor constante no dedo mínimo da sua mão direita. Não ficou muito tempo ali parado. Um modesto Opala azul-escuro encostou no meio-fio e o homem entrou no carro.

O guarda do portão do Jockey Club, ao identificar os ocupantes do Opala, levantou a barreira e o carro entrou, encaminhando-se pela alameda do lado esquerdo em direção ao local onde cavalariços, peões, jóqueis, tratadores e treinadores realizavam seu trabalho diário. Era uma manhã luminosa; do verde contraforte do maciço da Tijuca soprava uma brisa fresca; vários cavalos já estavam nas pistas de areia e de grama. Alguns, dirigidos por redeadores com as pernas esticadas e soltas, usando como selas apenas pequenas mantas forradas de espuma de borracha, eram exercitados num galope contido. Outros, pilotados por jóqueis genuflexos, de selim e estribo, aprontavam velozmente contra o cronômetro.

Um homem caminhou na direção do Opala. “Bom dia, doutor Lima Prado.”

Lima Prado saiu do carro, acompanhado de Hermes, e cumprimentou o treinador dos vinte e três cavalos da sua coudelaria, um homem chamado Moreira.

Moreira queria conversar com o proprietário sobre Pascal, um alazão com uma estrela na testa, e Conselheiro, um tordilho. Era assim que Conselheiro estava registrado no Studebook. A maioria dos puros-sangues de corrida eram alazões, castanhos e zainos. Às vezes eram tordilhos, e entre os tordilhos o registro oficial incluía os rosilhos e os mouros, ou persas. “Aqui todos são tordilhos”, explicou Lima Prado para Hermes. No Regimento Andrade Neves, onde haviam se conhecido, como sargento e major, o pelame dos animais também era homogêneo, mas Hermes nascera numa terra onde havia baios, malhados, ruões, albinos, lobunos, apalusas, “todas as pelagens do mundo”.

Conselheiro era um rosilho feio, pequeno e frágil, que antes de sua primeira corrida causara “gargalhadas no cânter”, mas acabara se revelando um cavalo

excepcional, ganhador da Tríplice Coroa. Agora estava sendo preparado para o Grande Prêmio Brasil, mas devido à sua delicadeza física treinava apenas duas vezes por semana na pista de areia, na menor, que ficava próxima da coudelaria e permitia uma caminhada mais curta. Nos outros dias da semana nadava na piscina.

Pascal era grande e musculoso. Sua pelagem curta, brilhante, dava a impressão de ser ele coberto por uma fulgurante camada de verniz cor de canela. Seu retrospecto, apesar de inferior ao de Conselheiro, era muito bom. Ambos estavam sendo atendidos por dois cavalariços. Pascal, de bridão, praticamente solto, mantinha-se tranquilo. Conselheiro, de freio e barbela justa, era contido com dificuldade. Mas aquietou-se quando Lima Prado estendeu a mão e acariciou o redemoinho de seu pescoço.

"Ele gosta muito do senhor", disse Moreira. "Mas também, quando era potrinho, até mamadeira o senhor deu para ele."

"Como é que ele está?"

"Ele não gosta de comer, doutor. Este é o problema dele. Não pode nem ver milho. De aveia gosta pouco. Só come alfafa. Um cavalo difícil, o senhor conhece ele melhor do que eu e sabe disso."

"Milho engorda", disse Hermes.

"Claro", Moreira refreou sua irritação, "mas misturado com aveia, na proporção de cinco por um, só faria bem a ele."

"Quanta aveia pura ele está comendo?", perguntou Lima Prado.

"Oito quilos. É muito pouco. Só espírito, e o dele não tem igual, não basta para sustentar um cavalo."

"E Pascal?"

"Dezoito de aveia, cinco de milho, uma enormidade de alfafa." Olhou para Hermes: "E não tem um grama de gordura". Para Lima Prado: "Posso ter uma palavra em particular com o senhor?"

"Pode falar na frente deles." Lima Prado, com um gesto, abarcou Hermes e o Capitão Virgulino, que estacionara o carro e juntara-se ao grupo.

"Estou pensando em colocar um aprendiz montando Conselheiro no Grande Prêmio", disse Moreira, hesitante.

"Quem é ele?" A sugestão era surpreendente.

"Ainda nem estreou. O nome é José Pinheiro. A gente chama ele de Pinheirinho."

"No Grande Prêmio Brasil um estreante montando Conselheiro?"

"Doutor", a voz de Moreira tremia, "Conselheiro não corre há dois meses. Nesse tempo todo quem trabalhou ele foi esse menino, a única pessoa que

conseguiu montá-lo. O Juvenal, que já ganhou vários páreos com ele, não conseguiu. Não sei o que houve com o Conselheiro. Só quer o menino."

"Cavalos são seres caprichosos", disse Lima Prado. "Colocaram a ovelhinha na baia?"

"Pior do que as mulheres", disse Hermes.

"Pusemos, doutor. Nem assim. Ele fica andando de um lado para outro a noite inteira."

Jeans, tênis, camisa de meia branca, capacete azul de treino, chicote na mão, Pinheirinho, convocado por Moreira, aproximou-se do grupo.

"Quantos anos você tem?", perguntou Lima Prado.

"Dezessete."

Parecia menos. "De onde é?"

"Magalhães Bastos."

"É um subúrbio", Moreira explicou.

"Eu sei onde é Magalhães Bastos. Por que você escolheu ser jóquei? Montava quando era garoto?" O filho dele, Lima Prado, não gostava de cavalos. Nem a filha.

"Acho que nunca tinha visto um cavalo antes", disse Moreira.

"Tinha, no cinema." Pinheirinho sorriu.

"Por que você escolheu ser jóquei?"

"Eu gosto de cavalo." Sorriu outra vez.

Moreira devia mandar o menino ao dentista. Uma cárie começava a surgir entre os dois incisivos. Lima Prado não queria jóquei dele com dente cariado aparecendo.

"Ele veio para a escolinha no ano passado. Ele tem o dom, doutor, noção de gravidade, visão de percurso, rapidez no partidor. Ninguém tem reflexos como os dele, melhor do que os grandes que conheci, Leguisamon, Zúñiga, Rigoni, Marchand, qualquer um."

Conselheiro, ainda seguro pelo cavalariço, virou a cabeça e fitou o rapaz com seus grandes olhos arregalados. Lima Prado e Hermes, que haviam passado muitos anos em estreita proximidade com cavalos, perceberam, no faiscante olhar de Conselheiro, a excitação e a felicidade que o animal sentia com a proximidade de Pinheirinho.

"Pra que esse chicote?"

"Pra nada, doutor. Enfeite. Ele não gosta de apanhar", respondeu Pinheirinho. "Nem eu de bater."

"Cavalo não gosta de quem bate nele", disse Moreira.

"Quero ver vocês", disse Lima Prado.

Pinheirinho, depois de olhar para Moreira, que fez um gesto de permissão, entregou o chicote ao treinador, disse ao cavalariço “pode largar” e, num movimento ágil e fácil, apoiando-se na cernelha de Conselheiro, saltou sobre o dorso do cavalo.

Apesar de haver entre jóquei e cavalo a manta, presa por uma cilha estreita, quando começaram a galopar, os corpos de Pinheirinho e de Conselheiro pareceram, a Lima Prado, fundir-se numa massa única inseparável. Ele apanhou o binóculo que Moreira trazia a tiracolo e acompanhou o galope em volta da pista. “Uma comunhão perfeita, talvez isso só possa ser alcançado entre homem e animal, nunca entre homem e homem”, pensou.

“Será um escândalo, os aficionados ficarão estarrecidos”, disse Lima Prado.

“Quer dizer—”

“Quer dizer que um estreante vai montar Conselheiro no Grande Prêmio Brasil”, disse Lima Prado. “Chamado Pinheirinho.”

Lima Prado e Hermes, depois de observarem o cavalariço dar banho em Conselheiro com uma mangueira, sentaram-se na pérgula da piscina social sendo vigiados à distância pelo Capitão Virgulino, que se postara encostado no balcão do bar. Àquela hora não havia pessoa alguma no conjunto de piscinas sociais do clube. Ainda não haviam chegado as mães para a primeira aula de natação infantil, que começaria às sete horas. Lima Prado aspirou o ar ameno, no que foi imitado à distância por Capitão Virgulino, que não tirava os olhos do chefe.

“Este é o grande momento do dia”, disse Lima Prado.

Hermes, ereto na cadeira de madeira polida, sem se mexer, apenas virando a cabeça, examinou com cuidado profissional o local em que estavam. O sol atravessava o telhado de ripas de madeira entrelaçadas, listrando de luz branca o corpo dos dois homens. Um cavalo passou galopando na pista menor de areia que ladeava a piscina.

“Você não sente saudade?”, perguntou Lima Prado, olhando o cavalo. Hermes balançou a cabeça afirmativamente. Recordaram, em silêncio, algum tempo.

“Sabe por que eu escolhi você para o Nuse, entre todos os sargentos que postulavam o lugar? Já te disse isso?”

“Não.”

“Por causa do nome. Você conhece a mitologia em torno do seu nome?”

“Não.”

“Um dia vamos conversar sobre isso. Mateus falou com você?”

“O treinador não disse qual era o problema com o alazão.”

“Depois eu pergunto a ele. Não deve ser coisa importante. Você falou com Mateus?” Lima Prado demonstrava, em sua voz, a consideração que sentia por Hermes. Para isso havia convidado seu auxiliar a se encontrar com ele naquele dia, para falar-lhe pessoalmente em vez de mandar recado.

“Ele falou comigo.”

Lima Prado esperou. Ele sempre fora paciente com o laconismo de Hermes.

“O homem sumiu.”

“Eu sabia que ele ia sumir. Ele optou por uma ação de guerrilheiro. Atacar e desaparecer. É um homem difícil de entender. Você o conhece?”

“Não.”

“Às vezes acho até que gosto dele.”

As mães, com as criancinhas para a primeira aula, começaram a chegar. Algumas estavam vestidas para jogar tênis, acompanhadas de babás uniformizadas, para vigiar os filhos. Todas assistiam aos preparativos da aula, olhando os filhos com orgulho e ternura.

“Não há nada mais cretino do que mãe de criança em aula de natação. Veja o rosto imbecil delas”, disse Lima Prado.

“Quem vai pegar o advogado? Rafael?” A voz de Hermes era tão despida de sentimento que mal se percebia seu tom interrogativo.

“Mateus me disse que você não queria fazer esse trabalho e eu entendo. Gratidão é um sentimento nobre.”

“Minha dívida está paga. Ele sabe.”

“O que é, então?”

“Não sei.”

“Os anos que vivemos no Exército nos fizeram marcas que nunca desaparecerão. A lealdade, o esprit de corps... Você deve inconscientemente achar que o advogado continua a fazer parte do seu grupo. Afinal, durante meses —”

“Anos.”

“Ele te ajudou desinteressadamente. Conseguiu te absolver num processo difícil.”

“Seja o que for. Não quero fazer esse serviço.” Pausa. “Precisa ser feito?”

“Você me disse que o homem era um hedonista, não com essas palavras. Um gozador generoso, alegre, incapaz de odiar por muito tempo, que acabaria esquecendo o que houve — ah, a burrice do Mateus, ou o excesso de zelo, sei lá —, mas a informação que tenho é de que ele continua fazendo investigações por conta própria, encarniçado, disposto a descobrir quem fez mal a ele e à mulher. Sim, precisa ser feito. Creio que o serviço está com um operador chamado

Rafael, mas não tenho certeza, você sabe que eu não me envolvo com a linha de montagem.”

As crianças na piscina faziam tudo que o professor mandava. Agora nadavam com a cabeça dentro d’água, respirando somente no intervalo de quatro braçadas, sob o comando estridente do professor. Todos pareciam muito felizes brincando na água azul. Irritado, Lima Prado levantou-se abruptamente e, acompanhado por Hermes, seguido à distância por Capitão Virgulino, dirigiu-se para as quadras de tênis. Duas mulheres jovens, sem muita habilidade, tentavam bater na bola pelo menos duas vezes seguidas.

“Você tem que achar Zakkai. Achar e acabar. Se conseguir o videocassete, melhor ainda.”

Hermes, fleumático, olhou Lima Prado. “Rápido e rasteiro”, este acrescentou. Como costumavam dizer no regimento.

10

A cidade possuía um número imenso de pessoas, que ele nem tentava avaliar, com potencial para integrar a equipe de operadores do Escritório Central. Por motivos óbvios Mateus não incluía nesse elenco, conquanto se interessasse muito por eles, nem os trombadinhas, nem os ventanistas infantis, nem os meninos traficantes, nem os assaltantes de ônibus, nem os lanceiros de feira, a grande legião de delinquentes infantojuvenis que, nesse estágio inicial, podiam mostrar apenas arrojo. Mas acompanhava o desenvolvimento de alguns, esperando que amadurecessem e escapassem dos riscos diários do seu aprendizado nas ruas. Também não incluía os que, superada essa fase, tornavam-se assaltantes ordinários e estúpidos. A pessoa que ele procurava tinha que ter o instinto certo para matar, porque o impulso errado todos os homens tinham. Era preciso ter também a capacidade de desprezar e odiar. Desprezar ricos e pobres, fortes e fracos, feios e bonitos. Camilo Fuentes, sua grande descoberta, era assim. Mas agora não se podia mais contar com ele, infelizmente. Se os jovens eram muito nervosos, os velhos, não obstante a grande virtude da experiência, eram pessoas de baixa resistência e grande teimosia e, além de tudo, os velhos bons ou eram donos de seu negócio ou estavam aposentados. Ele mesmo pretendia parar quando fizesse quarenta e cinco anos, o que não estava muito distante. Procurava um homem com todas as qualidades de Fuentes. Podia ser da polícia, mas o Escritório Central nunca contratara um tira, ainda que muitas vezes policiais tivessem trabalhado para eles, em tarefas específicas e transitórias. Podia também ser um militar, eram pessoas disciplinadas e leais. Mas os militares costumavam ter a consciência pesada. Não era fácil encontrar um profissional realmente qualificado. Mateus olhou a relação dos nomes que havia escrito numa folha de papel e suspirou. Pensou nos bons tempos.

Depois de tentar várias profissões, logo que saiu da Funabem, Mateus fora trabalhar com um grupo, integrado por oito homens, que dava proteção a comerciantes em São João de Meriti. O chefe do grupo, conhecido como cabo Eronides, havia sido soldado da PM, de onde fora expulso por homicídio. Eronides orgulhava-se de nunca ter matado um inocente. “A gente tem de ter

certeza de que o cara é mesmo um assaltante peçonhento. Só então a gente vai lá e justiça ele.” Mateus participou, com o grupo, da morte de quarenta e oito “vagabundos e bandidos”. Havia outros grupos operando na Baixada. Eram conhecidos como “Polícia mineira” e nenhum era tão respeitado pela sua confiabilidade quanto o grupo de Eronides. Mateus adquiriu logo um lugar de destaque entre os companheiros e empregadores. “Esse rapaz é inteligente”, dizia Eronides. “Eu apenas não posso ficar parado e acordo cedo”, respondia Mateus. Quando o dia raiava ele já havia estudado tudo o que tinha de fazer naquele dia. Sabia que não era nenhum gênio, mas Eronides, que era menos inteligente do que ele, tinha casa, sítio, automóvel e dinheiro na caderneta de poupança. Foi Mateus quem sugeriu a Eronides que ampliassem a área de atuação do grupo, abrangendo também Belford Roxo. Ele mesmo dirigiu a matança do principal grupo que atuava naquela cidade. Um dia Mateus propôs a Eronides que além de dar garantias aos comerciantes o grupo devia dar proteção aos bicheiros e traficantes da área. “Você está maluco?”, disse Eronides. “Nós sempre ficamos dentro da moral, protegemos os comerciantes e suas famílias, não fazemos coisas escrotas.” Mateus tirou o S&W da cintura e apontou-o para a cabeça de Eronides. “Você não tem coragem de atirar, seu merda.”

Com a morte de Eronides o grupo passou a ser chefiado por Mateus. Ele era ambicioso e tinha capacidade de perceber o verdadeiro caráter das pessoas e entender as situações mais complexas. Quando tentou proteger os “médios” da cocaína, ele mesmo viu que não tinha força para desempenhar a tarefa. Nessa época conheceu Hermes, que o convidou para trabalhar no Escritório Central ganhando muito mais dinheiro. Não demorou muito a obter a confiança de Lima Prado. “O dinheiro compra, o dinheiro tranquiliza, o dinheiro alegra, o dinheiro fortalece”, disse Lima Prado no primeiro dia em que estiveram juntos, “mas não é tudo, lembre-se disso.”

“Para dormir eu tinha que deitar na cama e deixar o sono vir. Qualquer coisa me tirava o sono — ler, ver televisão, filme em videocassete, ouvir música. Quando era criança colocaram um relógio muito grande na minha mesinha de cabeceira e seu tique-taque não se ouvia de dia. Mas à noite, quando estava deitado, e minha mãe apagava a luz pela terceira vez ordenando que dormisse, eu ficava prestando atenção àquele ruído constante, imaginando as coisas que iria fazer, e ser, na vida: Beau Sabreur, Pimpinela Escarlate, Pardaillan — viria daí meu interesse pelo Percor, a lâmina de aço? —, imaginações retiradas de livros. Disse o médico consultado: “Esse menino só precisa dormir: dormir para sonhar”, o médico não sabia que eu sonhava acordado e passei a fingir que dormia,

enquanto continuava sonhando. Durante dois meses inteiros não dormi uma noite sequer.”

“Está bem, faz de conta que eu acredito”, disse Wexler.

“É a pura verdade”, eu disse. “Dois meses sem dormir.”

Elizabeth pegava um passarinho, quando estava na casa de campo de BB (Berta Bronstein), assim: ficava parada, olhando os passarinhos bicarem coisas no chão, avaliava, com vagar e paciência, a maneira de eles voarem, a velocidade, a direção, os recursos volatórios, e então, num determinado e inesperado momento, escolhia um dos passarinhos e dava um salto para onde ele não estava, mas estaria, e o pegava nos dentes, no meio do voo. “Solta, oh, larga o passarinho”, diziam as testemunhas (só percebiam muito depois que Elizabeth abocanhara o pássaro), e oh, oh, fascinadas pela ágil felinidade de Elizabeth, mas aceitando, oh, oh, no íntimo, o direito da gata de fazer o que bem entendesse, com aquele animal diferente, com asas.

Agora Elizabeth tentou pular para cima da televisão, onde gostava de deitar para ouvir vozes e sentir calor, e quase errou o salto, as unhas arranhando ruidosamente a superfície do aparelho.

“As coisas mudam”, eu disse. “Nada resiste ao tempo.”

Wexler nunca tivera uma mulher. Amava Ada, mas Ada era mulher do seu amigo. Wexler era judeu, e sendo judeu tinha um senso ético muito forte, uma consciência de certo e errado, uma responsabilidade com a justiça.

“Somos, fomos, milhares de anos, invejados—”

“Por serem melhores...”

Wexler não se importou com a nota forçada de ironia na minha voz.

“O certo é que ninguém sofreu como nós.”

“Os negros.”

“Chega a ser ridículo comparar a discriminação contra os negros, que começou no século XVI, com a nossa.”

“E uma consciência diferente.”

“Eles têm a África, um continente inteiro, e nós?”

Elizabeth deitou-se de lado e esticou-se no tapete. Ajoelhei-me ao seu lado e acariciei-lhe a barriga. Elizabeth tentou virar o corpo, mas sua unha ficou presa no tapete. Quando era jovem isso nunca acontecia. Seus reflexos não eram mais os mesmos. Naquela manhã Elizabeth entrara miando no meu quarto, quando abri a porta. À noite, depois que Ada mudara para o apartamento, a porta do quarto era fechada. Até então eu sempre dormia com Elizabeth; agora achava que dormir com as duas era demais. Na verdade eu gostava mesmo era de dormir sozinho. Assim, Elizabeth, toda noite, era gentilmente levada para sua pequena cama de vime que ficava na copa, e a porta do quarto era fechada. E toda manhã

ela entrava miando furiosamente, pulava na cama para cheirar os lençóis. Quando eu a colocava no colo as unhas dela ficavam presas no lençol.

“A perda de retratilidade das garras deve corresponder à nossa perda de memória recente. Vê como está ficando branca, olha o rosto dela. O tempo.” Pausa. “Pela ordem: peixes, vegetais, animais de sangue quente, fim do mundo.”

“Com ou sem bomba?”

“Com ou sem bomba.”

“E os insetos?”

“Essa é uma boa pergunta.”

“E as mulheres?”

“Mulheres?”

“As suas. Não sei como você pode se dividir tanto. Não quero discutir os aspectos éticos da promiscuidade.”

“Não, seu judeu moralista.”

“Apenas os logísticos: Ada, Bebel, Lilibeth. Não dá confusão? Nunca deu confusão? BB, Eva. A negra. Etc.”

“Existem pessoas tão fascinadas e atraídas pelo Outro que não se contentam com os contatos superficiais, os gestos sublimados, o imaginar secreto, as transferências compensatórias. Não, elas têm que ir ao fundo, se expor, pegar, explorar, exaurir, queimar. Vê esta ruga no meio das sobrancelhas? Marca dos homens que amam as mulheres ardorosamente.”

Era domingo de manhã.

Ada chegou, de short, tênis, o rosto vermelho de correr na calçada da praia. Suas coxas roliças brilhavam de suor. “Estou atrasada?”

“Não, claro que não.” Wexler estava perturbado só em saber que Ada tinha as pernas de fora. Manteve os olhos no rosto dela.

“Quem mais vem?”

“O Raul.”

“Vou tomar um banho rápido.”

Berta Bronstein (BB) não dormia nua porque não gostava de mostrar a pequena adiposidade que se projetava do seu ventre quando deitava de lado. Ada podia ficar em qualquer posição que seu corpo permanecia perfeito. Eu, que seguira Ada até o banheiro, ao olhar seu corpo despido notei que em nada se modificara desde o dia em que eu a conhecera saindo de uma aula de ginástica. Não, ela não engordara em Pouso Alto. Nem emagrecera. Um dente havia sido colocado no lugar do que fora arrancado naquele maldito dia. Continuava uma mulher linda. Porém, ao contemplá-la, constatei que não sentia mais a mesma emoção de antes. Há quanto tempo acontecia isso?

“Que cara triste é essa?” Ada colocou uma touca na cabeça e ficou com os braços elevados.

“Gosto do teu pectoralis major.” Toquei o peito de Ada acima do seio.

“Eu sei que você adora ver uma mulher com os braços assim levantados. Você me disse isso várias vezes. Por isso estou esse tempo todo mexendo na touca. Agora diga, você está pensando em quê?”

Era mais do que uma simples sensação de desejo, o que eu sentia antes, ao vê-la assim. Era uma sensação de maravilhamento, de espanto ante aquela nudez ardente, viva como nenhuma outra coisa viva. Agora... Onde estava aquilo? Como podia ter passado?

“Posso abaixar os braços?”

Abracei Ada. Beijei-a no rosto. Sentia vontade de chorar.

“Promete que joga aquela faca fora?”

“Que faca?”

“Você ainda me ama?” Intuição? Mas ela parecia tranquila, olhando-me de frente, estudando meu rosto.

“Mais do que antes. Cada dia que passa gosto mais de você.

“Gosta?”

“Amo.”

Senti, ou tive a impressão, talvez falsa, de que minha voz estava pouco convincente. “Amo, amo, amo.” Ouvi a campainha da porta tocar. “Deve ser o Raul.”

Ada apertou os braços em volta do meu corpo. “Deixa, o Wexler abre a porta. Me dá um beijo.”

Beijei Ada de leve, no rosto.

“Um beijo de verdade”, disse Ada.

“Um beijo de verdade me dá tesão e eu tenho que voltar para a sala.” A boca de Ada procurou a minha com sofreguidão.

Nesse instante, na praça Onze, num dos trailers do Circo Garcia, que servia de camarim e residência dos palhaços, dois homens conversavam.

“Ter amigos é melhor do que ter dinheiro. Não esquecerei o que você fez por mim.”

“Um lugar de palhaço no circo?”

“Os dois apartamentos.”

“No Balança? Grandes coisas”, disse Amândio Ferreira, um português troncudo de rosto quadrado, não muito mais alto do que seu interlocutor. O português havia trabalhado em circo como amarra-cachorro e agora era despachante. Sempre que chegava um circo na cidade Amândio era contratado

para tratar dos papéis junto às repartições públicas. Ele conseguira alvará para o circo instalar-se durante três meses naquele local.

“Preciso me esconder uns tempos e sei que jamais me procurariam aqui ou no Balança. O sujeito que quer me pegar é um homem poderoso. Mas o tempo está a meu favor e contra ele. Como? Não sei. Meu instinto de rato me diz isso. Há também um videocassete.”

“Um videocassete?”

“Não sei o que contém, mas existe gente disposta a tudo para botar a mão nele. Sumiu. Eu queria que você pusesse este anúncio nos classificados de *O Globo* e do *Jornal do Brasil.”*

“Videocassete desaparecido. Pago melhor preço. Sigilo absoluto. Cartas para a portaria deste jornal”, leu Amândio.

“É para deixar o homem maluco. Quem está com a coisa não vem nesse pio, eu sei. Vai ficar uns tempos na moita, a mercadoria já está ficando meio maldita, como aquelas coisas roubadas do túmulo do Tutancâmon.”

“Quem é esse sujeito?”

“Antigamente eles enterravam as pessoas importantes com os seus tesouros, joias, ouro. Ladrões, mais cedo ou mais tarde, roubavam tudo.”

“O único ouro que vai ser enterrado comigo é esse dente aqui”, disse Amândio.

“Também vai ser roubado. Existem quadrilhas operando em todos os cemitérios do Rio. Teve uma época em que ganhei a vida como dentista da meia-noite, arrancando dente de cadáver no São João Batista “

“Ó Nariz, tu já foste tudo.”

“Só faltava ser palhaço.”

Um pouco mais tarde Nariz de Ferro, carregando uma pasta de papelão, atravessou a rua de Santana, que ficava ao lado do terreno onde estava instalada a lona do circo, e entrou no edifício Balança Mas Não Cai. Subiu pelo elevador ao décimo oitavo andar. Caminhou pelo longo corredor cheio de portas até encontrar a que procurava. Tirou uma chave do bolso, abriu a porta, entrou e passou o trinco.

O apartamento tinha quarto, sala, kitchenette, banheiro. Na sala havia duas poltronas e um sofá, apenas. No quarto duas camas de solteiro colocadas juntas, com dois colchões manchados, sem lençol. Nariz de Ferro deitou-se numa das camas e fechou os olhos.

Sentiu vontade de ter uma mulher ali com ele, na cama, uma mulher loura, de cabelos muito finos que esvoaçassem à mais leve brisa, de olho azuis transparentes, de rosto muito branco e mãos pequenas. Mas como os cães, que

guardam melhor com fome, ele sabia que a privação também o deixaria mais vigilante.

Não dormiu muito. Logo bateram à porta. Fuentes.

“Alguma coisa?”, perguntou Nariz de Ferro.

“Fizeram o serviço com uma faca ordinária, que se vende em qualquer lugar.”

“Isso eu li nos jornais.”

“Mas você não leu que eu conheço um sujeito que faz um trabalho de açougueiro e gosta de usar esse material. Ele tem coisa boa, de primeira, mas às vezes usa faca de matar galinha. O nome dele é Rafael. Trabalhamos juntos para o Mateus.”

“Rafael. Já ouvi falar nele. Dizem que é muito bom.”

“Não sei. Ele é covarde e mau.”

“Mas tem fama.”

“Quem é que não tem fama depois de matar meia dúzia de pessoas?”

“Mateus nunca falou no Lima Prado?”

“Nunca.”

“Lima Prado deve ter mandado matar o Mitry. Queima de arquivo. Esse Lima Prado é bandido, mas se eu disser isso ninguém acredita. Seria o mesmo que afirmar que o papa estuprou uma menina de oito anos.”

“Já teve papa que estuprou menina de oito anos?”

“Talvez. Mas isso foi antigamente. E esse Rafael? É fácil de encontrar?”

“Não sei.”

“Ele gosta de quê? Mulher?”

“Dinheiro.”

“Como todo mundo.”

“Rosas.”

“Rosas? Flor?”

“Ele planta rosas para vender, em algum lugar.”

“Então é fácil de achar. Tenho contatos no Mercado das Flores. Apertado ele abre o bico?”

“Ele é um cagão.”

“E o tal Professor?”

“Rafael diz que aprendeu a usar a faca com ele. Pode ser mentira. Ninguém conhece o sujeito. Talvez Mateus.”

“Esses são os camaradas que estão atrás de nós, pelo que me informaram. Deve haver outros. Mas eu também tenho minha gente. Você não se chateia se eu não disser quem são. Não é?”

“Não estou interessado. Vou cumprir a minha parte. Você cumpre a sua.”

“Já fiz o primeiro depósito na sua conta. Passa no banco e confere.”

“Já passei.”

“Outra coisa. No sexto andar mora uma puta. Vai lá e dá uma trepada. A polícia está atrás de você e se te pegarem, é uma hipótese, mas temos que prever tudo, você tem que explicar tua vinda aqui. Ela está esperando um homem chamado Roberto. Você é Roberto. Me dá dois dias pro meu pessoal achar o Rafael. Passa aqui segunda-feira, à mesma hora. Antes vai ver a mesma mulher, de novo na segunda-feira. Hoje e na segunda-feira.”

Fuentes desceu ao sexto andar e tocou a campainha do apartamento indicado por Nariz de Ferro. Uma mulher entreabriu a porta, presa por uma corrente.

“Sou o Roberto.”

“Demorou, hein?”

A mulher fechou a porta. Fuentes ouviu o barulho de trincos sendo manobrados antes de ela abrir a porta novamente.

A televisão estava ligada no *Povo na TV.* Um aparelho de ar condicionado colocado na janela refrigerava a sala. “São cinco mil. Adiantados.”

“Cinco mil?”

“Mas eu faço tudo. Tudinho. Quer um uisquinho? Meu nome é Aura.” A mulher foi até à geladeira, que ficava num canto, tirou uma bandeja de gelo. Colocou a bandeja debaixo da torneira da pia.

“Eu não bebo”, disse Fuentes, examinando o apartamento.

“Mas eu bebo.” Cantou: “Eu bebo sim, e estou vivendo, tem gente que não bebe e está morrendo”.

Era uma mulher de uns trinta anos, de cabelos oxigenados. Tinha a pele das pessoas que apanham muito sol nos domingos e nenhum nos outros dias. Colocou as pedras de gelo num copo, enchendo-o pela metade de Drury’s Special Reserve.

“Você tem camisinha?”, perguntou Fuentes.

“Pra que você quer camisinha? Eu sou limpa.” Cantou: “Mulher nova bonita e carinhosa faz o homem gemer sem sentir dor”.

“Você devia ir ao programa do Chacrinha.”

“Já fui!”

“Fon! Fon!”

“Buzinada? Eu? Já vi que você não entende de música. Ganhei nota máxima. Fui convidada para gravar uma bolacha dupla na Phonogram.”

“E a camisinha?”

“Não tem. Isso aqui não é farmácia.”

“Vamos fazer o seguinte. Taí a grana. Você compra a camisinha e eu volto na segunda-feira.”

“Não é justo. Não gosto de deixar freguês na mão.” A mulher contou o dinheiro, em notas de mil.

“Segunda-feira gravamos uma bolacha dupla”, disse Fuentes.

“Podemos fazer outra coisa, hoje.”

“Segunda-feira.”

“Você quer ouvir as músicas que vou gravar?”

“Segunda-feira.”

“Tem um samba, do Zé Piche, *Maxi sofrimento,* que vai estourar nas paradas.”

“Segunda-feira.”

“Mas você vem mesmo?”

“Positivo. Segunda-feira.”

11

As cartas estavam escritas num papel de linho levemente encrespado. As letras azuis eram desenhadas lentamente, como se Luíza pensasse muito devagar, ou controlasse seus sentimentos, subordinando-os ao ritmo lento da mão e do corpo. “Não odiei o seu filho. Uma maldição terrível marca esta família. Creio que Fernando era tão louco quanto a irmã.”

Lima Prado olhou para a luz fraca que entrava pela janela. Devido às obras a luz elétrica fora desligada em São Clemente. Ele teria que sair dentro de pouco tempo, pois a casa ficaria totalmente às escuras.

“Felizmente o menino é normal, graças à Virgem Santíssima Misericordiosa. Deus não quis que o filho do pecado incestuoso fosse estigmatizado com a doença dos pais.” Outra carta.

Agora a casa estava totalmente às escuras. Deixou-se ficar na cadeira ao lado do grande cofre. A velha escondera a verdade dele. Induzira-o a supor que seu pai era Bernard Mitry quando ele era mesmo filho de Fernando. Sua mãe era Maria Clara, a tia louca que uivava no porão. “Muitas coisas os mortais aprenderão vendo; mas, antes que veja, nenhum homem pode ler o futuro ou o seu destino.” (Lima Prado era dado a citações de autores gregos. Havia também no Caderno: “My eyes have seen what my hand did”.) Um louco não tinha aquele tipo de memória inteligente. Todo louco sabia que era louco. Todo louco era conhecido como louco. Esse não era o caso dele. Era melhor se preocupar com o Grande Prêmio Brasil, que corria no dia seguinte. E com o encontro que teria com Mônica naquela noite.

Andando lentamente, mas mesmo assim tropeçando várias vezes nos objetos que os operários haviam deixado espalhados, Lima Prado saiu da casa. Na varanda, com uma lanterna de pilha, estava um vigia, sentado numa cadeira. Levantou-se ao ver Lima Prado.

“Estou indo embora. Boa noite.”

“Boa noite, doutor.”

No pátio, ao lado do carro, Capitão Virgulino esperava-o.

“Vamos na casa da moça.” Entrou no carro e recostou-se, esticando as pernas. “Assim, enquanto nossos olhos aguardam para ver o último dia...”

Mônica o esperava de mau humor. Era muito desagradável ficar casa esperando que mr. X telefonasse ou aparecesse. Ele lhe dava joias e dinheiro, mas de que valia isso se ela vivia trancada sem ver ninguém? No princípio ela ainda acreditava que levava alguma vantagem naquela relação, mas agora sentia-se lesada e infeliz. Nem mesmo sentia mais prazer nas sacanagens que fazia com mr. X. Sacanagem era bom mesmo quando você gostava da pessoa. Do contrário perdia a graça em pouco tempo.

“Como é... Furacão Branco?”

“Furacão Branco?”

“Ajax — o Furacão Branco, o detergente que acaba com todas as sujeiras. Você nunca viu o anúncio na televisão?”

“Eu nunca vejo televisão. Não me trata assim não.”

“Assim como?”

“Por favor.” Ele sentiu com a mão o volume da Roderick Caribou Chappel dentro da bainha presa no talabarte.

“Assim como, Ajax? Argh, coisa mais ridícula.”

“Por favor.”

“Não aguento mais.”

No dia seguinte Lima Prado chegou cedo ao hipódromo da Gávea. Foi diretamente para a coudelaria, onde encontrou o tratador Moreira.

“Como foi que ele passou a noite?”

“Mais ou menos, doutor. Ele sempre dorme mal. Ele é nervoso, doutor. Vim várias vezes durante a noite ver como ele estava. Teve uma hora em que eu cheguei aqui e ele estava olhando a lua, como se soubesse que a lua era a lua. Às vezes eu penso que esse cavalo tem qualquer coisa de humano.”

“E o Pinheirinho?”

“O garoto está calmo. Nem parece que vai correr o Grande Prêmio”

“Onde é que ele está?”

“Vai procurar o Pinheiro”, disse Moreira a um cavalariço.

“Estou apostando muito dinheiro no nosso cavalo. Posso ficar tranquilo?”

“Pode, doutor. Só se caísse uma chuva daquelas. Mas isso não vai acontecer, Deus é grande.” Moreira olhou para o céu azul sem uma única nuvem.

“E Cronópios, o argentino?”

“Não é páreo.”

“E a égua chilena?”

“La Celestina? Não pega nem placê.”

Pinheirinho aproximou-se com uma revista do Tio Patinhas na mão.

“Como é, garoto? É hoje o dia. Tudo bem?”

“Tudo bem. O Conselheiro está na ponta dos cascos. É até covardia.”

“Vou almoçar aqui mesmo. Qualquer coisa estou lá em cima, Moreira.”

As tribunas começaram a encher cedo. Durante o almoço sentou-se à sua mesa o Apolônio de Almeida Pinto, ministro aposentado do Supremo, um homem que fora amigo de sua avó.

O ministro vestia um terno de linho branco, com colete, apesar do calor. Sua imensa calva brilhava intensamente.

“A cada ano que passa a frequência fica mais vulgar”, disse o ministro. “O que vemos aqui, agora, é uma rafameia em trajes esportivos, mulheres de idoneidade dúbia e elegância ainda mais suspeita. Cavalos são trocados para enganar os apostadores inocentes. Cometem-se as piores tranquibernices, envolvendo proprietários e tratadores. Até bicheiro já tem cavalo aqui. E não suponha que o que estou dizendo são rabugices senis de um velho de noventa anos. Fiz noventa este mês e estou mais lúcido do que antes.”

“Meus parabéns”, disse Lima Prado.

“Sabe quando vi a primeira corrida de cavalos? Vinte de junho de 1903. Assisti com meu pai ao Grande Prêmio Cruzeiro do Sul. Eu tinha apenas dez anos de idade. O presidente da República, Campos Sales, compareceu, acompanhado da família. E sabe quem serviu de juiz à chegada do Grande Prêmio? O doutor Lauro Müller. Ministro da Indústria. Veja a diferença entre ontem e hoje. Ontem, um ministro, e da grandeza de Lauro Müller, era o juiz de chegada! Hoje—”

“É o fotochart.”

O presidente da República chegou quinze minutos antes do início do Grande Prêmio Brasil. Sua chegada à tribuna de honra foi comunicada aos presentes pelos alto-falantes das várias tribunas. Algumas palmas, não muito calorosas. O presidente já havia sido apresentado a Lima Prado na Sociedade Hípica Brasileira; perguntou pelo seu cavalo Conselheiro e seguiu cumprimentando as pessoas que se comprimiam à sua volta. Todas as tribunas do Jockey Club Brasileiro estavam lotadas. Esperava que, apesar da crise, fossem batidos todos os recordes de apostas.

Quando, no totalizador, apareceram as apostas para o Grande Prêmio Brasil, Conselheiro ocupava o segundo lugar, logo após o argentino Cronópios. Comentava-se que Conselheiro deixara de ser o favorito absoluto pelo fato de ser

montado por um aprendiz. Postado na tribuna de honra, perto do presidente da República, de ministros de Estado e outros personagens poderosos, momentos antes de um cavalo seu correr a “maior prova do turfe latino-americano”, Lima Prado sentia um enorme tédio. Sentia também algo que não conseguia definir, que estava ligado ao fato de ser filho incestuoso da mulher que uivava no porão da rua São Clemente, quando ele era criança.

12

Todos os jornais de segunda-feira publicaram, na primeira página, a vitória de Conselheiro no Grande Prêmio Brasil, “confirmando a excelência da criação nacional de puros-sangues”. Havia fotos do cavalo, do aprendiz Pinheirinho, subitamente tornado famoso, e do presidente da República cumprimentando o proprietário de Conselheiro, “o industrial Thales de Lima Prado”, uma foto cuja raridade — a primeira do poderoso homem nos jornais — passou despercebida a todos os jornalistas.

Fuentes e Nariz de Ferro haviam combinado encontrar-se às treze horas na rua de Santana. Antes Fuentes passou no apartamento de Aurora. Da rua ele havia telefonado, avisando que estava a caminho e não queria encontrar nenhum outro cliente no apartamento.

“Vem cá, quero te mostrar uma coisa”, disse Aurora levando Fuentes para o quarto. Sobre a mesinha de cabeceira havia três pilhas de pequenas caixas de papelão.

“São doze caixinhas, cada uma com três camisinhas. Está bem assim?”

Aurora sabia que havia homens que não gostavam de brincadeiras na cama, que apenas tinham como único desejo penetrar a mulher, invadi-la com sua carne e sua porra. Aquele era um deles — com preocupações antissépticas, para complicar ainda mais as coisas.

Fuentes pegou uma das caixinhas, leu os dizeres impressos, inclusive as letras miúdas, depois abriu a caixa, retirou um dos preservativos encerrado num envelope de plástico transparente e leu o que estava escrito.

“Com isso você ainda tem medo?”

“As mulheres me metem medo sempre.”

“Um homem desse tamanho. Você devia ser igual ao Vinícius.” Cantou: “Enquanto eu tiver língua e dedo mulher nenhuma me mete medo”.

“Isso é uma música?”

“Não foi gravada.”

Fuentes olhou as horas no relógio de pulso. A mulher não o atraía. Ia ter que jogar fora mais cinco mil cruzeiros. O dinheiro era do anão, mas jogar dinheiro fora, mesmo dos outros, incomodava Fuentes.

“Você já ouviu falar em fleur-de-rose?”, perguntou Aurora.

“Não sei quem é.”

“Por onde é que você tem andado? Você é virgem ou coisa parecida”

“Sou.”

“Não brinca. Palavra de honra?” Aurora não acreditava, mas havia uma remota possibilidade de ser verdade, o que a excitava.

“É só olhar para a minha cara.”

“Então é mentira. Virgens são meninos tenrinhos com a cara cheia espinhas.”

“Isso é bobagem. Quando eu era menino os brasileiros diziam que tocar punheta fazia as pessoas ficarem cegas ou então crescer cabelo na palma da mão.”

“E você não ficou cego.”

Silêncio.

“Fiquei. Deste olho.”

Aurora se aproximou e fitou o olho de Fuentes. “E você não enxerga nada, nadinha dele?”

Fuentes pensou na moça que vendia uma córnea. Marluce? Teria vendido? Devia ter fechado negócio com ela.

“Como é?”

“Como é o quê?”

“Deita aí.” Aurora tentou empurrá-lo. “Caramba, você é pesado.”

Fuentes tirou um maço de notas do bolso e separou cinco notas de mil.

“Eu não trabalhei, não mereço ganhar. Não é justo.”

“Trabalhou, sim. Perdeu tempo comigo.” Fuentes jogou o dinheiro sobre o sofá. Ao caírem as notas se espalharam.

“Quer um cafezinho?”

“Não. Aguarde um telefonema meu para marcar a próxima vez.”

“O que está havendo com os homens?”

“O que está havendo com as mulheres?”

“Vou fazer um preço mais camarada para você.”

“Este preço está bom.”

“Os fregueses me adoram. Você não sabe o que está perdendo. Isso não está certo. Ei, pelo menos diz até logo.”

“Até logo.” Fuentes bateu a porta.

Tocou a campainha, três toques longos e dois curtos, conforme o combinado com Nariz de Ferro.

Os dois em pé na sala, junto da porta fechada, conversaram rapidamente.

“Passou lá na puta?”

“Passei.”

“Descobri onde o nosso amigo planta as flores dele. Friburgo. Tenho um helicóptero esperando por nós no Santos Dumont. Você sai na frente e pega um táxi que está parado na porta do edifício. No volante está um portuga chamado Amândio. Gente minha. Você entra no assento traseiro e espera por mim.”

Antes de entrar no táxi, Fuentes olhou cuidadosamente em volta. Um PM, com o quepe branco dos guardas de trânsito impedia que outros carros parassem no meio-fio. O táxi do português parecia invisível para ele. A bandeira do taxímetro estava arriada. Havia um homem no meio-fio, com uma pasta preta na mão, mas estava apenas esperando uma oportunidade de atravessar a rua, o que fez logo em seguida.

“Amândio.”

“Entra.”

Fuentes percebeu que o motorista evitava olhá-lo pelo espelho retrovisor. Fuentes via sua testa e os olhos, enterrados numa órbita funda coberta por sobrancelhas grossas e desalinhadas. O pescoço era grosso. Em alguma época da sua vida aquele homem fizera pesados trabalhos braçais. Esses galegos são resistentes, pensou. O rádio do carro estava ligado e um locutor falava sem parar. Depois tocou uma música. Depois o locutor voltou a falar. Fuentes começou a ficar impaciente e irritado.

“Não gosto de esperar”, disse Fuentes quando Nariz de Ferro entrou no carro.

“Nem eu. Motivo de força maior.”

O táxi desceu pela Presidente Vargas até à avenida Rio Branco. O transito na Rio Branco estava muito lento.

“Se há uma coisa que eu odeio é ficar preso dentro de um carro. Entendo sua irritação. Uma vez fiquei dentro de um carro a noite inteira, na avenida Brasil, numa dessas enchentes de março. Pensei que ia enlouquecer”, disse Nariz de Ferro.

“Por que não saiu e foi andando?”

“Nadando seria mais próprio. Eu digo por quê. Porque dentro mala do carro eu tinha um pacote, um pacote de cinquenta quilos, um pacote de cinquenta quilos de um metal, um pacote de cinquenta quilos de um metal amarelo, um pacote de cinquenta quilos de um metal amarelo precioso, um pacote de

cinquenta quilos de um metal amarelo precioso chamado ouro. Sabe quem fala assim? Carlos Lacerda, o maior orador da história do Brasil. Não foi do seu tempo. Sabe quanto valem cinquenta quilos de ouro? Existem coisas que valem mais, por peso, como veneno de jararaca. Mas ouro é ouro, é ouro, é ouro. Sabe quem falava assim?”

Fuentes encarou Nariz de Ferro.

“Não me olhe com essa cara. Somos aliados. Sei que falo demais. Quando fiquei preso na avenida Brasil, no meio das águas, eu falava se parar e sabe por quê? Porque só comecei a falar aos oito anos e minha mãe, e todo mundo, pensava que eu era mudo. Um problema de compensação. Esse trânsito de merda não anda. Eu não falava nem babá — de qualquer forma, um anão preto raramente tem babá — nem falava dadá, ou mamá, ou chá-chá-chá. Isso foi do seu tempo, chá-chá-chá? Eu era mudo, ainda que provisório. Imagina o sofrimento das poucas pessoas que conseguiam sofrer por mim. Quando são poucas as pessoas que podem sofrer por outra, o sofrimento é maior, ainda que menos espetacular e repercutível. Quando morre um artista famoso, um montão de pessoas grita as suas lamentações, mas na verdade cada um sofre um pouquinho apenas, mas tudo junto parece um maremoto de dor. Mas vamos imaginar uma mulher sozinha cujo único filho morre. Isso não te a menor repercussão — merda de trânsito — mas o sofrimento dessa mãe singular é maior do que o sofrimento epidérmico das outras centenas pessoas lamentando a morte do ídolo, e todos os ídolos têm pés de barro e cu de hemorroidas. Outra coisa que acontece com os ex-mudos é que eles falam como se estivessem num barato, meio pro doidão. Falar me embriaga e quanto mais eu falo mais parece que estou de porre. As palavras, meu carrancudo amigo, antigamente, davam tesão e faziam chorar, faziam revoluções, faziam as pessoas se matarem, mas agora fazem apenas as pessoas terem um ar estúpido, como você — sem querer ofender. Merda de trânsito.”

Afinal chegaram ao Santos Dumont. Um helicóptero esperava por eles. Os dois embarcaram, os motores foram ligados e logo o aparelho alçou voo.

“Olha...”, começou Fuentes. Parou.

“Você não sabe como se dirigir a mim. Me chama de Nariz.”

“Olha, senhor Nariz—”

“Senhor Nariz. Nariz, Nariz, nariz que nunca se acaba, nariz que se ele desaba fará o mundo infeliz. Sabe quem falava assim?”

“Olha, Nariz. Você não tem nome?”

“José.”

“Olha, José—”

“Não. Ninguém me chama de José. Só eu mesmo.”

“Olha, Nariz, você falou, falou, falou. Minha vida inteira eu só ouvi mentiras. Mentiras são palavras.”

“Essa é uma frase de um índio. Os índios não sabem pensar.”

“Os negros sabem?”

“Também não.”

“Os brancos sabem?”

“Também não. O mundo está assim há muito tempo. Ninguém sabe aquilo que interessa à felicidade das pessoas. A Astronomia vai bem, a Física, a Química, mas nós, os anões, os pretos, os índios, e até mesmo os brancos, estamos cada vez mais em pior situação. Alguma coisa tem que ser feita, antes da grande catástrofe, da hecatombe, entendeu? Estou tergiversando, eu sei, mas temos que criar um mundo novo para os fracos. Mais força para os fracos! Posso falar horas sobre isso!”

“Mas eu não quero ouvir.”

“É um direito seu.”

O resto da viagem foi feito em silêncio.

O helicóptero desceu numa clareira, onde havia um automóvel. Um homem, em pé ao lado da porta aberta, acenou para o helicóptero. Nariz de Ferro e Fuentes saltaram e entraram no carro, no banco de trás. No banco da frente, ao lado do motorista, sentou-se o homem que acenara. Ele e o motorista eram negros e vestiam-se de terno azul-marinho e gravata.

“Ele tem segurança?”, perguntou Nariz de Ferro.

“Não. Tem meia dúzia de empregados, mas já saíram a esta hora. O homem está sozinho.”

Nariz de Ferro olhou a paisagem.

“Não morava num lugar destes nem morto. Oxigênio demais. Você trouxe a caixinha?”

“Está no meu bolso”, disse Fuentes.

Nariz de Ferro começou a rir, pequenas gargalhadas que logo se tornaram estrepitosas e convulsivas. Fuentes manteve-se sério.

“Essa ideia nunca me passaria pela cabeça”, conseguiu dizer Nariz de Ferro, no intervalo das gargalhadas.

Afinal chegaram ao sítio de Rafael. Via-se da estrada a casa, de um pavimento, estilo fazenda antiga, atrás de um grande muro de pedra, o roseiral ficava nos fundos.

“Vocês fiquem aqui”, disse Nariz de Ferro, saindo do carro com Fuentes.

O portão não estava trancado. A casa tinha uma varanda na frente. Não havia campainha. Nariz de Ferro bateu na porta. Rafael abriu a porta. Não

pareceu surpreso ao ver os visitantes. “Oi, China”, disse. “Quem é o nosso amigo?”

“Nariz de Ferro, às suas ordens.”

“Não sabia que você era um anão. Vamos entrando.” Deu um passo para trás.

A sala em que entraram tinha duas mesas com papéis, um telefone, uma máquina de escrever grande, antiga, uma tesoura pontuda, aberta. No centro, um arquivo de metal velho, pintado de verde-escuro.

“Nem eu sabia que você cultivava rosas.”

“Tenho mais de cento e cinquenta espécies. Aprendi a gostar de rosas com minha mãe. Tínhamos uma casinha em Bangu, onde ela plantava rosas.” Seu olhar passou do rosto de Fuentes para o de Nariz de Ferro e voltou para o de Fuentes. “Nunca vi rosas mais bonitas do que as de mamãe. Rosas são coisas sublimes.”

Rafael apanhou a tesoura em cima da mesa. “Vou lá fora apanhar umas rosas para você.”

Rafael deu um passo à frente. Fuentes foi mais rápido. Pegou a máquina de escrever com as duas mãos e arremessou-a com violência contra o peito de Rafael.

Quando voltou a si, Rafael estava com os pés e as mãos amarrados. Fuentes e Nariz de Ferro, sentados ao lado, olhavam para ele. “Que é isso, China? Ficou maluco, porra!”

“Queremos apenas fazer algumas perguntas”, disse Nariz de Ferro.

“Você é feio, hein, ô Nariz.”

“Se você fosse uma mulher isso me deixaria preocupado.” O sujeito não parecia medroso, como Fuentes afirmara.

“Você é que fez o serviço na Vieira Souto? As meninas e o bacana?”

“Ordens dos homens. Sou um soldado. Como você.”

Rafael contou em detalhes a morte de Mitry. Tatá e Titi.

“Você não usa mais a Cassidy?”

“China, aquela faca tem um passado, tem uma história. Resolvi guardá-la, sabe, para não estragar. Vou deixar pros netinhos. Ei, China, você não precisa me amarrar pra me fazer perguntas. Fala aí pro anão que eu sou gente boa.”

“E o videocassete?”

“Que videocassete?”

“Aquele mesmo que procuramos na casa do advogado. Você enfiou a faca no cu da mulher dele. A Cassidy.”

“Águas passadas não movem moinhos.”

“E o videocassete?”

“China, China, você vai querer brigar com os homens? O anão aí não te dá cobertura não.”

Fuentes tirou do bolso uma caixinha de papelão vermelha, com um rótulo onde estava escrito “Homeopatia de Faria, Variolinium 200a., 10 papéis”. Dentro havia três baratas grandes, cascudas, vivas.

Fuentes retirou uma das baratas, que se debateu entre seus dedos, agitando pernas e antenas. Ao ver a barata Rafael arregalou os olhos e ficou lívido. Fuentes curvou-se sobre ele, segurou seu rosto e começou a enfiar a barata na boca de Rafael. Rafael trincou os dentes e procurou livrar o rosto da pressão dos dedos de Fuentes. Os dois lutaram por algum tempo. Espremida contra os lábios cerrados de Rafael a barata espedaçou-se cobrindo-lhe a boca e o queixo com uma gosma viscosa, fedorenta. Fuentes olhou o rosto de Rafael, que rolou pelo chão como um rato envenenado, raspando a boca no assoalho.

“E o videocassete?”, perguntou Fuentes.

Rafael vomitava, espasmos violentos que não o deixaram ouvir a pergunta.

“Dá um tempo”, disse Nariz de Ferro. Um cheiro acre repugnante invadiu o ar. Esperaram.

Rafael rolou para longe do vômito do chão. Deitado, meio de lado (as mãos amarradas não lhe permitiam uma posição confortável em decúbito dorsal), os olhos fechados, parecia um cadáver, não fosse o sangue que escorria da verruga do seu nariz.

Esperaram.

Rafael abriu os olhos. Os olhos dele e os de Fuentes se cruzaram, um tentando entender o outro.

“E o videocassete?”, disse Fuentes.

“O problema é que ele não é covarde”, disse Nariz de Ferro. “Nojo de barata acho que só nós dois, no mundo inteiro, não temos, eu vi como você pegou nela. Certa época, quando eu não tinha onde morar e dormia na soleira das portas, surgiu na cidade um matador que jogava gasolina nos mendigos que dormiam e ateava fogo. Matou um monte. Eu senti que ele ia me pegar, sabe, tive aquele pressentimento. E ele quase me pegou mesmo. Acordei com o corpo todo molhado de gasolina, ele tentando acender um fósforo e jogar em cima de mim, com a cara de quem está acendendo o gás de um fogão. Corri como um louco. E depois daquele dia passei a dormir dentro de um bueiro. As baratas passeavam em cima do meu corpo, mas eu sabia que não iam me fazer nenhum mal, no máximo chupar um pedacinho de lábio aqui, uma pelinha do dedo ali, mas com elas eu estava seguro, a morte estava lá fora, tinha duas pernas, dois

braços, uma cabeça, como eu, feita à imagem e semelhança de Deus Nosso Senhor Jesus Cristo.”

“O videocassete?” Pareceu a Nariz de Ferro que a voz de Fuentes continha um certo desgosto. Um dia de surpresas.

“Não achei, China.”

“Não me chama de China. Eu pedi tantas vezes.” Não havia rancor, agora. Os dois estavam cansados. Haviam chegado ao fundo.

“Você procurou bem?”, perguntou Nariz de Ferro.

“O cara... o granfa tinha milhares de cassetes... mas esse... uma caixa preta...”

“Ele não achou”, disse Fuentes.

Nariz de Ferro apanhou a tesoura que estava no chão. Estendeu-a para Fuentes.

“Acaba com ele.”

“Não mato um homem amarrado.”

Rafael fechou os olhos.

“Eu mato”, disse Nariz de Ferro.

13

Em minha vida envolvi-me em muitos casos complicados, cheios de coincidências inacreditáveis e mistérios sinistros indecifráveis. Talvez o caso Mitry tenha sido o pior de todos, o mais confuso. Certos episódios — como a morte de Rafael, por exemplo (o assassinato de um "pequeno comerciante de flores" por assaltantes desconhecidos não despertou o interesse da imprensa e nem mesmo da polícia, que tratou da coisa rotineiramente e jamais apurou a verdade) — só chegaram ao meu conhecimento muito mais tarde. Os Cadernos de Lima Prado foram dificílimos de interpretar e o trabalho que tive para traduzir essa verdadeira Pedra de Roseta mereceria uma nova *Carta a M. Dacier.* Além de tudo, eu atravessava uma fase difícil da minha vida, do ponto de vista sentimental. Ada e seus quadríceps salientes curvilíneos sumptuosos, a elegância lânguida mórbida de Lilibeth, a pervertida candura de Bebel eram meu deleite bem-aventurado. Eu acreditava que amava a todas elas, que precisava da variação dos scripts, das retóricas, das fantasias, dos triunfos sexuais que elas me propiciavam. "Gostar das mulheres dessa maneira é ainda mais neurótico do que odiá-las", dizia Wexler. Talvez eu tenha sido neurótico na fase fetichista da Randall, dominado pelo animus necandi. O mundo à minha volta era o mundo de Mitry. "Grassa uma nova loucura", ele disse antes de morrer. Eu fornicava, esperando a morte chegar. "Depois de mais de seiscentos anos uma tríplice conjunção de Saturno, Júpiter e Marte ocorre no quadragésimo grau de Aquário", disse Bebel, repetindo o que os sábios da Universidade de Paris haviam dito a Filipe VI. "Uma outra Peste Negra está a caminho, vamos aproveitar." O fim estava próximo para quem tinha todos os dentes, como diria depois Zakkai, o Nariz de Ferro.

Deixando de lado a questão ética — esse ângulo do problema não era desprezado por mim, mas na realidade ter várias mulheres não deixava a minha consciência pesada, era-me fácil racionalizar alegando que o ser humano devia ter liberdade de exercer sua capacidade de amar mais de uma pessoa etc. — existiam ainda assim problemas complicados me incomodando, principalmente

de ordem prática, afinal o dia continha apenas vinte e quatro horas e eu tinha que trabalhar, mesmo que fosse pouco, deixando o Wexler me carregar nas costas, e dormir, mesmo que fosse pouco, e nisso eu perdia pelo menos umas dez horas por dia, cinco para cada coisa. As catorze restantes eram consumidas com minhas amadas.

Nenhuma das três estava disposta a aceitar aquela situação.

"OK", disse Bebel, "a magrela tem antiguidade e por isso vou te dar um tempinho para você acertar as coisas com ela, sem dor."

Lilibeth passando a mão no meu peito: "Quem te arranha assim é essa mulher que mora com você?" (A Elizabeth, com a idade, não controlava as unhas e às vezes, quando eu a ia colocar no chão, depois de mantê-la muito tempo no colo, ela, possuída por um medo senil, cravava as garras no meu peito.) "Uma gata, gata, um felino de quatro patas?", exclamava Lilibeth, "não acredito, isso é unha de mulher. Que coisa mais desagradável ter um namorado que namora outra mulher que arranha ele todo."

Ada de nada sabia. Era a mais antiga, como Bebel dizia, e se soubesse me abandonaria. Ada queria casar e ter filhos. Isso me deixava desanimado e infeliz. Existiam homens que haviam nascido para ser maridos, pais, chefes de família. Eu não conseguia me ver num desses papéis. E, no entanto, todas as mulheres queriam casar e ter filhos comigo. Durante certa época, para me defender disso eu fingia que era casado com uma mulher chamada Hortênsia, natural de Pindamonhangaba, lugar aonde ela ia com frequência visitar a família. Berta Bronstein logo descobriu que era mentira. Foi Berta quem me fez desistir daquela impostura infantil. Berta era muito engraçada. Não, Berta não era muito engraçada. Mas se-me chamasse eu ia me enfiar correndo na sua cama.

O coração de Ada batia cinquenta e duas vezes por minuto, ela era uma atleta; o de Bebel, setenta; o de Lilibeth, setenta e oito. O cheiro do sovaco de Ada, quando ela estava sem desodorante, me deixava muito excitado. Isso era tudo o que eu sabia a respeito das mulheres que amava. Sabia mais a respeito de Elizabeth, a siamesa.

Lilibeth, ao abrir-me a porta (ela telefonava diariamente para meu escritório dizendo que precisava falar com o advogado, mas, na verdade, quando eu chegava à casa dela nós não tratávamos de nenhum assunto jurídico), disse "adivinha quem está aqui?".

Era Val, o marido, Lilibeth ("seguindo o seu conselho") havia desistido dos seus propósitos iniciais hostis e os dois haviam chegado a um tipo de convivência pacífica. Não moravam mais na mesma casa e aguardavam o prazo da lei para tratar do divórcio. Val vestia um roupão de seda.

“Então você é o Mandrake? Queria muito, mas muito, muito mesmo, conhecer você. A Lili não fala em outra coisa.”

“Ele dormiu aqui, mas foi no quarto de hóspedes”, disse Lilibeth. Ela percebera que eu notara o roupão de Val.

“A coisa de que eu mais gosto é dormir”, disse Val. “Sabe quantas horas eu dormi de ontem para hoje? Onze. Eu podia dormir mais onze, mas prometi a Lili que faria o almoço para você. Vai ser uma moqueca de peixe, invenção minha. Leva dois quilos de badejo, dois quilos de camarão, um quilo de mexilhões, meio quilo de tentáculos de lula, tem que ser o tentaculinho, aquela coisa cheia de perninhas, que parece um espermatozoide gigante, aquilo dá um gosto especial à moqueca, duas xícaras de azeite de oliva, uma xícara de azeite de dendê, duas cebolas grandes, um molho de salsa e cebolinha, um molho de coentro, três dentes de alho, suco de dois limões, meio copo de vodka, uma colher de pimenta-do-reino, duas pimentas-malaguetas, uma raspinha de gengibre, leite de coco. Quer saber como eu preparo esse prato, que deixou o Nureyev enlouquecido quando eu o fiz para ele, por isso chama-se Moqueca à Nureyev, daí a vodka, os outros fazem-na com vinho branco — quer saber o segredo?”

“Não, obrigado.”

“Acho esse desinteresse uma grosseria.”

“Val, o Mandrake não tem sensibilidade bastante para ser um bom cozinheiro, por isso não se interessa.”

“Não é verdade”, defendi-me.

“Sei fazer uma porção de coisas.”

“O quê?”, perguntou Lilibeth.

“Ensopadinho de vagens com carne. Soufflé de beterraba.”

“Soufflé de beterraba? Que horror!”, disse Val. “O único prato tragável, com beterraba, é o borsch.”

“Enquanto o Val prepara a moqueca nós podíamos conversar um pouco”, disse Lilibeth.

“Está bem. Vamos conversar. Sobre o quê?”

“Você sabe.” Seguia-a até ao quarto.

“O Nureyev não é o bailarino russo”, disse Lilibeth, tirando a roupa, “você pensou que era?”

“Não pensei coisa alguma.”

“É um amiguinho do Val, que é a cara — e o corpo, ele tem um corpo lindo — do Nureyev. Sentiu saudades de mim?”

“Senti.”

Os lábios de Lilibeth, mesmo sem batom, eram escuros, opacos, como se contivessem sangue pisado. Quando ela estava sem pintura seu rosto pálido tinha um ar fantasmagórico de gueixa japonesa em filme de samurai.

Sentei-me na beira da cama. Lilibeth sentou-se no chão e apoiou a cabeça nos meus joelhos. Uma forma de demonstrar submissão. Todavia ela não era uma mulher submissa. Creio que supunha que todos os homens gostavam de subjugar as mulheres e queria ser agradável.

“Levanta, senta aqui. Sabe por que eu tenho um gato em vez de um cachorro?”

“Não sei nem quero saber”, disse ela sentando-se ao meu lado.

“Podíamos tomar um vinho branco antes do almoço”, eu disse.

“Primeiro você tem que fazer jus ao vinho. Aqui ninguém ganha nada de graça.”

“Será um sacrifício”, eu disse.

As aréolas dos seios dela eram da mesma cor escura dos lábios, mas a pele do seu corpo ostentava a alvura luminosa das mulheres de seios de halos rosados.

“Diz que me ama.”

Igual a Mercedes, a tira federal morta por Fuentes. Igual a Eva. Igual a Berta. Igual a Ada. Igual à negra. Igual a todo mundo. As pessoas queriam ser amadas.

“Eu sei que você me ama”, disse Lilibeth manuseando meu corpo, “mas quero que você diga. Quero ouvir. Ver e ouvir. Anda, diz.”

“Eu te amo.”

Mesmo tendo tantas mulheres eu não deixava de me preocupar com Fuentes, Rafael e o letal Escritório Central. Continuava levando a Randall na sua bainha, com o boldrié de couro, mas às vezes era como se eu não entendesse bem tudo o que estava acontecendo, principalmente o meu comportamento. “Eu te amo.”

A moqueca estava uma delícia. O vinho, um Schwarz Katz, alemão, de bom só tinha o nome de gato.

“O que você acha que devo fazer com o meu dinheiro”, perguntou Val. “Botar na caderneta de poupança, comprar ouro, comprar dólares, comprar joias, comprar selos? Te falei, não falei, querida?”

“Falou.”

“Não queremos deixar nosso dinheiro apodrecer.”

“O que apodrece sem remédio é o sangue”, eu disse.

“Oh, oh”, disse Lilibeth.

“É horrível ter dinheiro para investir”, continuou Val. “Ah, meu Deus, quantas dúvidas!”

“Então?”, disse Lilibeth.

“Então o quê?”

“Onde você botaria o seu dinheiro?”

“Não tenho dinheiro.”

“E se tivesse?”

“Se tivesse talvez fosse igual a todos os especuladores que fazem tudo para salvar a grana deles, e o mundo que se foda.”

“Eu não quero que o mundo se foda”, disse Val.

“Adoro o mundo. Adoro a vida. Mas a inflação está comendo o meu dinheiro. Dinheirinho que me custou muito a herdar. Outra coisa”, ele bateu com o pé no chão, “eu não dormi no quarto de hóspedes, entendeu?”

“Isso não quer dizer nada”, disse Lilibeth, apressadamente.

“Afinal ainda sou o marido.”

“Que coisa mais constrangedora, Val”, disse Lilibeth.

“Mas é a verdade, não é a verdade? Onde foi que eu dormi, querida?”

“Estragou a moqueca”, disse Lilibeth empurrando o prato.

“Perdão, perdão”, disse Val, ajoelhando-se e colocando a mão no peito dramaticamente, “diz que me perdoa. Você também, Mandrake. Foi uma coisa tão insípida que nem valia a pena comentar, não foi, benzinho?”

“Foi. Sem a menor graça.”

“Mas não foi repugnante.”

“Não. Só sem graça.”

“Então come a minha moqueca.”

“Você sabe fazer arroz de polvo com brócolis?”, perguntei.

“Divinamente. Sei fazer lilás ou amarelo. Como você prefere?”

“Val é um grande cozinheiro”, disse Lilibeth.

“Os homens são melhores cozinheiros do que as mulheres”, disse Val, “todos os grandes chefes de cozinha são homens.”

“Orwell diz que os homens são apenas mais organizados e atende aos pedidos na ordem em que chegam à cozinha, enquanto as mulher não conseguem fazer isso”, eu disse.

“As mulheres não têm a mentalidade militar dos homens, graças Deus”, disse Lilibeth.

“Esse Orwell entende de cozinha?”

“Trabalhou como plongeur em Paris”, eu disse.

“Plongeur? O que é isso?”

“Uma espécie de lavador de pratos e panelas.”

“Escritor e lavador de pratos? Grandes títulos.”

Imaginei Val e Lilibeth na cama. Não senti ciúmes, ele era o marido era homossexual, era ridículo. O que senti foi uma espécie de amargura difusa.

Liguei para o escritório e disse que ia chegar tarde, que Wexler não me esperasse. Liguei para Bebel (falando baixo para que os outros não ouvissem) e disse que ia passar na casa dela.

Val dormia, na rede da varanda, quando me despedi.

“Você ficou zangado? Coitado do Val, ele veio me procurar e percebi que faria bem a ele, psicologicamente, dormir comigo. Foi uma coisa rápida, menos íntima do que um aperto de mão. Depois ele virou para lado e dormiu. Você entende, não entende? Foi um gesto de compaixão o meu. Ele está muito perdido.”

“Entendo.”

“A moqueca estava boa, não estava?”

“Estava.”

“Ele é ótimo cozinheiro.”

“Eu tenho de ir. Estou atrasado.”

Os lábios dela estavam mais purpúreos do que nunca.

“Então diz que me ama.”

“Não estou com vontade.”

“Então você está zangado.”

“Não estou.”

“Não me faz ficar triste”, disse Lilibeth.

“Eu te amo.”

Bebel dizia que sabia todos os sinônimos de amar — “bem-querer, gostar, estimar, prezar, curtir, desejar, almejar, sorver, fissurar, ambicionar, anelar”.

“Sorver. Bom. Existem mais, não é?”

“Então diz.”

Ela queria ouvir os fortes.

Ao chegar ao apartamento de Bebel outra surpresa me esperava. Rosa, a mãe dela, estava lá.

“Vim ver como é que a minha filha está morando. Quando vivia na casa dos pais dela queria todo o conforto, agora parece uma carmelita descalça. Nem ar refrigerado tem. Vocês continuam se vendo?”

A pele bronzeada de Rosa parecia mais gretada do que da última vez em que eu a havia visto. Continuava leve, ligeira, nervosa, andando de um lado para o outro.

“E o caso daquela pobre moça, a Cila”, continuou Rosa, “em que pé está? Descobriram alguma coisa? A nossa polícia é tão incompetente que duvido que

jamais cheguem a qualquer conclusão. E olha que não é tão difícil assim.”

“Não é?”

“Claro que não.”

Esperei.

Bebel acendeu um cigarro, impaciente. Estava irritada com a mãe pois antes da minha chegada pedira a Rosa que se retirasse, sem ter sido atendida. Aquela era a primeira vez que a mãe havia ido ao apartamento alugado por Bebel, na rua das Laranjeiras. O barulho do trânsito na rua era tão alto que precisávamos elevar a voz para poder conversar.

“A polícia suspeita do amante”, provoquei, afinal.

“Mas quem é ele? A polícia sabe?”

“Não. Você não o viu naquele dia, viu?”

“Minha vida dava um romance”, disse Rosa.

“Viu ou não viu?”

“Claro que vi. Pelo espelho que fica no vestíbulo do apartamento. Ele não percebeu que estava sendo visto.”

“Como é que ele é?”

“Gordo, muito gordo, alto, vermelhão. Parecia um gringo.”

“Por que você não disse isso à polícia? Afinal esse sujeito provavelmente matou Cila.”

“Não quis me envolver. Se você quiser pode contar para os seus amigos da polícia, mas não me envolva, pois eu negarei tudo.”

“Está vendo que tipo de mulher ela é?”, disse Bebel.

“Aprendi a desconfiar dos homens... e das mulheres...”

“Eu lhe dei aquela carta, para rasgar, lembra-se?”

“Não sei qual dos dois é pior. Você ou ela.”

“Cala a boca, menina.”

“Não calo. Aliás, está na hora de você ir embora.”

Puxei Bebel para fora da sala.

“Bebel, sua mãe está quase me dando uma informação importante e você está atrapalhando.”

“Odeio essa mulher.”

“Fica no quarto enquanto converso com ela na sala.”

“Não quer que eu fique na sala enquanto você conversa com ela aqui no quarto? Ela gosta de dizer palavrões.”

“Por favor.”

“Você não merece nenhum favor. Você já deixou aquela mulher?”

“Depois a gente conversa.”

“Deixou ou não deixou?”

“Ainda não tive oportunidade. Você mesma disse para ser sem dor.”

“Já deu tempo para todo tipo de anestesia. Você tem uma semana, está ouvindo?, uma semana para dar o bilhete azul a ela.”

“Está bem. Agora fica quietinha aqui lendo o *Tio Patinhas.”*

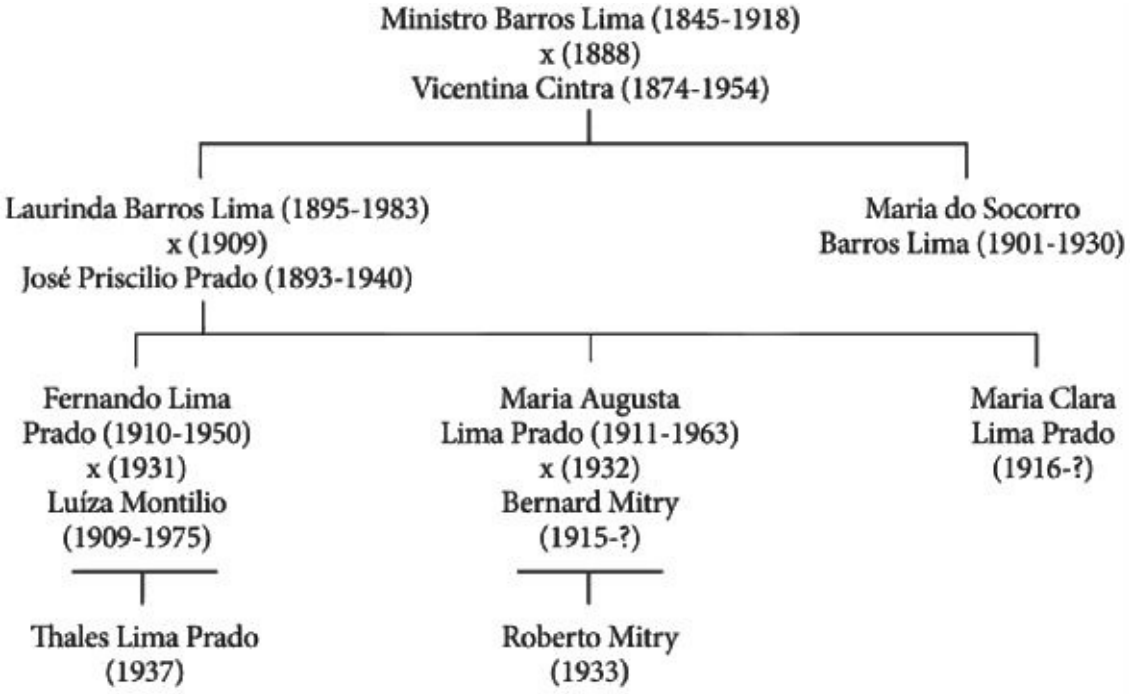
“Isto é Simone de Beauvoir, seu burro”, Bebel sacudiu o livro no meu rosto.

“Volto já.”

Rosa não estava na sala. Procurei no banheiro, na cozinha. Havia ido embora.

14

Nos Cadernos havia uma árvore genealógica, desenhada por Lima Prado. Começava com Barros Lima e Vicentina Cintra, ignorando, como Basílio Peralta, ao escrever *Retrato de família*, o casal de imigrantes portugueses que deu origem à família no Brasil.



Os dados da árvore genealógica desenhada por Lima Prado discrepavam em alguns pontos dos registros de Peralta em *Retrato de família*, como, por exemplo, a idade de Laurinda ao casar-se com Priscilio. Segundo Thales, sua avó teria nascido em 1895 e casado em 1909, com catorze e não dezesseis anos, como estava no livro de Peralta.

Lima Prado nunca desenhou uma nova árvore nos Cadernos, colocando Maria Clara como sua mãe.

Ele estava revistando o grande cofre da São Clemente quando encontrou recibos de pagamentos efetuados à Clínica São Pedro, um asilo de velhos situado na Tijuca. Os recibos referiam-se ao internamento de Maria Clara Lima Prado.

Lima Prado estava só no quarto da sua avó quando encontrou os documentos do asilo. Levantou-se da cadeira em que estava sentado em frente ao cofre, e deitou-se no chão de tábuas corridas, sentindo-se cansado, o mesmo cansaço que sentira quando, ainda aluno do Colégio Militar, participara da sua primeira manobra militar: ele dera comida ao cavalo, tirara a sela, a cabeçada do animal, deitara no chão de terra e ficara olhando para o céu (“como André Bolkonski”, escreveu ele nos Cadernos). Agora, na mansão da São Clemente, fitou o teto de sancas em alto relevo, perdido numa outra imensidão, a que havia dentro dele.

O último recibo tinha a data de seis meses atrás, o mês anterior ao da morte da sua avó. Sua mãe ainda estava viva, ele não tinha dúvidas.

Lima Prado colocou o último recibo do asilo no bolso, fechou o cofre. Até então, não tivera vontade de ir ao porão da casa. Caminhou até à escada que ficava ao lado da copa, abriu a porta. A energia elétrica já havia sido religada e ele acendeu a luz que ficava no vestíbulo da escada. Desceu os degraus lentamente até chegar a um pequeno átrio interior, com duas portas. Uma delas dava para um imenso cômodo cheio de móveis quebrados, utensílios vários, havia até duas gaiolas de passarinho. A outra abria para um quarto sem janelas, com uma cama estreita, um armário e uma mesinha. Sobre essa mesa havia uma velha caixinha de música que, ao ser aberta, emitiu durante alguns segundos os acordes de uma música que ele conhecia, mas não conseguiu identificar. Deu corda na caixinha, sentou-se no estrado da estreita cama e ouviu a melodia inteira. Então era ali que Maria Clara ficava uivando... Será que permitiam a ela vagar pelo salão adjacente, sem rumo, como os loucos gostam? Lima Prado sentiu uma espécie de estupor, sem saber o que fazer, para que lado ir, como se alguma coisa o estivesse prendendo ao chão. Afinal, deu um arranco e saiu do quarto. Subiu as escadas correndo.

“Alguma coisa, chefe?”, perguntou o Capitão Virgulino quando viu Lima Prado surgir cambaleante na varanda da casa.

“Tudo bem, tudo bem”, disse Lima Prado.

(Nesta parte dos Cadernos estava grafado, em letras de imprensa: O IMPORTANTE NÃO É A VERDADE MAS O SÍMBOLO. ARRAS. A tinta usada era a azul, indicativa dos assuntos da família. No início entendi que a frase significava que ele encarava a loucura da mãe apenas como um fato e não como uma “senha” — mas depois achei exatamente o contrário. A loucura da mãe teria

sido interpretada por Lima Prado como um sinal de garantia de um contrato pignoratício — o penhor da liberdade: a liberdade trocada pela sanidade. Era um raciocínio tortuoso e obscuro, o dele. E o meu.)

"Visitas somente nas quintas-feiras à tarde e aos domingos, pela manha."

A recepcionista disse isso e voltou a ler a revista à sua frente. A portaria da Clínica São Pedro era sombria e parecia mais o vestíbulo de um hotel ordinário.

"Meu nome é Thales Lima Prado. Eu gostaria de falar com o diretor."

"Ele agora não está. Acabou de sair."

"Quem está no lugar dele?"

"A doutora Zuomira. Como é mesmo o seu nome?"

"Thales Lima Prado."

A recepcionista pegou o telefone.

"Doutora Zuomira, tem aqui um moço — como é mesmo o seu nome?"

"Thales Lima Prado."

"Um senhor Prado querendo falar com a senhora." Pausa. "Qual é o assunto, seu Prado?"

"É sobre uma interna."

"É sobre uma interna", repetiu a recepcionista. "Está bem." Desligou o telefone.

"A doutora Zuomira já vem."

A dra. Zuomira era uma mulher pequena, magra, descorada, de queixo pontudo e cabeça grande. Usava um avental branco, jaleco branco, calças brancas e tênis de corrida coloridos.

"O senhor queria falar comigo?" Ela falava, ora olhando para o chão, ora olhando para o teto, comprimindo os lábios, como um esquilo assustado.

"É sobre uma interna. Maria Clara Lima Prado."

"Quer fazer o favor de vir ao meu gabinete?"

A dra. Zuomira fechou a porta. "Sente-se", disse apontando um conjunto de duas poltronas e sofá, de plástico verde. "O senhor é parente de Maria Clara?"

"Sou — sobrinho dela."

"Como é mesmo o seu nome?"

"Thales Lima Prado."

"Nós aqui temos tudo arquivado", disse, tirando uma pasta de um móvel grande. "Sua tia está aqui há mais de trinta anos." A dra. Zuomira folheou a pasta.

"Qual o problema dela?"

"Esquizofrenia paranoica... e complicações senis... Ela está na dela mas lá fora seria um risco."

“Posso vê-la?”

“As visitas são às quintas e domingos.”

“Quero vê-la hoje.”

“É contra o regulamento. Sinto muito.”

“Eu lhe peço que abra uma exceção”, disse Lima Prado, tentando captar o olhar oscilante da dra. Zuomira.

“Há anos que não recebe uma visita. O senhor nunca veio vê-la. Para que toda essa pressa?”

“Eu soube somente hoje que ela estava aqui. Andei viajando...”

“A clínica tem um regulamento.” A dra. Zuomira fixou o olhar na parede.

“Sou presidente do Banco Aquiles. O banco poderá ser muito útil ao asilo, caso cheguemos a um entendimento.”

A dra. Zuomira despregou os olhos da parede. “Banco Aquiles? Eu sou correntista desse banco.”

“Uma feliz coincidência.”

Caminharam por um longo corredor, passando por várias enfermarias até chegar àquela em que estava Maria Clara. A pobreza tinha um cheiro, a velhice tinha um cheiro, a morte tinha um cheiro — e todos eles pairavam misturados no ar do corredor, como uma espessa neblina rançosa invisível, que parecia umectar a pele do rosto e as narinas de Lima Prado.

“Ela ficava num quarto privativo, mas os pagamentos deixaram ser feitos. O doutor Wladimir, então, depois de muito tempo sem nada receber, colocou-a nesta enfermaria... Onde o tratamento é muito bom também... O doutor Wladimir é muito humanitário... O asilo dá prejuízo, ele põe dinheiro do bolso dele, constantemente...”

“O nome da senhora é Zuomira ou Zulmira?”

“Era para ser Zulmira, mas registraram errado. O mesmo aconteceu com a minha irmã. O nome dela era para ser Anésia e registraram Arésia. Pode acontecer uma coisa dessas? Só no Brasil!”

Cada vez que passavam em frente das largas arcadas que davam acesso às enfermarias, uma lufada de sufocante fartum repugnante tornava o ar ainda mais fétido. Afinal entraram em uma delas.

“É aqui”, disse a dra. Zuomira.

A enfermaria tinha cerca de vinte camas, todas ocupadas por velhas vestidas com uma camisola cinzenta. Havia algumas sentadas nas camas, mas a maioria estava deitada.

“O senhor chegou na hora da sesta”, disse a dra. Zuomira, sem prestar atenção ao resmungo de uma velha que lhe estendeu a mão. Pararam perto da

cama de uma mulher gorda, letárgica, a boca sem dentes aberta, tão inerte que não se percebia sua respiração.

“É a minha tia?”

“Não. Sua tia é essa aqui.”

Na cama ao lado estava sentada uma mulher magra, muito pálida, de cabelos inteiramente brancos. Ao redor das suas órbitas havia profundos laivos negros, mas a pele do seu rosto era lisa, sem manchas ou rugas. Ela olhava vagamente para a frente, a cabeça imóvel, o semblante impassível. Quando Lima Prado postou-se ao lado de sua cama ela foi virando a cabeça lentamente, uma progressão demorada, até que seus olhos pousaram sobre os olhos do filho. Um sorriso distendeu levemente os lábios fechados, permanecendo fixo, enigmático.

“Elas gostam muito de visitas, as velhinhas, todas elas, mesmo as que estão em piores condições”, disse a dra. Zuomira.

Lima Prado sentiu seu corpo mover-se como se ele fosse dar um passo à frente. Mas recuou abruptamente. Alguém segurou seu braço. Era uma velha alta, cadavérica.

“Isto aqui é um depósito de velhos”, disse a mulher, “é preciso fazer alguma coisa.”

“Vá para o seu quarto, dona Santinha”, ordenou a dra. Zuomira.

“Escrevi uma carta ao presidente da República e ele não respondeu. Liguei a televisão e ele não respondeu”, disse d. Santinha.

“O cavalheiro está visitando a tia dele, não interrompa, por favor.”

“Empilhados horizontalmente”, disse d. Santinha. “Faça alguma coisa.” Apertou o braço de Lima Prado com força.

Uma enfermeira aproximou-se. “Vamos, dona Santinha.”

“Os filhos são muito ingratos”, disse d. Santinha.

“Leva ela logo”, disse a dra. Zuomira. “Os filhos são mesmo ingratos nunca vêm visitar os pais.”

“Nem todos”, disse Lima Prado olhando para a mãe. O sorriso imóvel continuava nos lábios de Maria Clara. Ela parecia feita de cera.

“Todos, todos”, disse a dra. Zuomira. “O mundo agora é assim.”

Lima Prado não aguentava mais ficar na enfermaria. Sentia uma forte náusea e temia vomitar a qualquer momento.

“Fala com ela. Os velhinhos gostam que falem com eles.”

“Depois. Agora não estou me sentindo bem.”

Sem olhar para a mãe, Lima Prado saiu da enfermaria, seguido pela médica.

A dra. Zuomira lhe deu algumas gotas para tomar, com água, e fê-lo deitar-se no sofá do gabinete do diretor. Mais tarde, Lima Prado providenciou a

transferência de Maria Clara para um quarto particular. Depois ele procuraria um lugar melhor.

Sentiu um enorme alívio quando botou o pé na rua.

“Você tem mãe?”, perguntou Lima Prado ao Capitão Virgulino, já no carro.

“O senhor sabe que não, doutor, nunca tive.”

15

“Um dia fui ao apartamento dela e o porteiro me deixou subir, sem avisar pelo interfone, como sempre fazia. Toquei a campainha e a Fafá abriu a porta, mas logo surgiu Cila, muito nervosa, e impediu minha entrada. ‘Tem alguém aí?’, perguntei. Ela ficou pálida e disse ‘vai embora, depois eu explico, por favor’. ‘Quero saber quem está aí’, eu disse. ‘Por favor’, ela falava baixinho e de tão nervosa chegou a gaguejar, depois eu explico’, ela disse de novo. ‘E ele?’, perguntei. Cila balançou a cabeça e estava sem graça e infeliz, e eu, como não sou cruel, como a maioria das pessoas, fiquei com pena dela e fui embora. Confesso que, antes de sair, eu a chamei de putinha ordinária, mas era isso que ela era, não cometi nenhuma injustiça. Putinha ordinária!” “Quem estava lá naquele dia era o protetor dela?”, perguntei. “Só podia ser”, ela disse.

Foi isso o que Rosa Gonzaga Leitão me disse naquele dia na estrada das Arcas, na casa de campo onde estava escondida. Ela, Rosa, teria ido visitar sua amante e encontrara lá (“sem vê-lo, todavia”) o misterioso “protetor” do qual Cila dizia haver se separado. Aquela fora a última vez que Rosa vira Cila com vida.

Na casa da estrada das Arcas eu acreditara no que Rosa me dissera. Mas, na verdade, Rosa mentira para mim.

A história da vida de Rosa nada tinha de extraordinário. Seu pai saiu de casa quando ela estava com doze anos, para viver com uma mulher em Cachambi. Sua mãe passou a fazer balas e doces em casa, que Rosa vendia nas estações suburbanas. Quando fez quinze anos o negócio da mãe prosperara e alguns meninos ajudavam a vender os doces na rua, um trabalho que Rosa considerava humilhante. Ela era uma garota bonita, muito popular nos bailes de sábado do Clube dos Magnatas, que ficava próximo da casa onde morava, no bairro do Rocha. Com dezesseis anos foi escolhida miss Magnatas e disputou o título de miss Rio de Janeiro, perdendo no fim para uma “moça loura de olhos azuis de Ipanema que nem cara de brasileira tinha”. Com a derrota ruíram os sonhos de sua mãe de ver a filha triunfar como miss Brasil e, afinal, miss Mundo. Os desgostos de Nelly Abdalla, a mãe, foram tão grandes que ela

começou a definhar de uma doença que os médicos não conseguiam diagnosticar. Afinal, morreu depois de alguns meses. Nessa ocasião Rosa namorava um rapaz que era sócio, com mais três amigos, de uma pequena lanchonete no Rocha, especializada em galetos (O Galeto de Ouro). O rapaz, que não pensava em assumir nenhum compromisso, além dos que já tinha com os galetos, sentiu-se na obrigação de pedir Rosa em casamento. Ela, que odiava o negócio de balas e não estava disposta a passar os dias mexendo em caldeirões de calda fervente de açúcar, achou que faria um bom negócio se casando. Foram morar num apartamento pequeno, ainda no Rocha. Rosa, que passou a ter o dia livre (o marido, Ary, conhecido como Bolinha, não queria que ela trabalhasse), matriculou-se no Colégio Waldemar Paulino, conhecido pela facilidade com que aprovava seus alunos, que o apelidavam, eles próprios, de Pag & Pass.

Ao completarem dois anos de casados, Rosa e Bolinha foram fazer uma excursão a Montevidéu e Buenos Aires, de ônibus. A excursão durava dezesseis dias. Os quatro primeiros eram passados no Brasil. Pela Rio-Santos percorreram Angra, Parati, Ubatuba, Caraguatatuba, lugares cuja fama Rosa conhecia, até chegar a São Paulo, onde pernoitaram no hotel Othon. Rosa nunca havia entrado num hotel de luxo e ficou intimidada com a riqueza à sua volta. Bolinha disse que já havia estado num hotel igual àquele, mas não soube dizer quando nem onde. De São Paulo foram para o Paraná e Santa Catarina, passando por muitas cidades alemãs que criaram uma grande confusão nas mentes de Rosa e Bolinha. Dormiram em Criciúma (o hotel não era bom, mas o guia explicou que se tratava de um “pernoite técnico”) e seguiram para Torres, Porto Alegre. Pelotas — estavam apenas no quarto dia, mas parecia que viajavam havia meses. Almoçaram em Pelotas e cruzaram a fronteira com o Uruguai no arroio Chuí. Então era ali o Chuí “do Oiapoque ao Chuí”, pensou Rosa. Pela primeira vez ela pisava solo que não fosse brasileiro e isso a deixou emocionada. No Uruguai visitaram Punta del Este e seguiram para Montevidéu, hospedando-se no Victoria Palace. Foi na viagem de aliscafo para Buenos Aires que ela conheceu aquele que iria ser seu segundo marido. Ele era alto, de cabelos ondeados, bigodes — e audacioso. Inteiramente diferente de Bolinha. Seu nome era Ivonildo, mas era conhecido como Nildo. Estava acompanhado pela mulher, uma loura oxigenada tão resoluta quanto ele. Moravam em Copacabana, no Rio, e haviam se juntado à excursão em Montevidéu. Quando os membros da excursão foram jantar no La Boca, Nildo exibiu, com a mulher, seus dotes de dançarino de tango. Durante o restante da viagem, até Assunção, e na volta, passando por Foz do Iguaçu, Nildo distraiu a todos cantando sucessos da música popular brasileira com sua voz abaritonada. Num dos momentos em que puderam ficar a sós ele pediu o telefone de Rosa.

No dia seguinte da chegada ao Rio, Nildo ligou para Rosa. Combinaram um encontro na cidade, na avenida Rio Branco, ao lado do Teatro Municipal. Nildo apanhou-a de carro, um Puma, e levou-a para almoçar na Barra. Comeram camarões fritos na casca, beberam cerveja e, quando Nildo quis levá-la para um motel, Rosa protestou dizendo que ela não era o que ele estava pensando e largou-o no restaurante. Nildo ficou impressionado com aquilo. Era a primeira vez que uma mulher, tendo ido almoçar com ele na Barra, não ia depois para um motel com ele. E ainda por cima tinha coragem de enfrentar todas as dificuldades para encontrar um transporte de volta até o Rocha.

Nildo era dono de uma pequena confecção de roupas femininas. “Deixar de comprar roupas é a última coisa que as mulheres vão fazer”, dizia Nildo, quando lhe falavam na crise que o Brasil atravessava. Além de consumistas as mulheres eram todas umas putas, Nildo havia aprendido isso no negócio de roupas. Mas Rosa era diferente das outras, havia devolvido os dois presentes que ele fizera chegar às suas mãos — um vestido de seda e um relógio Seiko quartz. E dissera, mais uma vez, pelo telefone, que não era “quem ele estava pensando”.

Na verdade Rosa não aguentava mais o Rocha, Bolinha e o Galeto de Ouro. Nildo era um industrial, um homem do mundo, e Rosa estava muito interessada nele. Mas ela chegara à conclusão que os homens só respeitam as mulheres que não se entregam. Não se podia confiar nos homens em assuntos de natureza sexual e sentimental.

Afinal, Nildo fez a proposta certa. Viverem juntos. Nada de encontros furtivos em motéis. Ercília, a loura oxigenada, fez um tremendo escândalo, andou com um revólver dentro da bolsa por uns três meses, mas não passou das ameaças. Bolinha conformou-se.

Nildo e Rosa foram morar juntos num apartamento no Leblon. A crise piorara, mas Nildo parecia ter razão, o negócio de roupas continuava prosperando.

Rosa conheceu Gonzaga Leitão num almoço de homenagem a um grande industrial de tecidos do Rio de Janeiro, no Country Club. Ela já estava casada havia dois anos com Nildo e transformara-se em uma outra mulher. Não era mais a menina ofuscada pelo brilho do mundo. Vestia-se elegantemente, ainda que muito “na moda”, e sabia quando devia falar, o que fazia com segurança. Comprara o diploma de segundo grau no Colégio Waldemar Paulino, o que lhe permitira ingressar na universidade, onde fazia o curso de Letras.

Gonzaga Leitão era vice-presidente executivo do Banco Aquiles. Ele havia enviuvado recentemente e estava fruindo o que chamava de “condição de homem livre”. Sua mulher, enquanto viva, tornara sua vida um “verdadeiro inferno”: era ciumenta, agressiva e vulgar. Morrera com um câncer no estômago.

Agora ali estava aquela mocinha, de botinhas, falando com delicadeza e inteligência de escritores e livros. Pena que fosse casada com um bestalhão daqueles.

Rosa usou com Gonzaga Leitão a mesma técnica que dera resultado com Nildo. Afinal os homens eram todos iguais. Quando Leitão a presenteou com uma bela e cara água-marinha, Rosa devolveu a joia dizendo que se ele quisesse lhe dar alguma coisa que lhe desse uma flor. Leitão, comovido, lhe deu uma rosa.

Nildo deu uma surra em Rosa quando soube que ela ia deixá-lo. Mas ficou nisso. Matar a mulher era uma das poucas coisas que poderiam atrapalhar o negócio de roupas.

Gonzaga Leitão não tivera filhos com a primeira mulher e ficou muito feliz quando Bebel nasceu. Rosa, sem que eles soubessem, evitara ter filhos com seus dois primeiros maridos. Com Leitão fora o contrário, Rosa fizera tudo para ficar grávida, solicitando inclusive a colaboração de outros homens, conforme disseram algumas de suas melhores e mais íntimas amigas. Além de formar-se em Letras, Rosa decidira tornar-se uma artista plástica, para “desenvolver a sua personalidade”. Pintava madonas sem rosto, no início, e depois abstrações. Fez algumas exposições, com o apoio do Banco Aquiles. Em pouco tempo conseguiu seu espaço na “exclusiva” sociedade do Rio de Janeiro.

Uma história de carreirismo que nada tinha de singular. Na verdade, mudando aqui e ali, era parecida com a de outras grandes damas da sociedade.

A ambição de Rosa não parou em Leitão. Ela tentou o patrão do marido, porém percebeu logo que Lima Prado era uma coisa especial. Com ele os velhos truques que usara com Bolinha, Nildo e Gonzaga não funcionariam. Era um homem em quem podia confiar. Foi para a cama com ele, sabendo que jamais deixaria sua mulher. Lima Prado foi o primeiro e último homem com quem Rosa teria prazer sexual.

Rosa havia mentido para mim, ao relatar sua visita ao apartamento de Cila. Não ficara furiosa por ter descoberto que Cila “estava com o seu antigo protetor”. Rosa ficara furiosa, sim. Mas não por isso. Na verdade Rosa e o “ex-protetor” haviam chegado juntos ao apartamento de Cila, para uma tarde de prazeres e haviam descoberto Cila na cama com uma das empregadas da loja Messina. Rosa não se importava que Cila fosse para a cama com o “ex-protetor”, ou juntos os três, ou só com ele, ou com qualquer outro homem. Mas com outra mulher ela não permitia.

Rosa e o “ex-protetor” entraram no apartamento sem saber que Cila estava acompanhada. Cila não os esperava. Os dois costumavam ir para a cama com parceiras transitórias, escolhidas ora por ele ora por Rosa. Mas o caso com Cila,

que fora encontrada através de um anúncio de jornal, durara mais que o normal. O “protetor” comprara o apartamento para Cila e fornecera os recursos para a loja Messina, que Rosa montara cuidadosamente. Cila era realmente extraordinária na cama com os dois. Fazia o trio perfeito, como nenhuma outra das inúmeras mulheres que eles haviam testado.

Cila e a empregadinha da loja estavam nuas na cama e ambas ficaram terrivelmente assustadas quando Rosa e o “protetor” entraram no quarto. “Putinha ordinária”, gritou Rosa, agarrando Cila pelos cabelos e tirando-a da cama.

Fafá, da copa, ouvia todo o escândalo que ocorria no quarto. (Fafá e o porteiro eram dois outros consumados mentirosos, mas eu só vim a saber disso muito mais tarde, quando o segmento referente à morte de Cila foi afinal esclarecido.) A balconista da Messina, uma moça chamada Cláudia, também gritava. A única pessoa que manteve a calma foi o “protetor”. Que não era, como Rosa me dissera, “gordo, alto, vermelhão”. Ele era magro, baixo e pálido. Seu nome era Thales Lima Prado e também só vim a saber disso tarde demais. Estava nos Cadernos, num daqueles trechos que demorei a decifrar.

Lima Prado ficou observando o barulho que as mulheres faziam e depois tirou Cila das garras de Rosa.

“Chega. Você, veste a roupa e vai embora.”

Cláudia, soluçando, vestiu-se e saiu, rapidamente.

Cila foi morta nessa noite mesmo.

Raciocinando, a posteriori, fiquei intrigado pelo fato de Cila não ter sido morta da mesma maneira que as outras. Por que Lima Prado não estrangulara e marcara um P no seu rosto, tal como fizera com Elisa-Gisela e Carlota-Danusa e possivelmente outras, no Brasil e no mundo?

Simples: quem matou Cila não foi Lima Prado. Foi Rosa.

A última referência a Mônica nos Cadernos dizia apenas: “Dei a M. um topázio”. Mesmo depois do caso fechado — eu estabelecera uma data para encerrar aquela história, pois as histórias complicadas jamais terminam e essa data era o dia em que recebi de volta o unicórnio de ouro, presente de Berta, que Rafael (eu pensava assim) havia arrancado do meu pescoço quando invadiu com Fuentes meu apartamento — continuei procurando Mônica.

Afinal consegui encontrá-la. Mônica esclareceu alguma coisa que não estava nos Cadernos, ou que estava mas eu não conseguira decifrar corretamente.

Mônica era realmente uma bela mulher — que diabo, uma menina, ao vê-la eu fiquei mais impressionado do que Lima Prado: ela parecia ter menos de quinze anos, seu corpo era perfeito como o de uma boneca de plástico, era muito

inteligente e extremamente amoral — terrível, mas me ajudou a entender o que podia ser entendido naquele caso complicado. O nosso encontro foi uma outra história não menos intrincada, da qual não gostaria de me lembrar agora.

Apesar de tudo o que as mulheres me haviam feito sofrer, eu continuava interessado nelas. No momento em que a guerra entre Zakkai e Lima Prado chegava ao auge, eu também caminhava para atingir a culminância da guerra ainda não declarada entre mim e minhas três amadas.

Um dia Bebel reclamou do que ela chamou de meu "sultanismo".

"Sartre tinha uma porção de mulheres paparicando-o e a Beauvoir nunca se incomodou com isso", eu disse.

"Não?", disse Bebel. "Apenas contou, depois que ele morreu, para o mundo inteiro, que Sartre fazia xixi nas calças."

Mas Bebel não me disse, nem nenhuma das minhas outras queridas, que elas haviam se encontrado secretamente e que nesse encontro, depois de vencidas desconfianças e ciúmes recíprocos, haviam me colocado em julgamento, à minha revelia, como se eu fosse um réu de paradeiro ignorado, o que no mínimo configurava um injusto cerceamento de defesa. O veredito delas foi que eu era um insensível, alienado, incompreensível (nos dois sentidos, incapaz de compreender e de ser compreendido) e que um ultimatum me seria dado: eu teria que escolher entre uma delas ou não teria nenhuma. Isso quase no século XXI!

Mas antes de essa exigência final ser feita (aliás não chegou a ser feita, de maneira clara e objetiva), tive vários indícios do que viria.

"A fidelidade, ou se você prefere, a exclusividade que desejo", disse um dia Lilibeth, "não resulta de ciúme ou possessividade. Apenas você tem que reconhecer que, dividindo-se entre várias mulheres, mesmo um homem com o ardor e a imaginação que você possui, acaba não podendo dar a nenhuma delas a satisfação mínima necessária. Ponha na sua cabeça jurídica, razoavelmente perspicaz: nós é que somos inexauríveis, nós, as mulheres."

Era verdade. Pelo menos aquelas três mulheres eram. (Todas as outras, lembrei-me, também: Eva, Berta.)

Os indícios apareciam, sem que eu entendesse seu verdadeiro significado. Ada passara a ficar mais tempo na frente do espelho, se olhando. Narcisismo em pequeno grau era uma coisa normal naqueles tempos de promiscuidade esquizofrênica e por isso não me incomodei muito quando notei uma ligeira acentuação dessa qualidade da minha amada. Na verdade, porém, ela estava se afastando de mim, mas eu não o percebi imediatamente.

Contei a Ada um episódio mitológico ocorrido entre Zeus e Hera. Zeus, para justificar suas infidelidades, afirmou que Hera, sua esposa, obtinha, no

relacionamento sexual, um gozo infinitamente maior. Isso lhe dava direito aos pequenos prazeres com as outras mulheres. Hera achava o contrário, que o prazer maior era o de Zeus. Tirésias, o famoso vidente, que fora transformado em mulher por Afrodite (por ter dito que outra deusa era mais bonita do que ela), foi chamado para resolver a disputa, tendo em vista sua dupla experiência. “Sabe qual foi a resposta de Tirésias, o único ser que jamais foi, alternadamente, homem e mulher? ‘Se o prazer do sexo’, disse Tirésias, ‘pudesse ser medido em partes, nove iriam para a mulher e apenas uma para o homem’...”

“Que coisa mais boba”, disse Ada, “acho que você inventou essa coisa toda.”

“Hera ficou tão furiosa que cegou o pobre Tirésias.”

“O que não é mau para um vidente”, e voltou a olhar-se no espelho.

Procurei explicar a ela que Zeus tinha razão, que a mitologia era muito sábia, que a maior capacidade da mulher para o prazer (e o amor), tão negada e tão reprimida durante séculos, fora consagrada havia milhares de anos nos mitos da cultura grega. E não se tratava de orgasmo múltiplo ou outra idiotice reichiana, era algo mais do que a voluptas corporis, a libidinum plenum, era a aptidão de criar o Grande Sentimento, o que tornava a mulher superior ao homem. E por isso, enquanto oprimíamos e negávamos a sexualidade feminina, nós, homens, precisávamos somar nossos pequenos e sortidos gozos e volúpias para nos aproximarmos do sentir da mulher, que pressentíamos e invejávamos.

Eu havia tomado vinho, e quando tomava vinho as ideias me exaltavam. Afirmei com veemência canastra essas e outras Grandes Concepções, sem, porém, impressionar Ada favoravelmente.

Enquanto minha vida sentimental se deteriorava, Fuentes e Míriam chegavam a uma harmonia perfeita, se é que isso poderia existir entre homem e mulher. Fuentes sempre tivera um grande desprezo por todas as mulheres com quem se envolvia, mas seu relacionamento com Míriam havia adquirido agradáveis e inesperados contornos cerimoniosos. Um dia, no Lisboeta, ele puxou a cadeira para Míriam sentar-se (ela quase não percebeu o gesto insólito de delicadeza) e depois passou a demonstrar consideração e respeito de outras formas. Apenas na cama a relação deles continuava sendo primária, ele dominando, usando força animal. Mas mesmo ali Míriam, aos poucos, começou a mostrar a Fuentes o regalar delicado de certos prazeres mais sutis. Um dia, enquanto se olhavam nos olhos (os três olhos que havia entre eles), Fuentes disse a Míriam o que nunca havia dito a mulher alguma: “Eu gosto de você”.

Depois de terminar seu contrato com Zakkai, ele mudaria de vida — sem dúvida influenciado por Míriam.

Zakkai dissera para Fuentes: “Eu e você abominamos a contumélia dos poderosos; o insulto dos fortes é mais injurioso. Essa é a nossa luta”. No entanto Zakkai ambicionava o poder acima de tudo; Fuentes apenas não queria sofrer humilhações nas mãos dos fortes ou dos fracos. Ele havia desistido de entender as palavras de Zakkai, “um homem que curtia brincar de palhaço”.

Aliás isso era algo que teria merecido uma reflexão melhor da minha parte, mas aquela não foi, para mim, uma época muito perceptiva, a cognição cedera lugar à emoção. Zakkai acreditava que, matando Lima Prado, não restaria no Escritório Central ninguém com capacidade de liderança para aglutinar o grupo em torno de um objetivo comum, o que lhe permitiria assumir o comando.

“A Máfia é que sabe das coisas”, dizia Nariz de Ferro, “arreglo ou morte!”

Enquanto isso, Wexler, que cada vez trabalhava mais — e eu menos —, andava nervoso, a tal ponto que lhe propus que tirasse uma semana de férias. Todas as procurações eram passadas nos nomes de nós dois e não haveria problemas para eu acompanhar as causas cíveis em andamento. Ele recalcitrou muito, mas acabou concordando. Eu jamais poderia imaginar o quanto aquelas férias me fariam sofrer.

16

Nariz de Ferro arrancou a lâmina da tesoura do peito de Rafael. O golpe não fizera sua vítima morrer imediatamente; Rafael balançou vigorosamente o rosto de um lado para o outro, como se estivesse negando alguma coisa com veemência. Segurando a tesoura, curioso, Zakkai notou os meneios da cabeça de Rafael e curvou-se para golpeá-lo novamente. Mas a cabeça imobilizou-se abruptamente, virada para um lado.

"O pústula não queria morrer", disse Zakkai. "Vamos procurar a fita."

"Acho que não está aqui."

"Está. Eu sei. Vamos procurar."

"Você procura", disse Fuentes. Sentou-se numa cadeira e ficou observando Zakkai revistar a sala. Enquanto abria gavetas, jogando o conteúdo no chão, Zakkai falava sem parar.

"Uma vida é algo sagrado, dizem os fariseus, comendo carne de vaca e de cavalo. A vida de um macaco, eu afirmo, vale mais, é mais rara, do que a vida de um homem, esse mamífero que disputa com os ratos a corrida da proliferação."

Nariz de Ferro pegou o retrato de uma mulher, recortado de uma revista. "Existem putinhas de corpo bonito que pensam que vão ficar a vida inteira assim. A beleza é o bem que dura menos neste mundo. O papa morre de medo, a Igreja é bem informada, tem espiões espalhados pelo mundo inteiro, toda noite o papa recebe uma pilha de informes escritos em latim, que chegam de todas as partes do mundo, lê aquilo e se caga todo, segurando seu báculo de ouro e pedras preciosas. Também presidentes e ditadores das grandes potências e das republiquetas de petróleo, eles também sabem do futuro atroz, por isso cometem esses desatinos, essas traições, essas torpezas. Aqui no Brasil a coisa será realmente fantástica."

"Você odeia a humanidade", disse Fuentes.

"A humanidade é um monte de merda."

Zakkai continuou jogando as coisas no chão.

"Qual o horror que vem por aí?"

"Crudelissimum supplicium."

“O que é isso?”

“Principalmente para os que têm todos os dentes. É assim que começa a encíclica que o santo padre não teve coragem de enviar aos bispos.”

Uma abelha pousou no nariz de Rafael.

“Temos que sair daqui antes que escureça”, disse Zakkai.

“Procura na cozinha”, disse Fuentes.

A fita cassete estava dentro de uma lata com a inscrição “Farinha de Trigo”. Uma caixa de plástico duro, brilhante, de menos de vinte centímetros de comprimento por dez de largura; duas aberturas vedadas por placas transparentes permitiam que se visse a fita bobinada no interior.

Pegaram o helicóptero de volta para o Rio. Do aeroporto foram de táxi até a rua de Santana. No carro Nariz de Ferro pediu a Amândio que avisasse ao dono do circo que ele não trabalharia nos próximos dias.

“Acho que não volto mais para o picadeiro”, disse Zakkai. “Sentirei falta das luzes, das gargalhadas das pessoas. Mas meu tempo de palhaço já passou. Há um momento em que você entra por um caminho e depois fica muito tarde para sair dele.”

“Não sei”, disse Fuentes.

“Não sabe o quê?”

“Acho que sempre se pode sair de um caminho e entrar em outro.”

“O mundo não deixa. Então o que você tem que fazer é percorrer a sua estrada e destroçar o que estiver na frente.”

Amândio demorou a chegar com o aparelho de videocassete e a TV. Tivera de comprá-los num shopping center da zona sul que ficava aberto durante a noite. Seguindo as instruções do manual, Nariz de Ferro conectou os dois aparelhos.

“Morreu muita gente para ver, ou não ver, isto aqui.” Zakkai sacudiu o cassete com a fita.

“Agora não precisa morrer mais ninguém”, disse Fuentes.

“Temos ainda uma última coisa a fazer. Se não for necessário matar, não matamos. Mas combinamos a morte de duas pessoas. É o nosso contrato.”

“Depois acabou. Vou viver com a minha mulher num lugar sossegado.” Pausa. “Eu não tenho um olho.”

“Camões não tinha um olho. Ciclope também tinha um olho só. Quem tem um único olho tem o maior dos tesouros. Porque tesouro verdadeiro é aquilo que você não pode perder. Cuide desse olho. Como foi que você perdeu o outro?”

“Distração.”

“Isso acontece. E sua mulher?”

“O quê?”

“Vocês têm filhos?”

“Não.”

“Tenho o maior respeito pelos casais que não têm filhos. Agora vamos acabar com o grande mistério.”

Nariz de Ferro ligou a TV e o aparelho de videocassete. Em seguida introduziu o cassete no aparelho.

“Agora basta apertar um botão para o espetáculo começar”, disse Zakkai.

“Não estou interessado”, disse Fuentes.

“Morreram pessoas, morreu muita gente”, disse Zakkai.

“Foda-se”, disse Fuentes, caminhando para a porta.

“Aonde você vai?”

“Dar uma volta.”

“Zanzar a estas horas não é boa coisa. Vai na casa da puta.”

“Ela pode estar ocupada.”

“Você desocupa. Volta daqui a uma hora. Se a coisa apertar, o sabre é suficiente para você?”

“Você está esperando alguma coisa, ainda hoje?”

“Nunca se sabe. Vou ver o filme. Não quero nenhuma maldição me pegando pela perna.”

Fuentes desceu e tocou a campainha da porta do apartamento de Aurora. Ouviu atidos no interior, mas a porta não foi aberta. Tocou novamente a campainha.

“Estou com um amigo”, disse Aurora pela porta entreaberta, “você não avisou que vinha.”

“Manda ele embora. Diz que o seu homem chegou.”

“Ele é o meu homem. Quer dizer, mais ou menos. Homem mesmo eu não tenho.”

“Então?”

“Mas hoje você não vai ser devagar igual ao outro dia, vai?”

“Não.”

“Vai lá embaixo e toma uma cervejinha enquanto eu quebro o galho, tá?”

Na portaria do prédio encontrou Amândio.

“Tudo bem?”, perguntou o português.

Fuentes disse que sim com um movimento de cabeça. “Vamos tomar uma cerveja no boteco da esquina?”

“Não posso sair daqui. Nem eu nem o Pires”, Amândio apontou um sujeito na calçada. “O Nariz disse que as forças inimigas podem atacar a qualquer momento. Gostou do facão? Está mais afiado do que uma navalha, não está?”

“Está bom. Eu chamo aquilo de machete.”

“O Nariz chama de sabre. Prefiro o chumbo.” Amândio bateu num volume sob a camisa, na cintura.

“Faz muito barulho”, disse Fuentes.

“Lá isso é verdade,” disse o português.

Havia outros fregueses no botequim, várias mulheres, todos tomando cerveja ou refrigerantes, em pé. Um sujeito drogado, de mãos trêmulas, que não conseguia beber sem derramar a bebida, colocou-se ao lado de Fuentes. Sem pressa, Fuentes foi para o outro lado do balcão. Uma mulher se aproximou.

“Está a fim?”

“Não.”

Um camburão da Patamo parou na porta do botequim e três PM saltaram. Dois entraram no bar. O que ficou na rua portava uma submetralhadora.

“Documentos”, disse um dos PM.

“Não pode pedir documento nenhum, estamos aqui pacificamente”, começou a dizer o sujeito drogado. Um dos PM pegou-o pelo cinto, arrastando-o para fora, até o camburão. Abriram a porta de trás e jogaram-no lá dentro.

Calmamente Fuentes retirou suas carteiras falsas — de identidade e de trabalho — e colocou-as sobre o balcão. Continuou bebendo sua cerveja. Se fosse a Polícia Civil ficaria preocupado. Os federais e o pessoal da Entorpecentes o conheciam. Um dos PM sussurrou qualquer coisa para uma das mulheres; ela saiu do bar e foi até onde estava um policial no camburão, sentado ao lado do motorista, e cochichou com ele. Enquanto isso as carteiras de identidade dos homens que estavam no bar (as mulheres não haviam sido obrigadas a mostrar as suas) começaram a ser examinadas. Um negro foi levado, sem reação, e também jogado no camburão. Fuentes sabia que ter ido beber num botequim daqueles fora uma estupidez. Nariz de Ferro o advertira. É assim que o sujeito se fode, pensou, já dizia Galileu na Galileia, o homem que é homem não bobeia, conforme um velho contrabandista, em Corumbá, costumava dizer. Fuentes odiava a polícia, principalmente a PM, com sua insolência grossa. Sabia que ainda piores que aqueles boçais eram os seus superiores, que moravam em luxuosos apartamentos da zona sul e levavam o dinheiro graúdo da corrupção. Mas Fuentes odiava principalmente aqueles escrotos infames fardados de azul.

“Mora por aqui?”, perguntou o PM que examinava os documentos de Fuentes.

“Aqui em cima.”

Nesse instante Fuentes percebeu que Pires, o amigo de Amândio, penetrava no botequim. Entre ele e o dono do botequim correu um rápido olhar.

“É freguês da casa, seu guarda. Gente boa”, disse o homem atrás do balcão.

Os PM voltaram para o camburão, que se afastou lentamente.

“Quanto é?”, perguntou Fuentes mostrando a garrafa.

“Pode deixar”, disse Pires. Amândio continuava na portaria.

“Eles rondam a noite toda, prendendo os fodidos, escorchando os otários e as putas”, disse Amândio. “Vai para o apartamento do Nariz?”

“Não. Mas ele sabe onde eu estou.”

“Eu também.”

Aurora abriu a porta imediatamente. “Você demorou.”

Fuentes entrou. Foi à cozinha, ao banheiro, ao quarto.

“Você é desconfiado, hein?”

“Você tem cerveja?”

“Tenho. Antárctica. Quer?”

“Serve.”

Fuentes sentou-se no sofá, com a garrafa e um copo nas mãos. Em pouco tempo esvaziou a garrafa.

“Quer outra?”

“Pode trazer.”

Enquanto Fuentes bebia, Aurora, com dificuldades, ajoelhada no chão, tirou as calças de Fuentes.

“Não tem camisinha para isso não. Só se for apanhar no jardim zoológico a do elefante.”

“Eu quero a camisinha.” Fuentes não queria se arriscar a pegar uma doença venérea. As gonorreias estavam resistindo a qualquer tratamento. As doenças sexuais eram uma coisa nojenta.

“Você é um maníaco, sabia?”

“Por quê?”

“Achar que os outros estão doentes é uma mania.”

“Nunca peguei uma doença.”

“Vamos parar de conversar e vamos foder.”

Fuentes não gostava de mulheres que falassem dessa maneira. Os homens podiam falar assim. As mulheres não deviam falar palavrões, era feio.

“O que houve?”

“Estou apenas fazendo hora. Vou sair daqui a pouco.” Fuentes levantou-se ajeitando a roupa.

“Mandei o meu amigo embora e você vem me dizer que está fazendo hora!”

“É isso aí.”

“O que adianta ter esse pau grande se você é broxa?”

“Não quero brigar com você.” Fuentes afastou a mulher que se postara à sua frente.

“Broxa.” Sem muita convicção.

“Não fala assim com as pessoas. O cara pode ser nervoso. Ou então broxa mesmo. Então engrossa com você, já imaginou?”

“Até sonhar com você eu sonhei”, disse Aurora de maneira desconsolada. “Quer ouvir o sonho?”

“Eu tenho de ir embora.”

“Nós estávamos voando em cima do mar e olhamos pela janelinha e vimos uma baleia lá embaixo, nadando.”

“Só isso?”

“Só isso. Já sonhei duas vezes. Você está sentado ao meu lado e nós estamos de mãos dadas. Nunca andei de avião e estou com medo. No sonho.”

“O sonho está crescendo.”

“Agora acabou mesmo. É só isso. Você entende de sonhos?”

“Não.” Fuentes voltou a sentar-se no sofá.

“Nós estamos de mãos dadas assim.” Aurora segurou as duas mãos de Fuentes. “Tem um restinho de pó aqui, você quer?”

“Não. Isso é veneno.”

“Então vou apanhar a camisinha.”

Quando a campainha tocou, Fuentes levantou-se da cama, sem fazer ruído, e espiou pelo visor. Era Amândio. “O Nariz pede para você subir. É urgente.”

“Já vou.”

“Você volta?”, perguntou Aurora, depois que Fuentes se vestiu.

“Eu telefono.”

Amândio e Fuentes subiram até o apartamento, onde Zakkai esperava.

“Liguei para o nosso amigo. Fizemos um acordo, ele vem apanhar o filme. Mas eu não confio nele, não acredito que ele vá entregar a rapadura sem mais nem menos. Amândio, você fica aqui em cima, no corredor. Quando o cara chegar você fica de olho. Só pode entrar um.”

Zakkai entregou o machete a Fuentes, que o colocou verticalmente ao lado da cadeira em que estava sentado.

“Você não quer saber o que eu vi no filme?”

“Não.”

“Meu negócio é o comércio”, disse Zakkai. “O primeiro comerciante digno desse nome no Brasil foi um cristão-novo, antepassado meu, chamado Fernão de Noronha. Em 1502 ele recebeu a concessão do comércio do pau-brasil. Todo ano era obrigado a enviar uma frota de seis navios para explorar trezentas léguas de

costa, instalando benfeitorias. Ele enchia cada navio com cinco mil toros de pau-brasil, alguns escravos, papagaios e periquitos. Você gosta de papagaios?”

“Detesto. Falam demais.”

A campainha tocou. Zakkai abriu a porta.

Entraram Amândio e um homem.

“Está limpo”, disse Amândio.

“Quem é você?”, perguntou Zakkai.

“Meu nome é Hermes.”

Fuentes, num gesto imperceptível, empunhou o machete ao lado da cadeira.

“Onde estão os papéis?”, perguntou Zakkai.

Hermes deu uma passada lateral e colocou-se à frente de Amândio. Ele estava de paletó e gravata, os dois braços dobrados à frente do corpo, as mãos postas como um padre. Seus olhos frios fitaram Zakkai e depois Fuentes. Então separou as duas mãos e baixou o braço direito levando-o para trás. O velho truque de Applegate.

Foi tudo tão rápido que ninguém percebeu o que estava acontecendo. Menos ainda Amândio, que teve o estômago perfurado num violento golpe retroflexo. Enquanto Amândio caía, Hermes, num gesto rápido que os olhos de Zakkai e Fuentes não puderam acompanhar, mudou a empunhadura da faca. A lâmina agora era um prolongamento horizontal do seu antebraço e brilhava com reflexos vermelhos na fraca luz da sala. Uma Loveless especial, que havia pertencido ao antigo presidente da Knifemakers Guild americana.

“Ele é o Professor”, disse Fuentes levantando-se, com o machete na mão.

Por instantes os dois homens pareceram figuras de um museu de cera.

Estáticos, estudaram-se reciprocamente. Hermes sabia que o oponente mais fácil de lidar era aquele movido pelo ódio ou pelo medo. Percebeu logo, porém, que Fuentes não sentia nenhuma dessas duas emoções. Notou que o adversário possuía aquilo que Cassidy lhe dissera, durante o treinamento, ser a grande qualidade do lutador — o “ódio frio”. Esse ódio extraordinário não prejudicava, ao contrário, fortalecia a indispensável disciplina mental do combatente. Hermes percebeu, ainda, com admiração, na plena imobilidade de Fuentes, o controle que o adversário exercia sobre sua energia física e mental. Os oponentes fáceis de matar moviam-se imediatamente, principalmente aqueles muito fortes, como o homem à sua frente. E ao mover-se, de que maneira fosse — ele poderia fazer isso gritando, para amedrontar, como os asiáticos, ou fazendo caretas, para distrair, e o movimento podia ser lento ou veloz —, de qualquer forma, ao deslocar-se, o inimigo criava aberturas, mostrava quem era, revelava-se. Mas seu antagonista continuava imóvel, o braço estendido ao longo do corpo, a ponta do machete apoiada no chão.

Hermes também estava absolutamente imóvel, na postura que no Nuse chamavam de “posição de tiro” — o cotovelo do braço direito quase encostado na ilharga, a faca firmemente apertada na mão com o polegar para cima, o joelho direito ligeiramente adiantado e flexionado, o braço esquerdo um pouco estendido, a mão esquerda aberta, com a palma voltada para o adversário, o queixo imperceptivelmente encolhido. Hermes olhava o corpo de Fuentes como um todo, não se fixando em nenhuma parte, nem mesmo na mão empunhando o sabre, nem nos olhos. (Se soubesse que Fuentes tinha apenas um ficaria mais confiante.)

Num canto da sala, com as costas grudadas na parede, Nariz de Ferro também não se mexia.

Hermes sabia que os sabristas gostavam de golpear horizontalmente. Se Fuentes fizesse isso Hermes executaria uma passata sotto, saindo rapidamente da posição de tiro e golpeando-o fundo no fígado. O lado direito ficava sempre exposto ao se efetuar um golpe horizontal de sabre.

Lentamente Fuentes foi erguendo o braço direito com o machete. Mas não parou com o cotovelo aberto e a mão na altura do rosto, como fazem os que vão atacar numa paralela ao chão. Fuentes prosseguiu no movimento até a lâmina ficar sobre sua cabeça. Então segurou o machete com as duas mãos. Deu um passo para trás, com a perna direita.

Hermes sabia que com Fuentes, naquela posição, a passata não funcionaria. Seria uma luta de golpe único, sem os talhos, cortes, incisões preliminares comuns nas lutas de faca e que antecedem ao golpe mortal. Ele tinha, agora, duas alternativas: aparação ou evasão. A aparação (ou aparagem, como estava no *vade-mécum* de Araújo) teria que ser feita com o antebraço e o golpe do machete apenas o mutilaria, o que era melhor do que morrer. O problema não era o risco de perder o braço, nem o risco improvável de perda dos sentidos — ele não sentiria dor, um golpe mutilante não dói —, mas o da perda do equilíbrio, o que talvez o impedisse de responder instantaneamente com uma stoccata letal. Assim, a opção aconselhável era a evasão (deflexão, in Araújo), ou seja, sair da linha descendente do machete, numa finta escorreita, isto é, sem sofrer nenhuma lesão. Isso feito, seria possível contra-atacar imediatamente, atingindo o opositor na carótida, no peito, onde fosse melhor, pois ele estaria “desequilibrado e privado de guarnição”. Mas havia problemas ainda, um bom macheteiro nunca dá um golpe rigorosamente reto, faz o aço descrever uma linha levemente arqueada até acertar seu alvo. Faca versus machete! A situação era desagradável, não pelo seu aspecto mortífero, mas pelo absurdo, pela heresia que continha.

O sabre grosso e afiado desceu com uma velocidade incrível. O desvio de Hermes foi rápido e ele conseguiu livrar a cabeça. Não impediu, porém, que o

machete atingisse em cheio seu ombro, dilacerando os músculos trapézio e pequeno romboide e fraturando os ossos da clavícula e da omoplata. A faca continuou firme na mão de Hermes, mas ele caiu sentado no chão, o rosto impassível, lívido. O enchimento do paletó diminuíra um pouco a força do golpe, impedindo que o aço entrasse mais fundo. Hermes sentiu o silêncio ficar mais abafado, como se tivessem colocado algodão nos seus ouvidos. Mas mesmo assim conseguiu ouvir o sibilar da lâmina cortando o ar antes de chocar-se com a sua têmpora.

Nesse momento eu estava em casa dando de comer a Elizabeth. A campainha tocou. Era Bebel.

"A Ada pode chegar a qualquer momento", eu disse. "Ela foi a uma festa."

"Não vou demorar", disse Bebel.

"Estou dando comida para a Elizabeth. Vê o cheiro."

Passei minha mão fedendo a sardinha perto do nariz de Bebel. Voltei para a cozinha. Enquanto acabava de cortar as sardinhas que tirara da geladeira, Bebel e Elizabeth andavam de um lado para outro, esta última roçando nas minhas pernas.

"Os gatos velhos gostam de comer", eu disse.

"Nós também", disse Bebel.

"Gostar muito de comer é uma característica da velhice."

"Eu gosto de comer. A gente começa a envelhecer quando nasce", disse Bebel.

"Todo mundo sabe disso. Mas o momento em que a velhice ocorre, de verdade, é quando começamos a gostar *muito* de comer, como acontece com os gatos. É uma absoluta verdade."

"Não existem verdades absolutas, só obsoletas. Foi você mesmo quem disse isso."

"Eu fiz esse trocadilho infame?"

"Mandrake, eu vim aqui com um objetivo muito definido. Vim para dizer a você que tudo acabou."

"Tudo o quê?"

"Tudo. Eu, Lili, Ada. Não temos mais amor por você. Só caridade. Vim aqui para lhe dizer isso, em nome de todas."

"Amor e caridade são a mesma coisa. Em latim", eu disse, sem saber o que dizer. Controlei-me para que Bebel não percebesse o que eu sentia.

Havia um velho advogado no foro que costumava dizer que não existia uma situação tão ruim que uma mulher não pudesse piorá-la.

“Então foi uma conspiração. Não acredito que Ada esteja metida nisso. Por que ela não veio falar comigo?”

“Seria muito doloroso. Ela pensa que ainda te ama. Mas não quer mais te ver.”

“Mas as coisas dela estão todas aqui.”

“Nem todas.”

Eu tinha um pedaço de sardinha na mão. Distraído, botei a sardinha na boca.

“Sujeira, traição”, eu disse cuspindo a sardinha na pia, “fazerem isso comigo.”

“Não queremos crucificar, punir você, não queremos que você sofra, queremos definir os papéis verdadeiros.”

“Mas tem que haver papéis? O mundo vai mal por isso. Nada de papéis, temos que ser nós mesmos.”

“Não me venha com sua astúcia de rábula.”

Uma escritora chamada Edith Wharton disse que o uso do diálogo na ficção era uma das poucas coisas a respeito da qual uma regra definitiva podia ser estabelecida. O diálogo, dizia ela, devia ser reservado para os “momentos culminantes”. Pensando nisso resolvi ficar calado, envolto no mau cheiro da sardinha fresca. (Como muitos advogados, também eu pretendia escrever textos para um público não togado; como advogado, eu vivia rigorosamente das palavras, proferindo-as ou escrevendo-as. Assim, nada mais natural que eu também estivesse escrevendo um romance, no qual não havia um único diálogo, como a sra. Wharton queria. Mas isso era outra história.)

Depois de algum tempo, como a sra. Wharton previu, Bebel, como qualquer leitor, ficou sufocada com meu silêncio e passou a desejar que um diálogo ocorresse.

“Que cara é essa?”, ela perguntou, passando a mão no meu rosto.

“Estou fedendo a sardinha.”

“Eu gosto desse cheiro.”

“Gosta mesmo?”

“Mentira. Vai tomar um banho.”

Quando eu estava debaixo do chuveiro Bebel entrou no banheiro. “Eu jurei para elas que dava o recado e ia embora. Que não me exporia...”

Fiquei calado dentro do box ensaboando o corpo. Me deu vontade de cantar *Tomei um ita no norte* (coisa mais estranha), mas contive-me. Foi então que ela disse: “Ada foi viajar com Wexler.”

As férias do meu sócio. A waycher mentsch diment...

Eu nada disse. Caiu sabão nos meus olhos, que começaram a arder. Vi, pelo vidro translúcido do box, que Bebel saía do banheiro. Corri e tranquei a porta. Sentei no vaso sanitário e fiquei ali. Fiquei ali.

Quando saí, Bebel havia ido embora. Acendi um Panatela escuro, curto, e deitei na cama, envolto na toalha. Elizabeth veio e deitou sobre meu púbis. Ela não gostava muito de cheiro de charuto. Ou talvez gostasse. De toalha molhada certamente não gostava. Mas deixou-se ficar, de vez em quando piscando, com sono.

"Pois é", eu disse.

Quando levantei, mais tarde, peguei a Randall e fui para a frente do espelho. Primeiro tentei fazer os exercícios que Hermes havia me ensinado. Depois segurei o cabo com as duas mãos, como Tatsuya Nakadai, olhando meu rosto no espelho, a ponta da faca temperada duplamente e afiada no rebolo picando a minha barriga. Eu, que nunca tivera preocupações ontológicas sérias, ajoelhado com a bunda sobre os calcanhares, pensando no ser ou não ser.

Coloquei a Randall, com bainha e talabarte, numa gaveta debaixo de roupas que raramente usava. Não queria mais saber de vinganças. Por que elas haviam feito aquilo comigo? Idiotas. Lilibeth, a grã-finota, nunca mais arranjaria um homem como eu, merecia mesmo o Val com a sua moqueca de peixe. A Nova Peste Negra tomaria conta de Bebel, ajudada pela obesidade. Não quis pensar em Ada. Acendi novamente o Panatela que havia apagado e estava no cinzeiro da mesinha de cabeceira. A melhor vingança era ficar vivo, muito tempo.

17

“O que foi feito dos dois corpos?”

Estávamos no escritório da holding que controlava a Pleasure, a Fun e a Fastfood.

“Que corpos?”

“Hermes e Amândio.”

“Nem me lembrava mais disso. Já se passou tanto tempo”, disse Nariz de Ferro. “Bem, naquele dia, quando vi que os dois estavam mortos, peguei o telefone e liguei para uma pessoa dar sumiço nos corpos. Nenhum problema.”

“Nenhum problema?” Quis ser irônico, mas não consegui.

“Aquele Hermes era bom, mas deu azar com o Fuentes. Ele veio para uma luta de esgrima, coisa de artista. Pegou aquele boliviano grosso e se fodeu.”

“Não saiu nada nos jornais”, eu disse.

“Foram enterrados como indigentes. Ninguém faz perguntas, um mendigo morto é melhor do que um vivo, e um mendigo enterrado melhor ainda.”

“Mas Amândio era seu amigo, você deixou...”

“Estava morto. Não era mais amigo de ninguém. Não sofria mais, não sabia de nada mais. Um morto está por fora de tudo.”

“E Fuentes?”, perguntei.

“Acho que casou. Sumiu. O Brasil é grande.”

“E você sabe o que aconteceu com Lima Prado?”

“Só sei o que saiu nos jornais, naquela época. E o que os sócios dele — os meus sócios — disseram. Foi realmente uma coisa surpreendente.”

O rosto de Nariz de Ferro não dizia coisa alguma. Ele podia estar mentindo. Ou não.

“E o tal filme em videocassete?”

“Não tinha nada nele. Coloquei no aparelho e só apareceram aqueles risquinhos. Nada.”

“Então morreu um monte de gente por nada?”

“Assim é a vida. Mas você está misturando as coisas.”

“E você está mentindo.”

“Doutor...” Nariz de Ferro parecia divertir-se. “Eu tenho os Cadernos do Lima Prado, você sabia?”

“Sei. O Raul me disse. No que me concerne você pode limpar a bunda neles.”

Nariz de Ferro nunca havia ouvido um som como aquele, do machete de Fuentes rachando a cabeça do Hermes. O golpe foi tão violento que um pedaço da cabeça foi arrancado e atirado contra a parede. O som da pancada, um som duplo, ficou no ar algum tempo, duas partes sonoras, a primeira, um estrépito estalado como de madeira quebrando, a outra, um ruído profundo e abafado, que Nariz de Ferro atribuiu aos miolos sendo expelidos.

Por algum tempo Zakkai continuou encostado na parede. Depois foi até aonde estava o corpo caído de Amândio. Estava morto.

“Onde é o banheiro?”, perguntou Fuentes.

No banheiro Fuentes lavou as mãos e o rosto, e penteou os cabelos.

“A guerra ainda não acabou”, disse Nariz de Ferro. (Havia acabado, mas ele ainda não sabia.)

“Para mim acabou”, disse Fuentes, enxugando o rosto com um lenço que tirara do bolso.

“Esse não era o homem que eu queria”, disse Nariz de Ferro pegando o telefone. “Alô. É o Nariz. Tenho dois presuntos para desovar na Baixada. A mercadoria está aqui no Balança. Apanha a chave na portaria com o Pires.”

Nariz acendeu todas as luzes do pequeno apartamento e vistoriou todos os cômodos. Apanhou uma caneta sobre a mesa da sala. “Vamos embora.”

“E isso tudo aqui?” Fuentes mostrou o machete encostado na parede, os dois corpos no chão.

“O pessoal toma conta de tudo.”

Talvez as coisas tivessem acontecido assim. Certeza eu não podia ter.

Podia imaginar, concluir, deduzir — não havia feito outra coisa naquela história toda. De qualquer forma eu estava muito próximo da verdade.

Lima Prado recebeu um longo telefonema naquele dia. Mônica estava perto, mas apenas ouviu-o dizer “sei, sei”, enquanto mantinha o telefone apertado na orelha, como se receasse que ela ouvisse o que o interlocutor dele dizia.

A mulher e os filhos de Lima Prado estavam viajando pela Europa. Naquele dia, pela manhã, ele dispensara os seguranças, sem dar nenhuma explicação para essa ordem inesperada. Ele não queria testemunhas da visita de Mônica. Por que esse convite fora feito? Ela disse que a ideia fora dele. Só podia ser por um motivo. Ele ia usar a Roderick Caribou Chappel.

Mônica não se lembrava exatamente do dia. “Creio que era uma quinta-feira, mas não sei o número.” O Capitão Virgulino foi apanhá-la em casa e depois levou-a até à mansão. “Nunca vi uma casa tão grande, nem no cinema.”

O Capitão Virgulino deixou-a na porta da casa, que foi aberta pelo próprio Lima Prado. “Um salão do tamanho da estação da Central do Brasil.”

“Agora você vai me dizer o seu nome?”

“Thales Lima Prado.”

“Como?”, perguntou Mônica, demonstrando desapontamento. O nome nada significava para ela. Ele repetiu o nome. “Você faz o quê?”

“Sou financista.”

Tanto mistério para nada, pensou ela. O seu amante não era dono das Casas Sendas, ou da Mesbla, ou da Brahma ou outra empresa cujo nome aparecia na televisão.

Lima Prado estava esquisito. “Parecia um sonâmbulo.” Mas não estava drogado, ela sabia identificar os sintomas.

Depois do telefonema, ele voltou para o quarto e disse para Mônica “é melhor você se vestir e ir embora”.

“Acabei de chegar”, disse Mônica.

“Vai”, disse Lima Prado com voz rouca. “O Capitão Virgulino te leva.”

O motorista esperava por ela na porta da casa.

No meio do caminho, em Ipanema — a mansão era na Gávea Pequena e a casa de Mônica em Copacabana —, ela pediu ao Capitão Virgulino que parasse numa padaria, onde demorou vinte minutos e saiu com um pacote. O Capitão Virgulino deixou a moça na porta do edifício e voltou para a Gávea. Ao todo demorou uma hora, indo e voltando.

Quando chegou em casa foi procurar o chefe para dizer que havia “entregue a moça”. Encontrou-o caído no quarto, segurando a Roderick Caribou Chappel, a lâmina cravada na axila esquerda. Lima Prado ainda estava vivo porém inconsciente, e sangrava abundantemente. Apesar do seu desespero, o Capitão Virgulino conseguiu ligar para o Hospital Miguel Couto, mas quando a ambulância chegou Lima Prado estava morto.

Raul foi avisado e chegou à casa da Gávea Pequena depois que a perícia já fizera seu trabalho e o corpo fora removido para o Instituto Médico Legal.

Os Cadernos estavam sobre uma mesa, na cozinha, ao lado de uma garrafa de álcool. Lima Prado havia planejado queimar os Cadernos, mas por qualquer motivo não conseguira fazê-lo.

18

Os jornais já não abriam muito espaço para a morte de Lima Prado. No inicio a repercussão fora muito grande, as opiniões se dividindo em discussões acaloradas. D. Dadá Lima Prado afirmava não ter dúvidas de que o marido fora assassinado e contratara um famoso advogado para acompanhar o processo. Mas em pouco tempo os jornais e as televisões se desinteressaram do assunto, o crime já tinha dado o que podia dar como notícia, estava esgotado.

Eram duas horas da tarde de um sábado. Wexler tinha acabado de telefonar para dizer que ficaria fora mais quinze dias, quando a campainha da porta tocou.

Era Míriam. Ficou parada na porta.

"Entra", eu disse. Tive de puxá-la pelo braço.

Míriam demorou a começar a falar. Ela e Fuentes haviam se mudado para um sítio perto de Areias, em São Paulo, para começar vida nova.

"Sabe onde fica Queluz?"

"Sei."

"É perto."

Eles haviam decidido plantar milho e feijão, criar algumas reses.

"O lugar é lindo, não tem luz elétrica, de noite a gente vê todas as estrelas do céu."

Míriam começou a chorar.

"Os bezerrinhos são tão bonitinhos", disse Míriam soluçando. Esperei.

"Eles chegaram num jipe. O Camilo estava consertando o telhado da casa. Os homens estavam armados de carabinas e metralhadoras, e mesmo depois de Camilo ter rolado e caído no chão, eles continuaram atirando, uma coisa horrível. Ele ficou tão deformado que não dava para ver o rosto dele."

Míriam abriu a bolsa.

"Na véspera ele me havia dado isto, pedindo para entregar ao senhor. Pediu para eu dizer que ele não é ladrão. Ele nunca roubou nada na vida dele, só esse bichinho."

Era o meu unicórnio de ouro. Segurei-o na mão, pensei em Berta. Pensei em todas as outras mulheres da minha vida.

Míriam já havia ido embora quando chegou Raul. Ele exibia sua cara suspicaz de tira provocador.

"Então vou falar pela última vez", eu disse. "Lima Prado se matou. Enfiou a faca na axila, como no suicídio de Ajax, que ele descreve nos Cadernos. Partiu para juntar-se a Hermes, no campo de asfódelos."

"E já viu alguém suicidar-se assim?"

"O Ajax."

"Isso é mitologia. Isso é absurdo, é ilógico."

"Lima Prado era um absurdo ilógico." (Não tive coragem de dizer que ele era mitológico.)

"Ouça, Mandrake, essa história nunca foi contada direito. Você afirma que Lima Prado matou as massagistas, mas eu não tenho certeza disso."

"Está nos Cadernos."

"Você interpretou assim. Ninguém consegue ler aquela merda. Eu estive com eles nas mãos, já se esqueceu? Duvido que você tenha entendido direito aquela letrinha. Você também interpretou essa história de Rosa ter assassinado Cila. A única coisa que eu sei, com certeza, é que Lima Prado era um dos grandes do tráfico de entorpecentes, mas isso jamais poderá ser provado."

"Está bem. Ad argumentandum tantum: ele foi assassinado por quem?"

"Zakkai. A serviço de Gonzaga Leitão."

"O marido de Rosa?"

"Leitão corria por fora, na luta pelo poder dentro da Aquiles. Quando, com a morte de Lima Prado, conseguiu o controle da Organização, Leitão deu, ou vendeu baratinho, para Zakkai a Pleasure e as outras empresas. A Aquiles agora só se envolve com atividades legítimas."

"Sei. Agiotagem, mutretas financeiras etc."

"Como todos os bancos."

"Quer dizer que o crime compensa, seu cínico?"

"Estes anos passados na polícia fizeram de mim uma coisa pior do que cínico."

"O quê?"

"Lúcido."

Levantei o cálice. Olhei o precioso líquido rutilante. "Você concorda que Rafael matou Mitry e as gêmeas?"

"Concordo."

"E quem matou as massagistas?"

"Pode ter sido qualquer pessoa. Pode ter sido você, Mandrake."

Acendi um Panatela, escuro, curto.

"Abre outra garrafa", eu disse, "e explica melhor como fui eu."

“Uma delas foi ao teu escritório, a outra saiu com você, na véspera de aparecerem mortas.”

“Você é um idiota.”

“Lúcido. Wexler diz que o amor extremado que você tem pelas mulheres está muito próximo do ódio.”

“Só comprei a Randall depois que elas foram mortas. Eu não sabia usar uma faca antes. E ainda não sei.”

“Desenhar um P qualquer um desenha. E estrangular, a gente nasce sabendo. Você inventou que decifrou os Cadernos e pode, assim, inventar a história que quiser.”

“Tenho testemunhas.”

“Quem?”

“Hermes.”

“Outra invenção sua.”

“Você está maluco, Raul.”

“Estou mesmo. Sabe que vou voltar a viver com Lígia?”

“Ela é uma boa mulher.”

“Boa demais.”

Tocaram a campainha.

“Está esperando alguém?”, perguntou Raul.

“Uma amiga.”

Abri a porta. A moça entrou.

“Bem, já vou indo. Lúcido, ouviu? Lúcido”, disse Raul. “Boa noite, senhorita.”

“Quem é esse sujeito?”, perguntou a moça, depois que Raul saiu.

“Um amigo.” Esperei.

“Quanto tempo... Você ainda se lembra de mim? Eu estou magra, não estou?”

Eu ri.

“Está.”

“Você ainda me ama?”, perguntou Bebel.

“Amo.”

Copyright © by Rubem Fonseca

Capa
Retina 78

Revisão
Maria Eugênia Régis
Marina Tronca

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmera Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Fonseca, Rubem, 1925-
A Grande Arte / Rubem Fonseca. — São Paulo : Companhia das letras, 1990.
ISBN 85-7164-114-5
1. Romance Brasileiro I. Título

CDD-869.93

Índices para catálogo sistemático:
1. Romances : Literatura brasileira 869.93

[1990]

EDITORA SCHWARCZ LTDA.
Rua Tupi, 522
01233 — São Paulo — SP
Telefone: (011) 826-1822
Fax: (011) 826-5523